

82694 Anno I nº1  
1925

Com a publicação dos presentes "Archivos", vem a Liga Brasileira de Hygiene Mental dar cumprimento ao § 4º do art. 2º dos respectivos Estatutos, segundo o qual deverá, "para consecução dos seus objectivos, publicar periodicamente os seus trabalhos em revista por ella mantida".

Os "Archivos: Brasileiros de Hygiene Mental" apparecerão duas vezes em 1925, sendo proposito da Directoria da Liga publical-os com mais frequencia nos annos subseqüentes.

Todos os artigos publicados na primeira parte da revista são inéditos e da lavra de associados pertencentes ás secções técnicas da Liga.

O criterio adoptado para a ordem de collocação dos varios artigos foi estritamente o das datas de sua entrega.

Não será demais talvez accentuar neste momento aos leitores que as publicações da Liga, longe de se limitarem a este typo de revista scientifica, destinada sobretudo a orientar os que desejem collaborar na campanha pela hygiene mental — comprehenderão, ao contrario, especialmente os boletins e prospectos de propaganda, alguns já elaborados, outros em via de organização, com que a Liga procurará diffundir nas camadas populares as normas de hygiene neuro-psychica já sancionadas pela unanimidade dos especialistas.

De qualquer modo, é intuitivo que a eficiencia da propaganda da Liga, em extensão, dependerá sempre do numero crescente dos que queiram trazer o seu concurso para a grande tarefa social emprehendida.

E como, possivelmente, no Brasil tão vasto, existam ainda pessoas cultas não informadas das verdadeiras "directrizes da prophylaxia mental entre nós" (Juliano Moreira) ou do esforço extraordinario das realizações de Gustavo Riedel, pretendem ser os "Archivos" não só um repastorio do que se publique sobre o assumpto em nosso meio, ou alhures, mas tambem, si possível, um nucleo de attracção de proselytos, no amplo dominio dessa Hygiene Mental, que com justo direito aspira tornar-se "a moral universal de amanhã".

Deixamos a palavra aos nossos collaboradores.

A REDACÇÃO.

124

1925

Ano. I

## TRABALHOS ORIGINAES

### Hygiene mental e educaçõo

PELO

DR. J. P. FONTENELLE

Docente effectivo de Hygiene da Escola Normal do Districto Federal. Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Hygiene. Membro effectivo da Secção de Puericultura e Hygiene Infantil da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Presidente da Secção de Hygiene da Associação Brasileira de Educaçõo. Inspector Sanitario do Departamento Nacional de Saude Publica.

A rapida evoluçõo que vae tendo a hygiene publica, como fõrma de actividade social baseada na utilizaçõo das ciencias physicas e biologicas, levou-a a alargar grandemente as suas responsabilidades, incluindo um trabalho constructor de natureza nimamente activa, muito alẽm da simples passividade de defesa contra a doenca. Ao mesmo tempo, considerando a importancia essencial da actividade psychica, profundamente entrelaçada no funcionamento da parte physica do organismo humano, a hygiene mental começou a surgir como cogitaçõo especial. Essa hygiene mental apresenta duas faces: uma, tendo em vista o trabalho defensivo contra as causas de degeneraçõo psychica, é a *prophylaxia mental*; outra, procurando preparar o equilibrio de adaptaçõo entre a mentalidade individual e o meio physico e social, é a *hygiene mental* propriamente dita.

Tendo resolvido escrever uma contribuiçõo para o thema "O que já se faz e o que se pôde fazer no Brasil em hygiene mental", do programma do 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, recente-



mente realizado em Bello Horizonte (\*), dispuz-me a traçar uma curta resenha desse assumpto, passando rapidamente pela parte de prophylaxia mental, onde já se ensaiam, entre nós, esforços e organizações, para insistir, um pouco menos summariamente, sobre o lado constructivo do problema, que encontra na *educação* a fôrma util de realizar-se. Procurando definir, naquelle meu trabalho, o esforço constructivo na esphera particular da saude mental, traduzi as seguintes palavras de Thomas H. Salmon, do tratado de hygiene de Rosenau: "Está nitidamente dentro da esphera da hygiene mental esforçar-se por evitar esses fracassos de ajustamento, que, sem chegarem ás mais graves perturbações da adaptação que chamamos doenças mentaes (psychoses), podem, entretanto, desnaturar a vida e profundamente embaraçar a efficiencia e felicidade do individuo."

O problema de hygiene mental considera os dois elementos que se relacionam: a *estructura psychica* do individuo, não raramente deficiente e imperfeita, dependendo em grande parte da hereditariedade; e o *meio physico e social*, creando, ás vezes, condições adversas, que podem perturbar e, em gráo extremo, até esmagar as mentalidades mais firmemente equilibradas.

A base scientifica da hygiene mental é a psychologia, da mesma fôrma que a physiologia é o fundamento da saude physica, convindo sempre lembrar a interdependencia das duas espheras de actividade e as reacções de uma sobre a outra. A physiologia nos mostra como o systema nervoso responde aos estímulos externos e permite o perfeito ajustamento do organismo ás condições do meio, por intermedio de impulsos que levam á acção conveniente, seja reflexa ou inconsciente, seja voluntaria ou escolhida. Com a percepção das impressões sensoriaes, esboça-se nossa vida mental. De outro lado, todos nós herdamos certos instinctos, concomitantes de determinadas emoções, com o proposito de protecção individual e de preservação da raça. Repetidas descargas nervosas pelas mesmas vias, partindo de estimulações exteriores identicas, levam á mecanização das reacções e, portanto, á forma-

---

(\*) Publicado em *A Folha Médica*. Anno VI, N. 1, 1-1-1925.

ção dos *habitos*. Tanto mais se repetem as mesmas excitações, mais rapidas e mais precisas vão se tornando as respostas, tendo como consequencia o enraizamento cada vez maior dos *habitos*, não somente musculares, como o andar, o correr, o tocar piano, etc., como tambem *habitos* de pensamento e *habitos* de vontade. O raciocinio justo e a deliberação correcta podem desenvolver-se pelos mesmos processos que aperfeiçoam a dextreza manual. Os máos *habitos* são mais seguramente corrigidos pela pratica repetida de actos convenientes, do que por esforços de vontade, por mais poderosos que sejam. E' uma pura questão de vias reflexas mais utilizadas e de maior provisão de experiencia passada ao inconsciente. Parallelamente, com essa experiencia que cresce, aumenta a razão, desenvolve-se o juizo e a vontade consegue dominar os impulsos, exprimindo-se a actividade mental em ideas bem determinados. A mentalidade desenvolvida correctamente, e actuando por meio de reacções convenientes, traduz-se no comportamento mais adequado ao ajustamento do individuo ao meio physico e social, exhibindo o que se póde chamar a *saude mental*.

Pondo de lado os factores physicos que podem perturbar a formação e o desenvolvimento da bõa estrutura mental ou psychica, desejo insistir, agora, com mais minucias, neste pequeno trabalho, sobre o problema educativo de preparar a adaptação perfeita do adulto futuro, pela criação de bons *habitos mentaes*. O problema pertence aos que se enquadram na acção mais util da hygiene moderna, que visa automatizar as boas normas de conducta, para assegurar, desse modo, a saude. Em tal sentido, tem isso servido de thema a uma porção de trabalhos modernos, alguns dos quaes vão citados, sem pretensões bibliographicas, no fim deste modesto artigo, escripto tão somente para despertar a attenção sobre o assumpto.

Pouca gente reflecte que a experiencia da criança começa logo depois do nascer e que, assim, a formação de *habitos mentaes* se inicia com a propria vida post-natal. Mcfie Campbell, que fez um estudo dessa experiencia dos infantes, disse muito bem que a hygiene mental começa quando a criança é posta ao seio para mamar, pois que a mãe ignorante, que alimenta o filho

cada vez que elle chora, ensina por essa fórma a dominar a situação pela violencia. Ao contrario disso, urge desde logo dar á criancinha habitos de regularidade, para dormir e para alimentar-se.

A felicidade futura dos individuos vae grandemente depender dos primeiros habitos que lhe vão ser inculcados e esse trabalho não deve ser, de fórma alguma, retardado. Um menino que se acostumou a governar a familia (e entre nós o caso se dá muito mais vezes do que se possa crer), quando adulto ficará suprehendido de sentir que os seus comparsas na vida não lhe querem obedecer: isso o enfurecerá, fal-o-á descontente e infeliz. Frequentemente é assim que os individuos deixam de poder adaptar-se ás condições sociaes e escapam ao circulo que os aperta, eliminando-se do convívio social ou até da propria vida. E, no entanto, tinham, muita vez, a estrutura mental perfeita; apenas a educação fôra errada e falhara ao seu proposito principal. Este pequeno exemplo serve para raciocinar sobre os habitos mentaes que é preciso formar o mais cedo possivel.

A doença mental não é mais que a fallencia da adaptação, e, assim, a hygiene mental necessita cuidar da intelligencia como da conducta, educando-se a criança no pensamento generoso e no viver em harmonia com seus pequeninos companheiros. Naturalmente, haverá facilidade maior ou menor, de accôrdo com as tendencias herdadas. Ha os tarados, que precisam mil cuidados e assidua fiscalização, como ha os que facilmente se submettem e rapidamente respondem ao trabalho educatívo.

Muito cuidado é preciso ter com os exemplos apresentados á criança. Sua grande e principal tendencia é a *imitação*: ella imita o que é bom, como repete o que é máo. Não ha regra nenhuma que substitua o bom exemplo, os bons habitos, a boa educação.

Ponto importante desse trabalho educatívo inicial é a confiança e o dominio de si mesmo. E' necessario que a criança se sinta obrigada a dominar os proprios instinctos, que gritam exigindo satisfação, mas que precisam ser solidamente dominados. A responsabilidade dos proprios actos deve ser despertada e consoli-



dada, fazendo-se a criança desempenhar obrigações progressivamente mais complicadas.

Combater o excesso de sensibilidade dos filhos é obrigação precípua de toda mãe que conhece os seus deveres, para que mais tarde não esperem os individuos (em vão) que as outras pessoas se deixem dominar por simples lamuria. Os cuidados excessivos e a tolerancia exaggerada criam uma atmospheria artificial para a criança, muito diversa daquella que irá o adulto encontrar na vida real, dando causa a desillusões e infelicidade. Educar com severidade e brandura, combinadas em dóse conveniente, eis o meio de preparar um justo equilibrio que permita á criança não ter surpresas na vida futura, para a qual foi perfeita-mente preparada.

O habito de enfrentar calmamente situações difficeis, de resolver sozinho as difficuldades dos estudos e, sobretudo, de resistir impavidamente aos pequenos dissabores e aos fracassos de pouca consequencia prepara o homem para os grandes embates da vida. Não é raro ver-se o caso de jovens que chegam até o suicidio por terem sido apenas reprehendidos ou falharem uma vez em exames. Ha, naturalmente, os anormaes, cuja reacção é exaggerada, mas muitas vezes o facto é resultado fatal de defeituosa educação. A capacidade de resistir e de soffrer as provações moraes deve ser ensinada desde cedo, tornando possivel o dominio dos proprios actos, no meio das mais tremendas crises, evitando-se desse modo as soluções violentas, que facilmente se abrem, como valvula de segurança, para os caracteres mal formados.

A actividade mental deve ser habituada ao trabalho regrado, contrabalançando-se a capacidade imaginativa com o poder de observar e reflectir. Deve-se procurar encher a vida das crianças com actividades de ordem pratica, evitando-se, assim, os excessos de imaginação, que os norte-americanos com tanto proposito chamam de "*day dreaming*". A imaginação viva é caracteristica de boa saude, mas a capacidade de dominal-a póde ser creada e desenvolvida, para combater o desinteressamento da realidade e o isolamento mental.

Ao passo que os annos se adiantam, novos problemas vão surgindo, cheios de ligação com a saúde physica, como por exemplo a questão da educação sexual. Isso é, de facto, materia das mais delicadas, mas a proposito da qual uma opinião já se vae formando bem definida, no sentido de combinar-se como diz Rose-nau, a moralidade individual e social com o conhecimento da realidade, visando-se muito mais as recompensas da saúde e da virtude do que os castigos das doenças e do vicio. Esse problema deve ser resolvido pelos paes de modo simples: ou elles terão de responder ás perguntas inevitaveis de seu filho, aprofundando pouco a pouco o assumpto, ou terão de deixar a resposta para quem não tenha interesse em procurar uma fórmula menos grosseira de apresentar os factos. A realidade é, porém, que os conhecimentos serão obtidos fatalmente. Melhor será que o sejam por maneira escolhida, delicada e progressiva. A psiquiatria moderna está rapidamente esclarecendo o grande alcance do effeito mental da viciosa apresentação dos assumptos sexuaes ás mentalidades ainda não completamente formadas. Este argumento está muito bem tratado no livro de William Healy sobre delinquentes juvenis.

Outro ponto de importancia educativa é o combate ao que se chama commumente o "nervosismo", condição imprecisa que embaraça a efficiencia humana, destroe a paz e leva muitas vezes a doenças mentaes bem definidas. Num excellento estudo sobre as causas e a prevenção do nervosismo, o Dr. Austin Fox Riggs dá as seguintes regras syntheticas:

"1. Não fujas das emoções nem as combatas: deixa-as actuar, dominando-as.

2. Sê efficiente em tudo que fizeres. Faze as coisas *bem*, pela maneira *mais simples*.

3. Faze cada coisa a seu tempo.

4. Toma decisões definidas e praticas. Modifica-as de accôrdo com os novos factos.

5. Evita a pressa, planejando bem e não pretendendo o impossivel.

6. Evita de atormentar-te. Decide si a questão é *contigo* e si é *contigo agora*: nesse caso, decide o que fazer e faze-o *imediatamente*.

7. Mantem o trabalho, o divertimento, o descanso e o exercicio em justas proporções relativas, em cada dia. Mantem todos separados.

8. Evita o estado de *superconsciencia*.

9. Depois de tomares uma decisão, não gastes energia em "preparar a acção". Faze a acção.

10. Reconhece o teu problema como o problema universal — manter claros os ideaes, fazel-os viver em acção pratica e diaria — *vivendo a vida*."

Do que temos visto, resalta a importancia de considerar os primeiros annos, na preparação individual para a vida futura. Pouco a pouco, está caminhando, em nosso meio, a idéa de cuidar-se da saude das crianças das escolas, de fazer-se-lhes a educação higienica, de examinar-se-lhes systemáticamente o corpo e o espirito e de corrigirem-se-lhes os defeitos e desvios. Todavia, para certas questões da saude *physica* e para quasi todas as da hygiene mental, é preciso cuidar da criança antes do periodo de escolaridade. Do ponto de vista do desenvolvimento, a criança já é um producto mais ou menos acabado, quando lhe irrompe o molar de seis annos: por isso, nos Estados Unidos, começa seriamente a despertar o movimento em prol de uma acção que se exerça na idade pre-escolar. Nesse sentido, ninguem tem feito tanto quanto Arnold Gesell, professor de Hygiene da Criança e director do Dispensario Psychico, da Universidade Yale, de Boston, quer em acção, quer em escriptos. Em um de seus ultimos trabalhos sobre o serviço de hygiene mental para as crianças pre-escolares, elle mostra como os primeiros seis annos da vida são os de mais rapido e mais fundamental desenvolvimento. Psychicamente, a pre-escolaridade é um periodo basico, porque é nessa epoca que são lançados os fundamentos da estrutura da personalidade. Praticamente, todos os casos de deficiencia mental se ori-



ginam, e já são reconhecíveis, na idade pre-escolar, desde tal tempo sendo possível descobrir as raízes das perturbações psychicas que somente mais tarde se caracterizarão.

Assim como já se vão fazendo exames systematicos das crianças para descobrimento de defeitos, anomalias e doenças phisicas que devem ser sem demora corrigidos e curados, para beneficio futuro do individuo e mais efficiencia e economia no trabalho de educação e de instrução, assim tambem é indispensavel estabelecer exames psychicos periodicos, para vantagem da hygiene mental do desenvolvimento. O estudo das normas do desenvolvimento mental e do comportamento cahe exactamente dentro desse programma de trabalho, num inquerito dirigido sobre a personalidade tanto quanto sobre as manifestações intellectuaes. Dahi a organização de padrões mínimos que permitem a fiscalização do desenvolvimento. A "Baby Hygiene Association", de Boston, já ensaiou um "Dispensário de Habitos", mostrando a possibilidade de fazer-se obra de psychiatria preventiva e correctiva, nesse campo de acção.

A consequencia pratica destes principios é a necessidade de ensinar ás mães como formar os primeiros habitos de seus filhinhos, adaptando-os da melhor maneira aos problemas iniciaes da vida, como a alimentação, o somno, o asseio, a disciplina, etc. Mas a verdade é que não poucas mães abandonam os cuidados educativos iniciaes a amas e criadas, e que ellas proprias, na grande maioria dos casos, não estão em situação de levar a cabo esse trabalho. Por isso, o desenvolvimento das escolas maternas e jardins de infancia, em numero e qualidade, é uma de nossas maiores necessidades, para fazer a educação dos sentidos, preparar a adaptação das crianças e tornar mais facil e economico o futuro trabalho escolar. Isso seria um elemento importante de acção num systema de "Hygiene da Criança", que é preciso estabelecer entre nós. Essa organização deveria ter as seguintes funções: 1, regulamentar e padronizar os methodos obstetricos; 2, estabelecer o serviço prenatal; 3, reduzir a mortalidade infantil; 4, fiscalizar e melhorar as crianças pre-escolares; 5, fiscalizar e melhorar as crianças das escolas; 6, fiscalizar e melhorar as crianças

no trabalho. Dentro desse programma, o serviço de hygiene mental não é dos menores, porque teria de: a) prover á fiscalização systematica do desenvolvimento mental; b) procurar guiar os paes nos principios educativos; c) utilizar enfermeiras e professoras, em visitas aos lares, para auxilio e conselhos aos paes; d) multiplicar e aperfeiçoar os jardins de infancia; e) organizar a educação dos paes e mães para as suas funções futuras; f) organizar o descobrimento e educação dos deficientes mentaes.

Ainda estamos bem longe disso. Mas á Liga Brasileira de Hygiene Mental incumbe a alta funcção de propagar as grandes linhas desse trabalho educativo de hygiene mental, procurando despertar a attenção geral. E' possivel que sua acção tenha de exercer-se em materia consultiva para as organizações officiaes e particulares já existentes. Só ahi, que grande funcção lhe estará reservada? Um exemplo concreto: bata-se a Liga pelo melhoramento da instrucção technica das professoras primarias, organizando-se, *em bases logicas e uteis*, o ensino da Psychologia nas Escolas Normaes. Desse esforço sahiriam resultados muito apreciaveis, porque assim se multiplicariam as fontes de propaganda dos grandes principios que põem na educação os fundamentos da hygiene mental, cultivando e preparando as mentalidades individuos para o correcto ajustamento futuro, base da saude, do trabalho e da felicidade.

#### REFERENCIAS SOBRE O ASSUMPTO

- William White — *Principles of Mental Hygiene*.  
 Mcfie Campbell — *The Experiences of the Child: How they Affect Character and Behavior*.  
 L. F. Barker — *Principles of Mental Hygiene Applied to the Management of Children Predisposed to Nervousness*.  
 A. Fox Riggs — *Nervousness: Its Cause and Prevention*.  
 Williar. H. Burnham — *Success and Failure as Conditons of Mental Health*.  
 Frederic Lyman Wells — *Mental Adaptation*.  
 Arnold Gesell — *The Pre-School Child*.  
 Arnold Gesell — *A Mental Hygiene Service for Pre-School Children*.  
 William White — *Mechanisms of Character Formation*.  
 E. S. Abbott — *Program for Mental Hygiene in the Schools*.

- William Burnham — *Mental Health for Normal Children.*  
McFie Campbell — *Nervous Children and their Training.*  
William White — *Childhood: the Golden Period for Mental Hygiene.*

## MENTAL HYGIENE AND EDUCATION

(Abstract)

The author establishes initially the difference between Mental Prophylaxis, which aims the defense against the causes of psychic degeneration, and Mental Hygiene, which tries to prepare the adjustment of the individual personality to physical and social environment.

He emphasizes Psychology as the basic science of mental health, such as Physiology is the foundation of body health, but reminds the interdependence age, ou se utiliza de certas indicações praticas relativas á actions they have to each other. He points out, briefly, the automatization of habits, in the muscular activity as well as in thinking and deliberating. Then, he lays out the foundation of the development of personality, — the education, — as the true constructive work in mental hygiene.

The fundamentals of this constructive work are reviewed, in connection with the educational efforts, by the mother, by the kindergarten and by the school. The principal habits needed in the laying out of the foundation of personality are indicated, like self-reliance, self-control and independence. Over sensitiveness and day dreaming are decidedly discouraged, and sex education pointed out as important matter in connection with the subject. To combat nervousness is indicated as an important item.

The author ends his paper by analyzing the responsibility of the Education Bureau, in mental health work, and the rôle of the Brazilian League for Mental Hygiene as the central agency for coordination of every effort in the general campaign for better mental health.



# Hygiene mental da creança

BASEADA SOBRE AS LEIS DE PSYCHOLOGIA

PELO

PROF. DR. WACLAW RADECKI,

Director do laboratorio de psychologia na Colonia de Alienadas no Engenho de Dentro, psychologista da Fundação Gaffree-Guinle, psychologista da Liga Brasileira de Hygiene Mental, ant. professor cathedratice, director do laboratorio de psychologia e director da Faculdade de Psychologia, na Universidade livre de Varsovia, ant. director do laboratorio de psychologia na clinica psiquiatrica da Universidade Jagiellona, em Cracovia, ant. livre-docente da Universidade de Genebra.

A concepção da hygiene no dominio mental reduz-se a um certo conjuncto de acções praticas, com o fim de crear condições que possam facilitar o desenvolvimento psychico dos individuos humanos, adaptando esse desenvolvimento ás exigencias sociaes e á felicidade pessoal. Iniciando uma acção pratica, cujo objecto é representado por um determinado dominio de phenomenos, devemos utilizar, em primeiro logar, as noções recolhidas pelas sciencias theoreticas que do mesmo tratam.

Uma base de acção, no dominio da hygiene mental, tem que ser representada pelas sciencias que investigam a vida psychica, fixando as suas leis evolutivas, tanto na psychologia como na psychopathologia. A applicação do material theoretico á acção pratica pode, em geral, ser feita por duplo caminho. O homem que age, ou se utiliza de certas indicações praticas relativas á acção e elaboradas pela sciencia, sem outra critica ou verificação

theorica, ou procura conhecer minuciosamente o porque do desenvolvimento dos phenomenos sobre que pretende influir.

Nos dominios em que as sciencias possuem já promptas as indicações praticas para uso dos technicos ou dos mesmos leigos (chimica, mechanica, etc.), o primeiro dos dois caminhos acima citados é o preferido.

A psychologia e a psychopathologia contemporaneas, como sciencias novas, que operam num dominio quantitativamente mais vasto, não podem ainda hoje fornecer as receitas praticas, já elaboradas e promptas para serem usadas, ou manuseadas por leigos. O que destas sciencias pode ser transferido para o terreno pratico, é representado mais por leis evolutivas dos phenomenos, do que por meios praticos de influir sobre elles. O papel do conhecimento e do entendimento predomina sobre o da acção practica; o homem, pois, que vê e entende o terreno, que conhece o methodo de o observar e avaliar, póde, por isso mesmo, adaptar a acção para modificar o phenomeno do modo desejado.

Quem, portanto, não quizer agir ás cegas e com erros, deve entender e conhecer a psychologia da creança antes de iniciar a acção practica no dominio da hygiene mental.

Evidentemente, se num curto capitulo não podemos fornecer um esboço dessa psychologia, podemos, ao menos, indicar os problemas e methodos que se acham mais perto da acção practica e hygienica.

O primeiro postulado a ser considerado por todo investigador, que tenta a observação da vida psychica da creança, é o facto de que no periodo infantil a sua evolução differe, qualitativamente da psychologia do homem adulto. A creança não é um homem adulto em miniatura, mas representa periodo qualitativamente diferente, onde as leis fundamentaes da psychologia geral, não perdendo o seu valor, referem-se, entretanto, a outras funcções que as que no homem adulto se encontram. Todas as analogias com a vida do adulto, que o educador consciente ou inconscientemente admite no tratamento das creanças, tem que ser submettidas a um controle minucioso, baseado sobre a observação directa do desenvolvimento da creança.

A observação psychologica differe, como sabemos, da usada em outras sciencias naturaes, pelo facto de que o accesso immediato ao phenomeno observado não é possivel ao investigador. Este pode observar as manifestações objectivas das funcções psychicas do investigado (palavras, acções, mudanças organicas), mas, o proprio phenomeno psychico torna-se directamente "invisivel". Somente as analogias, que fixamos nas manifestações objectivas das funcções, nos permitem concluir sobre o seu caracter mesmo.

Graças a isso, a restricção acima fixada, que se refere á analogia com a vida dos adultos, adquire uma importancia especial.

E' um impedimento importante para o observador, na psychologia em geral, a impossibilidade de isolar praticamente a funcção observada. Observamos sempre o individuo integral, e somente a exactidão dos methodos empregados permite-nos dirigir o campo da nossa visão sobre tal ou qual parte do psychismo do individuo observado.

.....

A psychologia consagrou muitos esforços para fixar os methodos de observação da creança e para facilitar aos educadores esta difficilima tarefa. Foram elaboradas series de questionarios, "tests" psychologicos, que facilitam a escolha do material para a observação, como tambem a avaliação do material observado.

Chamamos "tests" a serie de perguntas ou questões methodicamente construida. As resoluções ou respostas fornecidas pelo investigado revelam suas diversas propriedades psychicas. Stern chama os "tests" uma experiencia verificativa, definindo-os como: experiencia construida de modo a poder, em cada caso, fixar a integralidade das propriedades individuaes de um sujeito ou uma propriedade isolada do mesmo.

Os "tests", pois, podem ser *integraes*, quando queremos abranger o conjuncto total do psychismo da creança investigada, por intermedio da investigação successiva do maior numero possivel das suas funcções, e *parciaes*, quando investigamos só uma ou algumas destas funcções.



Existem muitos "tests" em psychologia. Os mais conhecidos e applicados são os de Binet e Simon, transformados e adaptados ás varias exigencias por muitos psychologos. Elles teem geralmente um caracter de escala de medidas elaboradas por psychologista. A avaliação dos resultados faz-se mechanicamente de accôrdo com os criterios quantitativos fixados "a priori". Os methodos dos "tests" são, em grande numero, applicados nos diversos paizes (Allemanha, America do Norte), e nos mais variados dominios da vida pratica, com o fim de definir as aptidões dos individuos investigados para determinadas preoccupações praticas. Os "tests", numa tal applicação, teem, porém, um defeito capital, segundo a nossa opinião: elles representam justamente uma receita prompta para agir, entregue pela psychologia ás mãos dos leigos que, tanto na applicação, das investigações como na interpretação dos resultados, commettem muitos erros provenientes dos defeitos do mesmo methodo.

O seu defeito mais importante está em dar um valor analogo as funções psychicas, ainda quando subordinadas.

Um "test" representa sempre uma pergunta ou uma collecção de perguntas e de problemas, que se relaciona com os dominios separados das funções psychicas, consideradas sem relação mutua, sem attender ao facto de que certas funções podem mudar, em um individuo, sem exercer uma influencia pronunciada sobre a totalidade do seu psychismo, e a que uma mínima modificação das outras funções causa modificações fundamentais no conjuncto psychico geral.

Destinado a ser utilisado pelos leigos, que não conhecem as leis de correlação, isto é, da relação mutua das modificações functionaes, o "test" forçosamente quer abranger o numero maior possivel dos dominios, apagando a possibilidade da applicação immediata das leis de correlação.

Um paleontologista, tendo deante de si um osso de um animal pre-historico, poderá, muitas vezes, reproduzir todo o esqueleto no caso de achar um osso "caracteristico", isto é, um osso cuja forma esteja ligada a definido aspecto dos outros, e, no caso, si elle conhecer as leis da relação mutua dos ossos no es-

queleto. Um leigo para reconstruir um esqueleto deve receber todos os ossos, e apesar disso, muitas vezes collocará um osso iliaco no pescoço, e um osso do craneo na cauda.

O mesmo perigo ameaça o leigo que quer reconstruir a totalidade do psychismo da pessoa investigada, pelo simples sommar dos resultados de um "test" psychologico.

Por causa disso, não negando o papel importante dos "tests", na eschematica applicação collectiva, temos que accrescentar que elles não podem ser ainda considerados como um criterio absoluto, na applicação pratica. Fornecendo, muitas vezes, positivos resultados praticos "en masse", dão margem, porém, a graves erros, relativamente a individuos isolados.

O segundo defeito dos "tests" consiste na eschematica e quasi sempre quantitativa apreciação dos resultados, que muitas vezes introduz as analogias de definição, onde a genese das modificações é completamente differente. A applicação dos "tests" é, assim, na minha opinião prematura, em todos os casos em que falta a possibilidade de aprofundada interpretação dos seus resultados. Partindo do principio de que o conhecimento do terreno é mais importante do que o recolher dos dados eschematicos, achamos que a etapa dos "tests" deve ser antecipada pela etapa das observações, que permittam ao observador: 1) orientar-se sobre o que se precisa observar numa creança, 2) caracterizar, definir ou representar os phenomenos observados, 3) vêr que relação pode ser fixada, entre esta ou aquella modalidade psychica e quaes as consequencias praticas que dahi decorrem.

A psychologia deve fornecer as guias para tal observação e construir as perguntas, que, não exigindo as respostas eschematicas, podem não só dirigir a attenção dos educadores sobre os phenomenos onde se manifestam as principaes modalidades das funcções da creança, como tambem indicar as situações, em que a mesma observação se torna mais facil.

Por causa disso, além dos "tests", a psychologia elaborou, tambem, os *questionarios* para o uso dos educadores. Nestes

questionarios, não importa tanto a resposta como o facto mesmo de dirigir a attenção sobre a possibilidade da existencia de certas funcções ou de suas modificações qualitativas. Servindo-se dos questionarios, um leigo muitas vezes deixa vasia a rubrica da resposta, porém o simples facto de estabelecer a questão tem seu valor pratico: orienta para serem tomados em consideração, talvez, os momentos desconhecidos na acção pratica:

O questionario que propomos é o seguinte:

#### SENSIBILIDADE SENSORIAL

1º acuidade visual (normal, myopia, hypermetropia, astigmatismo, etc.).

2º si com facilidade discrimina as cores e si não trata as cores semelhantes como identicas;

3º si não trata como identicas as cores diferentes;

4º si percebe bem os sons e ruidos fracos (com ambos os ouvidos).

5º si percebe as pequenas diminuções ou augmentos do ruido no ambiente;

6º si percebe as pequenas diferenças na altura dos sons;

7º si pode reproduzir um som de altura definida, ouvido anteriormente, (immediatamente depois de um intervalo).

8º si se lembra das melodias ouvidas;

9º si sabe mover-se rythmicamente no rythmo de uma melodia tocada ou verso recitado;

10º si sabe mostrar a direcção donde provem o som ouvido;

11º si percebe com facilidade as pequenas diferenças da temperatura;

12º si é sensível a dôr;

13º si, com facilidade, executa os trabalhos manuaes;

14º se mantem facilmente o equilibrio de seu corpo (si cahe muitas vezes);

15º si manifesta certas preferencias gustativas;

16º si percebe as diferenças de cheiro;



17º si tem definidos gostos estheticos ou artisticos no dominio das côres, linhas, sons ou movimentos (desenho, pintura, escultura, musica, dansa, esportes);

18º si, percebendo objectos novos, presta attenção em primeiro logar ás suas qualidades visuaes ou auditivas (por ex.: si, ouvindo uma nova palavra representa esta palavra como som ou como palavra escripta).

#### B — ATENÇÃO

19º si, no momento de se interessar por um objecto, deixa de perceber as modificações do ambiente;

20º si o interesse na conversa ou n'uma narração impede o trabalho manual simultaneo;

21º si as pequenas modificações, no ambiente, o impedem de tomar interesse por um conteúdo fornecido;

22º si mais vezes se interessa pelo mundo externo, ou si se concentra sobre as proprias lembranças.

#### C — DISCRIMINAÇÃO

23º si os objectos com pequenas diferenças (semelhantes), trata-os como identicos ou como diferentes;

24º si as palavras com significação semelhante (synonymos), emprega-as justa ou impropriamente.

#### D — MEMORIA

25º si conserva as lembranças muito tempo;

26º si pode fixar de uma vez muito conteúdo na memoria;

27º si reproduz exactamete o material antes fixado;

28º si reproduz o material mnemonico com facilidade ou com difficuldade.

#### E — IMAGINAÇÃO

29º si uma palavra ouvida evoca muitos ou poucos conteudos ligados a ella;

30° si a palavra ouvida evoca mais vezes a narração das lembranças, ou as tendencias a explicar o sentido da palavra ou finalmente as imagens actuaes, futuras ou fantasticas.

#### F — PENSAMENTO

31° se acredita facilmente ou si tem tendencia a averiguar pela experiencia ou pelo raciocinio proprio, tudo que lhe é fornecido;

32° si tem a tendencia de comparar ou procurar as semelhanças nos objectos aparentemente differentes e mutuamente independentes;

33° si tem a tendencia a ligar no pensamento phenomenos que se passam independentemente;

34° si manifesta predilecção marcada por certas sciencias;

35° em que sciencias faz progressos mais accentuados? Quaes aquellas em que se retarda.

#### G — VIDA AFFECTIVA

36° si é affectivamente sensivel (si tem muitos conteudos que o atacam affectivamente);

37° que conteudos o impressionam sob o ponto de vista affectivo, e de maneira mais accentuada;

38° si as manifestações dos sentimentos são explosivas ou tranquillias; coordenadas, ou não?

39° si os sentimentos são duraveis;

40° de que é que é mais susceptivel: alegria e tristeza, ou sympathia e antipathia?

41° si é tímido;

42° si tem tendencias á expansibilidade verbal dos seus sentimentos, ou se não falla delles;

43° si os sentimentos se manifestam de maneira viva, energica, ou fraca, e pouco accentuada (temperamento);

44° quaes os sentimentos pessoases caracteristicos (familiares, sociaes, patrioticos, eroticos, etc.).

## H — VONTADE

- 45° si a creança é activa ou se conduz passivamente;
- 46° si forma muitos projectos de acções futuras;
- 47° si no deliberar aprecia as decisões sob um só aspecto, ou sob diferentes aspectos;
- 48° si toma a decisão depressa ou de vagar;
- 49° si é susceptível de persuasão, pedido, ou suggestão;
- 50° si é obediente;
- 51° si executa as acções resolvidas, embora encontre difficuldades, ou si facilmente desiste quando encontra resistencias;
- 52° si é teimoso;

As cincoenta e duas perguntas, acima formuladas, embora aparentemente se relacionem com diferentes dominios da vida psychica, tendem todas, não apenas a recolher separadamente observações, mas também a evidenciar em todas as circumstancias, as propriedades geraes, que tem um papel principal na caracterisação do individuo.

Estas propriedades são: 1° a *sensibilidade parcial (sensorial)*, 2° a *sensibilidade geral (affectiva)*, 3° *excitabilidade activa*.

As perguntas systematisadas de tal maneira facilitarão ao investigador tanto o conhecer as leis de correlações funcçionaes, como o elaborar uma racional selecção do material observado.

Temos ainda que dizer algumas palavras relativas ao modo de definir as funcções psychicas parciaes, como conjunctos psychicos. A vida pratica suggere, muitas vezes, á psychologia, definições de ordem mais pratica no avaliar as funcções. Fixam-se assim as relações immediatas entre as cathogorias praticas como profissões, actividade social, moralidade, etc., e as propriedades psychicas.

E' preciso, porém, seja lembrado que a concepção, por ex., de moralidade está ligada á avaliação das acções fóra do psychismo, e que as aptidões profissionaes exigem a existencia, no mundo ambiente, da profissão mesma como tal, etc. Na sua essencia immediata, os processos psychicos não podem ser considerados nem como moraes, nem como profissionaes. Assim, por



exemplo, uma maior ou menor sensibilidade no dominio da visão não implica ainda em aptidão para a pintura.

O problema de transformar certos dados psychologicos em categorias da vida pratica tem que ser resolvido com muita precaução, e em se tomando em consideração o facto da incompatibilidade dos phenomenos psychicos com a actividade pratica. As mesmas qualidades psychicas, que em certas condições praticas podem causar a actividade criminosa, em outras condições da vida podem dar origem ás acções heroicas ou geniaes. As mesmas funções que podem ser utilizadas n'uma profissão, em outras condições, podem influir sobre a perfeita execução de outra, aparentemente e praticamente differente da primeira.

Por causa disso, tanto a tecnica da observação da creança como as conclusões praticas que decorrem desta observação, têm que ser submettidas ao controle dos especialistas. A escola, a classe maternal, e todos os outros meios educativos, devem ser assistidos, não só por medicos escolares que cuidem do lado organico das creanças, como por psychologos escolares, para dirigir a observação systematica, classificar as creanças atrazadas e especialmente adiantadas, investigar o gráo de adaptabilidade da creança ás profissões futuras, e junto com os pedagogos elaborar os methodos educativos e didacticos.

Enfrentando a mesma acção hygienica, baseada na applicação dos dados psychologicos, o educador deve ter consciencia, tanto da função em que pretende influir, como da direcção em que o vae fazer, como finalmente dos meios da influencia mesma. Elle deve, pois, escolher, no conjuncto do psychismo do educando, os processos sobre que deseja influir, deve saber como e — quaes as modificações das funções escolhidas — influirão sobre a modificação do conjuncto total; deve ter em vista o character psychologico da modificação funcional, qualitativa ou quantitativa, que quer produzir; sua acção pratica, é controlar a possibilidade de attingir, com certos meios, os fins propostos.

O fim do educador é, pois, como, fixamos acima, fornecer á creança educada a possibilidade de se desenvolver de modo a

atingir o maximo da duravel felicidade pessoal e utilidade social. A hygiene mental torna-se, então, uma acção que fórma as condições da vida, capazes de assegurar o desenvolvimento *normal* em todos os dominios da vida psychica da creança.

Evidentemente, tanto no dominio organico como no psychico, a palavra "normal" não representa um termo fixo, exacto e imutavel. Uma funcção, ou a sua qualidade, que em certo conjuncto synthetico pode ser considerada normal, num outro individuo, pode representar uma anomalia. Normaes são mais os conjunctos, as syntheses qualitativas ou quantitativas do que as funcções isoladas.

A lei biologica do "*minimum*", "*optimum*" "*e maximum*", deve servir como directriz psychologica na avaliação das funcções parciais. Como "*minimum*" temos que considerar o minimo desenvolvimento da funcção *compativel* com o desenvolvimento das outras funcções do conjuncto. Como "*maximum*" consideramos um augmento da funcção ou da sua propriedade qualitativa, que se faz *sem prejudicar* o desenvolvimento do resto do psychismo, mas cujo excesso já se reflete de maneira prejudicial no conjuncto. Como desenvolvimento "*optimo*", qualitativa e quantitativamente, consideramos as modificações qualitativas ou quantitativas de um processo psychico, que aperfeiçoando-o, influem ao mesmo tempo sobre o desenvolvimento regular das outras funcções.

Em vista, pois, da existencia de um numero illimitado de conjunctos possiveis, a *norma* fica sempre relativa e muitas vezes difficil de fixar. Nos dominios separados da vida psychica, é muitas vezes mais importante fixar a direcção da procura da norma, do que a propria *norma*. Evidentemente, como nas outras sciencias, na psychologia, certas indicações são fornecidas pela estatistica, porque o que se vai repetindo, as mais das vezes adquire, em certo sentido, o character de normalidade.

Percorrendo successivamente os separados dominios dos phenomenos psychicos, tentaremos descrever differentes variantes

(modalidades) de taes ou quaes funcções, como tambem explicar as consequencias correlativas que decorrem destas variantes.

### SENSIBILIDADE SENSORIAL

A *sensibilidade sensorial* representa a ponte que liga a vida intellectual da creança ao mundo ambiente. Por meio dos sentidos, a creança conhece o ambiente, por meio delles adquire o material intellectual, que, depois, como somma da experiencia passada, se transforma em um dos factores mais importantes da formação do "eu" — da personalidade e individualidade. O desenvolvimento da vida intellectual não depende exclusivamente do numero das impressões sensoriaes recebidas na vida. A evolução interna das impressões vividas, o modo de sua collocação intellectual na consciencia e o gráo da conservação mnemonica desempenham papel não menos importante do que o da propria sensibilidade sensorial na formação da individualidade. Entretanto, não podemos negar que os sentidos representam o unico meio immediato para conhecer, e que sem sensibilidade sensorial cada evolução intellectual estaria privada do material evolutivo.

O primeiro attributo da sensibilidade sensorial é o seu caracter parcial, que, organicamente, corresponde a uma acção de um nervo ou de um grupo isolado de nervos, como tambem a uma excitação, por excitante definido, de um centro cerebral mais ou menos delimitado.

Temos um numero indefinido de sentidos, sua agrupação e classificação foi feita na base das differenças physicas entre excitantes e da differençação anatomo-physiologica dos órgãos sensoriaes.

Falamos da visão, da audição, da olfacção, etc. porque existe a luz o som e o cheiro — porque se diferenciaram os órgãos da visão-olhos, os órgãos da audição-ouvidos, o órgão da alfacção-nariz, etc.

Onde a differençação dos órgãos é menos adiantada, a possibilidade de definir é condicionada exclusivamente pela possibilidade de determinar physicamente o excitante. Assim, a sen-



sibilidade da pelle fornece as sensações do contacto, da pressão do frio, do calor, da viscosidade etc. porque existe differenciação physica dos excitantes.

Graças a isso, para um educador, o que importa não é tanto definir psychologicamente as sensações, senão constatar em que gráo os differentes excitantes produzem as reacções sensoriaes.

A propria observação dos processos sensoriaes é mais facil do que a observação das outras funcções, graças ás adaptações organicas acima mencionadas, por que é mais facil isolar methodicamente o processo investigado.

O investigador, que quer limitar a sua observação ao mesmo processo sensorial, evitando a observação simultanea das funcções superiores, que acompanham os processos sensoriaes, deve tratar as manifestações de sensibilidade sensorial independentemente do poder da creança de definir verbalmente o excitante. Applicando, por exemplo os excitantes visuaes das differentes côres, não deverá pedir o nome da côr, mas investigar si ella trata as cores objectivamente differentes, como identicas ou como differentes, e, isso, independentemente do poder de definil-as.

Investigando a sensibilidade sobre as quantitativas mudanças da luz, temos que nos limitar á constatação de que a creança distingue a luz mais forte da mais fraca, não exigindo uma avaliação quantitativa do excitante.

Cada "minimum", "optimum" ou "maximum" da sensibilidade sensorial tem de ser analysado tanto na relação com os differentes generos da sensibilidade, *de per si*, como em relação com o total da sensibilidade.

Como "minimum" da somma temos que considerar o gráo do desenvolvimento, da possibilidade de actividade da creança adaptada ao ambiente, e reduzidas as reservas representativas ao gráo de impedir os processos da atenção, associação, memoria, e pensamento.

Como "maximum" da sensibilidade temos que considerar um tal gráo de sensibilidade, que, augmentado em qualquer dôse, produziria um excesso dos conteúdos representativos, de tal sorte que, por isso mesmo teriam que ser menos duraveis, atacando

assim a possibilidade da concentração de atenção, a durabilidade de pensar na independencia dos actuaes excitantes sensoriaes.

Convém lembrar que, no dominio sensorial, a lei da substituição funccional desempenha um papel muito importante. Precizando, para o seu normal desenvolvimento synthetico, de uma certa quantidade de conteúdos, a creança que tem a sensibilidade diminuida num dominio (por exemplo, por motivo de defeitos organicos) desenvolve proporcionalmente a sua sensibilidade num outro dominio, para que a somma geral do material representativo adquirido possa bastar para a evolução synthetica normal.

Os cegos aperfeçoam o seu tacto e audição, os surdos — a visão, etc. Constatando, pois, a diminuição da sensibilidade num dominio definido, o educador deve sempre procurar saber — em que grão esta diminuição do sentido separado se reflecte no conjuncto geral da vida psychica infantil; si ella reduz a reserva representativa intellectual ou si sómente transporta o centro da gravidade sobre os outros caminhos de conhecer sensorialmente o mundo ambiente.

A escolha pela creança, de taes ou quaes caminhos sensoriaes na formação da reserva representativa influe tambem, sobre o que na psychologia individual (differencial) chamamos o typo sensorial.

De algumas creanças ás quaes mostramos, por exemplo, um violino: uma perceberá especialmente a fórmula, outra a côr e ainda outra o som do instrumento. No rezultado final, cada creança “conhecerá” o violino mas conhecerá por outro caminho. Obtemos então os typos visuaes, auditivos, motores etc.

Na educação, para se ter influencia sobre a creança, é muito importante conhecer o dominio da sua maxima e preferida sensibilidade sensorial, para poder pôr em relevo no conteúdo fornecido, tudo o que pertence ao dominio do seu typo. Desta maneira um educador que quer fixar um certo dominio na mentalidade do alumno, tem maiores facilidades.

A acção puramente educativa hygienica no dominio das sensações, decorre já das premissas acima fixadas. A educação dos sentidos, o desenvolvimento da sensibilidade sensorial nos dominios separados, deve, então, tanto quanto possivel, ficar independente das exigencias de definir ou avaliar os excitantes, e tem que proceder por meio da provocação de actividade em certos dominios, actividade, baseada na utilização de tal ou qual sentido, tem, emfim, que desenvolver a sensibilidade sobre as diferenças, sem exigir uma definição mental destas diferenças.

Para attingir este fim utilizam-se a actividade e o brinqueado, nos dominios onde a sensibilidade está atrasada; multiplicam-se as differentes situações, em que a creança, escolhendo o modo de agir, deve basear-se sobre um material fornecido por tal ou qual sentido.

A lei da atenção, quando estabelece que esta se dirige sempre para os dominios tonalisados affectivamente, tambem auxilia o educador. Descobrimo um dominio sensorial, que interessa a creança affectivamente, o educador deve fornecer os excitantes que a creança pode ligar ao que a interessa affectivamente, afim de que experimente (sinta) com facilidade.

A repetição do dominio que queremos desenvolver, produzindo series de pequenas diferenças, mesmo nos excitantes aparentemente analogos produz, pelo exercicio e pela necessidade de applicação immediata, uma melhoria na funcionamento do mesmo aparelho sensorial.

O caminho essencial da influencia sobre os sentidos fica, então, representado pelo habito, pela gymnastica das funcções. Além da gymnastica motriz temos, então, uma gymnastica visual, auditiva, olfactiva, etc.

A lei do esgotamento e da fadiga deve, entretanto, ser tomada em consideração na formação de habitos. Applicando os exercicios, o educador tem de lembrar-se que o "minimum", "optimum" e "maximum" nos dominios das funcções de relação immediata com o mundo ambiente, têm que se referir, não somente á funcção mesma, mas tambem ao excitante applicado e ao tempo da sua applicação.



As doses exageradas de exercicios, os excitantes intensos de mais podem em vez de augmentar — refrear e diminuir a sensibilidade que queremos desenvolver. A dosagem, pois, da influencia tem que ser organizada com muita precaução para que a influencia da fadiga (tanto intoxicativa como esgotativa) não destrua os resultados do habito.

A acção hygienica, no dominio dos sentidos, sendo relativamente facil, pode achar a sua applicação, tambem, na educação collectiva, tanto sob a forma da gymnastica e dos esportes, como pela pratica de accentuar nas licções de musica, canto, rythmica, pintura, desenho etc., o lado dos exercicios sensoriaes ligados com a disciplina ensinada.

### ATENÇÃO

O dominio que deve ser especialmente tomado em consideração pelo educador é a *atenção* do educando. O termo mesmo — *atenção*, está empregado em dupla significação. *Atenção*, chamamos, em cada momento particular, a *estrutura* de nossa consciencia, proveniente do facto de que a consciencia é morphologicamente *desequal*, isto é, a consciencia cheia e completa, em cada momento dado, só abrange um conteúdo psychico, ligando-se com uma adaptação organica ao mesmo conteúdo.

*Atenção* chamamos tambem a  *direcção da evolução, no tempo, de nossa consciencia*, isto é, a successão com que a consciencia se transfere de um conteúdo psychico para outro. Nesse ultimo sentido a *atenção* transforma-se mais em qualidade das outras funcções vividas, do que em função separada, representando a qualidade que provém de um gráo maior ou menor da accomodação psychica, que acompanha os processos intellectuaes.

Vamos analysar de mais perto as duas significações attribuidas ao termo *atenção*.

Na primeira significação, a *atenção* está intimamente — ligada á *estrutura da nossa consciencia*, em cada momento sepa-

rado. A consciencia humana tem, em cada momento, um campo, em que se limita. Este campo pode ser representado esquematicamente por um ponto rodeado por uma serie de circulos concentricos. O ponto representa o conteúdo vivido com o maximo gráo da consciencia (*foco* da consciencia); os circulos concentricos representam o conjuncto dos conteúdos psychicos vividos contemporaneamente, com o gráo sempre menor da consciencia, os processos sub-conscientes e inconscientes, e são chamados a *franja*, mais ou menos compacta, da consciencia. Esquematicamente, a carta anatomica da consciencia humana, em cada momento dado pode ser representada como se segue:



O ponto central representa o *fóco*; os circulos concentricos a *franja* da consciencia. Um tal esquema representa a expressão da estrutura desigual da consciencia, e evidencia a sua qualidade de "monoideismo" (Ribot), a qual consiste em que, em cada instante dado, sómente um conteúdo pode achar-se no *foco*, e que a gradual diminuição da consciencia coincide com augmento do numero dos conteúdos abrangidos por um definido gráo da consciencia (augmento dos circulos quando elles se afastam do *fóco*).

O que em primeiro lugar deve ser o objecto da observação dos educadores é a relação mutua entre o *foco* e a *franja*.

A predominancia do *fóco* sobre a *franja* pode ser "minima", "optima", "maxima"; o que chamamos *distracção* pode provir,

tambem, de uma concentração menor do que "minima", como de uma concentração maior do que "maxima".

Na utilização geral da estrutura de atenção, tanto para conhecer como para acção pratica, o foco e a franja da consciencia devem collaborar harmonicamente.

Uma creança e um homem adulto estão, por exemplo, submettidos ás series dos excitantes, em cada momento. A estrutura monoideica da consciencia não permite ao individuo reviver em cada instante, no fóco da consciencia mais do que um conteúdo; a predominancia porém desse conteúdo sobre o resto das reacções aos excitantes pode ser mais ou menos pronunciada. Uma creança que ouve com atenção as palavras de uma outra pessoa percebe ao mesmo tempo pela franja da sua consciencia o material visual do ambiente, o contacto da cadeira em que se senta, a temperatura do quarto, etc. A differença do gráo da consciencia focal e da consciencia dos circulos mais proximos da franja pode portanto ser tal (na concentração forte) que o conteúdo servido cobre, por assim dizer, todas as outras impressões de maneira que ellas passam quasi inconscientemente, ou a differença do gráo de consciencia diminue: o foco domina a franja, mas pouco accentuadamente, e o conteúdo ouvido pouco prevalece sobre os outros excitantes (concentração fraca ou fraquissima).

Na acção pratica onde agem tanto os moveis conscientes como os inconscientes "les extrémités se touchent".

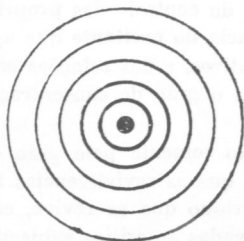
O homem, agindo, synthetisa sempre os movimentos conscientes e os automatismos inconscientes; estes ultimos, no caso de uma concentração accentuada de mais, vão a um ponto, em que são privados do controle da consciencia franjal, e resultam inhabéis, ridiculos, e não condizentes com o fim.

No caso contrario — da concentração pequena de mais, graças a diminuição da consciencia focal, a acção consciente — por falta do gráo sufficiente da consciencia e critica — produz o mesmo effeito de inhabilidade.

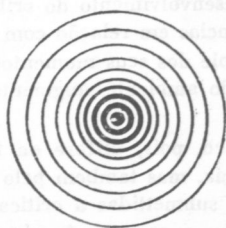


O corte eschematico da consciencia de mais ou de menos concentrada pode ser representado como se segue:

Atenção concentrada



Atenção dispersada



Um sabio que, entregue a um problema scientifico, cozinha o seu relógio, olhando o ovo que segura na mão, representa, assim, um individuo no qual a concentração da atenção no problema scientifico subrepujou o "maximum", causando uma acção errada. O homem que escutando, não ouve, não se dá conta do objecto do seu pensamento; o homem que, agindo, não se concentra sobre nenhuma cousa, no qual o foco não se destaca do segundo plano da consciencia — vai commetter, na acção, uma serie de erros semelhantes — somente com a differença, de que esses erros não acham sua justificação na occupação do foco por outro conteúdo e são provocados pela dissipação do foco mesmo.

O gráo da predominancia do foco sobre a franja é variavel tambem nos mesmos individuos, em differentes momentos da vida. Passando para a forma chronica, elle pode representar um fixo caracteristico d'um certo individuo humano. O interesse affectivo, os periodos de descanso psychico e organico augmentam em geral as faculdades de concentração; — a fadiga, o exgotamento, a indifferença affectiva, apagam o foco e a sua predominancia sobre a franja. Um problema, pois, importante para o educador é o de cuidar do equilibrio para a relação mutua entre o foco e a franja do educando.

Os methodos educativos são multiplos. Cada exigencia de reacção prompta e rapida sobre um excitante, antes determinado, evoca uma focalisação augmentada no individuo que espera este excitante.

O desenvolvimento do criticismo, e do controle das proprias reviviscencias em relação com a existencia do excitante que age, do controle dos seus momentos constitutivos, e das relações com o resto do ambiente, augmenta tambem o grão de concentração focal.

O foco, pois, differe da franja não somente pelo grão da consciencia, mas tambem pelo facto de que as reviviscencias focaes são submettidas á critica do individuo que as revive, emquanto que as reacções franjaes são privadas da critica subjectiva. Uma creança que olhando com attenção (percebendo focalmente) tem consciencia do objecto observado, — sabe onde se acha o objecto, como é este, o que significa, etc. “Vendo” sem attenção (percebendo franjalmente) ella revive as reacções sensoriaes sem ter consciencia muitas vezes nem da existencia objectiva do excitante. Os exercicios, pois, ligados com a existencia de uma critica exacta das proprias reviviscencias, “gymnasticam” mediatamente o mesmo foco.

Quando uma concentração menos desenvolvida (dispersão) da attenção resulta, na creança, de uma mais dispersada e superficial sensibilidade affectiva — o educador deve cuidar de diminuir o numero das direcções e dos objectos que interessam a creança affectivamente, desenvolvendo mais aprofundada sensibilidade sobre menor numero de conteúdos. Isto se realiza procurando dirigir a attenção e a actividade da creança para dominios escolhidos, que a interessam affectivamente, mas que graças á dispersão geral da sensibilidade affectiva não podem attrahir para si a attenção durante um tempo mais longo. Augmentamos a influencia desses dominios fornecendo nelles, sempre, novas situações, criando novos conteúdos, sempre, porém, em accentuada relação com o dominio affectivo que queremos desenvolver.

Nos domínios das acções praticas o impedir uma excessiva automatização, o habituar ao autonomo vencer das difficuldades auxilia tambem a desenvolver a concentração. A gymnastica, os esportes, a arte, representam aqui os meios auxiliares para o educador.

As creanças, que manifestam uma concentração excessiva, que, tambem, impede o desenvolvimento normal do seu conjuncto psychico, exigem um tratamento hygienico contrario. Os esportes, o brincar, os exercicios devem neste caso ser apropriados de maneira a accentuar especialmente o desenvolvimento dos automatismos. Consegue-se isso, habituando-se a creança á consciencia simultanea de alguns elementos activos. Como a attenção completa (focal) abrange num momento dado só um conteúdo, a creança pode attingir a coordenação pelo emprego simultaneo dos seus automatismos.

Os exercicios no perceber simultaneo de alguns excitantes tornam-se tambem uteis, exigindo a applicação das percepções franjaes.

As creanças, que manifestam uma concentração por de mais marcada, teem que ser submittidas á applicação da suggestão, á qual ellas são pela sua natureza menos susceptiveis. (Como suggestão definimos cada *acção sobre a franja do suggestionado*; a technica da suggestão vae ser esclarecida mais abaixo).

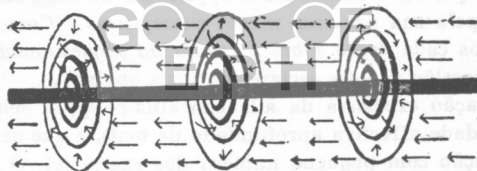
A concentração excessiva da attenção allia-se quasi sempre, a uma sensibilidade affectiva aprofundada de mais, e que se manifesta em relação com pequeno numero dos excitantes. O educador tem, pois, que procurar a dispersão da sensibilidade da creança sobre um maior numero dos conteúdos, tem que a interessar para o maior numero possivel de domínios, afim de diminuir o gráo pathologico da concentração.

Como directriz serve, neste caso, a demonstração das relações entre isso a que a creança já está affectivamente sensivel, e aquillo que, ficando aparentemente sem relação com o conteúdo affectivo, pôde, no emtanto, ser intellectualmente ligado com o conteúdo affectivo.



Assim ficam resumidos os modos de acção hygienica referentes á attenção, no seu significado de estrutura mais ou menos concentrada de nossa consciencia.

O termo "attenção" emprega-se, porém ,ainda, para definir a *direcção da evolução da consciencia*, como caminho da sua corrente ininterrupta. O conteúdo, pois, de nossa consciencia muda e evolue sem interrupção. A sua corrente não pára um instante, e isso que chamamos uma apparente parada de nossa attenção num certo objecto, representa, apenas, um movimento na extensão dos seus elementos constitutivos discriminados. Não podemos fazer parar a corrente da consciencia, da mesma maneira que não podemos fazer parar o processo da nutrição ou da troca gazosa entre o sangue e os tecidos. O campo de consciencia, tomado em dado instante, representa como um corte transversal de um rio em movimento. O foco e a franja são, neste caso, a estrutura architectonica do leito do rio e são, em cada momento, atravessados por ondas moveis e variaveis. Eschematicamente podenos representar a corrente da nossa consciencia da maneira seguinte:



As flechas exprimem aqui o movimento da consciencia que tem o caracter de:

- 1) — Movimento do conjuncto total para diante.
- 2) — Movimento centrípeto dos conteúdos que, da franja, penetram no fóco.
- 3) — Movimento centrífugo dos conteúdos repellidos do fóco para a franja.
- 4) — Movimento reciproco dos conteúdos na franja.

Si, porém, a palavra *atenção* empregada no sentido de estrutura anatomica da consciencia representa um termo bem definido, *atenção* como corrente da consciencia não designa uma função definida e separada dos outros processos que contribuem para a evolução psychica.

A associação, a memoria, a percepção, a vontade podem existir com *atenção* ou sem ella — quer dizer pódem tornar-se um phenomeno focal (consciente) ou franjal (sub ou inconsciente).

A *atenção*, considerada como corrente da consciencia, pode, na sua relação com o modo de mudar de direcção, ser ou *espontanea* ou *voluntaria*. Espontanea, quando a corrente da consciencia não está inhibida ou dirigida pela resolução ou esforço do individuo — representando só a expressão da evolução mesma; voluntaria, quando a direcção da *atenção* é antecipada pela decisão e tem logar com esforço voluntario de inhibição num determinado dominio.

Na educação hygienica da *atenção*, adquire uma importancia especial a lei fixada por Th. Ribot, que estabelece a relação entre a corrente espontanea da consciencia e a sensibilidade affectiva do homem. A direcção da corrente espontanea é, pois, inteiramente dependente das direcções representativas da sensibilidade affectiva. A *atenção* espontanea dirige-se sempre no dominio que nos ataca affectivamente.

E' lei da *atenção* voluntaria, que ella não pode ser prolongada: tem effeito por alguns segundos, apenas; e cede sempre o lugar para a corrente espontanea. Quando pensamos nisto, comprehendemos a grande importancia do methodo pedagogico, que manda ligar processos affectivos aos assumptos para os quaes queremos dirigir a imaginação do educando.

Nos dominios indifferentes, que só pouco tempo occupam a *atenção* espontanea, a unica lei que dirige a corrente da consciencia é a lei do habito. A imaginação move-se na linha mais facil — em linha trilhada pela successão das reviviscencias no passado — evitando o esforço de vencer a resistencia, esforço que fica evitado como desagradavel.

Ainda, pois, em dominios indifferentes a influencia mediata dos processos affectivos se faz sentir sobre a nossa attenção, pelo facto de evitar o desprazer do esforço.

A influencia, então, sobre a direcção da attenção pode ser attingida por duplo caminho: pelo habito de certos dominios representativos e pelo despertar dos interesses affectivos nas direcções desejadas. O proprio exercicio sem interesse, tambem, não pode ser realizado, pois o facto de só manter a attenção voluntaria durante curto tempo, impede a formação dos habitos nos dominios indifferentes. Graças a isto o educador tem que exercer os habitos nos dominios da attenção espontanea e para poder evocar esta ultima deve agir sobre a sensibilidade affectiva do educando.

Querendo declinar a attenção dos dominios indesejaveis, tambem, não se pode proceder por meio da prohibição, nem desviar a attenção dos conteúdos indesejados, mas affectivos para os conteúdos indifferentes. O unico caminho neste caso, é o despertar dos interesses affectivos mais fortes que os indesejados e a sua substituição por dominios representativos tonalisados affectivamente em gráo mais forte.

Um momento importante na hygiene e educação é o cuidar do equilibrio entre a assim chamada attenção *interna e externa*.

Como muitos outros processos psychicos, a attenção pode, ás vezes, ter o character de uma funcção de relação immediata entre o psychismo e o mundo ambiente, outras vezes um character de funcção de conservação, isto é, d'uma expressão do desenvolvimento autonomo da corrente de consciencia.

Haverá creanças, cuja attenção é quasi sempre dirigida sobre os excitantes externos e que se interessam exclusivamente pelo ambiente immediato, creanças para quem, cada mudança nesse ambiente provoca a mudança de direcção da attenção. A attenção representa neste caso uma continua reacção sobre o ambiente.

Outras creanças adaptam-se difficilmente ás reacções immediatas sobre os excitantes externos. Depois de ter extrahido certos conteúdos do ambiente, ficam innaccessiveis aos novos excitantes, ruminando, por assim dizer, pensando nas reminiscen-



cias passadas e tirando o conteúdo da atenção da propria franja de consciencia.

Como sabemos, os excitantes externos formam as reacções que depois servem como material á formação do "eu" e da individualidade; a dispersão, porém, da atenção sobre um numero maior delles destróe a possibilidade de fixar e sytematisar o material fixado, ao contrario o excesso da concentração interna diminue a quantidade de experiencia.

Por causa disso, é necessario procurar dirigir a atenção da creança successivamente, ás vezes sobre o mundo ambiente, ás vezes sobre o proprio psychismo, em proporções diferentes seguindo os individuos, o que constitúe a parte difficillima da hygiene educativa.

### DISCRIMINAÇÃO

Analysando os problemas da atenção e o character não uniforme da estrutura da nossa consciencia, apresentamos já a lei do "monoideismo" da atenção isto é, o facto de que, em cada instante distincto, o foco da consciencia só pode abranger um conteúdo. A palavra "*um*" exige porém uma explicação mais detalhada. *Um* pode ser o atomo, *um* — o universo, e neste caso a somma das unidades é igual, também, á unidade. As unidades psychicas como verificaremos adiante, podem, mas não devem coresponder ás unidades praticas. Temos, então, que analizar agora mais detalhadamente as funcções, em virtude das quaes se formam as unidades psychicas, e, também, as leis que traçam os limites dos conteúdos vividos como unidades.

O processo cujo effeito representa a formação das unidades psychicas no individuo é o processo da discriminação. A unidade é o que se discrimina como unidade.

A discriminação é uma funcção primaria, immediata que caracteriza certas quantidades do conteúdo psychico como diferentes de "todo o resto". Ella ajuda, justamente, a selecção do que podemos introduzir no foco, attribuindo ao discriminado o

caracter da unidade psychica, differente de todos os outros excitantes, e que agem simultaneamente.

As leis da discriminação podem ser formuladas como se segue:

1) *Podemos discriminar todos os conteúdos que, tendo diferenças reaes, formaram anteriormente, e em um momento dado, uma totalidade da consciencia;*

2) *podemos tambem discriminar os conteúdos que apresentam excedentes, não necessarios, das outras totalidades discriminadas.*

O processo da discriminação representa a função cujo efeito (isto é — o modo segundo o qual são formadas as unidades psychicas), no grão mais elevado, decide o caracter da mentalidade intellectual de cada individuo.

Por meio das sensações a creança recebe quantidade de impressões, por meio da discriminação transforma as impressões recebidas nos proprios conteúdos intellectuales — fixa os limites entre as proprias synthèses das impressões, “elabora” por assim dizer, o material recebido.

O que, justamente, distingue uma individualidade humana da outra, é a circumstancia de que cada palavra ouvida, cada excitação recebida cria nestas differentes individualidades outros conjunctos, por motivo dos outros conteúdos discriminados no excitante. Uma machina, mostrada a um engenheiro permittir-lhe-á discriminar nella fiadas de conteúdos completamente differentes dos que a mesma machina pode evocar na mentalidade de um camponez que a contempla.

Na formação das representações tambem o numero e o caracter qualitativo das unidades psychicas anteriormente formadas tem um papel primordial. Isso, que a psychologia chama representação de um objecto ou phenomeno, constitue, pois, uma successiva reproducção no foco — das unidades psychicas discriminadas nesse objecto ou phenomeno. Por causa disso o “cavallo” representado por um zoologista vai ser completamente differente do “cavallo” representado por um sportman. Porque? E’ que no conteúdo geral do cavallo — como de um excitante psychico, o zoologista discriminou outras unidades psychicas que o sportman.

Na formação das relações pensadas, na associação, no pensamento, na memória — também a quantidade e a qualidade das unidades discriminadas tem um valor enorme.

A única lei, pois, de todas as relações representativas e pensadas é a de identidade, isto é: a possibilidade de descobrir nos conteúdos mentaes os identicos elementos subjectivos anteriormente discriminados.

Antes de passar a uma analyse mais aprofundada da acção hygienica e educativa no dominio da discriminação, temos mais uma vez que accentuar o character immediato desta funcção: — isto é, a sua independencia dos processos derivativos, como definição, entendimento aprofundado, localisação mnemonica, etc. Discriminar “a” do “b” como o fez sentir W. James, quer dizer — ter a consciencia immediata de que “a” não é “b”, consciencia *independente, do que sabemos do “a” e do que sabemos do “b”*. Uma creança a quem mostrarmos uma bola branca, depois uma bola vermelha, e, finalmente, um ovo, vai, no momento de olhar a bola vermelha, discriminar a diferença de cor da anteriormente vista, (2ª lei da discriminação); olhando o ovo, formará um novo conteúdo discriminado — o da forma (de accôrdo com a mesma lei); a mesma discriminação, porém, não exige as definições: — “vermelha”, “oval”.

Os processos psychicos elementares não podem ser facilmente isolados da totalidade de vida psychica da creança de maneira a poder exercer sobre elles uma influencia immediata. Na acção hygienica, pois, o educador, que procura influir sobre o desenvolvimento da discriminação e sobre o augmento das reservas representativas da experiencia pessoal da creança, pode influir, na maioria dos casos, só mediatamente, visando, nos processos mais complicados, o lado que immediatamente resulta da funcção elementar.

A discriminação, como processo elementar entra no conjuncto de todas as funcções intellectuaes; e o seu characteristico essencial é representado pela já notada independencia da definição, pela dependencia do agrupamento no tempo dos conteúdos discriminados (leis do discriminar) e pela independencia de unidades dis-



criminadas das unidades praticas do mundo ambiente. A discriminação e a conservação psychica do conteúdo discriminado são a fonte primaria de cada cognição — e por causa disso o dominio que educa estes processos é representado em primeiro lugar pelo dominio do mesmo conhecimento. Um educador ou medico, que procura desenvolver numa creança as funções da discriminação tem que fornecer ao educando a quantidade sufficiente do mesmo conteúdo cognitivo.

Tal fornecimento não pode, entretanto, limitar-se ás informações sobre certos factos definidos pelo educador; este, em primeiro lugar, tem que pôr o educando em situações que exijam autonomas reacções sobre os factos e excitantes fornecidos pelo educador. Os methodos de demonstrações e experiencias applicados na pedagogia, e que substituem as lições theoreticas representam justamente o effeito da mais ou menos consciente tendencia dos educadores para crear as unidades psychicas individuais nos educandos; elles tornam possível, pois, o conhecer não ligado com uma forma de definir, permitem individualmente analizar, e subjectivamente systematizar o material conhecido.

Analoga influencia é exercida tambem pelo brinquedo (actividade e experiencia ludica) como de ha muito o demonstrou Claparède, analysando esse importante methodo educativo.

A creança aprende, nestas condições, antes de conhecer por discriminação e sómente depois de definir e systematizar objectivamente. Nos muitos dominios ligados com a acção pratica, a etapa de definição objectiva torna-se superflua — o conhecimento subjectivo (discriminativo) basta para a adaptação de acção pratica sem necessitar uma definição qualquer. A selecção dos dominios para onde levamos o psychismo da creança, os exercicios para habitual-a a agir nos dominios escolhidos — representam, então, methodos educativos, que de maneira a mais immediata realizam a educação da discriminação.

O exercicio e o habito, pois, além do seu papel de trilhar os caminhos psychicos nos dominios onde procuramos provocar a actividade intellectual, têm ainda a vantagem de que (em vista do facto de que no universo nada se repete de maneira identica)

ensinam a perceber as diferenças mínimas, aumentando a somma da experiencia pessoal e o numero das unidades discriminadas embora indefinidas.

Os exercicios para distincção de objectos aparentemente identicos, as exigencias — de tomar em consideração na acção pratica as minimas diferenças das situações dos objectos — tornam-se a directriz dos methodos educativos que tendem para o desenvolvimento da discriminação.

Tudo o que foi estabelecido ácima em relação com a discriminação nos ajudará tambem a explicar a acção hygienica no dominio da imaginação e do pensamento.

### IMAGINAÇÃO

*Imaginação* chamamos em geral o conjuncto dos conteúdos representativos que preenchem o campo da consciencia humana como tambem — attendendo á corrente continua da consciencia — as modificações evolutivas que occorrem na extensão deste conjuncto, ou como aquisição dos novos conteúdos, ou como mudança da disposição ou como influencia mutua dos conteúdos antigos.

Como elemento da imaginação é considerada a *representação* definida como imagem psychica do objecto. Uma tal concepção torna-se porém insufficiente e conduz a muitas interpretações erradas; ella tem que ser substituida pela noção de que — as representações valem como *séries formadoras das unidades psychicas discriminadas na extensão do objecto*. Em vez de aceitar a theoria estatica das representações, considerando-as como chapas psychicas dos objectos, acceitamos o conceito “dynamic”, que admite que as representações se formam de novo em cada instancia e são cada vez diferentes na relação com o character dos conteúdos, anteriormente discriminados e successivamente re-produzidos. E, com isto as leis de relações mutuas entre as representações adquirem um novo character.

A influencia mutua das representações na fórmula mais simples de sua relação é chamada na psychologia “*associação*”.

A associação representa o mecanismo psychico por meio do qual a representação actual influe sobre o apparecimento d'uma nova representação. Segundo as leis classicas de semelhança e de contiguidade, podem ser evocadas mutuamente as representações que são ou semelhantes ou continuas no tempo e espaço. Essas leis não são porém formuladas do ponto de vista estrictamente psychologico. Os defeitos da formula decorrem da consideração estatica das mesmas representações. Considerando as representações como já promptas "imagens psychicas" dos objectos, determinam-se as relações objectivas entre os objectos das representações e não entre as mesmas representações.

Se aceitarmos a theoria dynamica das representações acima fixada — as leis de semelhança e de contiguidade reduzir-se-ão á unica lei *de identidade dos elementos constitutivos* (unidades psychicas) que entram no conjuncto da representação evocadora e da representação evocada pela associação. A identidade juntando-se ao *habito* de reviver estes elementos constitutivos tanto no conjuncto dos restantes elementos da representação evocadora como no conjuncto dos restantes elementos da evocada influe sobre a possibilidade de associar.

A associação praticamente cobre-se com a corrente de atenção, e representa mecanismo por meio do qual se realiza a evolução continua de consciencia. Observando a direcção representativa da atenção, obtemos a serie das associações — investigando a successão de appareção das representações fixamos a direcção de atenção.

A lei da identidade do elemento constitutivo basea-se, tambem, sobre a necessidade de discriminar este elemento em ambas as representações associadas. Per causa disso a associação como mecanismo evocativo depende da possibilidade e da qualidade do processo de discriminar descripto acima. Quanto mais augmenta o poder de discriminar na representação evocadora um numero maior dos elementos constitutivos tanto mais cresce o numero das possibilidades de evocar por meio de associação um numero maior das representações evocadas. Os dominios repre-



sentativos aonde a creança mais vezes leva a sua atenção, transformam-se por isso em um mais frequente e mais rico terreno de associação por causa de ter discriminado nelles um numero maior de unidades psychicas.

A possibilidade de associação depende da discriminação, nas representações associadas, de elementos constitutivos identicos. Por isso, o mesmo processo de discriminar elementos communs, nos diversos conteúdos fornecidos do exterior, ainda que na apparencia mutuamente independentes, condiciona a posterior possibilidade da evocação reciproca delles, — “associa estes conteúdos um com outro”, transformando as representações sem relação mutua em representações associadas.

A palavra “associar” adquire, então, uma nova significação: em vez de definir uma evocação de representação por outra (*associação evocativa*) define a ligação por meio da relação pensada dos conteúdos aparentemente independentes entre si (*associação conjunctiva*).

A associação conjunctiva representa o unico mechanismo que fórma as relações pensadas no psychismo adulto e infantil.

A diversidade destas relações basea-se sómente sobre: 1º, *quantidade variavel dos discriminados elementos identicos communs*; 2º, *quantidade dos elementos discriminados n'uma das representações relacionadas sem as descobrir noutra*; 3º, *a mais ou menos exacta definição dos elementos discriminados* (a mesma discriminação não depende, pois, do poder de definir); 4º, *sobre o mediato ou immediato caminho de perceber os elementos discriminados*.

A acção hygienica sobre a associação representa mais uma acção diagnostica, no investigar as associações, do que uma acção modificadora da mesma associação. Verificando que representações nascem no psychismo do educando, no momento de ouvir ou lér uma palavra definida, o educador toma conhecimento da creança, averigua que dominios representativos são mais perto e conhecidos para ella, quaes, pelo contrario, lhe são extranhos. Analysando o modo de juntar as representações associadas, o edu-

gador reproduz para seu uso, a qualidade das unidades psychicas individuaes, formadas na consciencia do educando, e que, como subjectivamente revividas, muitas vezes, não se submettem a uma definição verbal, e podem ser objectivamente descriptas sómente como elemento commum das representações verbalmente formuladas.

A lei da attenção, que estabelece que a attenção espontanea se dirige sempre na direcção dos interesses affectivos, auxilia tambem o poder de interpretar as associações recebidas como indices das direcções de sensibilidade affectiva.

As investigações psycho-analyticas das escolas de Vienna e de Zürich fixaram já os criterios que permitem por meio de associação descobrir as direcções da sensibilidade affectiva; em outros trabalhos meus tive já oportunidade de desenvolver mais detalhadamente este problema. Aqui me limito a accentuar a possibilidade de applicação da investigação das associações para o fim de definir a individualidade do educando, não podendo agora entrar nos detalhes da technica.

Querendo influir sobre as modificações dos processos associativos, temos que esclarecer o problema: quaes associações podem ser consideradas normaes, e quaes pathologicas.

Applicando os criterios acima fixados do "minimum", "optimum" e "maximum", vemos que, relativamente á associação, podemos applicar estes criterios referindo-se só ao tempo evolutivo do mesmo processo.

Tempo por demais rapido, produz aquillo que chamamos — a "fuga das ideias", os saltos continuos e rapidos de um dominio para outro, a impossibilidade de permanecer imaginariamente por um termo mais longo num definido dominio representativo, a impossibilidade de concentração e inibição da attenção num tal dominio, concentração que provocaria a associação das novas representações na extensão ligada com um certo conteúdo predominante. Um tempo por demais lento liga-se pelo contrario, com uma certa rigidez da attenção e com a impossibilidade de sahir de uma estreita extensão imaginativa, na qual a associação

virá teimosamente, repetindo muitas vezes as representações anteriormente associadas.

Tanto na 1ª como na 2ª modalidade pathologica, as associações podem nascer num fundo etiologico diverso. As principaes causas, a influir no character pathologico da associação, são, porém: 1º, o pequeno numero das unidades psychicas intellectuales discriminadas na vida, cuja pequena reserva difficulta a produção das relações pensadas e enfreia o mecanismo de associação diminuindo a rezerva representativa; 2º, as modificações pathologicas no gráo e direcção da sensibilidade affectiva que ou como demais concentrada influe sobre a rigidez da atenção ou como demais dispersada impelle a atenção e a imaginação n'uma "fuga" sem fim.

A acção educativa, pois, querendo normalizar a associação, tem que proceder por caminho mediato, atacando ou os processos discriminativos por meio dos quaes se accumula a rezerva das unidades psychicas (os modos de proceder foram descriptos acima), ou os processos de sensibilidade affectiva. A maneira de actuar sobre a vida affectiva do educando vae ser analyzada linhas abaixo.

Os processos associativos servem como base para todos os outros mecanismos intellectuales que entram no conjuncto dos processos da memoria e do pensamento.

## MEMORIA

A *memoria*, que, por muito tempo foi considerada facultade synthetica, representa realmente um certo conjuncto dos processos associativos, quando a consideramos como poder de reproduzir representativamente um conteúdo intellectual anteriormente vivido. Já Ribot chamou a atenção para o facto de que a memoria, como tal, não existe, e que, de facto existem "as memorias" — isto é, cada dominio separado da vida intellectual deixa no momento da sua reviviscencia, os rastros que, depois,



como os restos do processo passado, influem sobre a possibilidade da respectiva reprodução representativa.

Independentemente do caminho (visual, auditivo, táctil ou outro) pelo qual se fórma o conteúdo que deve transformar-se em material mnemónico, a memória representativa passa por tres etapas: *de fixação, de conservação e de reprodução*. Evidentemente a 1ª e 3ª etapa repetem-se: reproduzindo pois mnemonicamente, fixamos mais uma vez o conteúdo reproduzido.

A FIXAÇÃO mnemónica e sua technica representa um problema importante na educação e hygiene. O caracter psychologico deste processo repousa na produção das associações conjunctivas entre o novo conteúdo que queremos fixar e os conteúdos já conhecidos e lembrados. Querendo, por exemplo, fixar mnemonicamente uma nova palavra a criança procura associar-a com as palavras já conhecidas. A associação, de modo geral, realiza-se com o discriminar na nova palavra elementos constitutivos que entram nos conjunctos de palavras conhecidas. Desta maneira uma reviviscencia posterior de qualquer dos conteúdos conhecidos torna possível no futuro a apparição, por meio de associação evocativa, do conteúdo fixado.

Um agente pedagógico importante é a influencia do educador sobre a selecção e sobre a quantidade dos conteúdos com os quaes procura crear na mentalidade do educando as associações conjunctivas no momento da fixação. Querendo fixar na memoria do educando um novo material, querendo influir em geral sobre o aperfeçoamento dos mecanismos fixativos, o educador tem de obter que os conteúdos fixados se liguem com os objectos que affectivamente interessam o educando. A tonalidade affectiva, pois, das representações associadas transfere o interesse affectivo sobre o mesmo conteúdo fixado, facilitando a reprodução espontanea posterior (vide a lei de attenção).

A segunda condição d'uma boa fixação é representada pelo numero possivelmente grande das ligações associativas, o que se realiza tanto pela demonstração das relações pensadas entre o conteúdo novo e o maior numero possível dos conteúdos já co-

nhecidos, como pela multipla, e possivelmente espaçada no tempo, repetição dos conteúdos. A repetição multipla, não sómente habitua a formar a representação fixada, trilhando por assim dizer os mecanismos psychicos de sua aparição, mas tambem, graças ao facto de que cada repetição ocorre em outro tempo — as variadas circunstancias externas facilitam a selecção dos conteúdos que podem ser associados com a representação fixada. Tendo pois uma possibilidade limitada de só um numero definido de repetições, é melhor espaçar estas repetições no tempo quanto possível. Isto é importante, para que as associações formadas se refiram a muitos dominios. Um estudante que em alguns dias aprompta mnemonicamente o curso de um anno, logo depois do exame esquece o material fixado: o tempo, pois, demasiado rapido de fixar, faz que o material mnemônico fórme como uma cadeia de anneis ligados unilateralmente; quando um anel se apaga, todo o material mnemônico perde a possibilidade de ser reproduzido — é, pois, esquecido. A escolha das ligações associativas no momento de fixar tem que ser assim, para que se formem ligações das que se encontram muitas vezes na vida do individuo, e não ligações artificiaes, que servem só para fixar. James distingue a fixação *mnemotechnica e a racional*; a *mnemo-technica*, isto é, a formação de associações com o exclusivo fim de fixar na memoria, (por ex.: em vez de fixar uma palavra, fixamos o numero das suas letras), como não proveniente das relações realmente vividas, tem que ser excluida da pedagogia.

A CONSERVAÇÃO mnemônica representa a etapa que em primeiro lugar influe sobre as qualidades praticas da memoria: isto é, sobre a *durabilidade, capacidade e exactidão*,

Diante da questão de qual seja a memoria que devemos considerar como boa, muitas vezes temos a difficuldade de escolher: entre a memoria *fiel*, embora pouco *capaz*, ou a memoria mais *capaz*, ou *duravel* porém menos *exacta*.

A mesma *capacidade* mnemônica, isto é, a possibilidade de conservar um numero maior ou menor dos conteúdos representativos, é em cada individuo, o seu attributo fixo, e proprio. A

affluencia dos novos conteúdos é regulada pelo esquecimento que, como com razão acrescenta James, representa uma condição necessaria para poder fixar na memoria os novos conteúdos preparando por assim dizer o logar para collocal-os. A capacidade *não é educavel*, cada homem e creança possui um *coefficiente* mnemonico, proprio, fixo, e que não póde ser augmentado. Os "exercicios de memoria" applicados na escola, creando nas creanças uma certa technica de fixar, — no sentido da influencia sobre a capacidade da sua memoria, só podem produzir efeitos negativos. A tara inutil, occupando logar, no terreno limitado da capacidade mnemonica de creança, só serve para prejudicar a fixação dos outros conteúdos necessarios na vida.

De tomar em consideração a lei da limitada capacidade mnemonica, decorrem as innumeraveis indicações pedagogicas-didacticas, infelizmente esquecidas nos systemas educativos de hoje.

Podemos educar a capacidade de agrupar o material fixado de modo a reduzir as grandes quantidades do conteúdo composto a um menor numero dos seus elementos constitutivos, podemos systematizar, dispor de modo "economico" o material fixado, — não podemos, porém, influir immediatamente sobre a capacidade mnemonica do educando. O educador, pois, "educa" a fixação, não póde, porém, modificar a capacidade.

A *durabilidade* de conservação representa tanto o effeito de uma plasticidade innata e não susceptivel de educação, sendo dependente apenas dos agentes individuaes psychicos organicos, como o effeito dos mecanismos secundarios dependentes do modo de fixar.

Como já observámos acima, conservam-se os conteúdos, que no momento da fixação formaram multiplas ligações associativas mais longamente do que os conteúdos que se fixam por associação unilateral. Graças a isso, os acima fornecidos methodos educativos a respeito da fixação influem, tambem, sobre a durabilidade da conservação.



A *exactidão*, finalmente, representa uma qualidade que depende da fixação, mais ou menos detalhada do conteúdo fixado, como do esquecimento desproporcional dos separados elementos constitutivos do conteúdo lembrado, que vêm completar os elementos faltantes na linha das tendências affectivas, ligadas com elle. Já Freud e sua escola, como também os trabalhos experimentaes do meu laboratorio, em Cracovia, demonstraram que papel importante tem a vida affectiva na conservação mnemonica; não entrando mais profundamente na discussão theorica dos mecanismos que condicionam este phenomeno, devemos sómente estabelecer que a exactidão da memória tem que ser educada na relação com a influencia sobre a normal evolução da sensibilidade affectiva da creança. Vamos voltar a este problema analysando os methodos educativos no dominio da vida affectiva.

A REPRODUÇÃO mnemonica, que representa no tempo, a ultima etapa dos processos mnemônicos, é psychologicamente, sempre, uma associação evocativa espontanea ou voluntaria. Do ponto de vista pratico as qualidades acima analysadas na memoria, a durabilidade, a capacidade e exactidão manifestam-se objectivamente no momento da reprodução, provindo entretanto principalmente do modo de conservar.

Uma qualidade immediatamente variavel na relação com a mesma reprodução é representada pelo maior ou menor gráo da promptidão e rapidez deste processo. Muitas vezes, temos a consciencia clara de que nos lembramos de certa cousa, que temos como se diz, na ponta da lingua, porém não podemos reproduzila; posteriormente a lembrança apparece claramente, ainda que no momento da necessidade tenha faltado o poder de reproduzir.

O mecanismo da fixação mnemonica analysado acima, explica facilmente este phenomeno. Como a fixação se realiza por meio da formação das associações conjunctivas entre o conteúdo fixado e os conteúdos conhecidos, para poder reproduzir, o homem tem que passar imaginativamente para um dos conteúdos associados no momento de fixar, afim de poder abrir á sua con-

cia o acesso para evocar a desejada lembrança (motivo de reprodução). Quanto, pois, maior numero de representações está associado como conteúdo lembrado, tanto mais facilmente se dá a reprodução. Querendo evocar uma lembrança pelo lado não associado, evidentemente não a podemos reproduzir.

A presteza da reprodução depende tambem do gráo da riqueza das relações pensadas, e que a creança no momento de reproduzir póde formar, no condómio onde procura achar a lembrança; percorrendo, pois, as numerosas representações agrupadas de diferentes modos, mais facilmente achará uma representação, associada com a lembrança, que servirá como o seu "motivo de reprodução". O exercicio, pois, na reprodução dos conteúdos lembrados, baseado sobre o sempre novo agrupamento destes conteúdos, representa um importante agente educativo, que aperfeioa os processos da reprodução mnemonica. Exemplifiquemos.

Um caso particular nos processos reproductivos está nos *testemunhos*, isto é, nas reproduções que se referem aos conteúdos que, parcial ou totalmente, foram *fixados sem consciencia focal, atacando sómente a franja* do individuo que fixava. Graças a falta de criticismo, que em geral caracteriza as funções franjaes — a exactidão dos depoimentos é, geralmente, muito reduzida (comparar os testemunhos no fóro judicial).

O homem que depõe espontaneamente, commette erros na linha dos seus sentimentos e na que considera verosimil; interrogado, elle torna-se excessivamente susceptivel á suggestão, affirmando os conteúdos suggeridos pelo interlocutor e contidos na pergunta.

Um pedagogo que quer por meio das perguntas obter informações da creança, tem que evitar de pôr as questões na fórmula que suggere as respostas, — mas, pelo contrario, deve perguntar "neutralmente" provocando as narrações espontaneas. Quando elle sabe, a priori que vae, no futuro, exigir os depoimentos relativos ao facto que a creança assistirá, elle deve antes designar-lhe tudo que ella tem que observar para acordar a fixação focal e evitar os erros que provém da fixação franjal.

## PENSAMENTO

Passando ás funcções intellectuaes superiores, isto é, aos processos do *pensamento*, temos que accrescentar mais uma vez que elles se realizam na base dos mecanismos descriptos acima (discriminação, associação), representando sómente um agrupamento mais complicado destes mecanismos.

O que chamamos pensamento, não differe, muitas vezes, da corrente da consciencia acima analysada — os processos do pensamento caracterizam-se, na sua essencia, apenas pela *relação subjectiva do individuo com as suas próprias reviviscencias psychicas*. O pensamento começa desde o momento em que o material psychico intellectual começa a ser utilizado pelo homem como meio de conhecer a realidade.

Quando o homem forma uma representação, póde não pensar; desde o momento que tenta crear consciencia de que a representação formada corresponde a uma existencia real do objecto desta representação, já apparece o pensamento. O gráo mais baixo do pensamento entra já em cada percepção do excitante externo; no seu desenvolvimento mais adiantado, o pensamento tende a substituir a percepção sensorial por um agrupamento da experiencia passada, para fornecer ao individuo a possibilidade de constatar as existencias dos conteúdos objectivos inacessíveis aos órgãos sensoriaes; nesta etapa evolutiva, o pensamento transforma-se em raciocinio.

Como a base dos processos de pensamento é representada pela constatação das existencias, o *juízo* se torna o primeiro e mais importante processo no grupo das funcções de pensamento.

Na sua essencia o juízo não age como um mecanismo psychico separado, elle representa apenas o dirigir de nossa attenção sobre o elemento *existencial* de qualquer conjuncto representativo. A mesma consciencia de existencia forma-se como *unidade psychica discriminada na experiencia pessoal que provém da harmonia nas diversas excitações sensoriaes*. Vendo o que póde mexer, podendo mexer as cousas que vê, ouvindo a voz das pessoas vistas, etc. —



a creança progressivamente da harmonia dos sentidos discrimina o mesmo elemento de existencia subjectivamente discriminado.

Reconhecendo depois esse elemento antes discriminado, nas novas proprias reviviscencias, fórma a consciencia de existencia de seus objectos: — fórma os juizos.

Junto com a existencia a creança progressivamente discrimina o elemento representativo de "não-existencia" encontrando a *falta de harmonia onde se acostumou a encontrar a harmonia*. Vendo no espelho as imagens dos objectos e não podendo approximar-se-lhes ou movel-as, não as vendo quando olha atraz do espelho — a creança progressivamente aprende a discriminar a *não existencia* como um elemento representativo tambem real e positivo da sua experiencia pessoal. Constatando depois a presenca deste elemento nos conjunctos representativos — fórma os juizos negativos. Os processos de juizo são então uma procura e discriminação dos elementos de existencia e dos de não existencia nas proprias reviviscencias representativas. A mesma existencia pôde referir-se tanto aos objectos, como ás relações pensadas entre os objectos e phenomenos objectivos.

Os caminhos pelos quaes o educador pôde influir sobre a educação dos processos de juizo da creança são representados pelo gráo da certeza e pela tonalidade affectiva dos juizos.

A certeza representa a qualidade do juizo que em gráo diferente acompanha cada formação de juizo pelo homem: ella representa por assim dizer um juizo secundario não formulado verbalmente que criticamente avalia o conteúdo do primeiro, ella é uma consciencia não formulada objectivamente de mais exacta ou duvidosa discriminação, no juizo expresso do elemento existencial, ella é o agente que Hume define como gráo da "fé" (belief) no conteúdo do juizo intellectualmente formulado.

A Logica, fixando as categorias dos juizos apodicticos asertoricos e problematicos, toma em consideração este agente, definindo tres grãos da certeza; a psychologia, que não se occupa como a logica da verdade relativa das phrases, objectivamente formuladas, mas analysa o mesmo processo psychico de julgar, deve considerar como insufficientes as tres modalidades logicas, — es-

tabelecendo, na base da observação do processo de julgar, que o gráo da certeza muda de maneira continua, desde o minimum necessario para emittir juizo até o maximo que corresponde a uma certeza completa, "infinita".

Os grãos, pois, da certeza são innumeraveis, a sua expressão objectiva não se manifesta nos mesmos juizos formulados verbalmente mas na intonação, na vacillação, na dificuldade ou facilidade de os pronunciar, na mimica, etc., que acompanham a formação dos juizos.

O facto que exploramos pedagogicamente é representado pela relação da certeza com a tonalidade affectiva, nos processos de julgar. A lei desta relação é a seguinte: o poder de formar cada juizo é agradável; o prazer augmenta na relação directa com a certeza que acompanha a formação do juizo e com a dificuldade de formal-o, dizendo com outras palavras: *a possibilidade de formar juizo é tanto mais agradável quanto mais o juizo está certo e quanto mais o individuo que forma este juizo considera o mesmo como difficil.*

Querendo exercer os processos de julgar n'uma creança, o educador tem que basear-se na lei acima fixada, procurando collocar a creança em taes condições, que a mesma formação dos juizos a interesse affectivamente. A certeza dos juizos pôde ser attingida por meio da critica, isto é, por demonstração n'elles do elemento existencial, tanto pela experiencia immediata como pela demonstração em juizos formados de conteúdos anteriormente vividos pela creança e discriminados como existentes. E' importante o não abusar neste caso da fé da creança em palavras do educador. — a fé provém da relação pessoal com o educador, — mas impellir a creança a autonomamente formular os juizos baseados na sua certeza subjectiva.

A influencia da dificuldade sobre a tonalidade affectiva dos juizos tem que ser tomada em consideração no gráo maximo. Não precisa appellar para os juizos demasiado faceis, nem augmentar a facilidade dos juizos já formados pela creança: ao contrario, é melhor exagerar o gráo de dificuldade; desta maneira, pois, augmentando o prazer de formação dos juizos, dirigimos a crean-

ça em geral para o caminho de pensamento autonomo "para prazer"; sómente depois que desenvolvemos a sensibilidade affectiva da creança, formação de sempre novos juizos, — podemos estar certos do regular desenvolvimento mental do educando.

Como assignalamos acima, o pensamento, no seu desenvolvimento mais adiantado, passa para a etapa do raciocinio, que representa uma tentativa de poder formar os juizos, cujo elemento existencial não esteja discriminado immediatamente por meio da percepção sensorial, mas decorra de certo agrupamento da experiencia pessoal passada, que substitue o limitado acesso ao phenomeno pensado.

Um esforço collectivo da humanidade, para crear as leis que poderiam assegurar a verdade das phrases (isto é, dos juizos formulados verbalmente), na dependencia das outras phrases consideradas como verdadeiras, achou a sua expressão na criação da logica.

A logica, porém, como sciencia que trata da verdade relativa das phrases, representa já uma essencia abstracta do mesmo processo psychico de julgar, referindo-se aos já promptos resultados dos juizos na fórmula de phrases; a sua analogia com o raciocinio do homem que não sabe da sua existencia repousa sómente na analogia dos fins.

O fim da logica, tanto como o fim de todo homem que raciocina, é a substituição da percepção immediata por um tal agrupamento de conteúdos antes fixados que permita emitir juizos (constatar as existencias) nos casos em que o acesso da percepção sensorial fica impossivel.

Da analogia dos fins provém a analogia das necessidades. A logica, para poder constituir-se foi obrigada a aceitar como axioma a lei da immutabilidade dos termos. Para que um raciocinio logico possa ser feito "A" deve sempre significar "A", isto é, simbolisar a identidade.

O homem que raciocina, querendo empregar a experiencia pessoal passada para poder raciocinar, achou-se em frente da mesma necessidade. Elle teve que achar na sua experiencia pas-



sada taes conteúdos psychicos aos quaes pudesse attribuir o character da identidade e de certa fixidade psychica.

Entretanto, como revelou a analyse acima, as reservas representativas não podem ser, como taes, consideradas como fixas: o mechanismo, pois, da formação das representações, explicado anteriormente, motiva que cada aparição da representação ainda do mesmo objecto, differe das outras, na dependencia do momento, do fundo associativo, da ordem de apparecimento dos elementos discriminados, etc.

O processo, pois, introductivo a cada raciocinio é representado pelo esforço para poder attribuir um character de fixidade aos proprios conteúdos fuidos representativos, transformando-os em *concepções* (ideias).

As concepções são definidas na logica como as representações parciaes ou geraes juntadas aos juizos que definem suas propriedades e qualidades; estes juizos não são de resto pronunciados no raciocinio logico e formulam-se exclusivamente nos casos, em que se precisa demonstrar a verdade do raciocinio.

Do ponto de vista psychologico a definição das concepções differe: em concepção transforma-se para a pessoa que está raciocinando *cada conteúdo representativo que, na sua opinião, ella póde definir, isto é, sobre o qual ella emite sempre o mesmo juizo: "eu posso definir", "eu tomo n'uma significação fixa e definida"*.

O mesmo conteúdo representativo das concepções pode ser de triplice origem. Elle pode ser formado ou pelo conteúdo d'uma representação parcial, (por ex: a concepção d'um cavallo ou d'uma mesa definida), ou pelo conteúdo d'uma representação geral (por ex: a concepção d'um cavallo em geral ou d'uma mesa em geral) ou finalmente nas creanças pelo conteúdo das chamadas *imagens genericas*, isto é, indeferenciados conteúdos representativos, designados muitas vezes de modo inexacto por uma qualquer palavra d'este dominio. Assim, por exemplo, a creança chama, muitas vezes "frio" todos os excitantes thermicos independentemente de serem realmente frios ou quentes.

Devemos agora consagrar algumas palavras á propria questão da existencia das chamadas representações geraes.

A theoria estatica das representações como imagens psychicas dos objectos, conduz os investigadores até á negação da existencia das representações geraes, admittindo, apenas, a existencia das parciaes.

Acceitando a theoria dynamica das representações que as considera como as series dos conteúdos psychicos discriminados na extensão do objecto, achamos logo a explicação da generalisação. Geral se torna o que é commum n'um certo grupo: formando uma representação parcial, construimol-a gradualmente, com o reviver successivamente as unidades discriminadas no objecto. Nada impede, que formando uma representação geral, possamos reviver um certo conteúdo commum a muitos objectos, em conjunctos sempre novos.

A concepção, como notamos acima, nasce desde o momento em que a um conteúdo representativo juntamos o juizo: "eu posso definir". Este juizo refere-se á possibilidade de definir, e não é a propria definição — os erros de raciocinios decorrem muitas vezes justamente da falta da mesma definição.

Do ponto de vista psychologico cada conteúdo representativo ainda que muito complicado, pode transformar-se em concepção; em consequencia disto, cada juizo (que tambem, como notamos acima, é uma representação na qual discriminamos o elemento de existencia) tambem pode ser transformado em concepção do juizo. O juizo "os homens respiram" pode representar tanto um juizo-representação como um juizo-concepção. Isso depende só da intenção do individuo que forma o juizo.

As qualidades das concepções fixadas pela logica são *extensão e conteúdo*. Hamilton formula a lei de que, em importancia, estas qualidades acham-se mutuamente em relação inversa.

Psychologicamente, porém, a lei de Hamilton não acha a sua averiguação. Na logica, pois, "conteúdo" da concepção chamamos a somma dos attributos contida na concepção, "extensão" exprime lá o numero dos objectos que a concepção *pode* abranger. Psychologicamente o conteúdo é representado pela somma dos

elementos constitutivos discriminados, a extensão pelo numero dos objectos que percorremos imaginativamente discriminando nelles o conteúdo commum. Psychologicamente não importa a possibilidade de discriminar n'um numero maior ou menor de objectos mas apenas o real transporte da imaginação nos limites d'um certo numero dos objectos; por causa disso a extensão e o conteúdo não podem ter uma dependencia mutua, podendo independentemente crescer ou diminuir.

O processo de raciocinar começa quando, tomando, de maneira conceptual, um juizo, e aceitando-o como base de raciocinio, o individuo procura achar o elemento existencial e essencial discriminado nelle, nos novos juizos ou excitantes. O conteúdo representativo dos novos juizos forma-se por meio dos mecanismos psychicos analysados acima (de discriminação e associação). A procura para descobrir nelles o elemento existencial entrando no conjuncto dos juizos-bases, representa justamente a essencia do raciocinio. O juizo, cuja formação representa o effeito do raciocinio chama-se *conclusão*. Tomado de maneira conceptual elle torna-se base para raciocinio posterior.

O poder de atribuir aos juizos o caracter das concepções (tanto aos juizos-bases como aos conclusões) permite, segundo as extensões logicas d'elles distinguil-os em raciocinio por *analogia*, por *deducção* e por *inducção*. As restricções, porém, feitas acima e que se referem á significação psychologica da extensão declinam a possibilidade de aceitar esta divisão em psychologia no sentido logico. O pensamento humano conhece apenas uma lei: a da identidade. Si essa identidade junta-se com uma quantidade maior ou menor dos elementos secundarios, si o producto do pensamento praticamente pode abranger uma extensão mais ou menos vasta torna-se psychologicamente indifferente.

Evidentemente, a mesma discriminação da identidade nos phenomenos mais complexos, vastos (com maior extensão) é mais difficil: a inducção, pois, caracteriza as mentalidades mais sensiveis discriminativamente. Em segundo logar temos que collocar o raciocinio por deducção que tambem exige a applicação da discriminação ás proprias bases do raciocinio. Accentúo que,



designando o raciocínio como inductivo ou deductivo temos que basear-nos nas extensões psychologicas (reaes) e não logicas formaes). Por consequencia, muitas vezes uma conclusão formalmente inductiva, realmente tem que ser considerada deductiva e vice versa.

O raciocínio por analogia caracteriza, em geral, o gráo mais baixo de intelligencia da creança sobretudo onde a analogia se basea em repetição exacta dos phenomenos julgados.

A *educação hygienica* das funcções do pensamento, na creança, o desenvolvimento do automatismo, da iniciativa do pensamento, a adaptação delle aos fins da vida pratica, o assegurar-lhe a efficiencia, isto isto é, a exactidão logica representa um dos mais difficeis, é dos mais importantes e constantes problemas de pedagogia.

O conhecimento do mecanismo do pensamento auxilia, para esse fim, no maximo gráo.

O primeiro problema do educador é repor a influencia sobre as reservas concepçoes da creança, multiplicando nos dominios onde queremos desenvolver o seu pensamento, o numero dos conteúdos discriminados, aumentando a reserva das representações experimentadas, o que facilita a possibilidade de abstracção autonoma. Fornecendo para comparação os objectos com differenças insignificantes auxiliamos a differenciação mais adiantada das "imagens genericas", das quaes a creança se serve nos casos da discriminação imperfeita. Ajudando a esclarecer o conteúdo das concepções que são muitas vezes empregadas na vida e crystalisadas verbalmente pela humanidade, tanto por meio dos exemplos fornecidos e definições verbaes, como ligando esse conteúdo com a experiencia pessoal da creança, levamos a creança, em geral, a abranger conceptualmente as proprias reviviscencias representativas.

Cuidando da exactidão logica do pensamento, temos que ajudar a formular e definir taes elementos nos juizos acceitos como base de raciocínio e que devem ser procurados e achados nas conclusões.

Desenvolvemos o criticismo, isso é a procura do contrôlle dos juizos proprios e dos recebidos do ambiente, procurando nelles os elementos conhecidos da propria experiencia da creança.

Exercitamos a creança no argumentar, isto é, no formular verbalmente isso mesmo que, nas bases do raciocinio e nas conclusões do mesmo, a creança considera como elemento existencial identico.

Provocamos, o mais frequentemente possivel, as circumstancias em que a creança possa experimentar os proveitos immediatos do raciocinio, pondo-a em condições que forneceriam a possibilidade da percepção sensorial do que já anteriormente foi por ella considerado por meio de raciocinio como existente.

Em todas as acções pedagogicas, temos sempre que tomar em consideração a lei da influencia dos interesses affectivos sobre a direcção de attenção, como tambem a lei da tonalidade affectiva dos juizos, para que a nossa acção não abuse do esforço do educando, mas prepare somente o terreno para a corrente espontanea da consciencia, na linha por nós desejada. Geralmente, em todas as acções que têm como fim a educação do lado intellectual da creança o educador tem sempre que tomar em consideração o postulado — de não cançar a creança.

A fadiga, então, como já accentuei acima, representa um dos mais importantes agentes que inhihem a possibilidade de cada acção da creança. O appello, pois, tanto do conjuncto do organismo como de um orgão ou de um grupo de orgãos a uma actividade augmentada tem effeitos duplos.

Applicado em gráo temperado, elle augmenta a promptidão da actividade, trilha, por assim dizer, os caminhos psychicos de desenvolvimento, diminue a resistencia que tem que ser vencida em cada mudança phenomenologica, tanto no dominio psychico como organico, creando o que chamamos o habito da revivencia.

Applicado em gráo exagerado (acima do "maximum") elle exgotta as reservas energeticas mais depressa do que o organismo as pode restituir, gasta a energia organica, prejudicando o desenvolvimento, produz no organismo as substancias toxicas

que não somente envenenam immediatamente, mas também impedem de reaccumular a energia perdida.

A dozagem do trabalho intellectual baseada sobre o conhecimento das leis da fadiga, o agrupamento das horas do trabalho e do descanso, a influencia pedagogica por meio da escolha dos brinquedos e do ambiente, representam, pois, os agentes educativos que devem ser tomados em consideração.

### VIDA AFFECTIVA

Passemos agora, á analyse *da vida affectiva* da creança. A affectividade representa o segundo grupo das funções psychicas de relação do organismo com o ambiente. Emquanto os processos sensoriaes representam as reacções parciaes sobre os excitantes physicos do mundo ambiente, — a sensibilidade affectiva representa uma sensibilidade synthetica, global.

O processo affectivo deixa de ser, como a sensação, um concomitante psychico da irritação de um nervo, de um grupo de nervos e do relativo centro cerebral, para se tornar uma expressão psychica do estado geral do organismo e disso que chamamos “tonus” geral do systema nervoso. A vida affectiva, como diz Ward, representa mais “um agente de *existencia* do que de *conhecimento*”, representa a expressão da sensibilidade não diferenciada. Como tal, não pode ser tomada representativamente, não pode, na sua essencia, nem ser intellectualmente representada, nem definida.

Não representando, como os processos sensoriaes, as reacções psychicas sobre as parciaes irritações do systema nervoso, a vida affectiva torna-se a expressão psychica da acceleração, do augmento, do retardamento, da diminuição, ou, finalmente, das perturbações do equilibrio no rythmo e intensidade das funções vitaes.

Não se podem definir intellectualmente os processos affectivos e, por isso, não se pode classificar-os nas bases exclusiva e estrictamente psychologicas, referindo-se á essencia destes pro-



cessos. Temos pois que procurar as premissas classificativas, principalmente na relação das funcções affectivas com as outras funcções psychicas, em as quaes se synthetizam os processos affectivos, e chamando para a divisão fundamental da vida affectiva, tambem, as premissas biologicas geraes.

Partindo das bases biologicas podemos distinguir nos processos affectivos dois grupos: um grupo torna-se o concomitante psychico das mudanças no tempo e intensidade dos processos vitaes, sem atacar o equilibrio organico e sem produzir a necessidade da criação pelo organismo de novas formas de equilibrio (*sentimento*); o segundo grupo acompanha, no psychismo, as reacções physiologicas que representam a expressão da inadaptação momentanea do organismo ás condições do ambiente, e que por isso mesmo correspondem ás mais ou menos duraveis perturbações do equilibrio organico e á formação pelo organismo de novas formas do equilibrio (*emoção*).

Tenho que acrescentar que o termo equilibrio organico não deve ser interpretado como uma ordem introduzida pela tendencia a systematisar o desenvolvimento do organismo, mas exclusivamente como termo que define um facto biologico constatado, qual o do organismo, na sua evolução, manifestar uma auto-defesa, toda vez que se tenta perturbalo nos estados que lhe são proprios, e, além d'isso que, ao passo que conserva certos conjunctos proprios, a outros combate.

As premissas biologicas permitem, pois, como assignalamos, distinguir dois grupos fundamentaes na vida affectiva: os sentimentos e a emoção.

A emoção, como concomitante da desordem momentanea da falta de coordenação, representa um processo unipolar, crescendo desde o zero até o maximo, de modo analogo aos processos sensoriaes.

Os sentimentos, ao contrario, tanto na base das premissas organicas, como nas de relação com as tendencias activas que os acompanham, podem ainda ser divididos em dois grupos mutuamente contrarios: os sentimentos *agradaveis* e os *desagradaveis*.

O *prazer e desprazer* são em geral considerados como os sentimentos elementares.

O caracter, porém, do elemento não condiciona aqui, como na chimica, a identidade do elemento. O elemento representa, aqui, o limite do poder de analysar; cada prazer e desprazer podem ser mutuamente diferentes — sómente as diferenças deixam de ser intellectualmente attingíveis, na sua essencia affectiva, e ficam formuladas ou como varia relação com os processos intellectuaes e volitivos ou como relação com diferentes generos de excitantes externos.

Do ponto de vista biologico, o prazer e o desprazer representam os sentimentos que correspondem ao augmento e diminuição da tensão do tonus nervoso, relacionado, seja, de um lado, com augmento do conjuncto das funções vitaes, (prazer), seja, de outro lado, com a diminuição e afrouxamento destas funções (desprazer).

Psychologicamente, o prazer se junta sempre á volição (tendencia) de conservar e de augmentar este estado, e com a volição de augmentar e apertar o excitante agradável; ao contrario, o desprazer é acompanhado pelas volições negativas, isto é, pelas tendencias para diminuir e enfraquecer o mesmo estado affectivo, para diminuir, destruir, ou afastar o excitante.

O sentimento representa, além disso, o lado continuo da nossa vida psychica; quer dizer, que cada momento do desenvolvimento do organismo fica ou agradável ou indifferente ou desagradável. Este lado do psychismo possui o caracter qualitativo da "bipolaridade", isto é, do antagonismo qualitativo, crescendo desde o maximo negativo (o desprazer maximo) atravessando o zero (indifferença) até o maximo positivo (prazer maximo).

A cada intensidade do sentimento corresponde na relação directa a intensidade das volições que o acompanham; a lei da relação está expressa pela direcção das volições que sempre se dirigem do desagradável ao agradável.

Eschematicamente a lei da relação mutua entre os sentimentos e as volições pode ser representada como se segue:

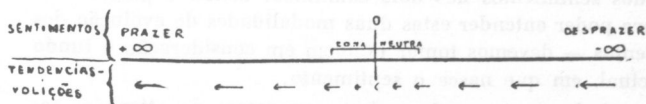


Fig. 5.

A linha de cima representa os sentimentos; as flexas a direcção das volições; o comprimento das flechas — a intensidade das volições. Na zona da indiferença affectiva, isto é, na zona do "0" affectivo, as volições não perdendo a sua direcção — perdem porém a sua intensidade até o grão de não ser conscientes. Por causa disso a indiferença sentimental é caracterizada pela falta das volições. (Ao "0" mathematico corresponde só a direcção da volição com "0" de intensidade).

As volições, que nascem no fundo affectivo, têm que ser distinguidas dos desejos, que incluem em si os fins intellectualmente crystalisados e conscientes. A volição affectiva representa uma tendencia cega ("blind an sich" Pfänder) da descarga activa, tendencia que precede qualquer conhecimento do fim. O mesmo facto, pois, de dirigir-se ao mais agradável, fixado na lei acima citada, muitas vezes não se junta com a consciencia do que é mais agradável.

A existencia das volições, que, como o primeiro impulso da acção, representam já um elemento volitivo, tem que ser portanto accentuada na analyse dos processos affectivos, porque na relação com ellas e na expansão activa, que decorre dellas, basea-se a analyse mais adiantada da vida affectiva.

A falta da coordenação das volições caracteriza as emoções; a coordenação — os sentimentos. As volições positivas acompanham o prazer; as negativas — o desprazer.

Analyzando as formas da descarga activa das volições nos sentimentos, vemos que ellas ou acham uma sahida na acção



coordenada ou, embora presentes, não acham possibilidade de provocar acção. De tal maneira ellas condicionam a mesma evolução dos sentimentos nos dois caminhos: *activo* e *passivo*.

Para poder entender estas duas modalidades de evolução dos sentimentos — devemos tomar tambem em consideração o fundo intellectual, em que nasce o sentimento.

Já anteriormente, analyzing os processos de atenção, accentuámos que a corrente espontanea da consciencia intellectual se dirige sempre aos dominios que correspondem á sensibilidade affectiva.

A primeira acção de atenção no momento de excitação affectiva consiste em dirigir-se sobre o excitante que provoca o sentimento. Nasce, então, um processo *synthetic*: o sentimento juntado á representação do excitante. O individuo, muitas vezes, erra no objecto do sentimento, sempre porém, fórma na sua imaginação a representação do objecto, que considera como fonte do processo affectivo.

Neste momento a relação intellectual com esse objecto condiciona justamente a possibilidade da descarga activa das volições. Quando o objecto fica, na analyse intellectual do individuo, avaliado como accessivel á sua acção, quando a situação da relação com esse objecto parece susceptivel de modificação activa — as volições ligadas com o sentimento adquirem os fins representativos, nascem os projectos de acção e as mesmas acções.

No caminho activo o prazer e desprazer evoluem neste caso como *sympathia* e *antipathia* (no sentido o mais lato destes termos), e o conjuncto intellectual e volitivo, que acompanha, neste caso, os processos elementares do prazer e desprazer, imprime nelles um estygma especial, que faz com que o prazer da *sympathia* diffira do prazer, p. ex., da alegria ou do orgulho; entretanto, a analyse psychologica não pode mais do que constatar a existencia do prazer, não tendo possibilidade de analysar mais aprofundadamente a essencia mesma do elemento sentimental.

A psychologia só pode constatar, que na revivescencia dos sentimentos activos, a imaginação projecta-se no futuro. Os pro-

jectos das acções, a representação das situações futuras caracterizam estes processos.

No fundo intellectual opposto nascem os sentimentos passivos. Quando a atenção dirigida sobre a representação do excitante affectivo não descobre nella o accesso para a nossa acção, quando a causa do sentimento é considerada inacessivel para nós, como fatal e não susceptivel de ser modificada, nesses casos as volições acordadas pelo sentimento não acham os fins reaes, ficam para sempre "cegas", e os sentimentos evoluem no caminho passivo.

Neste caminho o prazer e desprazer transformam-se em *alegria e tristeza*.

Conservando a essencia sentimental do prazer e desprazer, a alegria e a tristeza, no seu fundo intellectual, representam a plena antithese da *sympathia* e *antipathia*. Em logar das acções — apparece passividade, (ou acção que serve só como descarga energetica, sem influir sobre o excitante) falta de projectos, transporte da imaginação para o passado sobre os factos acontecidos — tudo contrariamente ao que a *sympathia* e *antipathia* provocam.

Todos os outros sentimentos nascem já como syntheses da relação mais ou menos activa ou passiva com os differentes conteúdos discriminados pelo individuo no excitante. Assim, a piedade representa uma synthese da tristeza com a *sympathia*, o orgulho — synthese de alegrias provenientes de differentes fontes, etc.

Um momento muito importante na analyse dos sentimentos, para o psychologo, é a relação mais ou menos fixa do apparecimento de certos sentimentos definidos com definidas condições praticas.

Não existe a coragem sem perigo, não existe a saudade sem distancia (talvez imaginada) não ha medo sem falta de conhecimento do excitante.

Muitas vezes o psychologo não pode entrar mais profundamente no character qualitativo do sentimento, limitando-se a

constatar que um certo dominio representativo provoca sempre num determinado individuo qualquer sentimento.

Nestes casos limitamo-nos a verificar que a creança é sensível ao dominio dado, isso quer dizer que tudo que pertença a este dominio evoca o sentimento; este ultimo pode ser quantitativa e qualitativamente diverso. Uma creança, p. ex., que é sensível á representação do seu pae ou de sua mãe, poderá igualmente sentir tanto alegria como amor, tanto tristeza como raiva, medo, saudade, etc., cada vez que entre em communicação com o pae.

Os conjunctos representativos a que a creança é affectivamente sensível, chamamos os seus "*complexos affectivos*". Em sentido mais largo, a palavra "*complexo*" emprega-se, tambem, para designar os mesmos sentimentos revividos como reacções aos complexos representativos.

Para facilitar a orientação nos problemas da vida affectiva, permitto-me juntar a tábua que se segue:

VIDA AFFECTIVA			
SENTIMENTOS (Processos coordenados)		EMOÇÕES (falta de coordenação)	
PRAZER		DES PRAZER	
(augmento e aceleração das funções vitaes)		(diminuição e retardamento das funções vitaes)	
<i>Sympathia</i>	<i>Alegria</i>	<i>Antipathia</i>	<i>Tristeza</i>
(processos activos; excitante introspectivamente definido como acessível; projecção da imaginação no futuro).	(processos passivos; excitante introspectivamente definido como inacessível; projecção da imaginação no passado).	(como em alegria)	(como em sympathy)
COMPLEXOS.			
PROCESSOS SYNTHETICOS E CIRCUMSTANCIAES			



O papel da vida affectiva no conjuncto do desenvolvimento psychico não deve ser desprezado e o hygienista e o pedagogo devem consagrar a estes processos esforços educativos especiaes.

A opinião de muitos pedagogos, e até de psychologos, de que a sensibilidade affectiva representa uma manifestação de inferioridade organica, que como tal tem que ser combatida, assim como a de que o raciocinio e o pensamento têm que se libertar da influencia dos sentimentos, é profundamente errada.

Como premissa desta opinião, é, quasi sempre, invocada a constatação de que os sentimentos e, principalmente, as emoções affectam o equilibrio evolutivo do organismo, e que a sensibilidade affectiva, destruindo esse equilibrio, deve ser diminuida pela educação.

Permitto-me, porém, lembrar que o desenvolvimento ideal do organismo não é representado por equilibrio fixo, automatizando a evolução, mas que, ao contrario, o caracter creador da evolução decorre justamente da descarga das reservas creadoras do organismo com o resultado de acharem-se sempre novas formas de equilibrio melhor adaptadas á instabilidade do mundo ambiente.

Os sentimentos, pois, e as emoções, como expressão psychica da relação synthetica do individuo com o mundo ambiente, tem papel importante nos processos de adaptação e organico-creadores.

No dominio da vida intellectual elles influem sobre a escolha dos caminhos evolutivos intellectuaes, dirigindo a atenção espontanea.

A influencia do educador sobre a vida affectiva da creança representa um dos mais difficeis problemas da pedagogia e hygiene mental.

O exercicio, o habito, tão efficazes como methodos educativos no dominio intellectual, applicados á vida affectiva provocam resultados contrarios aos da vida intellectual. Em vez de desenvolver — destroem, em vez de augmentar — diminuem.

A influencia inhibitiva do habito, no dominio affectivo, representa o effeito natural do caracter integral das reacções neste

domínio. O organismo, no qual o excitante rompe o equilíbrio, provocando a necessidade de procurar nova forma de equilíbrio, arma-se, por assim dizer, creando esta nova forma, contra a repetição do excitante analogo.

A reacção restitutiva ultrapassa a acção do excitante, forma como que uma cicatriz, uma tumescencia no logar atacado, insensibilizando-o para o futuro.

O habito affectivo, pois, age em geral no sentido de diminuir, e pedagogicamente, só pode ser applicado, quando é preciso diminuir o desprazer provocado pelo contacto d'uma excitante educativamente — util, mas desagradavel.

O augmento dos sentimentos pela repetição de certos excitantes só pode ser obtido nos casos, em que no excitante a creança pode discriminar sempre novos conteúdos. Praticamente chamamos este excitante — analogo, repetido; psychologicamente, porém, elle vai representar uma série de excitantes sempre novos num determinado dominio pratico.

A creança que gosta de musica, gostará ainda mais della, se nós fornecermos a esta creança sempre novos excitantes musicaes ou se lhe ensinarmos — a descobrir as novidades nos excitantes parcialmente conhecidos; se, porém, repetimos “ad infinitum” a mesma melodia, na qual a creança já não seja capaz de descobrir um elemento novo — o sentimento de aborrecimento e depois de repulsão deve fatalmente substituir o gosto primitivo.

Consequencias analogas, temos que as aceitar como indicações pedagogicas, toda vez que queremos despertar os interesses affectivos da creança num dominio definido: não repetir a mesma cousa, — ensinar a descobrir novidades, eis o segredo de despertar os sentimentos.

Para realizar este fim temos que demonstrar as relações pensadas entre qualquer dominio a que a creança já é affectivamente sensivel com o conteúdo para o qual queremos acordar a sensibilidade. Quando uma vez, seja com o fornecer a possibilidade

de formar juizos (vide a lei de tonalidade affectiva dos juizos), seja por meio da evocação de um prazer immediato sensorial, interessamos a creança por um definido conteúdo, temos conseguido o mais difficil. Depois, é preciso, sómente procurar augmentar e manter o sentimento, fornecendo os conteúdos novos pertencentes ao mesmo dominio, para despertar as tendencias volitivas de dirigir para elle a attenção espontanea e a actividade.

O dominio importante em educação é a nivelção e destruição dos sentimentos cujo desenvolvimento prejudica a creança.

Os vicios, as perversões de gostos affectivos, os sentimentos sexuaes prematuros (ligados com o instincto sexual) exigem muitas vezes a intervenção do educador para os afastar.

A evocação da indifferença affectiva por meio da repetição não attinge nesses casos o effeito desejado; a creança, pois, acha por si mesma os conteúdos sempre novos no excitante repetido, embora apparentemente identico; além disso, por ex., no caso dos vicios, o organismo, accomodado para certos excitantes viciosos, emprega o excitante para a satisfação da falta organica creada pelo vicio.

A nivelção, pois, de taes sentimentos só pode ser attingida com o afastar a attenção, a imaginação e a actividade infantil dos dominios prejudiciaes. Tal afastamento como já accentuamos na analyse da educação da attenção — não se pode realisar por meio da prohibição; a substituição representa aqui o unico methodo educativo. Depois de ter acordado os interesses affectivos num outro dominio, temos que provocar a mais intensiva possivel actividade intellectual e pratica neste dominio, occupar nelle a attenção, gastar as reservas da energia activa: deste modo mediato repellimos a possibilidade de pensar e agir no dominio indesejado.

O minimum, o optimum e o maximum, em relação com a affectividade teem que ser analysados num triplíce ponto de vista:

1) — em relação com a intensidade immediata das manifestações affectivas,



2) — em relação com a maior ou menor durabilidade destas manifestações,

3) — em relação com o numero dos excitantes que são capazes de provocar os processos affectivos.

Como problema adicional temos ainda de nos occupar da relação mutua entre a sentimentalidade e a emotividade no conjunto das funções affectivas.

O excitante affectivo, agindo em primeiro momento, provoca, pois, em geral o sentimento e a emoção. Esta ultima, na evolução natural do processo affectivo, desaparece primeiro — é “abreviada” (*abrégié, abreagiert*) no começo; depois, progressivamente nivela-se a irritação sentimental.

Occupando-nos então da durabilidade das reacções affectivas, cumpre não esquecer de tomar em consideração a durabilidade relativa dos sentimentos e das emoções.

Quando as perturbações do equilibrio, provenientes da emoção, tomando o aspecto pathologico, impossibilitam a descarga coordenada das tendencias ligadas com o sentimento — o educador tem que inclinar a creança para acção coordenada para com o excitante, ajudando a “abreviar-se” normalmente o processo affectivo.

Como seguinte problema educativo apparece a influencia sobre o caracter qualitativo dos sentimentos. Como assignalamos acima, a sensibilidade sentimental evolue nos dois caminhos principaes: caminho activo (*sympathia — antipathia*) e caminho passivo (*alegria — tristeza*).

Accentuamos tambem que a evolução activa ou passiva do prazer e desprazer em cada caso separado depende no gráo importante da relação intellectual com o excitante e da possibilidade de descobrir intellectualmente os fins para as volições cegas evocadas pelo sentimento.

Emquanto, pois, a impossibilidade de agir não decorre do facto de ser a creança impossibilitada pelas condições externas

(proibição, debilidade organica, doença, etc.) podemos fixar a these de que "ceteris paribus" a inclinação para experimentar *sympathia* e *antipathia* caracteriza ás individualidades superiores que têm inclinação para alegria e tristeza.

Todo individuo que experimenta um sentimento "quer" agir — nem todo porém, sabe e pôde agir. A falta de saber e poder provoca a passividade e difficulta a reacção normal do mesmo sentimento.

Por causa disso, o educador tem que mostrar á creança passiva, mais susceptivel á alegria e tristeza, os caminhos de acção possivel em relação com os excitantes affectivos. Desta maneira elle attinge a modificação do mesmo sentimento mudando a tristeza em *antipathia*, a alegria em *sympathia*.

A mesma indicação tem que ser applicada aos sentimentos compostos, onde precisa tambem accentuar as possibilidades activas demonstrando os modos e as possibilidades de acção impercebidas pela creança.

Como uma necessidade pedagogica, tambem se deve ter o cuidado de que a creança não reviva os seus processos affectivos de maneira demais escondida. A possibilidade de manifestar verbalmente os sentimentos, a possibilidade de confessar ás pessoas, que a cercam, o sentimento experimentado, constitue agente educativo importante, que auxilia tanto a evolução normal dos processos affectivos como a influencia do educador sobre taes processos.

Por isso o possuir a confiança e a *sympathia* da creança torna-se condição indispensavel para poder exercer qualquer influencia affectiva sobre o educando.

## VONTADE

O ultimo grupo dos phenomenos psychicos a serem tomados em consideração, nas indicações hygienicas é representado pelos processos da *vontade*. A vontade, como capitulo de psychologia, representa o conjuncto das diversas funcções, que acompanham a acção consciente do individuo. A este conjuncto pertencem,

tanto os processos idiogeneticos, isto é, diferentes dos phenomenos intellectuaes e affectivos, como as funcções intellectuaes e affectivas acima analyzadas.

As premissas praticas, sob forma de valor social de acções humanas, deram margem a que os phenomenos da vontade fossem, na psychologia, tratados em conjuncto, embora fosse mais justo analizar exclusivamente os seus elementos idiogeneticos.

A sciencia subordina-se, aqui, ás exigencias da vida pratica. Portanto a hygiene, que procura applicar praticamente a sciencia, deve dirigir-se pelo mesmo caminho.

Conhecemos acções humanas de triplice caracter: 1) os reflexos, 2) as acções instinctivas, 3) as acções voluntarias. As primeiras duas categorias não representam ainda os processos voluntarios e, como dependem mais da estrutura organica do individuo, do que do seu psychismo, podem aqui ser tratadas superficialmente.

"*Reflexo*" chamamos uma reacção motriz dum musculo ou dum grupo de musculos a uma excitação mechanica ou chimica local.

Graças á adaptacão e ao habito, os reflexos surgem, por vezes, como reacções organicas motrizes na relação com excitante psychico, juntando-se habitualmente ao excitante mechanico ou chimico, p. ex. (salivação durante o representar a comida). Entretanto, o mesmo movimento pode transformar-se, ou não, em objecto de consciencia, e o seu apparecimento depende exclusivamente das propriedades organicas e não acarreta a necessidade de funcionamento das funcções psychicas.

"*Instincto*" chamamos ás reacções que possuem já um certo gráo de consciencia, dependendo portanto exclusivamente das philo e ontogeneticas qualidades do organismo; o mesmo movimento na sua genese não se junta ali com a consciencia da causa ou do fim — o instincto age, porque tem que agir graças á estrutura organica.

Claparède resume as diferenças entre instinto e reflexo na tabua seguinte:

REFLEXO	INSTINCTO
MOVIMENTO PARCIAL	ACTO GLOBAL
Rigidez: independência mutua dos diferentes reflexos.	Elasticidade: dependência mutua (lei do proveito momentaneo).
Independência de disposição interna.	Necessidade de disposição interna.
Não plastico, não mental.	Mais ou menos plastico, mental.
Limitado á resposta ao "stimulus".	Sobrepasa a resposta ao "stimulus".
Reacções simples.	Reacções coordenadas.
"Stimulus" específico.	"Stimuli" secundarios, podendo, pela experiencia associativa, substituir os primeiros (1).

Como nos mostra a tabua acima citada, tanto os reflexos como os instintos, dependendo exclusivamente das propriedades organicas da creança, não encontram applicação educativa no conjuncto da hygiene *mental*, em sentido estricto. Elles podem ser tomados em consideração somente como terrenos organicos mais ou menos favoraveis á accção educativa das funcções psychicas.

Como actos voluntarios definimos acções que, tanto na sua *genese*, como na execução, são acompanhados por certo gráo de consciencia. Este ultimo permite descobrir nelles a cadeia causal dos momentos successivos durante a execução do acto.

O inteiro acto da vontade representa os momentos successivos seguintes:

- 1) — volição (tendencia) affectiva.
- 2) — desejo.
- 3) — avaliação do fim do desejo.
- 4) — decisão.
- 5) — volição actualisada de valor (proveniente da decisão).

(1) O ultimo criterio fixado por Claparède, — em vista dos trabalhos da escola de Pawlow sobre os reflexos condicionaes (Zielonyj, Bielakow, Orbeli, Toporow, Machowski, Krzyckowski, Zawadzki, etc.) não me parece poder ser adoptado como distinctivo; vide Radecki: *Psychologia da vontade*.



- 6) — sensações de accomodação.
- 7) — esforço (sensações de accomodação + volição de valor).

Vamos agora analizar successivamente as etapas evolutivas do acto da vontade para poder formular indicações hygienicas e educativas decorrentes dessa analyse.

Temos que começar por accentuar que a serie das etapas acima formulada, não apparece sempre inteiramente num acto de vontade. Muitas vezes, este acto é influenciado pela intervenção externa, que fornece um projecto já prompto. Nestes casos faltam as duas primeiras etapas e o individuo começa pela avaliação do projecto. Nos outros casos a mesma execução não acha lugar, embora a acção tenha sido resolvida. Nossa analyse então abrangerá a totalidade theorica do acto da vontade, totalidade que *póde* mas não *deve* entrar em jogo durante um acto volitivo.

Como primeira fonte de acção futura serve a *tendencia affectiva* que apparece no fundo da excitação affectiva actual. Já anteriormente formulei a lei de relação mutua entre os sentimentos e as tendencias affectivas. Taes tendencias tornam-se, por assim dizer as manifestações centrifugas dos sentimentos, as primeiras volições de descarga energetica activa, nos momentos em que ainda nem o fim nem os meios para attingir este fim são conscientes para o individuo.

A volição affectiva fica, como accentuámos acima, cega em si mesma (blind an sich-Pfänder) e somente depois se transforma em desejo, isto é, junta a tendencia cega de agir com a representação do fim da acção.

A aparição das volições fica intimamente ligada á sensibilidade affectiva: a educação e a influencia hygienica não tem aqui outro caminho para agir, fóra o de se basear na educação da sensibilidade affectiva.

No fundo dos sentimentos agradaveis nascem as assim chamadas volições positivas (tendencies attractivas) no fundo dos sentimentos desagradaveis as volições negativas (tendencies repulsivas).

Temos tambem que accentuar a necessidade de cuidar do lado organico da creança, para que a reserva energetica no organismo, que acha a sua descarga em acções, seja sufficiente, e não excedente. O nivel geral, pois, da irritabilidade das volições diminue durante o esgotamento e a fadiga, e cresce muito durante o accumulho excessivo das reservas energeticas organicas.

A posterior transformação da volição cega em *desejo consciente* realiza-se com o dirigir a atenção espontanea sobre o excitante affectivo, com o descobrir nelle, pela discriminação e associação, os conteúdos que encerram as representações dos fins das volições anteriormente cegas.

A duração desta etapa é muito variavel. A's vezes, a volição, já no momento do seu apparecimento, liga-se com o fim definido, e transforma-se logo em desejo; — nos outros casos, a evolução se faz mais devagar, e os fins do desejo elaboram-se muito tempo.

A etapa do desejo é a que põe em jogo a representação da futura acção volitiva.

O individuo quer fazer alguma cousa, e isso que elle quer, se desenha na sua imaginação como representação de acção futura.

Temos porém de accentuar que a transformação das volições em desejos não é o exclusivo modo de apparecer dos projectos das acções. Muitas vezes estes projectos nos são fornecidos de forma já prompta pelo ambiente, ou como reaes imagens das acções, a que assistimos, ou como effeito da narração, pedido, ordem recebida, persuasão ou suggestão das pessoas que nos rodeiam.

O terreno para acção higienica e educativa torna-se aqui quasi illimitado. A selecção dos projectos fornecidos na linha de saude e da utilidade social, o "bom" exemplo, etc., entregam na mão do educador a arma para poder influir sobre a actividade da creança por meio de evocar na sua imaginação os projectos de acções pedagogicamente desejaveis.

A representação da acção futura, desde o momento da sua formação, começa a ser *avaliada pelo individuo*, e o mesmo processo de deliberação, duvida, raciocinio, que precedem a resolução, não representa nada mais do que a avaliação do projecto.

A duração deste processo é muito variavel. A's vezes, elle se passa num instante, quase imperceptivelmente, para as pessoas do ambiente e para o mesmo individuo que avalia; — ás vezes, a decisão é antecedida pela avaliação do projecto multilateral, consciente que dura horas, dias e talvez annos. Sobre o que repouza uma tal avaliação? Ella representa a procura e discriminação no projecto da propria acção futura dos valores positivos e valores negativos. A prevalencia dos primeiros provoca a decisão de agir, a prevalencia dos segundos — a decisão de não agir.

Temos agora que analysar dois problemas; 1) a noção do *valor*, do ponto de vista psychologico; 2) os mecanismos psychicos, pelos quaes o valor pode ser descoberto no projecto da propria acção futura.

O termo "*valor*", como problema da funcção psychica, tem que ser psychologicamente analysado, exclusivamente como formação do processo psychico, e não deve ser confundido com a avaliação dos processos psychicos por psychologista.

A psychologia, pois, como tal, não se preoccupa (como p. ex. a ethica e a esthetica) com a avaliação do material investigado, mas, unicamente, procura estabelecer o fundo causal das funcções, e fixar as leis que dirigem o apparecimento e desenvolvimento dellas.

Nesse intuito os valores podem ser definidos como concepções elaboradas pela experiencia pessoal do individuo, e que são para elle como symbolos conceptuaes dos conteúdos representativos que no seu effeito final augmentam o prazer e a felicidade do mesmo individuo.

Em outros termos, o valor representa uma intellectualização do sentimento, não se tornando, entretanto, o symbolo do prazer immediato, mas somente expressão da consciencia de que — um conteúdo considerado valioso, embora immediatamente desagra-

vel, vae no effeito final provocar o augmento do prazer e da felicidade.

Assim, p. ex., uma creança para a qual o esforço de estudar é muitas vezes immediatamente desagradavel, estuda entretanto voluntariamente, apreciando que os resultados do estudo augmentarão no futuro a sua felicidade pessoal.

As concepções de valor representam, então, as ligações, re-experimentadas no passado, entre certos conteúdos representativos e a propria sensibilidade affectiva — os valores ethicos, estheticos, economicos, sociaes, altruisticos, egoisticos, etc., formam-se na creança como consciencias de que um tal, ou outro, conteúdo representativo, vae conduzir ao apparecimento do prazer decorrendo dos seus mais ou menos mediatos effeitos.

A escolha dos valores e as modalidades delles são inteiramente subordinadas da sensibilidade affectiva no passado. A possibilidade de experimentar um prazer ligado a um sacrificio em proveito de outrem condiciona a formação e a applicação posterior dos valores altruisticos e sociaes, a sensibilidade sobre a belleza crea os valores estheticos, a sensibilidade sobre os excitantes pessoas junta a falta de sensibilidade sobre o que affecta os outros homens — provoca a formação dos valores egoisticos, etc.

Todas as relações sociaes baseam-se sobre o que é acceto pelo meio de accôrdo com definidos valores que normalizam a actividade dos individuos.

As regras da moral religiosa, o codigo penal, as leis tradicionaes, etc., não são outra cousa mais do que os extractos formulados dos conjunctos de valores, que cada pessoa é obrigada a observar na sua vida particular e collectiva além dos valores elaborados pela experiencia individual.

Onde quer que a collectividade social ou o governo opere com a força exercida sobre os subordinados, elle deve poder impôr os valores negativos no caso de não obedecerem ás suas ordens. O castigo representa neste caso o valor negativo que cada individuo tem que tomar em consideração na deliberação das suas acções.



Os valores introduzidos pelo educador na vida da criança além do castigo utilizam a autoridade do educador, isto é, a fé da criança de que os valores fornecidos pelo tutor vão aumentar sua felicidade, embora a criança pessoalmente não tenha experimentado tal aumento no passado.

Tudo que foi estabelecido anteriormente relativamente á influencia da educação sobre a criação das concepções acha a sua mais vasta applicação pratica na influencia exercida pelo educador sobre a formação na criança das concepções de valor.

Taes concepções são tambem psychologicamente caracterizadas pela *relação com tendencias de realisar acções*, que subjectivamente avaliamos como contendo valor positivo. Porém, a volição decorrente dos valores percebidos differe da volição affectiva.

Esta ultima, como observámos acima, é uma tendencia cega que na sua direcção equal leva do immediatamente desagradavel ao immediatamente agradável representando por assim dizer expressão centrífuga do sentimento. A volição que decorre da consciencia de valor fica já antecedida pela representação do seu fim — e dirige-se não para o que é immediatamente mais agradável mas para o que o individuo de accôrdo com a sua experiencia passada ou com sua fé, julga que no futuro talvez afastado vae causar o aumento da felicidade.

As concepções de valores negativos provocam as analogas volições negativas — volições de não realisar as acções cujos projectos são avaliados como contendo valores negativos.

O processo de deliberação, que antecede a decisão, representa como fixamos acima, uma procura dos valores positivos e negativos na sua representação.

Temos que accentuar os dois factos nesta procura: 1) a representação de acção futura não é nunca avaliada como uma acção abstracta do individuo que vae agir, mas, sempre, como acção nossa; consideramo-nos agente no futuro, e, nunca, pensamos em character abstracto da acção; 2) graças a isso muitas vezes a actual disposição affectiva é considerada e tratada como valor, cobrindo os outros valores como o meio de dirigir a atten-

ção sobre o elemento immediatamente affectivo, e desviar a atenção dos outros conteúdos, ligados com valores que não contêm o character affectivo actual; (acções impulsivas).

Por causa disso é desejavel acostumar as creanças a resolver as acções “a frio”, quer dizer, no momento do equilibrio affectivo, para que não vão omitir devido á irritação affectiva, aquillo que ellas queriam tomar em consideração.

O mesmo processo psychico — de investigação dos valores, na representação de acção futura, é um phenomeno puramente intellectual, e utiliza os mecanismos intellectuaes acima analyzados transformando-se, ou em discriminação, ou em associação, percepção, juízo ou raciocinio. Como todo processo intellectual, a deliberação da acção faz entrar em jogo, tanto os mecanismos conscientes, como os sub e inconscientes — a decisão final representa o resultado synthetico das conscientes e subconscientes funcções preparatorias.

O character, ás vezes muito complicado desta etapa faz que ella forneça o mais vasto, mais commodo e optimo terreno, para influencia hygienica e educativa.

Os meios de influencia do educador tornam-se: 1) o informar; 2) o ordenar; 3) o pedido; 4) a persuasão; 5) a suggestão.

O *informar* representa um caminho o mais neutro, por assim dizer — elle repousa somente no facto de fornecer verbalmente, ou por meio de exemplo a creança as noções de valores ou consequencia de eventual acção, que a creança não percebe, e cuja existencia revelada por informação influe sobre a decisão. Neste caso, o educador ajuda só a descobrir os valores que por qualquer causa são occultos para a creança.

A *ordem* representa já a introdução dum novo valor artificial. Dar ordens só o pode fazer quem tem poder de introduzir o valor negativo do castigo, isto é, do desprazer ligado com o eventual desobedecer á ordem. Na educação, a ordem tem um papel muito importante: a creança não pode sempre avaliar a utilidade ou o prejuizo das suas acções, a obediencia, pois, e o rigor representam agentes indispensaveis na pedagogia. A applicação da ordem não deve entretanto ultrapassar certos limites — o abuso

deste meio pedagogico destroe o caracter autonomo da creança, mata a iniciativa e prejudica o desenvolvimento normal. E' muito vantajoso pôr a creança muitas vezes na situação de poder immediatamente averiguar os proveitos provenientes do facto de cumprir a ordem recebida — isto é, não sómente o proveito sob forma do premio conferido pela obediencia, mas sobretudo sob forma de poder experimentar o proveito decorrente da mesma acção ordenada. Tal averiguação augmenta a confiança na razão das ordens e desenvolve a disciplina espontanea ao rigor e exigencias do educador.

O *pedido* faz entrar em jogo os valores que decorrem da relação da creança para com o educador, e consistem em accentuar o desprazer que sente o pedinte no caso de recusa do seu pedido. O desprazer duma pessoa querida representa já para a creança um valor negativo, que ella toma em consideração avaliando o projecto tanto mais, quanto mais *sympathica* é a relação que a liga com o educador.

A *sympathia* e a confiança da creança tornam-se pois, condições indispensaveis para a acção effectiva do pedido. A confiança baseada na *sympathia*, faz que a creança não sómente evite o desprazer que poderia provocar na pessoa *sympathica*, mas acredite (isto é, julgue) que o conteúdo do pedido é importante embora pessoalmente não lhe perceba o valor.

A *persuasão* é uma apresentação e revelação dos caminhos do raciocinamento, que conduzem para tal ou outra avaliação do projecto de acção. Como já accentuamos acima, o valor da acção futura formula-se para a creança tanto por meio de discriminar e perceber directamente, como pelo mechanismo do raciocinio. No seu raciocinio a creança pode avançar por differentes caminhos, pode tomar em consideração taes ou outras premissas. E é aqui que a influencia persuasiva do educador acha a sua applicação. A demonstração dos erros de raciocinio, o auxilio para perceber como premissas de avaliação do projecto taes ou quaes consequencias imprevistas, o auxilio para formular pelo raciocinio os novos valores, — tudo isso pertence ao dominio de persuasão que se torna assim não sómente um dos mais potentes



agentes educativos, mas tambem um agente que normaliza as acções humanas no convívio social.

O ultimo modo de influir sobre a decisão da creança reside na *sugestão*. Este termo é usado pelos psychologos em significação muito variavel.

Antes, pois, de passar á analyse da applicação educativa deste procedimento, temos de acrescentar que sob a palavra *sugestão* entendemos "a consciente ou subconsciente influencia exercida sobre a sub ou inconsciecia de outra pessoa".

Como já estabelecemos acima, a vida intellectual não é uniforme sob o ponto de vista do gráo da consciencia que abrange as proprias funcções intellectuaes.

O foco e a franja collaboram em cada processo intellectual — em consequencia d'isto os processos intellectuaes da deliberação podem tambem ser mais ou menos conscientes e cada decisão representa o effeito tanto dos processos focaes como dos franjaes.

Muitas vezes as decisões inesperadas para o mesmo individuo que as toma, decisões que parecem contradizer a avaliação consciente do projecto representam o effeito da descoberta sub ou inconsciente dos valores tambem não definidos nem formulados conscientemente.

As vezes tambem um complexo affectivo subconsciente influe sobre a selecção dos valores conscientemente applicados, dirigindo a attenção espontanea a uns dominios e desviando-a dos outros em que o individuo poderia tambem achar os valores applicaveis á avaliação.

Em uma palavra, os papeis do fóco e da franja completam-se mutuamente.

A persuasão representa, como vimos, uma acção educativa, que na sua intenção visa os processos focaes da creança. Evidentemente ella não ataca exclusivamente o fóco, agindo tambem sobre a franja — porém o intuito primordial é transferido na acção sobre a critica e plena consciencia da pessoa a quem applicamos a persuasão.

De outra maneira age a sugestão. Já na sua intenção ella visa a sub-consciencia da pessoa suggerida. Suggestando, queremos



sempre introduzir no psychismo do suggerido os conteúdos não percebidos conscientemente por elle, conteúdos não controlados, cuja origem não é comprehensivel para elle.

Praticamente cada persuasão contem em si os elementos suggestivos (a confiança na pessoa que está persuadindo, intonação e mimica da mesma, etc.) que muitas vezes desempenham papel não menos importante do que a persuasão mesma: querendo persuadir — suggestionamos, porém nestes casos a suggestão não repousa nas intenções da pessoa que suggestiona e é empregada por ella inconscientemente.

A suggestão applica-se por differentes meios; podémos entretanto dividir a acção suggestiva em dois grupos: *em suggestão applicada ás pessoas no estado de vigilia e em suggestão hypnotica.*

No primeiro grupo devemos incluir aquellas suggestões, onde a influencia sobre a decisão se basea na entrada na franja ou excitação de conteúdos ou mechanismos franjaes, dos quaes o individuo suggestionado não se dá conta.

Uma nomeação feita de proposito (apparentemente accidental) de um acontecimento ou um nome que deve evocar na mentalidade da creança, que avalia a sua acção futura, uma associação ligada com a avaliação; a irritação de um complexo affectivo, conhecido para o educador, que dirige a attenção espontanea sobre os conteúdos que elle quer evocar; um desvio de attenção dos agentes que poderiam evocar a procura dos valores indesejados para o educador; uma accentuação da importancia nas outras acções analogas dos valores, cuja descoberta no projecto de acção futura queremos provocar; uma teimosa repetição de definidas proposições não motivadas, que o suggestionado aceita sem critica — eis alguns exemplos da innumeravel escala das influencias, que atacando em primeiro logar a franja, pertencem á suggestão na vigilia.

A suggestibilidade dos individuos humanos é mui variavel. Em geral, tanto as creanças como os adultos que, tomando decisões, se baseam nos proprios motivos inconscientes, que chamam a franja privada de critica para um papel até mais importante

que o desempenhado pelo foco provido de critica, tornam-se por isso mesmo mais aptos á suggestão.

O estado psychico, em que attingimos a possibilidade de agir immediatamente e exclusivamente sobre a subconsciencia de uma outra pessoa é representado pela *hypnose* do suggestionado.

*Hypnose* representa o estado no qual o foco de consciencia do hypnotisado se diffunde, por assim dizer, desaparece, e a franja age exclusivamente. Graças a este facto, tudo que dizemos ao hypnotisado é acceito por elle sem critica. Do mesmo facto decorre a obediencia do hypnotisado ás ordens do hypnotisador.

A hypnose pode ser provocada por meio dos excitantes sensoriaes monotonos, pobres em conteúdo e, ao mesmo tempo, affectivamente tonalisados.

O hypnotisador ou olha nos olhos da pessoa que quer hypnotisar, ou applica um excitante auditivo monotono (gong, ruido de agua que cae) ou os chamados "passes" isto é, os monotonos excitantes tacteis.

No caso de chegar elle, antes de começar a hypnotisação a interessar affectivamente o individuo que quer submeter á hypnose, para o excitante monotono applicado — o adormecer apparece mais depressa.

Lembrando agora o que foi estabelecido relativamente ao caracter fluido de consciencia humana, não achamos difficuldades para interpretar e explicar a apparição do estado da hypnose.

Quando, pois, graças ao acordado interesse affectivo a attenção espontanea se concentra na excitação sensorial, pobre em conteúdo e monotona, ficam então discriminadas neste conteúdo todas as "unidades" subjectivas, isto é, elementos constitutivos subjectivos da pessoa que concentra a attenção.

Desde o momento que a pessoa, que queremos hypnotisar, cessa de poder descobrir no excitante os novos conteúdos ella volta imaginativamente para repetir na imaginação os conteúdos ultimamente discriminados não podendo graças ao acordado interesse affectivo desviar attenção espontanea do conjuncto do excitante. Começa então um movimento da attenção na extensão dos conteúdos discriminados no pobre e monotono excitante, e

reviviscencias repetidas dos mesmos elementos, que se repetindo sempre mais depressa, na corrente da consciencia, cançam o foco e conduzem a seu progressivo apagamento.

No momento em que o cançado foco desaparece — a hypnose está realisada — tudo que dizemos ao hypnotisado, e tudo que o hypnotisado nos responde representa o effeito exclusivo dos processos franjaes — sub e inconscientes.

Depois de acordar, o que se realisa, somente por meio da permissão do hypnotisador, toda a etapa de hypnose é submettida a amnesia (como privada da fixação mnemonica focal). Assim, podemos aproveitar da hypnose para ordenar á subconsciencia certas acções ou inclinações futuras, suggestionando-as como acções que depois o nosso paciente define como nascidas da sua propria iniciativa.

A hypnose na hygiene mental tem, porém, que ser applicada rarissimas vezes e com muita precaução, limitando a sua applicação á luta com acções criminosas, e vícios especialmente prejudiciaes.

Tornando possivel um accesso momentaneo para a subconsciencia da creança a applicação della ameaça de consequencias muito sérias.

Como notamos acima, a relação mutua dos papeis desempenhados pelo foco e pela franja, no conjuncto geral da vida intellectual, e particularmente na avaliação intellectual dos projectos de acções, se faz num certo equilibrio, que, como todo equilibrio biologico, não pode ultrapassar os limites do normal (vide: *minimum, optimum e maximum*). Este equilibrio é atacado, tanto nos casos, em que o foco serve como terreno quasi exclusivo, preparador á futura acção, com emprego quasi nullo das funções subconscientes, como nos casos em que toda avaliação do projecto se torna quasi exclusivamente franjal, e o individuo não se dá conta porque age de tal maneira, e não de outra forma.

E, então, o abuso da suggestão produz, não somente as respectivas introduções dos agentes inconscientes na direcção desejada, mas tambem, (e aqui está o perigo de applicação da hypno-



se) augmenta em geral o papel da subconsciencia, em prejuizo da consciencia no conjuncto geral da vida do educando.

A creança, que muitas vezes está submettida á suggestão, é ameaçada de se tornar desequilibrada na relação mutua entre o foco e a franja — pelo facto de excitar de mais a actividade da franja com prejuizo de actividade focal.

A influencia suggestiva deve, por isso, ser reduzida ao minimo, e permittida só justamente nos casos em que praticamente acha os impedimentos maiores, isto é, nas creanças que, em geral, revelam pequeno desenvolvimento da subconsciencia, e, por consequencia, resistem tanto á suggestão na vigilia como ás tentativas de hypnotisação.

Tudo o que foi estabelecido relativamente á suggestão e á sua significação educativa deve servir para o educador, mais como indicação para eliminar as suggestões praticadas por elle inconscientemente, do que como indicação para abusar deste modo de influir.

A *decisão* de acção representa, somente, um juizo constante do resultado de avaliação do projecto. Tudo que foi avaliado como contendo o valor positivo, decidimos effectuar — a prevalencia dos descobertos valores negativos provoca a decisão de não executar o projecto avaliado.

Desde o momento de formar a decisão, as volições ligadas com valores descobertos passam do estado potencial ao estado por assim dizer cinetico.

O individuo que tomou a decisão começa a reviver (resentir) o desejo de realizar o resolvido; (“ich will wirklich” — Ach, “placet” — James, “fiat” — Lotze, Schwartz Fonsegrive, “Zustimmung” — Meumann).

Um tal desejo, nascido no fundo da decisão, representa justamente o agente que influe sobre isso a que, de costume, chamamos “a força de vontade”, isto é — uma tentativa persistente de realizar as acções resolvidas. Os impedimentos, pois, imprevistos nos individuos, com a chamada *vontade fraca* influem muitas vezes sobre a diminuição do desejo de effectuar as acções resolvidas — e justamente a persistencia em procurar realizar as decisões,



embora as dificuldades que se apresentam, persistencia que causa que o desejo ceda sómente e exclusivamente após a realização mesma, caracteriza a chamada força da vontade.

Aqui achamos também a explicação da *teimosia*. Quando, pois, a acção resolvida é realizada, embora as dificuldades, na convicção de que ella é valiosa — a realização prova a existencia da vontade forte. Quando, porém, a creança procura realizar as acções resolvidas embora ella mesma entenda, graças á introdução de novos agentes de avaliação (revisão de avaliação), que a acção resolvida tem valor negativo, e quer realisal-a só porque já uma vez a resolveu — devemos considerar a creança como *teimosa*.

A influencia educativa tem que procurar desenvolver a persistencia dos desejos decorrentes das decisões, combatendo ao mesmo tempo a *teimosia*.

Tal fim pôde ser atingido com o inclinar a creança para as frequentes revisões mentaes das avaliações de acções já resolvidas; vencer as dificuldades que impedem a effectuação das acções difficeis, e, finalmente, com o habituar a creança a vencer os impedimentos autonomamente.

Este ultimo methodo pedagogico deve, porém, ser applicado de maneira precavida; a produção excessiva das dificuldades, sómente com intuito de habituar a vencel-as, em vez de fortalecer a vontade esgotta a creança, gasta sua energia e produz o effeito contrario de fadiga e desconfiança nas proprias forças.

A volição de valor decorrente da decisão, synthetizando com as sensações de acomodação muscular para vencer a resistencia que acompanha cada acção, crea o estado composto psychologicamente e a que chamamos “*esforço*”.

Cada acção caracteriza-se, pois, objectivamente pela provocação da mudança da inercia do objecto da acção. Tal mudança não pode ocorrer sem uma certa resistencia.

A's vezes, a resistencia é insignificante — falamos então das acções faceis, noutros casos, a resistencia de inercia é grande exigindo, para vencel-a, profundas adaptações organicas — nestes

casos temos que considerar as acções como difficeis; estas ultimas são sempre acompanhadas pelo esforço da pessoa que age.

A psychologia distingue duas modalidades de acções: 1) acções *externas*, isto é, as, voluntariamente provocadas pelo individuo — modificações no mundo ambiente; 2) acções *internas*, isto é modificações voluntarias da evolução do proprio psychismo. Facil ou difficil pode se tornar cada uma destas modalidades.

Vamos agora analysar mais detalhadamente os mecanismos psychicos por meio dos quaes se realisam as acções voluntarias nas modalidades acima. Como as acções *externas* no seu effeito final podem ser sempre reduzidas a um certo conjunto de movimentos na ordem definida, temos que estabelecer, em primeiro lugar, o mecanismo psychico dos movimentos voluntarios.

O proprio processo psychico, que condiciona taes movimentos, é a criação de uma possivelmente exacta representação do movimento que temos que executar no futuro proximo. A creança que voluntariamente levanta a mão, forma só um momento antes da execução deste gesto a consciencia de que ella vae levantar a mão, junto com a representação de si mesma, levantando a mão no futuro proximo — a realisação objectiva do levantar a mão se dá por meio dos reflexos, isto é, das inconscientes adaptações organicas musculares, que nascem sob a influencia da representação acima descripta.

A educação, pois, no dominio da acção, o ensinar a creança a “fazer alguma cousa” repousa, em primeiro lugar, numa boa divisão da acção motriz em serie dos successivos movimentos simples cujas representações a creança possa formar.

O accesso da acção a certos dominios é, pois, condicionado pelo poder de representar antecipadamente a acção neste dominio; o que a creança pode representar como sua propria acção futura, com o tempo torna-se accessivel a effectuar.

Evidentemente o habito e automatisação de certos movimentos, isto é, o poder executal-os sem consciencia plena da actividade nos detalhes ajuda muito a effectividade das acções.

Particularmente as acções mais complicadas que exigem a simultanea attenção dirigida contemporaneamente sobre seus particulares elementos constitutivos, só podem ser effectuadas com exactidão após uma automatização dos movimentos parciaes, o que permite occupar o foco com os outros elementos contemporaneos.

O papel dos musculos nas acções externas inclina o educador a cuidar e exercer a systema muscular da creança procurando porém não cançar e não esgottar o educando pelo excesso dos exercicios.

Passamos agora á analyse das chamadas acções *internas*, isto é, da actividade voluntaria sobre o proprio psychismo.

A vontade interna é uma modificação voluntaria da inercia evolutiva, no proprio organismo psychico. Os modos mais detalhados de taes modificações não representar: acção voluntaria *sobre o proprio intellecto*, *sobre a propria vida affectiva* e finalmente acção *sobre a vontade mesma*.

No dominio intellectual, a actividade voluntaria manifesta-se como: 1) a evocação ou criação voluntaria das representações e concepções; 2) a ligação voluntaria mental das representações e concepções pelas relações pensadas; 3) o afastamento (recalcação) voluntaria da consciencia de certos conteudos indesejados.

W. James já demonstrou que o unico mechanismo na realisação da acção voluntaria, no dominio de intellecto é o mechanismo de dirigir a attenção. A constatação deste facto inclinou este psychologo até a considerar a attenção como elemento da vontade, semelhantemente a Wundt que considera como processo voluntario elementar a apercepção isto é, o processo pelo qual o individuo introduz certos conteudos intellectuaes no foco da consciencia.

O emprego de certos mechanismos intellectuaes para realisar o acto da vontade não deve, porém, na minha opinião, conduzir a negar o character idiogenetico deste acto.

Analysando, então a actividade voluntaria no dominio intellectual, limitar-nos-emos a estabelecer o facto de que a attenção



se torna o unico e exclusivo mechanismo intellectual pelo qual se realisam os actos voluntarios.

Querendo evocar uma definida representação ou ideia que devem satisfazer ás condições aceitas a priori, desejando responder a uma pergunta que exige uma producção ou reproducção da representação definida pela pergunta — o individuo realisa este problema pelo dirigir e manter a sua attenção nas condições ou na pergunta durante um tempo bastante longo para poder discriminar na pergunta os elementos constitutivos que poderiam evocar a resposta pelo mechanismo de associação espontanea.

De modo analogo, querendo ligar por uma relação pensada, duas ou varias representações na apparencia mutuamente independentes, homem deve manter a sua attenção no conteúdo dellas, transcorrendo-as imaginativamente de modo cada vez diferente, até que discrimina nellas os elementos constitutivos communs que permitirão associar-as e, no caso de poder definir os elementos communs, estabelecer verbalmente e conceptuamente a relação que as une.

Voluntaria, no proprio sentido da palavra, torna-se, como constatamos, sómente a primeira etapa da realização da acção no dominio intellectual. A concentração voluntaria de attenção no dominio onde deve apparecer o acto volitivo prepara o terreno para que entrem em jogo os processos espontaneos, que definitivamente acabam a realização do problema a resolver.

Chegamos então a uma conclusão aparentemente paradoxal: voluntaria, só se pode tornar a inibição — cada acção que adianta o desenvolvimento intellectual já deve representar o character de acção espontanea, no terreno preparado pela vontade.

As indicações pedagogicas que decorrem deste facto são as seguintes: querendo ensinar á creança o trabalho mental voluntario devemos habitual-a a concentrar, nos momentos de solver os problemas mentaes, nos momentos de reproducção mnemonica voluntaria, a propria attenção no problema e nas condições ás quaes deve corresponder a representação a evocar voluntariamente — e não na resposta futura e indefinida.



Sabemos, por exemplo, que, nos exames, a maior parte dos alumnos reprovados, chegam a esse resultado porque, em lugar de concentrar a atenção na pergunta, pensam logo em si mesmos, com o correspondente no futuro; entretanto, inhibindo a atenção na extensão da pergunta, estes alumnos poderiam descobrir nella maior numero dos elementos constitutivos discriminados cujo conteúdo poderia tornar-se evocador da boa resposta espontanea. Acrescentemos, que a realização dos actos da vontade, no dominio intellectual ocorre sempre, e exclusivamente, pela inhibição da atenção nas condições a que devem satisfazer os posteriores processos mentaes e isso independentemente do facto si se trata da percepção voluntaria, ou da voluntaria reprodução mnemonica ou finalmente do pensamento voluntario ou raciocinio.

Algumas palavras temos que consagrar agora ao repellir voluntario dos conteúdos intellectuaes. Querer não pensar numa coisa definida, desejar esquecer um certo facto: eis exemplos de taes acções.

O caracter consciente de acto voluntario, que accarreta a consciencia do fim, faz que o recalçamento dos conteúdos intellectuaes não possa ser attingido por caminho immediato. Querendo, pois, voluntariamente não pensar numa coisa, devemos entretanto pensar nisso: que temos que não nos lembrar justamente della. Obtemos assim um "circuitus viciosus" — e no effeito final não podemos realizar o fim de repellir.

Tudo, pois, o que já foi antes estabelecido relativamente ao desviar a atenção dos conteúdos indesejaveis deve ser mais uma vez aqui tomado em consideração. O repellir de certos conteúdos pode realizar-se na acção voluntaria sómente por caminho mediatto, isto é, pela substituição.

Não querendo pensar numa coisa devemos, ao mesmo tempo querer pensar n'outra, e justamente o pensamento voluntario na segunda realiza o recalçamento da primeira. Essa lei tem valor igual tanto na influencia do individuo sobre o proprio psychismo como na acção do educador que quer normalisar o psychismo da creança.

As acções voluntarias no dominio da propria vida affectiva e da vontade são realisadas pelo individuo por meio dos mesmos mecanismos que foram já anteriormente analysados na analyse da influencia do educador sobre os processos affectivos e volitivos do educado.

Tudo que no desenvolvimento evolutivo das funcções affectivas e volitivas compostas possa ser tomado representativamente, pode, por isso mesmo, ser evocado voluntariamente como conteúdo representativo. Tudo o que representa o elemento affectivo ou volitivo puro, só mediatemente póde tornar-se objecto dos actos voluntarios pela creação ou destruição voluntaria das condições em que nascem o sentimento, emoção ou volição.

.....

Percorremos assim succintamente as mais importantes leis evolutivas do psychismo da creança, demonstrando em traços geraes as direcções de acção hygienica educativa nos varios dominios da vida psychica do educando.

A adaptação á vida social e aos casos individuaes de todas as regras aqui estabelecidas devemos entregal-a ás mãos dos mais competentes. O autor deste trabalho, como psychologo, não póde e não pretende num curto esboço sahir dos limites da sua competencia.

#### RÉSUMÉ

L'article commence par établir le rôle de la psychologie en général et particulièrement celui de l'observation psychologique pour pouvoir atteindre les buts de l'hygiène mentale de l'enfant.

Après une analyse rapide des méthodes des "tests" on propose un schéma personnel de l'observation.

Ensuite nous trouvons formulées les plus importantes lois du développement psychologique des différentes fonctions psychiques et démontrées les manières d'utiliser ces lois en pratique de l'hygiène éducative.

On soumet à l'analyse les processus de la sensibilité sensorielle, de l'attention, de la discrimination, de l'association, de la mémoire, de la pensée, de la sensibilité affective et de l'activité volontaire — en formulant les indications de l'action hygiéno-éducative basée sur l'analyse fournie.

## Notas sobre a hygiene mental no Exército

PELO

DR. MURILLO DE CAMPOS

Encarregado da clinica psiquiatrica do Hospital  
Central do Exército.

A prophylaxia dos disturbios nervosos e mentaes apresenta, modernamente, diante do augmento progressivo de sua frequencia, real interesse nos grandes exercitos.

Entre nós, por exemplo, durante o periodo de 1906 a 1916, na guarnição desta Capital, a frequencia de taes disturbios attingiu a 4,2 p. 1000 do effectivo médio (1).

No que respeita á discriminação diagnostica os transtornos mentaes verificados no soldado enquadram-se sobretudo na degeneração mental, — na psychose alcoolica, na demencia precoce, na psychose manio-depressiva e na epilepsia. Os que occorrem entre os officiaes, filiam-se principalmente á paralytia geral, á paranoia e estados paranoides, e á psychose alcoolica.

Entre os portadores de degeneração mental, têm lugar de destaque os anormaes leves ou tocados, os debeis e os desequilibrados, doces ou perversos. Em geral são facilmente reconhecidos e excluidos das fileiras; ás vezes, entretanto, tal não acontece e não raro esgottam o tempo de serviço nas enfermarias, quando não seja na prisão.

---

(1) Murillo de Campos — Ligeira contribuição ao estudo da aptidão militar no Brasil — Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar, Março de 1919.

As psychoses constitucionaes, as toxicas e infectuosas difficilmente passam despercebidas, desde as primeiras manifestações.

Se em tempo de paz, as circumstancias proprias á profissão militar constituem uma pedra de toque para os psychopathas, em tempo de guerra as emoções violentas, a fadiga physica e mental em constante accumulo, os modernos meios de destruição, ainda mais favorecem a sua eclosão.

E' o que registram as guerras modernas, a partir da austro-prussiana e da franco-allema.

Na guerra russo-japoneza, ao cabo de alguns mezes de luta, os alienados enchiam as formações sanitarias russas, attingindo o seu numero a 1500, em 1904, e a 2000 em 1905-06, o que obrigou, pela primeira, á installação de centros psychiatricos, no proprio theatro de operações (1). Os excessos alcoolicos concorriam com 7,5 % dos casos de psychose entre as praças e com 30 %, entre os officiaes.

Na grande guerra, durante a mobilização, predominaram os casos de alcoolismo agudo e sub-agudo, que desapareceram rapidamente com a adopção de medidas repressivas do consumo de bebidas alcoolicas (2).

Na phase da luta nas trincheiras, consecutivamente ao emprego dos explosivos em forte carga, surgiram as chamadas psychoses de guerra, verificando-se, desde logo, que, pelo prognostico benigno e rapido tratamento, sem internação, muito se afastavam das psychoses ordinarias.

Dejerine e Gauckler (3) classificaram taes perturbações em tres categorias:

a) perturbações primitivas, que não guardam relações com qualquer causa traumatica ou morbida (estados neurasthenicos

---

(1) R. E. Richards — Mental and nervous diseases in the Russo-Japanese War. The military Surgeon, February, 1910.

(2) P. Chavigny — Psychiatrie et Médecine Légale aux Armées, Paris-Médical, 17 Juillet 1915.

(3) J. Dejerine et E. Gauckler — Le traitement des militaires atteints de troubles fonctionnels du système nerveux. La Presse Médicale, 30 Décembre, 1915.



principalmente, e accessoriamente os tiques, choréas e tremores) e cuja etiologia emocional é indiscutível na maioria dos casos.

b) perturbações secundarias, em relação proxima ou remota com um accidente traumatico ou morbido (contracturas, attitudões viciosas, paralyrias, perturbações da marcha, anesthesias, astasia-abasia), e dependentes, na maioria dos casos, dum estado de subjectivismo consciente, em que a suggestão gosa um papel decisivo, entretida não raro por idéas de reinvidicação.

c) perturbações commocionaes, consequentes á explosão de obuzes, ao soterramento, umas acompanhadas, outras não, de manifestações organicas, sobretudo trophicas, immediatas ou tardias, como a amyotrophia, a hyperkeratose, a cyanose, a hyperhydrose, a tumefacção articular, etc. (syndrome confusional, asthenia, amnesia, mutismo, aponia).

Babinski e Froment (1) reduzem estes disturbios apenas a dois grupos: os *accidentes pithiaticos*, que podem ser reproduzidos pela vontade, e os *accidentes physiopathicos*, devidos a uma causa physica, e independendo completamente da vontade.

Max Nonne (2), pelo contrario, os distingue em maior numero de grupos: 1º, nevroses de fadiga; 2º, nevroses de pavor; 3º, nevroses de character hysterico; 4º, nevroses visceraes.

## NORMAS PROPHYLACTICAS

No conjuncto as medidas de hygiene mental, no meio militar, visam:

- a) a recusa e eliminacção dos deficientes mentaes e nervosos.
- b) a designacção dos conscriptos de accordo com as suas reaes aptidões e inclinacções.
- c) os factores habituaes de degeneracção neuro-psychica, em especial a syphilis e o alcoolismo.

(1) J. Babinski et J. Froment. Troubles physiopathiques d'ordre reflexe. "La Presse Médicale", 9 Juillet 1919.

(2) Max Nonne. As nevroses de guerra. Revista de Medicina e Hygiene Militar, Março de 1923.

d) a assistência psiquiátrica ao soldado por pessoal especializado.

*Recusa e eliminação dos deficientes mentaes.* Ha muito está demonstrada a sua necessidade, por meio do exame psychico não só durante a inspecção inicial dos recrutas, como durante todo o tempo de incorporação e por ocasião de delictos, conduzindo a conselho de guerra sobretudo.

Da mesma forma que se examinam os conscriptos do ponto de vista somatico, ha toda a conveniencia em examinal-os quanto ás faculdades mentaes. Se se fecham as casernas aos tarados phisicos, com mais forte razão deve-se fechal-as aos tarados mentaes, muito mais nocivos (Régis).

Coube ao exercito dos Estados-Unidos, em 1917, demonstrar a exequibilidade e as vantagens praticas do exame psychico systematico dos conscriptos.

Por meio de "tests", organizados segundo uma modificação da escala de Binet-Simon, rapidamente é feito o exame de centenas de homens, procedendo-se immediatamente ao exame individual dos que apresentam situação psychica muito inferior á media, cerca de 2 a 3 %. Do resultado deste exame dependia a exclusão ou a inclusão num *batalhão de desenvolvimento*.

Dest'arte foram eliminados do exercito americano, durante a guerra, 680.000 homens como defeituosos no ponto de vista mental ou nervoso, o que contribuiu grandemente para baixar o numero dos suicidios e das condemnações á prisão (1).

No exercito brasileiro, com as actuaes instrucções relativas á inspecção de recrutas, sacrifica-se notavelmente o exame psychico; apenas os portadores de disturbios psychicos muito accentuados, são reconhecidos e enviados á observação.

Uma classe de conscriptos, ha, no entanto, a dos voluntarios, que não dispensa exame psychico rigoroso, pois, conforme a experiencia dos principaes exercitos, fornece a mais elevada proporção de deficientes.

---

(1) Pietre Trisca. La prophylaxie mentale en Francee à l'étranger. Paris.

Os voluntarios, commummente individuos tarados, têm pela carreira militar accentuada predilecção; não raro são naufragos de todas as outras profissões ou incorrigiveis, cuja melhoria os parentes procuram na caserna.

No exercito francez, demonstrou Lemoine, a proporção de condemnados pelos conselhos disciplinares é de duas a cinco vezes maior entre os voluntarios do que entre os outros conscritos.

Recommenda-se por isso, além do exame rigoroso, a exigencia dum attestado do prefeito da localidade de procedencia do voluntario de que a notoriedade publica não lhe attribue nenhuma enfermidade mental, e da folha corrida da policia.

Depois da incorporação, o medico da unidade e os officiaes instructores têm um importante papel na descoberta dos deficientes que lograram atravessar a inspecção ou que por influencia das novas condições de vida vêm a accusar lacunas psychicas. Assim, principalmente, muitos casos de epilepsia, de psychose periodica, de disturbios mentaes dependentes do alcoolismo e da syphilis.

Ao medico torna-se possivel, por occasião do registro de incorporação, verificar detalhes relativos aos antecedentes hereditarios e pessoas dos soldados, assim como certos estigmas psychicos e mentaes (cicatrices, instabilidade de conducta anterior, circumtancias do alistamento voluntario, habitos alcoolicos).

Este exame sempre possivel para o soldado, não o é para o official, razão pela qual os disturbios mentaes apresentados por este, via de regra se notam tardiamente. Aliás o exame periodico da officialidade, como requisito de promoção, bastaria para o afastamento desse inconveniente.

Quanto aos instructores, necessario é que tenham a attenção voltada para certas anomalias psychicas, sobretudo referentes á conducta do soldado, como as faltas repetidas aos exercicios, as sahidas sem permissão, as fugas, as ausencias, a excentricidade, os actos de indisciplina, etc., para envial-os promptamente á visita medica, antes que determinem as devidas punições.

Por outro lado, os crimes militares propriamente ditos — o abandono do posto, a deserção, a insubordinação, a inutilização



de armas, a rebelião, etc., podem significar reacções morbidas, de sorte que o exame psychico dos delinquentes susceptíveis de conselho de guerra, não só em tempo de paz, como principalmente em tempo de guerra quando a repressão dos crimes exige o maior rigor e presteza, constitue uma verdadeira necessidade.

Não reconhecidos a tempo, os deficientes ficam expostos a sanções disciplinares e judiciais, muitas vezes irremediáveis e de efeitos contraproducentes, porque, como diz Krafft-Ebbing: "una giustizia che tien conto solo del delitto e non del réo, será sempre in procinto di ledere gli interessi importanti della società (morale publica, sicurezza personale) e quelli dall'individuo (onore)".

No exercito francez, uma circular de 1913, determina o exame psychico dos indiciados, preventivo do conselho de guerra, sempre que haja duvidas sobre a sua integridade mental, ou em virtude das circunstancias em que fôrem commettidos os crimes, ou ainda em attenção á existencia de certos antecedentes pessoas e hereditarios.

No nosso Codigo de Organização Judiciaria e Processo Militar, não ha dispositivo expresso a respeito do exame psychico dos delinquentes, o que explica até certo ponto a frequencia dos casos de alienação mental entre os sentenciados. Feito esse exame, a titulo preventivo, por occasião do inquerito policial militar, evitar-se-ia dum lado a condemnação dos alienados que nenhum alcance repressivo ou disciplinar pode ter, e doutro a instauração inutil do conselho para julgar individuos isentos de culpabilidade, em face do proprio Codigo Penal Militar (art. 27).

A *afectação dos conscriptos* ás diversas armas e serviços, segundo as aptidões individuaes, é outra medida de grande alcance, visando, na medida do possivel, o rendimento psychico maximo dos individuos normaes.

No exercito norte-americano, com o exame psychico inicial, fez-se ao mesmo tempo a classificação dos recrutas em diversos grupos, o que facilita a escolha dos que têm aptidão para official, para cada arma ou serviço. Os "tests" empregados informam não



só sobre o bom senso, como também sobre a compreensão mais ou menos justa e rápida das ordens recebidas, sobre o espirito de iniciativa e de decisão.

Neste sentido, disse Juliano Moreira (1), traçando as directrizes da hygiene mental entre nós: “convem que a caserna se adapte não sómente ao ensino simples da arte militar em sua concepção antiga de bem empregar as armas de combate. A caserna deve ser uma escola profissional onde se adquira além dos habitos da disciplina intelligente a bôa technica de manejar instrumentos outros capazes de produzir trabalho util e duradouro”. Aliás com a designação dos conscriptos para os serviços auxiliares, desde o tempo de paz, é possível empregar utilmente certo numero de accordo com as verdadeiras aptidões individuaes nos mais variados encargos. quer na caserna, quer nas fabricas, hospitaes e outros estabelecimentos militares.

Dest'arte, facilitaria o serviço militar oportunidade para que os individuos até então desprovidos de profissão ou officio, os adquirissem antes de terminado o tempo, o que lhes asseguraria futuramente os meios de subsistencia. Além das vantagens individuaes, com a aquisição de habitos regulares de trabalho, ganharia immenso a Nação com a orientação profissional de milhares de cidadãos, beneficiados também do ponto de vista da educação physica, civica e, ás vezes, até intellectual.

A *prophylaxia dos agentes habituaes de degeneração do sistema nervoso*, especialmente os de natureza toxica e infectuosa; encontra na organização militar a melhor garantia de exito.

Nenhuma razão existe para que não se adoptem medidas rigorosas visando a restricção ou a suppressão desses agentes, entre os quaes figuram em primeiro plano o alcoolismo e a syphilis.

Certas infecções como a meningite cerebro-espinhal e a encephalite lethargica, pela frequencia de residuos mentaes e nervosos, merecem também particular attenção.

---

(1) Juliano Moreira. As directrizes da hygiene mental entre nós. Revista de Medicina e Hygiene Militar, Fevereiro de 1922.

A *assistencia psiquiatrica ao soldado*, por pessoal especializado, é o fundamento da hygiene mental nos exercitos.

A criação dum quadro de psychiatras militares, incumbidos das pericias mentaes relativas ao soldado, foi uma das conclusões do XIX Congresso de Alienistas e Neurologistas, Nantes, 1909, e do XIV Congresso da Sociedade Phreniatrica Italiana, Perugia, 1911.

Em 1913, o exercito francez creou o quadro de psychiatras, exigindo dos seus membros requisitos de especialização, e designando certo numero para ter exercicio nos principaes centros (sédés de corpos de exercito).

Apezar disto, ao iniciar a conflagração européa, este exercito, assim como o de outros paizes belligerantes, na regulamentação da campanha, não tendo previsto a assistencia psiquiatrica, a sua organização foi no emtanto prompta, deante da affluencia dos doentes. Installaram-se hospitaes' especiaes, centros neuro-psychiatricos, na propria zona da vanguarda, para a triagem das psychoses communs, e, tambem, para a observação e tratamento dos disturbios funcionaes, pois ficou demonstrado, desde logo, que a sua transferencia, para as formações da retaguarda, favorece a sua permanencia e aggravação. Insensivelmente, nestas formações, o espirito de sacrificio é substituido pelo instinto de conservação. Além disso, em taes casos, a therapeutica afasta-se da commummente utilizada (massagens, electricidade, aparelhos orthopedicos, etc.) que fixa a atenção dos doentes sobre os disturbios apresentados, incrementando-os; limita-se, via de regra, para uma cura rapida, ao isolamento, o repouso, o estimulo precoce da actividade pela persuasão e outras praticas psychotherapicas. A's vezes, tratamento tão brando não adianta, como em certos funcionaes, feridos ou não, sob os mais diversos estados suggestivos, obrigando a recursos coercitivos (isolamento rigoroso, repouso no leito, prohibição de visitas e de correspondencia, torpedagem) atenuados á medida que se verificam as melhoras, e reforçados em caso contrario. A's vezes ainda casos ha refractarios a todo o tratamento e que cedem á ameaça de declarar-se a simulação ou pelo regresso ao corpo, após entendimento prévio com as autoridades militares.

Com grande resultado, assim se tratam as psychoses da guerra e evita-se a sua disseminação, que as circunstancias de campanha favorecem no mais alto grau.

Complemento indispensavel da constituição do quadro de psychiatras militares é o aperfeiçoamento dos medicos das unidades no tocante á psychiatria de urgencia, e a instrucção psychiátrica elementar dos officiaes.

Neste sentido, Régis (1) propõe que os officiaes façam o exame psychologico dos homens sob sua direcção, da mesma forma que o mestre procede em relação aos discipulos, insistindo pela adopção da seguinte ficha, apenas em alguns pontos completada pelo medico da unidade:

Antecedentes...	<ul style="list-style-type: none"> <li>antecedentes de familia.</li> <li>antecedentes pedagogicos.</li> <li>sociaes: meio, profissão, conducta, etc.</li> <li>medicos: temperamento, doenças, incidentes da vida.</li> </ul>
Estado actual..	<ul style="list-style-type: none"> <li>talhe, desenvolvimento, saude geral, força.</li> <li>Estado physico .. estado dos sentidos.</li> <li>doenças phisicas.</li> <li>vicios de organização, deformidades, estigmas.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estado psychico..</li> <li>intelligencia e instrucção.</li> <li>sentimentos, sensibilidade.</li> <li>vontade, caracter, tendencias.</li> <li>estigmas (desequilibrio, instabilidade, amoralidade, impulsividade, inadaptabilidade).</li> <li>molestias nervosas e psychicas.</li> <li>alcoolismo.</li> </ul>

No Brasil, semelhante orientação teria o maior alcance pratico, dada a frequencia de analphabetos e incultos nas fileiras, cuja instrucção e progressos, lentos e cheios de difficuldade, exigem dos officiaes accentuadas qualidades pedagogicas. Não ha

(1) Régis. L'officier dans l'Hygiène mentale du soldat. L'informateur des Aliénistes et des Neurologistes (supplement de l'Encéphale), 25 Janeiro 1909.

muitos annos, Juliano Moreira (1) lembrou a conveniencia de fazer-se, nas escolas militares, um curso elementar de psychologia morbida, com o fim de orientar as qualidades didacticas dos futuros officiaes, pois estes "têm de instruir o soldado, desenvolver-lhe a educação moral, fortificar-lhe a coragem, inculcar-lhe o justo uso da iniciativa e o sentimento da disciplina".

Relativamente ao aperfeiçoamento psychiatrico dos medicos da tropa, o regulamento do Hospital Central do Exercito, de 1911, numa clausula, estabeleceu que os seus medicos devem frequentar as clinicas do Hospital Nacional de Alienados, afim de realizarem estudos e observações em proveito do serviço militar. A adopção duma clausula como esta, em relação aos medicos das unidades sobretudo, permittiria attingir este importante ponto da hygiene mental na caserna.



SUMMARY

The author studies the measures of mental hygiene of easy application in military centres. He insists on a systematic psychic examination of soldiers, not solely on admission, but mainly on commitment of grave infractions. He points out to the need of conscripts being assigned in accordance with their mental aptitudes, and, finally, demonstrates the need of securing in the psychiatric assistance to the soldier by means of a specialised staff (military psychiatrists) or sufficiently trained (military physicians and instructing officers).

---

(1) Juliano Moreira. A psiquiatria e a guerra. Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica, Janeiro de 1918.



## **Idéas geraes. . .**

PELO

**PROF. DR. F. ESPOSEL**

Professor Substituto de Clínica Neuro-psychiátrica na Faculdade de Medicina. Docente de Hygiene na Escola Normal.

Entre os artigos e estudos eruditos, profundos, que aqui certamente apparecerão, eu pretendo entreter a attenção do leitor em algumas considerações com que procurarei distrair-o por instantes e descansar seu espirito para a leitura tão recommendavel dos demais trabalhos de meus illustrados collegas.

Será como que uma palestra simples, despretenciosa, de quem, longe das fontes de erudição e de consulta, no momento, se encontra, porém, animado de grande interesse pela realisação pratica deste importante capitulo da Hygiene, qual o de procurar conservar, nas melhores condições possiveis, a sanidade mental dos individuos.

Que o assumpto é pratico, importante, e momentoso, basta attender aos fins visados e ao que se tem feito e vae fazendo em paizes adiantados em civilisação e em cultura.

Entre nós, mesmo, iniciada ha alguns annos, por trabalhadores activos, a Liga de Hygiene Mental, já foi o thema de trabalhos importantes, considerações opportunas e apaixonadas discussões no ultimo Congresso de Hygiene reunido recentemente em Bello Horizonte.

Não fui dos que tiveram a iniciativa da fundação da nossa promissora Liga, mas presente a umas das primeiras sessões de organização, expendi lá idéas nas quaes quero insistir.

A Liga de Hygiene Mental organisou um programma que, sem dizer absurdo ou errado, a meu ver é demasiado vasto. Attenda-se, pois, que minha critica é favoravel — si isso é critica, ou antes um leve commentario.

A resposta facil e suggestiva dirá: onde está o mais, está o menos; ou em latim: *quod abundat, non nocet*. A questão é que o excesso não prejudique realmente.

Parece que o que preponderou no espirito organisador foi, aliás, um criterio muito logico: fazer hygiene é evitar as doenças; para evitar as doenças o combate mais effizaz é impedir as causas.

Corre-se, então, ao capitulo da etiologia das doenças mentaes e verificam-se as causas productoras e trata-se de evital-as. Essas causas, porém, não são promotoras de um modo exclusivo de disturbios mentaes. Resulta que o combate orientado por esse criterio geral, não tem absolutamente caracter, por assim dizer, especifico.

Comparemos. Tendo que a syphilis é productora, em vasta proporção, de doenças do coração e de doenças dos rins, si se instituísse uma Liga de Hygiene cardíaca ou de Hygiene renal, haveria logar de se fazer uma secção particular para combater a syphilis. Mas como essa secção também se inclúe na Hygiene mental assim se prova a sua falta de criterio especifico.

Além disso. Si se adoptar para a hygiene mental um criterio assim tão geral, então nella se inclúem, ao mesmo tempo, todas as preocupações da hygiene.

Realmente todas as causas não são capazes de produzir disturbios mentaes? Certo que sim.

Desse modo, para fazer hygiene mental, teriamos que instituir secções que procurassem combater, além da syphilis, as demais infecções chronicas e agudas. Pois não podem também dar disturbios mentaes a tuberculose, a febre typhoide, a pneumonia, a grippe, as infecções agudas eruptivas etc., etc.? Assim também

teriam de ser creadas secções para o combate ás intoxicações quer externas como internas. Pois além do alcool, ether, cocaina, morphina, não produzem disturbios psychicos as intoxicações da uremia, da diabete, a insufficiencia hepatica, as dysendocrinias?

Não produzem as verminoses intestinaes, particularmente a uncinariose, perturbações mentaes?

Pois, então, uma secção teria de ser creada para dar combate ás infestações com o fim de evitar as perturbações mentaes. Seria recapitular toda hygiene.

Ha, porém, na hygiene mental uma parte que lhe é mais peculiar e adequada. Entendo que em *hygiene mental*, ella deveria ser a parte *princeps*, da qual as outras, por menos especificas (embora importantes), seriam secundarias.

Desta parte, que considero primordial em hygiene mental, penso que a nossa Liga tem culdado menos do que devia, sobretudo em relação á outra parte que considero menos adequada aos fins que visa.

Foi nesse sentido que me extornei numa das reuniões da Liga de Hygiene Mental.

Si justo fosse considerado esse criterio, então um plano, aliás de certa vastidão, teria de ser delineado. Sem ser meu intuito organizar-o aqui, em todo caso, aproveito o momento para chamar a attenção para alguns pontos desse programma, com o que viso mostrar sua enormidade e importancia.

Tomadas as coisas no tempo, poderia incluir a Liga de Hygiene Mental pugnar com mais vehemencia pela incapacidade matrimonial dos degenerados, dos oligophrenicos depois de certo gráo, dos doentes mentaes, mesmo daquelles, que percorrem periodo remissivo mas nos quaes uma nova crise da doenca é previsivel, e sobretudo dos que manifestam doenças cuja herança é conhecida e conduz á formação de familias *desequilibradas*.

Junto ás mulheres em periodo de gestação seria de pensar o que fazer para o futuro psychico do nascituro. Tudo que evitasse ou minorasse na gestante as commoções, as penas da miséria, os sustos, os medos, os temores, os pavores, as tristezas, as preocupações exageradas e o mais que pudese ter uma influen-

cia *psychica* desfavoravel, teria de ser considerado no programma proposto.

A diffusão dos ensinamentos de puericultura na parte que servisse para amparar e conduzir, da melhor maneira, o desenvolvimento mental dos infantes.

Um meio pratico de combater o analfabetismo poderia ser proposto pela nossa Liga. Em seguida um inquerito do que se pratica em nossas escolas primarias, e o que de melhor se poderia fazer para maior e mais facil aproveitamento do escolar para sua cultura mental.

O mesmo serviço poderia ser feito nas escolas secundarias, para a mais higienica, e por tanto pedagogica, distribuição das materias, organização dos programmas, dos horarios, etc.

Poderia citar neste particular, pelo meu conhecimento mais proximo, o que se passa na Escola Normal do Rio de Janeiro.

Em qualquer occasião poderá ser verificado como são extensos os programmas de varias disciplinas do curso dessa Escola.

Em particular da Hygiene — de que sou modesto docente, — o programma é vastissimo, comparavel ao que se ensina na cadeira do 6º anno da nossa Faculdade de Medicina; dedica, entretanto, parte *relativamente* pequena á hygiene escolar propriamente, que collocada, além disso, no fim do programma vê-se, muitas vezes, sacrificada pela explanação da vultosa materia que lhe antecede.

Note-se tambem que o muito provector e actual Director da Instrucção Publica Municipal, querendo acertar, nomeou uma Comissão de professores que organizou os programmas referidos.

Na adolescencia julgo que muito faria pela hygiene mental um curso ou ensinamentos de orthopedia, *psychica*, em liberdade de expressão.

Qualquer coisa que orientasse e firmasse o moral, que formasse o character do adolescente.

Ha em certos cursos, como o da Escola Normal, uma disciplina intitulada "Educação civica e moral". Ahi a parte civica



tem maior desenvolvimento, e eu pleitearia que a Liga de Hygiene Mental fizesse maior propaganda e adoptasse um programma pratico para realizar nas massas uma formação moral mais apurada.

Tenho em convicção que um tal programma de ensinamentos contrariaria muitas tendencias constitucionaes ou hereditarias, e evitaria muitas influencias sociaes conductoras a disturbios de ordem mental.

Sou dos que acreditam nos proveitos de taes ensinamentos. Realmente, mesmo para a manifestação de certas psychoses e psycho-neuroses não concorrerão vicios de educação? Estou certo que sim. Basta ser clinico ou observar com certa demora, mesmo sem muita perspicacia ou agudeza, factos da vida diaria e eventos de ordem social.

Ainda mais; não vemos, com brilhantismo, Bueno de Andrada argumentar em sua these de docencia a influencia do factor educativo na produção da paranoia?

Para provar com mais elementos, acrescento que acredito piamente no effeito de um tal systema de formação moral como prophylactico das psycho-neuroses ou mesmo do nervosismo sem rotulo, de disturbios elementares do systema nervoso, que fazem, muita vez quando não amarga e torturada; disturbios, esses que podem gerar paixões, crimes, idéas extremistas, reivindicadoras ou revolucionarias.

Vou além e attesto o valor de um tratamento moral — capitulo, aliás da psychoterapia — na remoção de perturbações funcionaes do cerebro que tanto entram a vida de uma multidão de infelizes e de seus circumstantes.

E neste sentido, quanto resultado se colhe, muita vez, com a leitura de um Marden, de um Feuchtersleben, de um Zbinden, de um Dubois, de um Dejerine, de um Smiles, de um Padre Raymond e tantos outros.

Pois bem, seria uma justa cogitação da Liga para fazer *hygiene mental*, assentar o meio pratico de diffundir a maneira de dominar as commoções, de subjugar as paixões, de vencer os

impetos, de educar a vontade. como tão popular e vulgarizada já está a expressão.

Uma outra importante missão da Liga, dentro das primicias psychologicas de seu programma, seria o de orientar scientificamente a escolha das profissões de accôrdo com as inclinações, as tendencias, as capacidades verificadas por exames adequados; ou, dada uma profissão, seleccionar, por um exame tecnico, os individuos nas melhores condições de poder exercel-a.

Isso, que já vae sendo feito em alguns paizes, encontra-se em completo atraso em nosso meio.

E' função do alcance mais elevado e pratico da psychotechnica, novamente instituida com esse criterio importante.

Não nos faltam, entretanto, competencias em psychologia: Plinio Olinto, Ernani Lopes, Pernambuco Filho, Adauto Botelho, Bueno de Andrada, E. Sampaio e tantos outros poderiam orientar e realizar um plano de accção nesse sentido.

A Colonia de Alienados contratou muito justamente os serviços do professor W. Radecki, que dirige actualmente o laboratorio de Psychologia daquella dependencia da Assistencia a Alienados do Rio de Janeiro.

Da capacidade e conceito scientifico do professor Radecki não pôde haver duvida, tal a importancia e valor dos trabalhos da especialidade que tem firmado.

Esse projecto psychologo produziria uma obra duradoura, de benemerencia incontestavel, si com sua reconhecida competencia orientasse, num sentido pratico, utilitario, o plano e os exames que a Liga tomaria a si realizar ou propagar.

E desenvolvendo assim um programma de amparo e defesa propriamente psychologica a Liga de Hygiene Mental acompanharia o individuo até a idade adulta, até a velhice, até a morte.

Estaria mais dentro de seu nome, de sua especialidade.

Resumindo meu pensamento: a Liga de Hygiene Mental deveria ter um programma dividido em duas partes.

A primeira parte, principal, indispensavel, a que estaria mais directamente ligada á sua designação consistiria em realisar um programma de defesa, de amparo, de protecção, de hygiene psychica propriamente.

A segunda parte, importante mas accessoria, mesmo porque não é *especifica*, na especie, pois entra nas cogitações hygienicas de outros aparelhos da economia, de outros systemas, de outros órgãos. Refiro-me a um programma que visasse evitar ou combater a syphilis, as intoxicações (alcool, morphina, cocaina, ether, etc.), etc.

A primeira parte desse programma seria primacial, constituiria o cerne da hygiene mental, o seu capitulo mais proprio; poderia, em justa e defensavel razão, existir só; si ella fosse completada, com a segunda parte, melhor seria, embora constituisse um programma vastissimo, que invade outras searas, e se apre-senta notavelmente dispendioso.

A existencia, porém, da segunda parte desse plano, sem a primeira, é que não me parece justa nem razoavel.

Petropolis, 25 de Janeiro de 1925

F ESPOSEL.

RESUME'

L'Auteur fait l'éloge de ce qu'on a déjà obtenu pour l'Hygiène Mentale au Brésil, surtout à Rio de Janeiro, grâce à des actifs e intelligents initiateurs et travailleurs.

Il rentre à faire des considérations générales sur le sujet jusqu'à terminer avec un programme d'activité.

Le programme pourra être divisé en deux grandes parties.

La première, proprement *spécifique* ou psychologique, devait surveiller la femme enceinte pour éviter les émotions, les autres causes de choc psychique, la misère, le travail dangereux.

Après la naissance le petit devait être continuellement accompagné d'une protection de la mentalité, en ayant des soins hygiéniques et pédagogiques dans sa vie scolaire, etc.

La psychotechnique ferait son œuvre d'une grande importance sociale en permettant que l'adolescent choisissait une profession d'accord avec ses tendances et capacités.

Une éducation morale fait part aussi du programme.

L'auteur croit que avec la diffusion de ses idées on pourrait éviter beaucoup de nervosisme qu'il y a au monde, bien aussi des psychonévroses et même des maladies mentales.

On diminuerait le nombre des revendicateurs, des réformateurs, des extrémistes, des révolutionnaires...

L'autre partie du programme consisterait à combattre les causes des maladies mentales: la syphilis, les intoxications externes et internes, les infections, les infestations etc.

Cette partie n'étant pas *spécifique*, elle se confond avec les autres branches de l'Hygiène.

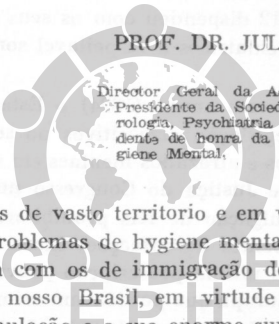




## A selecção individual de immigrants no programma da hygiene mental

PELO

PROF. DR. JULIANO MOREIRA



Director Geral da Assistencia a Alienados  
Presidente da Sociedade Brasileira de Neu-  
rologia, Psychiatria e Medicina Legal. Pre-  
sidente de honra da Liga Brasileira de Hy-  
giene Mental.

Em paizes novos de vasto territorio e em via de crescimento demographico, os problemas de hygiene mental têm de estar em estreita dependencia com os de immigração de gentes providas de outras terras. O nosso Brasil, em virtude da desproporção actual entre sua população e a sua enorme superficie, ha de ser durante muitos e muitos annos um paiz de immigração. Temos, pois, de fiscalizar os elementos que nos chegam de todas as partes do mundo, pois não nos devemos conformar com a pouco agradável posição de escoadoiro de quanto emigrado indesejavel, sob o ponto de vista mental, que porventura para aqui se dirija.

De nada nos servirá envidar esforços no sentido de melhorar as condições de saude physica e mental de nossa gente se tivermos sempre a chegar novas levas de taes indesejaveis. As medidas tomadas pelos Estados Unidos do Norte, pela Inglaterra em seus dominios, não foram mais do que a resultante da verificação da somma de males provenientes da imprevidente liberalidade com que eram recebidos os emigrantes de toda parte do mundo.

O numero de criminosos e alienados estrangeiros entrados nos Estados Unidos attingio taes proporções que foi preciso providenciar no sentido de parar a corrente pernicioso.

Sem nenhuma duvida a historia do desenvolvimento da civilização norte-americana seria apenas um estudo do processo de assimilação dos varios elementos raciaes que hoje constituem a grande nação. Comtudo é inconteste que dos muitos emigrantes maus alli entrados até certa epocha sem nenhuma selecção, provém em grande parte o tremendo augmento de doenças nervosas e mentaes alli verificado. A importancia social e economica do problema tem sido alli explanada em estatisticas dignas de estudo. Para não citar muito, basta-me referir que o Estado de Nova York só em 1912 dispendeu com os seus doentes estrangeiros nos hospitaes psychiatricos a respeitavel somma de 2.579.902 dollars.

Ha precisamente cem annos (1824) o Estado de Nova York introduziu em sua legislação dispositivos no sentido de impedir a entrada de alienados e atrasados mentaes em seu territorio. Em 1838 a Commissão de Justiça do Congresso norte-americano recommendou a promulgação de leis prohibitorias da entrada de idiotas, alienados, doentes de affecções incuraveis e condemnados por crimes. Essa ultima prescripção provinha da existencia de certos paizes da Europa que perdoavam criminosos com a condição de emigrarem elles para os Estados Unidos. O Congresso norte-americano em 1860 não só protestou contra taes disposições, como rejeitou uma lei tendente a incrementar a entrada de gente estrangeira. Um inquerito feito pela Commissão de Imigração pôz em evidencia o facto de que o grande augmento de emigrantes para o territorio dos Estados Unidos provinha de propaganda dos agentes das companhias de vapores e que elles só no territorio da Gallicia austriaca chegavam a ter cinco ou seis mil sub-agentes.

Assim foi pouco a pouco a grande nação norte-americana modificando sua lei prohibitiva, até chegar ás rigorosas disposições actuaes. Sirva-nos, pois, de exemplo a lição que nos é trans-

mittida por um povo que, apesar de opulento, não deixa de queixar-se das consequências do mal de não ter melhor escolhido em tempo os seus imigrantes sob o ponto de vista mental.

Infelizmente velhos preconceitos de raça orientaram alli as mais recentes determinações legais. E' real que a grande nação norte-americana já estando muito bem povoada julga-se no direito de escolher muito a gente que para lá queira emigrar. Nós temos de aproveitar a lição que lá occorreu, mas aproveitemola com as correcções que o tempo lhe impôz: temos de adaptar os remedios ás condições de receptividade do nosso organismo social. Os methodos menos drasticos nos convêm muito melhor á nossa indole e educação e permitem em tempo acudir aos choques que porventura sobrevenham.

Vejam agora se em nosso paiz as cousas se tem passado de modo a tranquilizar-nos e eximir-nos de cogitar do problema.

Em uma estatística de dez annos (1905-1914) de pacientes admittidos no Hospital Nacional para tratamento de doenças mentaes, verificamos que em 7.212 alienados homens, 2.258, isto é, mais de 31 % eram estrangeiros. Depois daquella data a proporção tendendo a augmentar de modo assustador, achei de bom alvitre ampliar o serviço de assistencia externa aos pacientes que pudessem ser tratados em domicilio, vindo apenas á consulta no ambulatorio do Hospital. Da parte de parentes e amigos dos respectivos doentes tenho conseguido o maximo de tolerancia neste sentido, diminuindo assim o numero de entrados não só brasileiros como estrangeiros. Além disso, recorrendo a esses parentes e amigos, assim como por vezes aos respectivos consules, tenho alcançado orepatriamento de muitos psychomathas estrangeiros. Não devo occultar que alguns destes, depois de mais ou menos longa estadia na Europa, sentindo-se curados ou apenas melhorados voltaram ao Brasil e ahi vão vivendo sem novas manifestações alarmantes. Sei, porém, de varios que voltaram ao Hospital e ahi estão pesando em nosso orçamento de assistencia a alienados. Um desses por muito desastroso merece menção especial. Trata-se de um europeu que ao vir para o Brasil já era evidentemente um maniaco-depressivo, pois que na sua patria

havia tido duas internações. Depois da segunda internação allí, formulou elle projectos grandiosos de vir á America pôr em practica umas ideias de largo surto. Escolheu infelizmente o Brasil para execução dos planos, pois por aqui tinha parentes e amigos e havia lido algo sobre fortunas formidaveis adquiridas por patricios seus em S. Paulo. Pouco depois de chegar ligou-se a uma patricia viuva. Não tardou muito que lhe sobreviesse um terceiro accesso maniaco, que o trouxe ao manicomio, onde permaneceu uns mezes. Teve alta. Trabalhou uns dous ou tres mezes, porém durante este tempo foi ter varias vezes á cadeia, porque facilmente irritavel entrava com a mesma facilidade em conflictos por motivos futeis. Sobrevindo a guerra grande apressou-se elle em seguir para o campo de acção, onde trocou em actos de bravura suas impulsões doentias. Se acreditarmos em suas revelações deve ter matado muita gente sem necessidade. Feita a paz deram-lhe logo baixa. Immediatamente regressou ao Brasil, trazendo a mais uma infecção luetica adquirida lá e que foi logo transmittida á mulher com a qual se havia ligado e que até hoje soffre as consequencias do mal, frequentando embora assiduamente os ambulatorios de prophylaxia de doenças venereas. Elle depois que regressou teve dous novos accessos manicacos que o trouxeram ao manicomio, onde pela violencia de suas reacções causou prejuizos incalculaveis em roupas e objectos, além dos feridos, guardas e doentes que por causa delle tiveram de ir aos serviços de cirurgia do hospital.

De um outro sei que em sua patria, fôra liberado condicional após o primeiro delicto allí praticado e que logo emigrou para o Brasil, onde tem oscillado entre a cadeia e o manicomio, sem nenhum proveito para o paiz.

Temos até hoje no Hospital Nacional um escandinavo, aliás pertencente a familia educada, que para aqui emigrou já francamente doente, quebrando pouco depois da chegada a vitrine de uma importante casa commercial da Avenida Rio Branco, e que eu já duas vezes consegui fosse repatriado pelo respectivo consul, mas que tem regressado, continuando a pesar sobre a nossa Assistencia a taes doentes.



Dos muitos que tem vindo directamente de bordo ou da Ilha das Flores para o Manicomio não falei, porque apesar do prejuizo que nos trazem em sustental-os, não são dos peiores do ponto de vista eugenetico, por isso que muitos desses internados logo á chegada, não tiveram tempo de deixar entre nós successão perniciososa.

Entre nós, como algures aliás, não se tem meditado bastante sobre o papel valioso dos manicomios na prophylaxia das doenças nervosas e mentaes. As internações não previnem apenas delictos communs mas tambem os attentados contra a saude mental da população, interrompendo a serie de casos morbidos hereditarios. Tenho conhecimento de mais de uma serie morbida familiar descontinuada, graças á internação do individuo propagador do mal.

Póde ser esquecido que a sequestração de um toxicomano impeça as probabilidades de procreação durante ao menos o periodo de impregnação que, evidentemente, é o que dá em resultado nfasto os peiores productos? E para o ambiente de familia póde ser negado que o afastamento dos pacientes seja de alto valor prophylactico? A sequestração do toxicomano previne evidentemente muitos delictos. Bem melhor será que ella se faça precocemente do que tardiamente. De um caso devo fazer aqui referencia, embora curta. Um estrangeiro grande bebedor, de uma feita affectado de delirio de ciumes investio contra a mulher. Um filho do casal, rapaz de 14 annos, ao ver a violencia da investida materna, pegou de um machado de cozinha que lhe estava á mão e com elle investio sobre o pae, quasi o matando. Só depois disso internaram o paciente para a cura dos ferimentos produzidos. De sua internação prolongada resultou então a cura do alcoolismo, vindo o homem a fallecer alguns annos depois, por occasião da pandemia gripal. E outros factos poderia eu citar em prol da minha affirmativa de que os manicomios e outros estabelecimentos de assistencia a psychopathas representam um papel não desprezivel na prophylaxia das doenças nervosas e mentaes.

Que os nossos legisladores e homens de Estado reflectam um pouco sobre isto, quando lhes parecerem pesadas as verbas de manutenção dos serviços da referida Assistencia.

Os norte-americanos com estatisticas mais ou menos numerosas têm procurado estabelecer quaes os grupos ethnicos que fornecem maior contingente de psychopathas aos manicomios dos Estados Unidos. Da meditação severa destas estatisticas e do confronto imparcial com o que occorre entre nós, acho que não se deve argumentar contra os emigrantes deste ou daquelle povo, porque seja maior a cifra de pacientes por elle fornecidos. A questão tem de ser individualizada. Cada emigrante tem de ser examinado á parte, desde que se não possa fazer em confronto com a propria familia, o que seria o ideal da selecção, porque um individuo mesmo são membro de uma familia cheia de alienados é pouco menos perigoso que um alienado no meio de uma familia de sãos. Emfim, emquanto se não generalisar o uso salutarissimo da ficha genealogica de saude mental de cada individuo, contentemo-nos em pedir a observação de cada emigrante.

Se os bons principios de verdadeiro internacionalismo já estivessem bem estabilizados eu pediria que os proprios paizes que por circumstancias sociaes de sobra conhecidas, tivessem de fornecer emigrantes tambem se preocupassem com a selecção physica e psychica dos que tivessem de deixar a patria em procura de novos lares. A preocupação tinha de ser não somente a de conservar o emigrado fiel ao paiz de origem, mas a de que em seu novo "habitat" jamais fosse elle um echo dissonante da boa reputação da gente de seu sangue e de sua nacionalidade de origem. O bem que dahi proviria para melhor aproximação dos povos seria inconteste. Se isso ao menos se fizesse no que diz respeito ás *institutrices*, teriamos evitado a frequencia dellas em nossos manicomios. Ha pouco tempo em uma secção do Hospital Nacional tivemos cinco dessas infelizes que se tivessem sido

bem examinadas psicologicamente antes da partida não teriam deixado os seus respectivos paizes, se esses já estivessem compe-  
netrados da desvantagem de taes representantes no estrangeiro.

Emquanto não for possível o referido accordo entre as na-  
ções que fornecem emigrantes e as que necessitam de immigran-  
tes, devemos fazer sem distincção de raça ou nacionalidade uma  
selecção individual o mais que possível rigorosa sob o ponto de  
vista mental, isto é, não devemos receber immigrantes que apre-  
sentem perturbação mental congenita ou adquirida: nenhum  
idiota, nenhum imbecil evidente, nenhum demente de qualquer  
especie, nenhum epileptico, nenhum maniaco-depressivo, ne-  
nhum paraphrenico, nenhum paranoico, nenhum doente de qual-  
quer outra psychose definida poderá saltar em nenhum porto  
nacional e se entrar pelas fronteiras terrestres deverá ser repa-  
triado, mesmo que seja á custa da nação. Se dentro dos 12 pri-  
meiros mezes da entrada do emigrante no paiz lhe sobrevier al-  
gum dos referido estados psychopathicos, deverá tambem ser re-  
patriado o mesmo emigrante. Nenhum estrangeiro de mais de  
dez annos poderá permanecer no paiz por mais de seis mezes se  
não souber ler e escrever pelo menos a propria lingua.

Almejo á saude mental da nacionalidade brasileira que ele-  
mentos maus não venham de paizes extranhos concorrer para  
abaixar-lhe o nivel.

#### RÉSUMÉ

En considerant: les faits multiples de troubles mentaux chez les émi-  
grants arrivés au Brésil, l'exemple des autres pays plus anciens et en pre-  
nant les multiples leçons de ces mêmes pays, en espécial les États Unis  
du Nord, l'auteur trouve évident que les nations nouvelles, de vaste ter-  
ritoire et de population non proportionnelle, ne doivent pas oublier les pro-  
blèmes de selection des émigrants, au moment d'organiser un programme  
de prophylaxie et d'hygiène mentales.

A' coté des restrictions d'ordre générale il faut établir: la prohibition  
d'entrée au territoire national des étrangers aliénés, des alcooliques, des  
illettrés, etc.; le reembarquement des immigrants que pendant les 12 mois  
après l'arrivée manifestent quelque trouble mental.

## Prophylaxia social das toxicomanias

PELO

DR. CUNHA LOPES

Assistente do Hospital Nacional. Medico do  
Sanatorio Botafogo.  
Membro effectivo da Liga Brasileira de  
Hygiene Mental.

Os vicios que, insidiosamente, absorvem as energias de milhares de brasileiros, põem-nos na triste expectativa dos acontecimentos sombrios que comparecem sempre na vida precaria dos povos debilitados.

Pervertera-se de tal maneira o senso moral de certos elementos da sociedade que, não procurando os encantos das sciencias ou das artes, voluntariamente se privam de cultivar as mais excelsas qualidades do espirito e oriental-as no sentido do Bem e do Bello.

A ethica transviada e a noção de esthetica empobrecida favorecem o avassallamento destes cerebros doentios, incapazes de admirar os esplendores da natureza, por toda sorte de torpezas, habitos viciosos e meios artificiaes de goso.

Não falando do fumo, da diamba ou do hashisch, simplesmente dizemos que aos vicios millenarios do alcool e do opio, se vieram juntar o do ether e da cóca.

Com a extracção dos alcaloides do opio (*morphina* — Seguin, 1816), e da coca (*cocaina* — Niemann, 1859), trouxe a industria chimica elementos novos á volupia pathologica dos viciados: *morphina* e *cocaina*, que arrancariam talvez do embotamento cenes-



thesico os mais gastos organismos, elevam agora ao grau maximo a intoxicação chronica d'aquelles que buscam uma euphoria que jámais virá!

O proselytismo e a suggestibilidade incrementados pela perversão instinctiva dos anormaes tendem a propagar este habito impulsivo de absorver toxicos, mal terrivel de que se infiltram todas as camadas sociaes.

O nome por que é conhecida essa triste realidade, deu-lh'o o eminente Féré e designa a irresistivel tendencia morbida que leva certos individuos de especial constituição psychopathica ao avezamento de entorpecentes e excitantes diversos.

A toxicomania é, pois, uma doença mental constitucional, que a occasião provoca; é um permanente estado d'alma sedento de euphoria, avido de prazeres artificiaes.

Não merece, entretanto, designar-se como tal a intoxicação fortuita, de origem therapeutica quasi sempre, da qual, por um surto de energia, o paciente se pode libertar.

Não contando o alcoolismo puro e o cocainismo transitorio, de que se observa numero elevadissimo de casos, já se nos deparam, na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, as seguintes toxicoses voluntarias, assim nomeadas por ordem de frequencia:

- 1º — *Morphinomania* (englobando o pantoponismo, o sedolismo e o trivalerinismo).
- 2º — *Heroinomania* (diacethylmorphinomania).
- 3º — *Cocainomania*.
- 4º — *Alcool-cocainismo*.
- 5º — *Morphino-cocainismo*.
- 6º — *Cocaino-veronalismo*.
- 7º — *Etheromania*.
- 8º — *Opiomania*.

O *alcoolismo*, sabemos, fornece o maior contingente de reinternação no Hospital Nacional de Alienados e nas casas de saude do Rio. O assumpto merece longas considerações e delle já se occupou Ernani Lopes, no 2º Congresso Brasileiro de Hygiene,

reunido recentemente em Bello-Horizonte, apresentando primorosa contribuição em que expõe os meios mais efficientes a serem postos em pratica na sua prophylaxia social.

O *cocainismo periodico*, muito commumente observado no meio social elegante, apresentando ligeiros disturbios psychosensoriaes, que não chegam a conduzir á internação hospitalar, passa, de ordinario, despercebido.

A *etheromania*, talvez pelo muito de denunciante que tem, torna-se cada vez menos frequente ou apenas episodica em suas aparições.

Os folguedos carnavalescos, que proporcionam grande consumo do *veneno de luxo*, facilitam e sublimam a intoxicação.

O uso dos *lança-perfumes* durante o carnaval, diz Aduino Botelho, é muitas vezes occasião propicia para os etheromanos se regalarem, ou para a criação de novos viciados que se inebriam com a vaporisação perfumada e suave de essencias exoticas...

Os *fumadores de opio*, que constituem a fórmula mais conhecida da *opiomania*, felizmente, occupam um dos mais infimos lugares nas intoxicações que vão tendo rapida expansão em nossa sociedade.

Predominam, portanto, como acabamos de vêr, a *morphinomania* (heroinomania inclusivé), sob todas as fórmulas, e a *cocainomania*, pura e associada ao alcool, á morphina, aos veronaes, etc.

Sem a conveniente assistencia medico-social, essas toxicomanias se prolongam até a completa miseria organica, até o ultimo dia da existencia do viciado.

E' desolador vêr-se a mocidade brasileira engolfada no vicio, ao passo que, descuidosos della, lidimos talentos, que poderiam tratar carinhosamente d'estes assumptos, se deixam empolgar pelas paixões, que siscitam discussões estereis e só fomentam odios politicos!

Não nos illudamos.

As toxicomanias, que ganham terreno, constituem um dos maiores flagelos nacionaes.

Urge, portanto, a sua prophylaxia.

Ao bom exito, porém, da prophylaxia das intoxicações de luxo é indispensavel conhecer os principaes traços clinicos e psychologicos caracterizantes dos individuos que a ellas se entregam.

*Morphinomanos* — Tanto os que se injectam impulsivamente (kentomanos) como os que usam por via nasal, já pelos olhos se denunciam.

As pupillas estreitas, punctiformes, o olhar de brilho metallico e a pallidez de camelia — alterações estas oriundas da intoxicação do grande sympathico — definem a *facies morphinica*.

A indolencia, a mentira (a mythomania é inseparavel da toxicomania), a tendencia a isolar-se, a insomnia nocturna e dias inteiros de somno constituem modificações que contrastam flagrantemente a existencia hygida, natural, e a existencia morbida, symptomatica da impregnação toxica.

A instabilidade do humor é surpreendente: intratavel, irritado e até colerico, dentro de poucos minutos o morphinomano entra em plena calma e, capaz de esquecer as maiores injurias, se entrega a sensações paradoxaes.

Em face dessas manifestações se devem procurar as *peças de convicção* — toxicos, seringas, prescrições medicas (verdadeiras ou falsas) e os *signaes de certeza*: cicatrizes e abcessos, morphina na urina e cuti-reacção pela morphina.

O exame do habito externo do toxicomano é imprescindivel — até nas cavidades naturaes se têm encontrado seringas e recipientes contendo drogas — para certificar-se da presenca de lesões typicas, de cicatrizes e abcessos consecutivos a injecções.

A pesquisa da morphina na excreção urinaria, dando positiva nos doentes que absorvem mais de 0,10 de sal por dia, é argumento decisivo.

Recente e delicada é a engenhosa prova da *cuti-reacção pela morphina*. Devida a Joltrain, descreve-a Logre: — Faz-se no individuo ligeira escarificação na pelle (do braço por exemplo) depois, impregnando-se a arranhadura por um soluto de morphina, no fim de 10 minutos verifica-se, nos labios da pequenina ferida, a existencia de edema ou vermelhidão, o que denuncia a sensibilidade do organismo pelo opio.

*Cocainomanos* — Foi-se o tempo em que estavam em moda as injeções de cocaina; hoje é por inalação nasal, á maneira da pitada de tabaco, que absorvem avidamente a droga.

De apparencia mais limpa, não é, todavia, menos condemnavel este vicio “elegante”.

Elegante, aliás, diz-se por euphemismo, porque em muito pouco tempo a acção destruidora e anesthesiante do toxico corroe a septo nasal, sem que o proprio viciado se aperceba, abrindo largas crateras de fealdade extrema e dando aos mais lindos rostos apparencias desharmonicas e anti-estheticas em virtude de lesões irremediaveis.

A cocainomania se origina, quasi sempre, da perversão constitucional dos prazeres e tem a sua principal causa no desequilibrio psychico.

Experimenta constante influxo psychologico do contagio, d'onde verdadeiras intoxicações induzidas, perfeitamente comparaveis a certas psychoses que se transmitem por suggestibilidade.

Da mesma maneira que o opio — o succo por excellencia — divinizado no Oriente, a coca — planta sagrada dos Incas, significando, no idioma originario, simplesmente, a arvore — foi dignificada pelo ritual do culto indigena e figurava no escudo da dynastia real incáica.

Obtido, em 1859, de suas folhas o inclito alcaloide — a *cocaina* — a intoxicação, apenas conhecida pelos mascadores de *coca-coqueros* — sublimou-se e, trinta annos mais tarde, Shaw descreve a *cocainomania*.

Em 1886, Erlenmeyer publica o primeiro trabalho sobre as perturbações mentaes devidas á *Cocainsucht* e, em 1889, Saury traça a semiologia psychica do cocainismo.

O delirio cocainico participa dos caracteres geraes das psychoses toxicas. Distingue-se, entretanto, pela acção electiva que exerce sobre os centros sensoriaes e psycho-motores.

E' um delirio essencialmente allucinatorio.



Os disturbios da ideação, jamais primitivos, se enxertam constantemente nas perturbações sensoriaes (illusões e allucinações).

Se bem que de modo desigual, todos os sentidos podem ser afectados. Predominam perturbações da sensibilidade geral.

Depois destas se collocam as allucinações da vista, do ouvido, do olfacto e do paladar. Penosissimas são as perturbações sensoriaes, multiplas e moveis como no alcoolismo, mas variaveis em intensidade e persistencia. Disturbadas as percepções cutaneas, o cocainizado sente correr na superficie da pelle ou na espessura da derme um ror de insectos — percevejos, pulgas, piolhos e moscas — de aranhas e de vermes e ainda pedaços de agulhas, *crystaes de cocaina*, etc.

Os phenomenos psycho-sensoriaes se acompanham de desordens da sensibilidade peripherica (analgesias totaes ou parciaes, disturbios inhibitorios da visão, da audição, etc.) e da motricidade (superexcitabilidade muscular, convulsões, ataques epileptoides).

Antes, porém, do apparecimento dessas manifestações francamente pathologicas, a cocaina, injectada ou inhalada, proporciona especial estado de euphoria, que se traduz por contentamento, deliciosa agilidade de espirito e de corpo, esquecimento das miserias da vida e da tristeza: é a embriaguez cocainica, sentimento de força e de intelligencia soberanas.

Esta euphoria não é como a do morphinismo, uma alegria passiva, uma felicidade em repouso; é, ao contrario, em sua fórmula habitual e typica, uma alegria activa, uma felicidade em movimento. Logre, que assim se exprime, acrescenta: O morphinismo tende a realizar, o ideal budhico: o nirvana, redobramento voluptuoso e languido do ser sobre si mesmo; o cocainismo tende mais para um ideal nietzscheano: a "vontade de poder", a expressão energica e triumphante da personalidade no mundo exterior.

Qualidades são estas, excepçoes e ephemeras, que, empolgando facilmente a curiosidade dos espiritos debeis, acarretam-lhes em breve as mais funestas consequencias physicas e moraes.

Como preliminar, podemos, sem exaggero, dizer, que, na

mentalidade enfermeira do verdadeiro viciado, está sempre a tendencia toxiphila.

Viciados ha, no entretanto, que, sem essa imperiosa tendencia, só se inveteram nas agruras do vicio, porque, impotentes para supportar os efeitos da abstinencia, se não podem furtar ao uso quotidianos de seus toxicos.

A generalidade dos toxicomanos se biparte, pois, em dois typos clinicos assás differentes:

Uns não apresentam impulsivas tendencias para os toxicos a que se avezaram; outros são doentes da vontade e, ainda, as mais das vezes, portadores de taras degenerativas.

Constituem, estes ultimos, terreno propicio ao desenvolvimento de todos os habitos viciosos, aviltantes da personalidade, e a elles se lhes deve, mais de direito, dar a designação de toxicomanos.

Elles, precisamente, que ficam comprehendidos entre os anormais psychicos e loucos moraes e que são psychopathas de especialissimo estado mental, reclamam a assistencia medico-social mais adequada: — institutos, que lhes ministrem tratamento conveniente; policia de costumes, que lhes reprimam actos anti-sociaes.

Aquelles, porém, que se escravizaram a uma ou outra droga estupefaciente que, por incuria medica, lhes fôra, para debelar padecimentos physicos ou psychicos, constante e longamente ministrada, esses são os toxicomanos occasionaes, — victimas dos agentes therapeuticos susceptiveis de, cedo ou tarde, celere ou lentamente, conduzirem ao habito.

Os individuos que foram levados á toxicomania simplesmente por demorada intercurencia, medica ou cirurgica, de regra, não têm a incoercivel tendencia toxiphila dos degenerados, tendencia esta que proporciona larga margem ás frequentes reincidencias.

Em admiravel synthese Logre expõe os traços distinctivos desta predisposição mental dos toxicomanos constitucionaes.

a) — na ordem *intellectual*: a *curiosidade* malsã, a perquirição imaginativa de estados d'alma anormaes, raros e mysteriosos;

b) — na ordem *sensitiva*: a *impressionabilidade* desmedida, a aptidão de sentir muito vivamente o bem estar e o mal estar, uma sensibilidade ao mesmo tempo delicada e voluptuosa;

c) — na ordem *voluntaria*: a *abulia* e a *impulsividade*, a falta de resistencia á dôr e ao prazer; a frouxidão, a preguiça e o desmazelo, emfim esta especie de abdicação, de “defectismo moral”, que sacrifica os interesses superiores e longinquos á attracção de um goso immediato e degradante;

d) — na ordem dos *instinctos*: o *appetite* e a necessidade de excitantes anormaes; a afinidade electiva, organica e mental, do psychopatha para o toxico; sua reacção muito delicada ás primeiras picadas, emfim, o avassallamento rapido e progressivo de todo o ser: sua ligação passional com o opio.

Esta appetencia é tanto mais uma *perversão instinctiva* quanto tem ella por habitual cortejo toda a serie de *depravações* constitucionaes: o espirito da mentira, a *mythomania*; — as perversões genitae, notadamente a homo-sexualidade; — a preguiça, o desanimo, a inveja, a malignidade; — a paixão do jogo; — a tendencia ao parasitismo e á prostituição; — a delapidação pecuniaria com delictos varios (furtos, falsos, abusos de confiança, fraude, “chantage”, “escroquerie”).

E’ classico dizer-se que a morfina desenvolve no toxico-mano a immoralidade, a tendencia á mentira, as depravações sexuaes, etc.; convem ajuntar que, as mais das vezes, o opio nada mais faz senão revelar, “sensibilizar” as disposições anormaes: elle se limita a restituir com usura, ao temperamento individual as taras emprestadas.

Mais outra noção sobre a qual se deve insistir: o toxico-mano tende a *accumular as intoxicaciones*. As toxicomanias se attraem umas ás outras; após o opio, a cocaina: d’onde o morfino-cocainismo, associação singularmente frequente, e ainda o alcool, o ether, o veronal, o chloral, etc.

Por profundas e bastante analogas razões, o toxico-mano dedicado a um unico toxico é tão raro como o libertino preso a uma só amante, ou — segundo uma observação de La Roche-foucauld — *la femme infidèle que n’a qu’un seul amant*.

O opio (mais particularmente, a morphina) é o toxico de escolha dos emotivos e imaginativos — degenerados superiores. Venenos do systema nervoso vegetativo, deixando o cerebro mais ou menos indemne, proporcionam a lucidez ephemera da mediocridade intellectual; a cocaina, intoxicando o systema nervoso central, excita a vida vegetativa: á lucidez se segue a confusão mental: — allucinações, delirios, ataques epileptoides, demencia.

O opio é o veneno do senso moral.

De seu abuso resulta o enfraquecimento da vontade e, “em lethargia constante, o doente assiste impotente e lucido á sua propria decadencia”. Qualquer esforço lhe é penoso, todo o acto decisivo é deixado para amanhã.

No que tange aos meios de assistencia, em se tratando de toxicomanos puramente accidentaes, é possível ao clinico, mediante intelligente vigilancia, conseguir em pouco tempo, desintoxicando o organismo, erradicar o mal e assegurar o restabelecimento, a cura do paciente, que, de ordinario, imbuido de temores, embora infundados, procura esquivar-se ao tratamento.

Os doentes desta natureza são perfeitamente curaveis, e até se podem tratar no proprio ambiente em que vivem. Mas, tão raros, figuram apenas em minoria muito insignificante, estando o maior contingente representado pelos toxicomanos constitucionaes.

A internação, que tambem se faz voluntariamente, em estabelecimento adequado, é, comtudo, mais vantajosa, e até imprescindivel no ultimo caso, porque constituem excepção os viciados que se tratam sem a vigilancia constante exercida por medicos e enfermeiros experimentados.

Os reincidentes, que se recrutam, na grande maioria dos casos, dentre os anormaes, são dos portadores de estigmas psicnicos de degeneração — de fraqueza da vontade e de potentes alterações da personalidade — aquelles que não resistem á tentação do toxico.

Attendendo a este ponto culminante da campanha anti-toxiphila é que a cooperação de medicos e magistrados, industriaes e policia de costumes se faz mistér afim de impedir a



acquição das substancias inebriantes e narcoticas para fins extra-medicos.

A Commissão Consultiva do Opio, da Sociedade das Nações, decidiu, em sessão de 12 de Janeiro de 1923, que deveriam adoptar-se diversos methodos restrictivos com o fim de determinar a quantidade de opio estrictamente necessaria para fins medicos e scientificos.

Ainda com o proposito de restringir a produção de substancias entorpecentes, discutiu-se, em sessão do Comité de *L'Office International D'Hygiène Publique* (1923) medidas tendentes a impedir o fabrico da heroína (chlorhydrato de diacetyl-morphina), sal mais toxico do que a morphina, cujo emprego os Serviços de Saude dos Estados Unidos haviam já prohibido desde 1916.

Continuando com vigor a lucta contra o abuso de estupefacientes, as leis norte-americanas são inexoraveis. Não faz muito tempo, um medico, do Estado de Missouri, foi condemnado a 10 annos de prisão e 6.000 dollars de multa por violações repetidas da "*Harrison Narcotic Law*".

Tambem, na Russia Sovietica, não permanecem esquecidas as medidas prophylacticas contra os toxicos. As ultimas noticias, que de lá nos chegam, informam que o Governo trata de expulsar os traficantes de cocaina.

Meio efficaz, porém, para abolir a cocainomania, indicam em 1922, em carta dirigida ao "*Times*", o professor W. W. Bayliss e o Dr. C. W. Saleeby:

Não sendo a *cocaina* absolutamente necessaria á pratica medica, porque se póde substituir pela *procaina* e pela *butyna*, propõem a cessação do fabrico desse perigoso sal e o abandono da cultura da coca.

Entré nós, em prol desta benemerita campanha movida contra as intoxicações voluntarias, foram promulgados os decretos 4294 e 14969, de 6 de Julho e 3 de Setembro de 1921. respectivamente: — o primeiro auctorizando o Poder Executivo a regulamentar a entrada no Paiz de substancias toxicas, taes como o opio e seus derivados, a cocaina, etc., e a crêar no Dis-

tricto Federal, um estabelecimento especial para a internação dos intoxicados pelo alcool ou substancias venenosas entorpecentes; o segundo approvando o regulamento que fôra elaborado de accôrdo com uma commissão medico-juridica, regulamento pelo qual hoje se regem todas as questões attinentes aos toxicomanos.

Recapitulando: — Vemos duas, bem distinctas, categorias de toxicomanos: uns, constitucionaes, que arrolam entre os psychopathas e são dos dominios da psychiatria e da sociologia; outros, occasionaes, que facilmente se podem curar e estão ao abrigo da reincidencia, pertencem tanto á clinica geral como á psychiatria.

A nossa legislação visa, mais propriamente, os primeiros e institue desde a simples internação “para evitar a pratica de actos criminosos ou a completa perdição moral” até a “interdição, ampla ou limitada, segundo o estado mental do internado”.

Mostrando manifestas lacunas, já citadas por Pernambuco Filho e Aduato Botelho, e facilmente corrigiveis, a lei de assistencia aos toxicomanos necessita que se lhe façam reparos imprescindiveis para garantir sua efficacia.

Mas, não é só: alguma coisa ha que mais urge que a simples reforma da lei: é o nosso aparelhamento para plena execução della.

Que não valham, pois, as mui conhecidas razões de estreiteza de verba orçamentaria e se dote a nossa assistencia aos anormaes dos melhoramentos que ella exige.

Resumindo:

Na luta contra os venenos sociaes representa papel saliente a educação das collectividades.

Esta educação prophylactica deve consistir não só na repressão da pratica abusiva dos narcoticos, ainda bastantes vezes observada no receituario de medicos pouco avisados, mas, tambem, na propaganda, que póde ser levada a effeito pelas sociedades de hygiene e pela imprensa divulgando os melhores meios preventivos contra os toxicos entre as classes mais expostas ás intoxicações voluntarias.

A efficiencia das medidas de repressão precisa de ser incrementada e para tanto nada mais temos a exigir senão as penalidades, já estatuidas em lei.

A brandura ou a desidia, as mais das vezes, observada na applicação de medidas coercitivas, muito tem contribuido para a expansão do vicio, por isso que, seguros de sua impunidade, os traficantes actuam livremente e os consumidores de estupefacientes gosam, até a baixo preço, a grande plethora das drogas mais appetecidas.

Como natural consequencia, esses viciados, que, ainda nas maiores difficuldades economicas, se supprem do toxico habitual encontrado ao alcance de todas as bolsas, jamais procuram tratar-se e jazem, dia e noite, entorpecidos, engolfados na mais deploravel situação moral. Sómene ao acaso, na vigencia de actos anti-sociaes, são policialmente sequestrados, já em precarias condições psycho-somaticas, para se submitterem á cura de desintoxicação, que, desta forma, é sempre cercada de hostilidades e obstinada resistencia.

Ainda assim, a -internação com o fim de tratamento, des-empenhando excellentes funcção prophylactica, deveria ser obrigatoria para todos os recalcitrantes, intoxicados do opio e derivados, do ether, da cocaina, etc.

Os resultados colhidos, dia a dia, nas clinicas especializadas, se têm mostrado cada vez mais animadores.

Os reincidentes, em regra psychopathas constitucionaes que muito preocupam a prophylaxia, existirão emquanto houver facilidade ou, melhor, possibilidade para adquirir o toxico.

Os intoxicados incipientes desapparecerão forçosamente com a obrigatoriedade do tratamento, obrigatoriedade esta que, antes de tudo, tem por fim apressar as resoluções demoradas das internações espontaneas.

O tratamento que se consegue nos ambulatorios só surte effeito para casos excepçionaes, e tão raros são estes que o exito obtido se não pode contar como resultante do modo de cura, mas, sim, como resultante das qualidades inherentes á pessoa do intoxicado.

## CONCLUSÕES

A prophylaxia das toxicomanias pode realizar-se:

1. — pela legislação dificultando e impedindo a obtenção das drogas entorpecentes, visadas no decreto 4294, de 6 de Julho de 1921, pela educação preventiva dos individuos expostos ás toxicoses voluntarias, e

2. — pela internação dos viciados com o fim de fazer tratamento e pela assistencia medico-judiciaria aos reincidentes.

Consiste, portanto, esse magno problema:

1º — em tornar os toxicos inacessiveis, o que se consegue pela applicação das medidas coercitivas e penalidades legaes;

2º — em assistir aos intoxicados, na cura e na reincidencia, que se faz, ou pela simples internação, ou pela interdicção, conforme se acha estatuida na lei 14969, de 3 de Setembro de 1921.

Nossas conclusões se resumem, pois, nesta fórmula simples:

1º — Tornar o toxico inacessivel: — Legislação.

2º — Assistir ao intoxicado: — Internação.



L'éducation prophylactique des collectivités en ce qui regarde l'abus des poisons sociaux, doit commencer en exigeant des praticiens une plus grande circonspection, dans l'ordonnance des médicaments narcotiques.

En même temps les Sociétés d'Hygiène et la presse en général, par une propagande sans relâche, s'efforceront de faire connaître dans les milieux le plus exposés, tous les horribles méfaits des intoxications volontaires.

D'un autre côté les mesures de répression touchant le commerce illégal des drogues dont il s'agit ne doivent pas être différées ou adoucies sous aucun prétexte, afin qu'on puisse tout au moins diffculter l'acquisition du toxique et par les viciés et par les prédisposés au vice.

Attendu que la toxicomanie est le plus souvent guérissable, lorsque le malade peut être interné et traité de bonne heure, il faudrait obtenir l'internement avant même la survenance des premières réactions anti-sociales de ces psychopathes.



## Considerações sobre prophylaxia mental e delinquencia

PELO

DR. HEITOR CARRILHO

Director do Manicômio Judiciario do Rio de Janeiro

A prophylaxia mental, em sua altruistica finalidade em prol da validez das collectividades, tem a seu cargo um vasto e admiravel programma de realizações praticas, cada qual mais digna de consideração, na sua variavel complexidade.

Visando a eurythmia social em todos os seus multiplos aspectos, seria ella um empreendimento phantasia se a possibilidade de sua realização não estivesse perfeitamente prevista por leis biologicas ou postulados scientificos que valem por verdadeiros axiomas.

Quem diz eurythmia social ou collectividade mentalmente valida, assignala uma organização social escoimada de vicios e de defeitos nefastos e perigosos que são para o meio colectivo equivalentes das taras individuaes no organismo humano.

Essa eurythmia reflecte, pois, de um modo decisivo, a validez psychologica dos individuos, tal como na solidez dos edificios magestosos, na harmonia de suas linhas architectonicas e nas manifestações de arte que encerram, se reflectem a eficiencia profissional e a elegancia mental do artista que os imagina e realiza.

A prophylaxia mental visa, pois, supprimir as causas perturbadoras dessa eurythmia social, corrigindo e orientando o indi-

viduo defeituoso para que elle, por si e pelos seus descendentes, possa tornar-se um elemento do progresso colectivo.

Dentre as revelações da negatividade dessa efficiencia e dessa harmonia, a delinquencia é, sem duvida, uma das mais expressivas, porque fére a sociedade na propria essencia da sua finalidade, reclamando, por isso, a acção decisiva e forte da prophylaxia salvadôra.

Para isso, é necessario que se reconheça que o crime é, de facto, na maioria dos casos, a expressão de anormalidades psychicas momentaneas ou permanentes que merecem estudadas em todos os intimos aspectos de sua determinação.

As ligações da degeneração e da loucura com a delinquencia são de direito, como é sabido, um opulento capitulo da bio-anthropologia e da psychiatria. Já Vauvernagues (1) fallava da criminalidade como de uma doença do espirito e Cabanis, todas as occasiões em que se referia aos criminosos, considerava-os como doentes e aconselhava a transformar as prisões em *hospícios de correccão*.

Toulouse, Genil-Perrin e Targowla (2) escreveram recentemente: "um individuo inteiramente normal não irá nunca, deliberadamente, se pôr em conflicto com as leis penaes. E' geralmente por perversão, por fraqueza, arrastamento, impulsão ou algum outro phenomeno psychopathico que os crimes ou os delictos são determinados'.

Se assim é, se as reacções antisociaes reflectem, de algum modo, as deficiencias e as perversões psychicas dos individuos que a ellas são levados, o problema de delinquencia é por excellencia um capitulo da hygiene e da prophylaxia mentaes e, consequentemente, as penitenciarias devem constituir centros de estudos e de convergencia de realizações praticas visando a orthopedia psychica dos delinquentes.

(1) Citado por GENIL-PERRIN em *Histoire des origines et de l'évolution de l'idée de dégénérescence en médecine mentale*. Paris, 1913.

(2) TOULOUSE, GENIL-PERRIN et TARGOWLA. *Médecine sociale. Traité de pathologie médicale et de thérapeutique appliqué*. 1925. (Artigo sobre "Prophylaxia mental").

Outra, aliás, não é a finalidade das modernas tendencias pennaes que transformaram em um salutar principio de defesa social e de regeneração individual a ideia de castigo e de vingança que norteava o direito de punir. Esta salutar orientação triumphou definitivamente, empolgando os espiritos e será, sem duvida, universalmente, a Justiça de amanhã.

O estado perigoso e a consequente temibilidade dos delinquentes, examinados á luz de um rigoroso criterio scientifico antropopsychologico, serão os fundamentos sobre os quaes se orientará toda a legislação repressiva e, por isso que ella assentará em indagações que tendem, em ultima analyse, a estudar toda a personalidade do individuo, exhumando-lhe as anomalias moraes e as differentes táras, facil é de se imaginar o admiravel programma de estudos d'ahi resultante, alargando o campo da hygiene mental em toda a complexidade dos seus fins.

Em um excellento relatório apresentado ao IX Congresso de Medicina legal da lingua francesa, um erudito paladino d'estas questões, o Dr. Vervaeck (3), director do Serviço de antropologia penitenciaria belga, escreveu, entre as suas conclusões, que "o regime penitenciario, conforme os dados da antropologia criminal que se deprehendem da observação e dos exames dos detidos, deve logicamente se orientar para a therapeutica medico-psychologica e a defesa da Sociedade; elle tem por fim especial a readaptação do delinquente á vida social regular".

A finalidade das penitenciarias é, assim, antes de tudo, uma finalidade medico-social. Ao estudo bio-antropologico do delinquente segue-se a sua logica consequencia — a correção de suas táras, para que, com o desaparecimento de sua nocividade, venha a ser um factor da eurythmia social.

Não podem, dest'arte, as penitenciarias prescindir do concurso de psychiatras, de bio-antropologistas e de hygienistas especializados, para o integral preenchimento do seu *desideratum*. Esses

---

(3) VERVAECK — *Le traitement de tous les delinquants dans le cadre penitentiaire*. Annales de Médecine légale, de criminologie et de police scientifique, 4<sup>o</sup> anno. N. 5. Maio, 1924.

profissionais, que devem ser competentes e devotados, com a maxima compenetração da importancia da tarefa que lhes incumbem realizar, actuarão cercados de laboratorios de pesquisas psychologicas e clinicas e de todos os elementos necessarios á maior eficiencia de sua missão, tal como já acontece nas prisões belgas providas de annexos psychiatricos.

Do mesmo modo que já se faz obrigatoriamente a ficha dactyloscopica dos delinquentes, dever-se-ha tambem fazer a sua ficha psychologica, com todos os esclarecimentos necessarios ao conhecimento do perfil mental de cada um d'elles. Da maior importancia será o estudo dos factores hereditarios que actuaram na formação de sua personalidade, do modo pelo qual n'elles se revelam as tendencias instinctivas e as aptidões, afim de que sejam apuradas as tãras somaticas e psychicas que, acaso, tivessem influido na determinação dos varios delictos.

Assim como nos dispensarios psychiatricos se faz o reconhecimento ou o encontro dos individuos psychicamente frageis, para sobre elles fazer incidir as regras prophylaticas que lhes permitem viver ao abrigo de manifestações psychopathicas definidas, cooperando, pelo genero de vida adequado ao seu feitio psychologico, no progresso colectivo, assim, tambem, nos serviços de prophylaxia mental das penitenciarías, onde o encontro dos individuos tarados se acha mais simplificado, se deveria fazer a seriação medico-psychologica dos delinquentes, no intuito de melhor conduzil-os á readaptação de que tanto carecem, em beneficio proprio e no da collectividade. De muito interesse pratico se nos afigura para essa seriação medico-psychologica o conhecimento das chamadas "constituições psychopathicas" de que, não raro, são portadõres os delinquentes.

Essas constituições representam no dizer de Courbon (4) "o coefficiente reaccional do individuo" e, segundo Delmas e Boll (5) significam "a existencia, em um individuo, de um conjuncto es-

(4) COURBON ET BAUER — *De l'etiologie des constitutions en psychiatrie*. (Comunicação ao Congresso dos medicos alienistas e neurologistas de França e paizes da lingua franceza — 1923.)

(5) DELMAS ET BOLL — *La personnalité humaine. Son analyse*, Paris.



pecial e definido de tendencias que d'elle fazendo parte integrante, permitem precisar sua personalidade e prevêr para que psychose progressiva ou regressiva, intermittente ou continua, é susceptivel de evoluir”.

Sendo assim, essas constituições representam, por assim dizer, o signal de alarme que autorisa a prevêr as tendencias psychopathicas dos individuos e explicam, não raro, as suas reacções no meio social, formando, por conseguinte, um capitulo importante da hygiene e prophylaxia mentaes, conforme tivemos oportunidade de sustentar, ainda ultimamente, n'um trabalho que escrevemos para o 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, reunido em Bello Horizonte, em Dezembro de 1924.

Varios foram os typos descriptos de constituições psychopathicas, bastando referir que Ziehen (6) descreveu doze formas diferentes (degenerativa, hysterica, neurasthenica, coreica, traumatica, toxica, residual, depressiva, hypertimica, paranoide e obsesiva).

Mais consentanea com a observação diaria parece-nos, entretanto, a redução desse numero aos typos commumente observados, taes como os lembrados por Delmas e Boll, no seu citado livro (constituições paranoide, mythomaniaca, hyperemotiva, cyclothymica e amoral).

A pratica de examinar detentos no nosso serviço do Manicomio Judiciario do Rio de Janeiro, nos tem demonstrado a grande percentagem de portadores de taes constituições entre os accusados, sobretudo as dos typos hyperemotivo, paranoide e amoral. Frequentemente observamos individuos portadores de uma viva impressionabilidade nervosa, vibrando facilmente aos embates dos choques emotivos que repercutem sobre a sua volição, acarretando-lhes fácil impulsividade. Taes individuos são portadores da chamada “constituição psychopathica hyperemotiva”, descripta por Dupré (7) a qual tem signaes objectivos proprios, e a sua delinquencia recebe n'esta caracterisação psychologica muito

(6) ZIEHEN — *Die Geisteskrankheiten de Kindesalters*. Berlim, 1906.

(7) — DUPRÉ — Sociedade de Neurologia de Paris, 1909. *Revue Neurologique*.

de sua explicação, entrando, de certo modo, no typo da "delinquencia reflexa" de que nos falla Verger (8).

Abandonar taes individuos nas penitenciarias, sem cuidar-se desta sua feição psychopathica é fazer obra de efeitos negativos para a harmonia das sociedades. Taes individuos, ao numero dos quaes pertencem quasi todos, se não todos, os criminosos passio-naes, deverão encontrar no serviço de prophylaxia mental das penitenciarias, os elementos necessarios á correcção de suas táras affectivas e na therapeutica pelo trabalho orientado de accôrdo com a selecção profissional, o mais seguro factor para o affastamento de sua imminencia psychopathica.

Ainda ultimamente, em um trabalho commentado pelo Dr. Franco da Rocha, dois americanos, Harry Olson, juiz da Côte municipal de Chicago e William Hickson, director do Laboratorio de Psychopathologia da mesma cidade (9), encarecendo a questão da emotividade nos criminosos, concluíram do estudo de quarenta mil criminosos que "é possível dentro de duas horas estabelecer-se o diagnostico da sanidade ou insanidade emotiva de qualquer criminoso na barra do Tribunal".

Para isso, preconizam o emprego dos tests, no Laboratorio de Psychophysica, pelo que scientificamente se pode estabelecer a existencia da loucura emocional.

Os individuos portadores da constituição amoral, de que tantos casos tivemos sob nossas vistas e observação, cuja reincidencia é a mais formal expressão desta condição anomala do seu psychismo, tornando-os de temibilidade mais forte, serão o objecto da acção decisiva dos serviços de prophylaxia mental das penitenciarias, em cujas escolas e officinas se lhes tentará a orthopedia do espirito de que tanto carecem. E' sabido que são estes os peiores elementos do mundo das prisões, entrando naquelle vasto gru-

---

(8) HENRI VERGER — *L'évolution des idées médicales sur la responsabilité des delinquants*. Paris, 1923.

(9) HARRY OLSON e WILLIAM HICKSON — *Are criminals brain — cripples*, em *Litterary digest*, de Nova York, Agosto, 1924, (commentado pelo Professor Franco da Rocha, no *Estado de S. Paulo* de 1 de Outubro de 1924).

po dos invalidos moraes de que nos fallam Mairret e Euzière (10) e dos anormaes perversos que, segundo Colin e Demay (11), "são caracterizados por uma parada de desenvolvimento da affectividade e do senso moral e pela perversão dos instinctos, contrastando com a integridade relativa das faculdades intellectuaes, determinando reacções antisociaes permanentes'.

Que dizer dos orgulhosos, dos desconfiados, dos cheios de si, dos fanaticos, dos exaltados e dos mentirosos que povoam as prisões?

Não serão tantos typos que justificam nas prisões os serviços de prophylaxia mental com os seus laboratorios de psychotechnica e de antropologia criminal?

Não estarão, porventura, os velhos e exhaustivos estudos concernentes ás relações da loucura e da degeneração com o crime, que tem inspirado verdadeiras bibliothecas, clamando pela realização de taes serviços?

Não foram muitos psychiatras levados pela sua observação a até individualisar em formas psychicas que julgaram definidas e especificas — as psychoses carcerarias — as reacções psychopathicas dos encarcerados?

Impõe-se por si mesma, pois, a actuação da prophylaxia mental nas penitenciarias, justificando a finalidade destas ultimas que é a correcção do delinquente, com o affastamento de suas táras, em beneficio da harmonia social. Tão elevado desideratum medico-social justifica o entusiasmo com que são acolhidas as modernas tendencias penaes que reclamam a individualisação da pena baseada no criterio ditado pela concepção antropologica.

O velho erro de punir de accordo com as proporções do crime e as erroneas formulas contidas nas tarifas das penas, segundo as quaes a tal delicto deve corresponder tal tempo de sequestração, terá, assim, que ser substituido por esse outro criterio, o da indi-

(10) MAIRET ET EUZIÈRE — *Les invalides moraux*.

(11) COLIN ET DEMAY — *Les aliénés criminels*, em *Psychiatrie (Traité de Pathologie médicale et thérapeutique appliqué)*. Tome II, 1921.

vidualisação que encontra nos meios e na finalidade da prophylaxia mental o seu mais formal elogio.

Mas, se as penitenciarias devem constituir, conforme dissemos, centros de actuação dos serviços de prophylaxia mental, por ahi se pode comprehender a vastidão e complexidade do problema da prophylaxia de delinquencia.

O programma integral dessa ultima é, antes, o programma total da hygiene mental. Começa elle no estabelecimento das regras concernentes á eugenia, afim de que sejam evitados os malefícios da hereditariedade pathologica, estende-se pela puericultura pre e post natal e detem-se no factor educativo, cuja importancia na formação do espirito é axiomática, permittindo aos individuos o afastamento dos habitos mentaes nocivos, aprimorando-lhes o character e traçando-lhes a personalidade integra. E', então, que se faz a educação dos instinctos, dosando as reacções que elles determinam e que tanto pesam na genese dos delictos, influindo sobre essa "agressividade latente" de que nos falla Hernani Mandolini (12), formula instinctiva da personalidade que o poder phrenador das sociedades e da civilisação dissimula e transmuda.

Referencias especiaes no que se refere a essa prophylaxia da delinquencia merece a questão do combate ao alcoolismo, dado o importante papel criminogeno do alcool, devendo-se pugnar pela prohibição da venda e da importação do alcool distillado potavel.

E', porém, na idade infantil que a hygiene mental encontra o seu maximo de utilidade pratica, justificando a intensificação de sua acção salvadôra nessa phase da existencia, quando as condições de receptividade para os bons principios a que é solicitada, melhor se revelam.

Assim evitar-se-hiam os malefícios da dissolução dos costumes, das intoxicações euphoristicas em geral, da miserabilidade e do pauperismo que difficilmente podem cercar os espiritos edu-

---

(12) HERNANI MANDOLINI — *La agresividad latente*, em Revista de Criminologia, Psychiatria e Medicina-Legal. (Buenos Ayres, n. 64, de Julho-Agosto de 1924).



vidualização que encontra nos meios e na finalidade da prophylaxia mental o seu mais formal elogio.

Mas, se as penitenciarias devem constituir, conforme dissemos, centros de actuação dos serviços de prophylaxia mental, por ahi se pode comprehender a vastidão e complexidade do problema da prophylaxia de delinquencia.

O programma integral dessa ultima é, antes, o programma total da hygiene mental. Começa elle no estabelecimento das regras concernentes á eugenia, afim de que sejam evitados os maleficios da hereditariedade pathologica, estende-se pela puericultura pre e post natal e detem-se no factor educativo, cuja importancia na formação do espirito é axiomática, permittindo aos individuos o affastamento dos habitos mentaes nocivos, aprimorando-lhes o character e traçando-lhes a personalidade integra. E', então, que se faz a educação dos instinctos, dosando as reacções que elles determinam e que tanto pesam na genese dos delictos, influindo sobre essa "agressividade latente" de que nos falla Hernani Mandolini (12), formula instinctiva da personalidade que o poder phrenador das sociedades e da civilização dissimula e transmuda.

Referencias especiaes no que se refere a essa prophylaxia da delinquencia merece a questão do combate ao alcoolismo, dado o importante papel criminogeno do alcool, devendo-se pugnar pela prohibição da venda e da importação do alcool distillado potavel.

E', porém, na idade infantil que a hygiene mental encontra o seu maximo de utilidade pratica, justificando a intensificação de sua accção salvadôra nessa phase da existencia, quando as condições de receptividade para os bons principios a que é solicitada, melhor se revelam.

Assim evitar-se-hiam os maleficios da dissolução dos costumes, das intoxicações euphoristicas em geral, da miserabilidade e do pauperismo que difficilmente podem cercar os espiritos edu-

---

(12) HERNANI MANDOLINI — *La agresividad latente*, em Revista de Criminologia, Psychiatria e Medicina-Legal. (Buenos Ayres, n. 64, de Julho-Agosto de 1924).

cados nas regras dos ideaes de Justiça, de nobresa e de efficiencia pratica, que são o apanagio das Sociedades validas.

#### SUMMARY

After a few words on the subject matter and aims of mental prophylaxy which, in his extensive programme in benefit of the validity of collectivity tends, in a last analysis, towards social eurythmy, the author approaches the question of delinquency, considered by him to be a clearly negative expression of the harmony and efficiency of societies, and calling, thereby, for decisive and strong action of a saving prophylaxy.

Considering crime as revealing nearly always momentary or permanent psychic anormalities, he judges the problem of mental prophylaxy of delinquents to be an excellent chapter of mental prophylaxy; concluding from this that penitentiaries should establish centres for the study and subsequent convergence of the practical realization of this prophylaxy. There is no other way to a medico-social object of modern penal tendencies for transforming into healthful principles of social defence and individual regeneration the ideas of punishment and vengeance which were based on the right to punish.

To the bio-anthropologic study of the delinquent there follows its logical consequence, i. e., the correction of his faults, the disappearance of the dread with which they affirm their deeds within the social ambient and for which the individuatizing of penalties is a necessity.

The author claims, therefore, for the cooperation of psychiatrists, of bio-anthropologists and of hygienists specialising in prisons and penitentiaries, towards the entire fulfilment of this desideratum, who will be required to fill out systematically the psychological cards of the delinquents, just as is done with dactyloscopical ones.

The importance of the study of the psychopathic constitution in criminals cannot be overstated, because these conditions are the signal of alarm that authorizes one to foresee the psychopathic tendencies of the individual and, often enough, explain their reaction within the social ambient (hyperemotive und amoral constitutions are specially examined by the author).

It is said that in these measures is not to be found all the prophylaxy of delinquency, the integral problem of the latter being, first, the total programme of mental hygiene and prophylaxy. The author, therefore, insists on the value of eugenic teaching in order that, thereby, the misdeeds of pathological heredity be avoided, being stopped through the educative factor needed for the removal of the noxious mental habits and the restraint of the imperious tendencies of instincts.

## Subsidios á legislação sobre immigração

### MEIOS DE IMPEDIR O INGRESSO DOS DEFICIENTES MORAES

PAULO

DR. ALVARO CARDOSO

Advogado, Membro effectivo da secção de serviços sociais e legislação da Liga Brasileira de Higiene Mental e Administrador da Colônia de Alienadas no Engenho de Dentro.

Desde muito que se vem procurando resolver o problema da immigração em o nosso paiz. Mas, só em 1916, é que o Brasil começou a cogitar de se armar com medidas que visassem a defeza do paiz contra os denominados "indesejaveis", impedindo assim que o territorio nacional se tornasse o *refugium peccatorum* dessa classe de gente.

E' bem verdade que o Regulamento do Serviço de Povoamento do solo nacional, baixado com o Decreto 6455 de 19 de Abril de 1907, prescrevia em o seu art. 2º:

"Serão acolhidos como immigrants os estrangeiros menores até 60 annos, que, não soffrendo de doenças contagiosas, não exercendo profissão illicita, nem sendo reconhecidos como criminosos, desordeiros, mendigos, vagabundos, dementes ou invalidos, chegarem aos portos nacionaes com passagens de 3ª classe, á custa da União, dos Estados ou de terceiros; e os que em igualdade de condições, tendo pago as suas passagens, quizerem gosar dos favores concedidos aos recém-chegados."

Como se vê, o decreto visava apenas os imigrantes encaminhados pela União, Estados ou particulares, que quizessem gozar dos favores que a lei lhes outorgava e que se encontrassem nas condições impostas pelo mesmo decreto.

Assim é, que em Setembro de 1916, coube ao então deputado federal Dr. Gustavo Barroso, a iniciativa de apresentar a Camara dos Deputados, o projecto de lei n. 177, tendente a regular a entrada de estrangeiros no territorio nacional.

Tal projecto continha entretanto condições e exigencias excessivas, como resalta do seu art. 2º que trata das viúvas com filhos menores de 16 annos.

Disponha o referido artigo que só poderiam desembarcar no Brasil as viúvas nas condições acima indicadas, provando:

- 1º — possuírem rendimento proprio;
- 2º — virem para casa de sua familia já domiciliada no paiz;
- 3º — terem profissão certa, trazerem quatrocentos mil réis ouro, quantia destinada as despesas da primeira installação.

Evidentemente seriam condições um tanto fortes para um paiz como o nosso, escassamente povoado, e que tanto carece de braços.

Esse projecto entretanto, logrando andamento annos depois e após innumeradas emendas, que o modificaram em muito, foi enfim convertido em lei pelo decreto n. 4247 de 6 de Janeiro de 1921, que regula a entrada de estrangeiros no paiz.

Determina esse decreto em o seu art. 1º:

“E' licito ao Poder Executivo impedir a entrada no territorio nacional:

- 1º — de todo estrangeiro nas condições do art. 2º desta lei;
- 2º — de todo estrangeiro mutilado, aleijado, cego, louco, mendigo, portador de molestia incuravel ou de molestia contagiosa grave;

3º — de toda a estrangeira que procurar o paiz para entregar-se á prostituição;



4º — de todo estrangeiro de mais de 60 annos.”

Sendo que, no parographo unico do mesmo artigo estabelece resalvas para determinados casos em que, embora incidam nos ns. 2 e 4, terão esses estrangeiros, livre entrada no paiz.

E quanto ao art. 2º a que se refere o artigo anterior em seu n. 1, especifica o mesmo os casos em que o estrangeiro poderá ser expulso do territorio nacional, fixando para isso o prazo de cinco annos, a contar da data de sua entrada no paiz.

A lei entretanto não determina os meios de prova a serem apresentados por esses estrangeiros.

Deixa-os ao criterio das autoridades.

Assim sendo, em relação aos physicamente indesejáveis é perfeita, completa, rigorosa. O mesmo entretanto não se verifica em relação aos moralmente indesejáveis. Para tanto seria necessario que a lei determinasse os meios de prova consoante se exige para o processo de naturalisação.

Para que o estrangeiro obtivesse livre entrada no territorio nacional, deveria a lei impor a apresentação de documentos firmados pelas autoridades do paiz de origem do immigrado, ou de onde houver immigrado e rigorosamente examinados e authenticados pelos nossos agentes consulares, em que provasse:

- a) bom procedimento moral e civil;
- b) não estar processado nem pronunciado, nem condemnado pelos crimes de homicidio, furto, roubo, bancarrota, contrabando, falsidade, moeda falsa, lenocinio ou estellionato;
- c) não soffrer de molestia infecto contagiosa.

Do contrario, a não ser com relação aos individuos indesejáveis já conhecidos da nossa policia, nada de efficiente se alcançará.

Tanto é isto uma verdade, que constantemente desembarcam nos nossos portos degenerados de toda ordem.

Ninguem tambem ignora, que a despeito dos termos expressos do art. 1º n. 3 do já citado decreto 4247, diariamente os transatlanticos despejam em nossos portos innumeradas meretri-

zes, que burlando escandalosamente toda a fiscalização, apresentam ás nossas autoridades, principalmente nos Estados, onde esta não é tão rigorosa, uma simples prova de identidade que lhes permite o ingresso no paiz, como "modistas", "costureiras", "manicures", etc.

Ainda o Regulamento do Departamento Nacional de Saude Publica, mandado observar pelo decreto n. 16300 de 31 de Dezembro de 1923, tambem cuida em os artigos 1297 alinea c; 1408 e 1409 alíneas a, b, c, d e e, dos indesejaveis, porém exclusivamente sob o seu aspecto physico e mui principalmente com relação aos passageiros de 3ª classe, recebidos como immigrants.

Sem duvida, somos dos que mais se batem pela necessidade da immigração; pois desnecessario é encarecer os beneficios por ella trazidos, maximé para um paiz novo, enormemente extenso e escassamente povoado como o Brasil. Não basta o elemento nacional para valorisar as nossas riquezas ainda não exploradas; é fóra de duvida que se torna indispensavel o concurso do elemento estrangeiro, trazendo a collaboração da sua intelligencia e de suas energias, afim de alcançarmos esse desideratum.

Devemos conservar abertas as nossas fronteiras, para todos que quizerem collaborar connosco para o nosso progredimento e desenvolvimento commum. Necessario se torna entretanto que nos defendamos dos máos elementos, dos individuos indesejaveis, perigosos e perturbadores da ordem social.

Annualmente se transportam para o nosso paiz individuos de varias procedencias, com costumes, indoles, temperamento e educação diversos, com idéas falsas e não raro absurdas com relação ao Brasil e que atraz dos favores outorgados pelo governo, aqui chegam como immigrants *agricultores*, quando nada conhecem de agricultura. E, ao envez de irem cultivar os campos, fogem á vida agricola, procurando os grandes centros, onde vão aggravar as condições economicas das populações urbanas e se entregarem aos vicios e máos costumes.

Contra esses perigosos individuos, assim como contra os indesejaveis *elegantes*, é que nos precisamos defender, munindo-

se o poder publico das medidas prohibitivas da immigração desses máos elementos.

Pelo exposto resalta, que quanto a primeira ordem dos *indesejaveis*, isto é, os *physicamente indesejaveis*, cuja fiscalisação cabe á Saude Publica, ella pode ser completa e perfeita; o mesmo não se verifica entretanto com relação á segunda ordem de *indesejaveis* — os *moralmente indesejaveis* — cuja fiscalisação compete á Policia Maritima. Esta não é nem pode ser perfeita, não só pela lacuna que apontamos na lei, como em face da sua defeituosa organisação, que em absoluto não satisfaz aos seus fins.

A nossa policia maritima, ou mais propriamente policia de portos, acha-se a cargo dos governos federal e estadoaes, o que a torna desharmonica e imperfeita.

A sua unificação e centralisação é necessidade imperiosa para a sua efficiencia. Ao menos com relação aos nossos principaes portos, taes como Belém, Manáos, Recife, São Salvador, Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre.

Os serviços de policia desses portos, deveriam estar a cargo de inspectores de policia de portos, directamente subordinados a uma inspectoria geral, com séde na capital da Republica, com a qual estariam sempre em contacto directo e immediato, por meio de constante correspondencia, informando a direcção geral de todas as occurrencias e medidas tomadas em defeza da ordem social.

O caracter de independencia completa e absoluta em que se encontram as autoridades que exercem a policia dos portos no Districto Federal e nos Estados, tornam tal serviço positivamente imperfeito. Demais, nos Estados, essas autoridades não mantem relações com as suas congeneres nos paizes estrangeiros, fontes de preciosos e inestimaveis informes. E, essa harmonia de funcionamento de serviços creados para a defeza da ordem social é tão necessaria, quanto a da defeza da saude publica, que para efficacia do serviço estende a sua acção a todos os portos da Republica.

A idéa que expendemos já foi brilhantemente sustentada em 1912, pelo então chefe de policia Dr. Belisario Tavora, que em relatório apresentado ao ministro Rivadavia Corrêa, escreve justificando um projecto de reforma policial, por S. S. elaborado: "O systema das medidas preventivas executadas pela Inspectoria da Policia Maritima, vedando aqui o desembarque de estrangeiros considerados perigosos, á vista dos antecedentes judiciais ou mesmo policiaes, na forma da lei em vigor, continúa a ser muitas vezes frustrado com a possibilidade, que a taes individuos se offerece, de saltarem livremente em outros portos nacionaes."

"Certo a unica medida capaz de garantir a acção legal da Policia em todos os seus effectos, seria o desdobramento do alludido systema, comprehendendo os pontos principaes de escalas dos vapores estrangeiros — Porto Alegre, Santos, Bahia, Recife e Belém, onde ficariam estabelecidas com pessoal idoneo e material efficiente, sub-inspectorias, que não collidindo nas suas attribuições com o policiamento local, exercessem vigilancia imprescindivel, neste caso á nossa propria segurança interna."

E acrescenta:

"Se o governo realmente consegue vedar a entrada na Capital do paiz a um estrangeiro, não logra impedi-la em outros pontos do territorio nacional, desde que lhe fallecem os recursos apropriados."

#### SUMMARY

The author deals with the legislation anent immigration into Brazil and the means wherewith to prevent the landing of moral deficient individuals. For this purpose, he calls on the necessity of unifying and centralizing the police service at the ports through the creation of a permanent service of Maritime Police under the Federal Government and thereby taking away from the said individuals any opportunities to land.

The author suggests also the adoption of a law enjoining all foreigners who wish to enter the country, to present documents signed by the authorities of the country they come from and duly authenticated by Brazilian Consular representatives, wherein it be proved that the bearer is of good moral and civil behaviour and has not been proceeded against nor convicted for any degrading crime.



## CONTRA O ALCOOLISMO: EM FAVOR DA HYGIDEZ MENTAL

(Secção Permanente)

A "Liga Brasileira de Hygiene Mental" não podia deixar de preocupar-se desde o seu início com a questão do alcoolismo, sabidos como são os multiplos malefícios do terrível veneno inebriante sobre o systema nervoso, em particular sobre a mentalidade.

Na Secção de Serviços Sociais e Legislação de que faz parte, o Secretario Geral da Liga, desde a sua 1ª reunião poz em fóco o problema, tendo sido trocadas idéas a respeito, e sendo aclamado o Sr. Dr. CARLOS PENAFIEL, alienista e ao tempo Deputado Federal, para relatar esse thema. Do notavel trabalho produzido pelo Sr. Dr. PENAFIEL, e que foi publicado na integra no "Jornal do Commercio", de 16 de Dezembro de 1923, transcrevemos aqui os topicos mais importantes:

"Poder-se-hia, entretanto, com ou sem o auxilio dos poderes publicos, attenuar uma parte dos effeitos do mal. Primeiro retirando os filhos dos pais notoriamente ébrios contumazes, tal qual propoz Henri Monod. Fundar-se-hiam, para esse fim, sociedades ou ligas com o intuito de entregar as crianças a familias honestas, sobrias e laboriosas. E' uma das iniciativas mais urgentes. Conviria, outrosim, como medida conveniente, a criação de asylos para os bebedores incorrigiveis, pelo feitio de Ellikon, pelo typo de Freiox, e de tantos outros estabelecimentos congeneres.

E' exacto que o resultado obtido por estes asylos, tanto na Suissa como na America do Norte, não tem sido grande cousa, pois vale mais ou menos pelo seguinte: doentes curados, um terço; sahidas com risco de rechaidas, um terço; doentes que sahem incuraveis, outro terço.

Em todo caso trata-se dum bom palliativo, a que no interesse colectivo e dos proprios doentes a sociedade precisa recorrer. Como remedio seguro ou efficaz a tão vasto mal social não passa, porém, evidentemente, de um mero palliativo, incapaz de debellar uma praga, que, assoando as novas gerações, que substituem as antigas, encontra sempre aquellas ainda mais predispostas do que estas. Sob o ponto de vista

social, tudo fica de pé a refazer e a desafiar o espirito dos homens superiores que devem orientar e dirigir a humanidade.

Emfim seria de desejar que a Liga de Hygiene Mental creasse sociedades a ella filiadas, ligas de temperança, por todas as regiões mais povoadas do Brasil. Mas seria, para isso preciso uma base mais larga do que em qualquer outro paiz adiantado, em face da difficuldade de não termos a mão para estribal-a em seus primeiros fundamentos, em todo o immenso territorio nacional nem sequer uma duzia talvez daquellas sociedades.

De momento, cita como rio-grandense, a existencia da Liga Anti-Alcoolica, de S. Leopoldo, e da União Anti-Alcoolica, de Porto Alegre, ambas sob a direcção do Dr. Ervino Wolffebüttel, um dos seus esforçados fundadores.

Ambas essas ligas, com personalidade juridica reconhecida, contam com o beneplacito dos poderes publicos do Estado do Rio Grande do Sul e S. Ex. Revma. o Arcebispo D. João Becker.

Trabalhando conjunctamente, já conseguiram essas duas nobres associações que fosse instituido o ensino anti-alcoolico no acreditado Collegio S. Luiz, de S. Leopoldo, dirigido por irmãos maristas e no Collegio Elementar Souza Lobo, de Porto Alegre. outro importante instituto de ensino. Na Capital do Rio Grande do Sul, sob a direcção do mesmo medico Dr. Wolffebüttel, funciona regularmente um consultorio anti-alcoolico e realizam-se frequentes conferencias publicas. Além desses fins humanitarios aquellas duas sociedades rio-grandenses tomaram a si a distribuição de auxilios a familias abandonadas, de alcoolicos. Para essas associações, acaba o Deputado rio-grandense, Sr. Lindolpho Collor, de apresentar uma emenda, na Camara Federal, que manda officialmente reconhecer a ambas, pelo seu valor social e seu alcance moral, como sociedades de utilidade publica.

Tirante algumas, como estas, bem organizadas, as mais que existem, no immenso territorio brasileiro, são, via de regra, demasiado particularistas, e por essa razão, não vêem palmo adiante de seu estreito empirismo. E aquellas que d'ora avante se improvisassem, sem certos elementos componentes de muito senso e elevação, correriam o perigo, por falta de apostolos bem seleccionados, de não atinar com as causas do mal, profundamente sociaes em sua origem, e isso porque francamente, mesmo entre a classe medica, a maioria dos profissionais as ignora.

A educação da criança, nesse sentido, no lar ou na escola, o tratamento, a sequestração, a reeducação do ébrio em sanatorios especiaes, as instituições de temperança, as conferencias publicas de propaganda contra o alcoolismo, todos esses e quaesquer outros processos não terão efeitos duraveis senão quando entregues a quem, não só se dedique de corpo e alma, mas ande certo no motivo e no querer de agir e de viver.

E como se ligam entre si e se penetram todos os phenomenos sociaes, tem por si, diz o Dr. Penafiel, que os membros da Liga de Hygiene Mental devem alliar-se a socios de ligas de temperança, de associações a fundar-

se tambem contra o abuso do tabaco, contra a licenciosidade das ruas e dos bailes publicos, nos salões de hoteis, entre famílias, contra a prostituição, contra o jogo, etc., na resistencia commum, numa frente unida e unica.

E muito embora cada qual tenha, por si, necessidade de especializar seus esforços, convem, acima de tudo, que aquellas diferentes sociedades solidarizem taes esforços. O empirismo, a que alude, explica o alienista sul-riograndense, não reside só nas idéas. O peor empirismo é o da acção; está no proceder, no realizar passos em vão ou dar passos errados. O empirismo, por simples e proveitosas que pareçam suas applicações, não pode dar sinão resultados provisórios, a maioria das vezes nullos, por vezes funestos, e é, por essa razão, que começou o seu relatório combatendo a "lei secca", inadaptavel ao meio brasileiro, cujas leis constitucionaes pelo seu espirito liberal a repellem, e prematura de mais para o gráo que atingimos em materia de costumes e habitos. Avesso, por indole, a toda e qualquer coerção, o povo brasileiro vê sempre na coerção legal o peor processo. E' verdade que o legislador norte-americano foi a ponto de promover uma reforma na Constituição da sua Republica, afim de votar a "lei secca".

Mas ahí estão as provas de que se, mesmo nos Estados Unidos, a coerção não atinge nunca o fim a que se propõe e suas repercussões são sempre nefastas, entre nós nem o terreno foi ainda drenado e preparado para a sementeira de taes idéas.

Essa disseminação de boas sementes pode ser muito bem, a tarefa inicial da Liga de Hygiene Mental, desde que, chamando a si essa especie de curso de ensinamento anti-alcoolico, não esqueça as incognitas todas duma questão social, como o alcoolismo, infinitamente complexa e delicada.

E' olhar de esquelha o assumpto, e não abordeal-o francamente, frente a frente, pensar que o proletariado moderno, uma das maiores victimas do alcool, e que em geral não ignora que esse vicio é nocivo — possa evitar taes escolhos no seu caminho, apenas á custa de exhortações dos moralistas e de previsões ou prognosticos assustadores de higienistas e de medicos.

Não é prohibindo por imposições vexatorias, nem mesmo tirando-lhe o veneno por meio suasorios, por um simples e continuado trabalho de persuasão mental, que a sciencia ha de resolver o caso, desde que a sociedade ou a civilização não seja para elle, operario, o que elle é para a civilização. Quando se torna inutil sabe o operario que passa a ser esmagado por essa sociedade ou civilização que nada lhe propõe para compensar uma vida demasiadamente triste quando se vê desviado das horas de alegria e de esquecimento que procura no alcool.

Significa isso scepticismo, pergunta o relator, pode-se concluir dahi que elle pretenda que a Liga da Hygiene Mental deva cruzar os braços em face de taes embaraços? De modo nñhum. Mas, para se iniciar alguma cousa de grande, convém assentar, em primeiro logar, que o alcoolismo

não é um accidente, é a consequencia de nossa grande crise moral e social.

Não é tampouco uma questão economica somente, como affirmam os socialistas. E' toda a questão moral do nosso tempo, e por consequinte, como esta depende de outras toda a questão social. Não bastam, porque isso já falhou mil vezes e em mil épocas da historia da humanidade, vagas attitudes de philantropia, boas intenções, toda a série de conselhos e praticas de empirismo dos especialistas de hygiene e de medicina mental.

Mais do que tudo isso, é preciso uma vontade profunda de ordem definitiva, ordem que pôde ser estabelecida nos espiritos e nas instituições, pela liberdade e pela justiça.

Ha, sim, ensinamentos anti-alcoolicos a predicar, a diffundir, a semear pela Liga de Hygiene Mental, em todo o Brasil, mas não é exhibindo peças anatomicas de órgãos do corpo humano avariados ou apresentando ao povo o espectáculo de cobayas convulsionadas pela intoxicação alcoolica.

E' preciso a Liga saber pregar ou appellar para a solidariedade de todas as classes sociais, propôr uma civilização da qual todos participem, invocar um idéal.

Recomendando um exemplo, para se começar a fazer alguma cousa, a Liga podia propagar o alytre lembrado por Lavaye e pelo sociologo Ad. Coste. Escreveu este o seguinte: "Calculo em um minimo de 100 francos por anno a poupança que um operario francez renunciando energeticamente e para sempre ao alcool poderia realizar facilmente".

Em vinte ou vinte e dous annos, isso produziria um peculio que não seria inferior a 3.022 francos por individuo. Os quatro milhões de operarios da industria franceza se veriam á testa de um capital de 12 milhões de francos, isto é, se forem syndicados, poderão conquistar a maioria nas assembléas de accionistas de quasi todas as grandes industrias do paiz, caminhos de ferro, minas, forjas, serviços de iluminação, de aguas, etc."

O operario brasileiro, se não se contentasse, assim, com essa esparança simplista, se se organizasse desde já e na medida de suas forças, como as classes operarias de outros paizes, e o Estado respeitasse toda a liberdade effectiva das associações, — seria bastante que viesse juntar aos vitens poupados pela temperança os beneficios da producção cooperativa, para que, não em vinte annos, mas em oito, ou cinco, se tornasse grande maioria, senão senhor da situação economica.

Sem uma convergencia ou acção parallela de esforços nesse sentido, não é possivel despertar a alma popular e dar-lhe uma vontade, uma disciplina, um entusiasmo, um fim nobre e justo a alcançar.

E' elevando o homem mediocre e as classes inferiores, que as victimas do alcool poderão descobrir novos espaços. Subindo pela conquista da justiça social, se não se desprender do vicio por ter encontrado a felicidade, o proletario moderno deixal-o-ha talvez por ter alcançado ao menos as dignidades a que fazem jús as suas reivindicções. Se em outras



alturas não encontrar ainda tranquillidade de espirito, sentir-se-ha com mais nobreza entre os outros homens e classes, — o que já será muito para preservá-lo de recahir no abysmo.

Não ha religião, não ha doutrina social, não ha moral subordinada a hygiene espirital ou dictada pelo aperfeiçoamento dos sentimentos altruistas, que se proponha á utopia de supprimir o soffrimento humano, mas já é muito que o proletariado se sinta instalado na sociedade de uma maneira fecunda e nobilitante.

Resumindo, uma Liga de Hygiene Mental só fará obra humana, sobre o problema do alcoolismo, se se cingir a estas preliminares:

1º) O alcoolismo é uma doença moral e seu remedio está na educação;

2º) O alcoolismo é uma doença social e seu remedio está na ordem, uma vez que o pessimismo reinante, que leva o homem a embriagar-se, procede da angustia de uma transição, fructo da anarchia mental dos tempos que atravessamos.

E' preciso contar com os operarios, com os seus agrupamentos mais intelligentes, para que as sociedades de classe obtendo melhores condições de trabalho, elles proprios segreguem os retardados, os inadaptaveis, os degenerados, o "residuo" que a lucta pelo progresso vae deixando á margem do caminho. E' preciso que a propria classe operaria, prégue nos seus jornaes, nos seus livros, na tribuna de seus clubs de propaganda social, os perigos do alcoolismo e que, sobretudo, berre ella propria aos quatro ventos da publicidade que o alcoolismo constitue o peor obstaculo á emancipação operaria, animada de um forte e decisivo espirito de solidariedade collectiva.

Na vida rural brasileira, procurarão principalmente, os trabalhadores da terra, com associações de produção, supprimir o regimen dos salarios, por outra organização de trabalho.

Ao lado do espirito de associação, que ainda temos de maneira tão incipiente, é preciso inculcir, desde logo, a consciencia de deveres novos e das responsabilidades que esses deveres comportam. Supprimindo as bebidas alcoolicas, a propria classe operaria, recommendando aos seus companheiros a temperança, pôde por outra parte, organizar o consumo. A ordem tem que vir de baixo, do seio das camadas populares, do operariado, da escola, dos templos a que se acolham verdadeiros fieis e não de cima, de actos dos dirigentes por decretação de medidas restrictivas ou prohibitivas. E' preciso formar, primeiro a alma de uma democracia nova e pura, para a sociedade resolver o problema do alcoolismo.

Esse estado morrido, resultante do abuso de bebidas alcoolicas, não é senão o aspecto contingente de um mal profundo, que não tem sua fonte, por mais que isso pareça paradoxal, no alcool. "O alcoolismo não vem pelo alcool, elle vem pelo homem."

Ainda que se queimassem todos os alcooes da face do globo terrestre, a embriaguez, que é o que se visa debellar por meio da esphera de possibilidades realizadoras de uma Liga de Hygiene Mental, não desapare-

cera talvez. O mal se manteria sob qualquer outra forma, do mesmo modo nocivo.

E', por isso, que o alcoolismo faz parte, e parte magna da "Questão Social" em si mesma. Para correr ao encontro de sua solução é atacar o problema pelas suas raizes, libertando os servos de seus instinctos, as victimas do alcool só depois de desencadeal-os préviamente de incertezas e brutalidades que os jugulam a terem fome para trabalhar e a serem ébrios para se tornarem insensíveis á sua decadencia.

São as considerações iniciais que julga conveniente formular, conclue o Dr. Penafiel, para julgamento da Commissão em que se encontra pela generosidade dos seus collegas."

## A INTOXICAÇÃO ALCOOLICA E AS EMOÇÕES

### DIRECTRIZES PARA OS PESQUISADORES

Os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental* obtiveram do Sr. Dr. L. PIMENTA BUENO, Professor da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte e membro correspondente na capital mineira da Liga Brasileira de Hygiene Mental, uma interessante entrevista respectiva ás idéas com que aquelle scientista interpreta o mecanismo da acção do alcool sobre o psychismo, particularmente a influencia das crises emocionaes sobre a intoxicação aguda alcoolica.

Dos multiplos pontos de vista de onde podemos encarar as relações do alcool com as funcções psychicas e suas repercussões immediatas com o meio social, para bôa orientação da hygiene mental, — começa o Prof. Pimenta Bueno, o ponto de vista do mecanismo da acção do toxico sobre os chamados centros psychicos é, quicá, o mais interessante, porque com elle procuramos interpretar em sua plena intinidade o disturbio psychico causado pelo toxico. Só assim, com as provas na mão, poderemos estabelecer conclusões scientificas que justifiquem e demonstrem a necessidade da campanha contra o alcool na prophylaxia mental. Não só no que tange propriamente ás funcções psychicas do individuo isolado em si mesmo, no curso de sua vida ontogenetica, constituindo este aspecto do problema — a prophylaxia mental individual, como tambem, e sobretudo, no que entende com a evolução philogenetica da psyche humana, esta parte constituindo o aspecto da prophylaxia mental da especie.

Aliás, como a especie é essencialmente um termo abstrácto, como é ella a somma integral, no tempo e no espaço, de individuos morpho-physiologicamente similares, a prophylaxia mental só poderá servir á especie attingindo o individuo.

Assim, em ultima análise, a prophylaxia mental se reduz á prophylaxia individual. E' por isso mesmo que os processos physio e histopa-

ntologicos, que caracterizam os disturbios funcionaes e somaticos da intoxicacão aguda e chronica pelo alcool, respectivamente, só devem ser procurados e só podem ser encontrados no individuo.

No mais, os prejuizos sempre somaticos ou estruturales, presentes na especie, traduzem sempre o alinhamento no tempo das lesões individuais; o total das degenerações da especie é a somma das parcelas individuais.

Já na "Revista Mineira", n. 3, anno I, 1922, publiquei um artigo em que interpretei a acção das emoções sobre a embriaguez alcoolica. Necessariamente, hei de redizer a idéa principal contida nessa publicação, para que se possa analysar ou criticar o conceito original da acção do alcool sobre as funcções psychicas.

Os factos de observação provam que individuos embriagados pelo alcool, em plena phase aguda, podem, de súbito, sob a acção de forte crise emotiva, apresentar-se integrados em sua normalidade; isto é, apresentarem-se fóra do estado de intoxicacão alcoolica, *de embriaguez aguda*; como se esses mesmos individuos não houvessem jurgido a minima gotta de alcool.

Qual a interpretação que então dei para justificar semelhante antido-tismo da emoção sobre o alcool? Poderá a minha solução servir de apoio forte contra a idéa classica e dizer-se que os signaes psycho-physiologicos da embriaguez pelo alcool não são devidos á acção directa do toxico sobre os neuronios corticaes? Haverá um outro modo — quiçá o certo — de explicar a origem desses disturbios referidos? Vejamos separadamente cada uma destas questões.

Para explicar como pode a emoção curar instantaneamente a embriaguez, sem querer reeditar minucias, basta analysar, de ambos os lados, a acção da emoção e a do alcool sobre o systema neuro-organo-vegetativo. Entretanto, é util antepôr a esse estudo, o meu pensar sobre a psycho-physiologia das emoções e dizer de uma vez que, para mim, a syndrome é unitaria, é uma só em seu mecanismo neuro-organo-vegetativo; é uma reacção no fundo igual para todas as excitações.

A lei das reacções especificas de Müller nos assegura que excitações diferentes provocam reacções iguaes quando actuando sobre os mesmos tecidos, o aparelho ou o systema neuro-organo-vegetativo reagirá sempre do mesmo modo: á dôr violenta, ao urro de uma fera, á visão de um crime, de um naufragio, de uma morte, etc., etc.

Aliás, é improprio dizer-se acção da emoção sobre a embriaguez, porque, em verdade, emoção já é o effeito de uma causa externa ou interna; é a reacção que o organismo offerece á acção de uma causa que consegue desequilibrar o rythmo normal dos nervos. Assim, de preferéncia, deveríamos dizer — acção das grandes excitações sobre a embriaguez aguda alcoolica. Mas não é erro no caso tomar o effeito pela causa e assim, realmente, o faremos.

Isto posto, fixemos a physiopathologia da intoxicação alcoolica ou melhor, para não alongar demais nossa thèse, digamos só o que ha de melhor sobre o assumpto em questão.

O alcool actúa elevando a pressão arterial, augmentando a circulação cerebral, da face, dos órgãos dos sentidos, dos musculos, da pelle e dos pulmões; em summa, augmentando a circulação peripherica (a circulação pulmonar é embryogeneticamente, philogeneticamente e functionalmente peripherica). Ha um gradual augmento de intensidade nas operações cerebraes; os olhos mostram-se injectados e as retinas congestas; a gesticulação é facil e viva; a pelle, fortemente irrigada, poreja suor, etc.

De outro lado, sabe-se que o alcool actúa excitando o systema sympathico esplanchnico, sobretudo o hepatico, determinando uma relativa constricção da réde dos capillares porta. Este ponto é de principal interesse para mim e elle por si só faz o eixo em torno do qual gravitam todas as minhas conclusões.

De facto, aquelles effeitos sobre o cerebro, os órgãos dos sentidos, a pelle são todos devidos á constricção da réde esplanchnica, digamos hepatica. E isso porque, sendo o figado a maior glandula sanguinea, o maior diverticulo hematico de nosso corpo, o açude com: cujo conteudo se movem as turbinas de nosso organismo, a ponto de só elle conter de regra um terço (1/3) do sangue total, o regime vaso-motor dessa viscera deve fatalmente influir e dosar a quantidade de sangue circulante na periphria do corpo.

Assim, a um estado de constricção dos capillares hepaticos, que constituem uma das vias mais importantes para o sangue arterial ganhar o systema venoso e em virtude da qual constricção sobrevem uma ischemia hepatica, deve corresponder uma plethora peripherica do systema nervoso (congestão cerebral), dos musculos, dos órgãos dos sentidos, da pelle, dos pulmões, da face, etc., etc.; porque, sendo o systema circulatorio um todo fechado, e não podendo o volume sanguineo ser instantaneamente modificado — é certo que o sangue repellido do figado irá ter a outros pontos.

Varias são as razões que militam em pròl de nosso acerto; umas de natureza clinica, de observação commum; outras de antureza experimental. A's de natureza clinica já me referi em parte: hyperactividade cerebral, congestão das faces, dos olhos, da pelle; de verificação banal, de resto. Ha, porém, um aspecto clinico que julgo ainda não estar explorado e que se refere á acção do alcool sobre a glandula thyreoides, no sentido de intensificar seu momento endocrinico na integração physiologica do organismo. Comquanto não tenha procedido a provas experimentaes, estou tão seguro da legitimidade dos fudamentos da doutrina que sustento, que posso affirmar o facto "a priori", como uma das consequencias da vaso-constricção hepatica.

Outro aspecto clinico da acção do alcool sobre as nossas funções, por conta da constricção dos capillares do figado, é manifesto na polyria



que acompanha de regra a ingestão de alcool; o mecanismo é o mesmo com que explicamos a polyuria diabetica, isto é, a vaso-constricção dos capillares hepaticos, que faz uma verdadeira barragem ao transitto da circulação porta, fazendo o sangue desviar-se para a via renal, de onde intensificação da secreção renal e polyuria consequente.

Não conheço provas experimentaes da acção do alcool sobre o equilibrio da composição do sangue; mas, escorado em meus trabalhos originaes sobre oscillações mecanicas do teór leucocytario do sangue humano, publicados no "Brazil Medico" em 1921, posso affirmar que em havendo congestão peripherica (systema nervoso, face, pelle, etc.), ha hyperleucocytose, augmento do indice refractometrico, hypocoaguabilidade sanguinea, augmento das plaquetas, etc Estas pesquisas podem e devem ser levadas a effeito, aliás muito facilmente, por quem queira contestar a nossa affirmativa de que a acção do alcool procede originalmente de um disturbio vaso-motor da circulação esplanchnica, por hypertonia do sympathico hepatico.

Julgo, tambem, nada haver de experimentalmente feito sobre o metabolismo com relação á intoxicação pelo alcool; entretanto, o alcool deve influir no sentido de produzir uma syndrome diabetica, embora de intensidade e duração extremamente curtas; uma moderada hyperglycemia acompanhada de glycosuria diminuta e media polyuria (desta já fallamos anteriormente); tal qual se obtem pela picada do bulbo, por excitação do esplanchnico, pela adrenalina, por strychnica, que, todos agindo no sentido de estimular o sympathico esplanchnico, constringem os capillares hepaticos, removendo o sangue para a periphéria do corpo, nas sobretudo baixando a tensão do plasma do parenchyma hepatico; assim, impedindo a penetração da glycose circulante no interior da cellula hepatica, deixa de haxer fixação do assucar solubilizado em forma de reservas de glycogeno, ("Brazil Medico", 5/7/1924).

Sobretudo, no alcoolismo chronico em que a cirrhose, atrophica ou não, do figado, contribuindo para a incompetencia funcional de suas cellulas, cria, directamente, a syndrome diabética ou, ao menos predis põe a prole para tal. Não raro, com effeito, ao lado dos casos de hyperthyreoidismo, de Basedow, ha um sem numero de diabéticos. Mas, no minimo, a prova da glycosuria alimentar é a regra nas cirrroses hepaticas.

Pode-se, pois, affirmar que o alcoolismo agudo e sobretudo o chronico têm uma reduzida aptidão para o metabolismo normal dos hydratos de carbono; por isso, devem elles apresentar a glycosuria á dose moderada de adrenalina. Deste ponto de vista, como de muitos outros, o alcoolista se aproxima dos hyperthyreoidianos, dos excitados.

Em resumo, no que tange ás relações da intoxicação alcoolica com o metabolismo em geral, me permitto affirmar que o alcool accelera notavelmente o metabolismo basal. E, si é certo que momentaneamente es-

timula as funções psycho-motoras, a modo de apparentar uma capacidade physica ou cerebral surprehendente, elle, por isso mesmo, secca de prompto as fontes da energia organica, esgota as reservas hepaticas de glycogeno, de sorte que em breve prazo o individuo apresenta-se exaurido em suas possibilidades dynamicas.

A verificação experimental desta acção poderia ser obtida por esta maneira: após a ingestão de certa dose de alcool, variavel de resto para cada individuo, mas bastando sempre para determinar o quadro classico da intoxicação aguda, repetidas vezes, com intervallos de 1 a 4 dias, a prova da glycosuria adrenalínica ou alimentar seriam negativas, por falta de reservas de glycogeno hepatico. Assim, o alcool actúa sobre a nutrição como a corrente de ar nos incendios — queima rapidamente o combustível. Realmente é esse o fim que espera o alcoolizado chronico, — depauperamento, a miseria organica, etc.

Ha, entretanto, do ponto de vista geral, outras repercussões da intoxicação alcoolica sobre a economia animal. Desejo me referir á influencia do alcool sobre a função thyreoide e sobre a tuberculose pulmonar, no sentido de que a intoxicação aguda accelera momentaneamente a actividade da glandula thyreoide, produzindo quasi experimentalmente a syndrome do hyperthyreidismo ou a de Basedow — tachycardia: emotividade, tremor, um pouco de exophthalmia, congestão retiniana, da face, da thyreoide, o olhar vivo e brilhante, acceleração do metabolismo baasal, acceleração e intensificação dos processos psychicos, mudança de humor, etc.

Entretanto, divirjo essencialmente da interpretação classica da influencia do alcool sobre a tuberculose que consiste em explicar a predisposição do organismo minado pelo toxico como sendo determinada pela diminuição da resistencia organica. Que o alcool esgota as reservas e por isso mesmo diminua a resistencia physica, isso é um facto a que eu mesmo já fiz allusão; mas d'ahi para concluir que é por isso que a tuberculose encontra facilidade em se desenvolver em semelhante organismo trabalhado pelo toxico, vae um passo largo e... falso. Aliás, resistencia diminuida é uma expressão vasia de qualquer idéa mais concreta; é uma dessas formulas da pathologia classica, que enchem a terminologia medica e destituída de qualquer objectividade. Não corresponde a nada.

Ao contrario, o mecanismo com que explico a acção do alcool sobre a thyreoide, sobre o cerebro e sobre os pulmões (para effeito da tuberculose) é altamente physiologico, é positivamente objectivo e, sobretudo, é sempre o mesmo é unico; *elle é de origem circulatoria ou vaso-motor*

Porque esses factos tão communs na clinica, do diabetico acabar tuberculoso? de em uma mesma familia em que ha diabeticos haver tambem basedowianos; de muito commumente o inicio da tuberculose pulmonar se fazer acompanhado de symptomas nitidos de hyperthyreoidismo, isto é, tachycardia, tremor, exophthalmia, emagrecimento rapido; porque anda a tuberculose espreitando o alcoolizado chronico tão de perto?

Não é difficil formar um juizo sobre a questão; de facto a acção do alcool, constringindo os capillares splanchnicos, sobretudo os hepaticos, por hypertonia do sympathico, faz com que a vaga sanguinea, arremetida no tronco aortico pela contracção ventricular, derive em maior porção para outros segmentos da rêde circulatoria, segundo a lei do "*locus minoris resistencie*". De facto, quando tudo mais igual, a vasão do sangue dependendo da resistencia dos capillares, o liquido fluirá abundante por onde seu escoamento fôr facilitado; assim, as circulações cerebral, thyreoidiana, pulmonar, renal e sexual, principalmente, ficam relativamente augmentadas; uma talvez mais do que as outras, segundo, já o dissemos, as disposições individuaes, no sentido de que a organização particular a cada individuo, pela existencia de uma predisposição hereditaria na rede circulatoria, deste ou d'aquelle orgão, determinará uma reacção maior em intensidade na região sêde da miopragia.

Em um, será sobretudo nervosa (hyperemia cerebral); tal outro dará uma reacção antes thyreoidiana (hyperemia da thyreoide); outro mais, uma reacção de preferencia pulmonar (hyperemia dos pulmões com aggravação de um processo anterior, congestão, hemoptise, etc.); mais outro, uma reacção particularmente renal (nephrite, crise de polyuria); enfim, um ultimo em que a reacção seria do lado sexual (excitação genital).

Mas de qualquer sorte que seja, nego systematica e peremptoriamente a acção toxica directa do veneno sobre o neurónio cerebral, sobre a cellula thyreoidiana, a pulmonar, a renal, a sexual; ao envez, considero a intoxicação, de qualquer especie que seja, como um disturbio agudo na intensidade dos processos normaes de nutrição celllar, do metabolismo normal das cellulas e não por impregnação directa do toxico sobre o proprio plasma celllar.

No interior das cellulas hepaticas mortas pelo phosphoro, pelo arsenico, pelo oxydo de carbono, pelo chloroformio, etc, todos com acção sobre o systema vaso-motor do figado, não encontramos phosphoro nem arsenico nem oxydo de carbono nem chloroformio; mas uma só cousa — *granulos de gordura*, infiltração gordurosa; tambem, para as cellulas nervosas não se descobre no interior a presença desses mesmos toxicos. Na emaurose por intoxicação quinínica falla-se da acção do quinino sobre as cellulas retinianas directamente. Particularmente sobre este caso, já tivemos occasião de explicar do modo mais completo o mecanismo ou a acção do quinino sobre a visão.

Não se queira destruir as minhas idéas, dizendo que a emulsão obtida com as visceras intoxicadas, quando injectada em outros animais, reproduz o quadro classico da intoxicação, porque, negando embora a penetração do toxico no interior da cellula, supponho a sua presença nos espaços intersticiaes do parenchyma dessas visceras.

Em prôl dessa concepção está o facto de observação classica de que uma forte emoção pode curar instantaneamente a embriaguez alcool-



ca. Ora, si a a intoxicação alcoolica resultasse de um processo de natureza chimica, estavel, intimo, do toxico sobre o proprio plasma da cellula nervosa em que o disturbo funcional procedesse da combinação chimica de productos novos no interior do neuronio, não se comprehende como possa a emoção, phenomeno de aspecto puramente dinamico, não nutritivo ou metabolico mas sobretudo actuando instantaneamente, — possa cortar de um golpe, instantaneamente a intoxicação alcoolica!

Explico, ao contrario, a influencia do alcool sobre a cellula nervosa, como sobre outra qualquer, por uma modificação na tensão do plasma intersticial em que se banham as cellulas dos tecidos. Sobretudo o neuronio; mais que outra qualquer, esta cellula tem sua actividade funcional na dependencia immediata da tensão do plasma intersticial; não é senão por isso que as cellulas nervosas estão sempre estojadas em envólucros senão sempre de natureza ossea (encephalo, medulla) ao menos de grande resistencia (cellulas retinianas, orgãos de Corti, ganglios nervosos); não é senão por isso que esses neuronios estão sempre immersos em meio incompressivel, como é o liquido cephalo-racheano, o humor vitreo, a endolympha e perilympha, etc.

Ora, já vimos que o alcool, fechando os capillares hepaticos, diminue o volume do figado, remove grande parte de sangue para o cerebro que se congestiona; este estado de hyperemia cerebral, augmentando a tensão do plasma intersticial, facilita ou intensifica os processos ordinarios de permuta nutritiva dos neuronios cerebraes, que passam por um estado de alta tensão funcional. Mas, apenas.

E' assim, pois, que entendemos ser a acção do alcool na embriaguez aguda ou a acção do alcool sobre a cellula nervosa e a hepatica: modificação na intensidade dos processos normaes de nutrição; mas ao passo que do lado dos neuronios a modificação do metabolismo celular se faz no sentido de augmentar a intensidade daquelles processos, do lado das cellulas hepaticas é o contrario — diminue a intensidade das permutas.

Assim, ao passo que o alcool estimula a phase anabolica do metabolismo do neuronio, elle mesmo estimula a phase catabolica da cellula hepatica (hyperglycemia, diminuição das reservas hepaticas).

Além dessas considerações, está o argumento de que não só o alcool produz embriaguez, delirio, excitação das funções cerebraes, curaveis pela emoção. Citarei a embriaguez e o delirio produzido pelo oxydo de carbono, pelo quinino, pelo phosphoro, pelo chloroformio, pela asphyxia; que, esta tambem, se faz com a constricção dos capillares hepaticos e hyperemia dos centros nervosos e em que as excitações cutaneas (palmadas, borrifos de agua fria, etc.), todas causas emocionaes, têm prompto effeito, ás mais das vezes.

Ora, se a symptomatologia da intoxicação alcoolica derivasse de uma combinação chimica e especifica, ella deveria ser privativa da natureza dos productos derivados e, pois, do alcool, o que não é, sem duvida.



Vamos ver agora que a emoção, que cura instantaneamente a embriaguez, actúa sobre a economia animal por um mecanismo diametralmente opposto ao da intoxicação pelo alcohol; isto é que a emoção procede do relaxamento do sympathico esplanchnico, sobretudo do hepatico — de onde quêda brusca da tensão cerebral, inibição dos centros psychicos e, pois, cura instantanea da embriaguez alcoolica.

*Devemos aqui desde logo estabelecer que, embora o mecanismo com que explicamos a acção toxica do alcohol não seja propriamente o da intoxicação directa do elemento nervoso, subsiste a necessidade da hygiene mental pelo combate ao alcohol, e em nada aproveita aos epicuristas e 'espiritualistas', porque de qualquer modo os disturbios se dão não só do lado visceral como na esphera psychica, a privação do contrôle cerebral arrastando o individuo á pratica de crimes e de outros actos anti-sociaes.* De resto, a repetição do que é apenas um disturbio do regime normal no metabolismo da cellula nervosa, ou outra, acaba por imprimir na cellula um disturbio ou modificação fixa funcional.

Consequentemente, seja qual fór o ponto de vista para explicar o mecanismo da intoxicação pelo alcohol, deveremos dar systematicamente combate ao uso do toxico em questão.

Isto posto, direi que, para mim, emoção é a excitação aguda e mais ou menos intensa do sympathico, de que resulta sua inibição com o relaxamento mais ou menos completo dos capillares esplanchnicos. Qualquer excitação que sufficientemente intensa e aguda, agindo na periphèria do corpo, penetra pelos orgãos dos sentidos (sentido da vista, do ouvido, da pelle, etc.), até alcançar a rede esplanchnica do sympathico, o qual é responsavel pelo tonus dos vasos respectivos, — é capaz de desencadear a crise emocional.

Da inibição resultante da extrema excitação do systema sympathico, sobrevem a paralytia dos capillares esplanchnicos com a congestão intensa das viseras abdominaes; a consequencia immediata desse vicio é a drenagem ou a aspiração do sangue das partes periphericas do corpo, sobretudo dos centros nervosos superiores, para a cisterna esplanchnica. Ora, si, ha pouco a embriaguez era devida ao augmento do tonus do neuronio por hyperemia cerebral, — a emoção, que inverte as condições da circulação, deve inibir o estado de embriaguez ou curar a intoxicação aguda pelo alcohol. E ella o faz, realmente.

Para mim, portanto, a psychopathologia da emoção é antipodamente opposta á da intoxicação pelo alcohol: o alcohol excitando o sympathico esplanchnico, eleva a pressão arterial, intensifica a circulação cerebral e por isso estimula a cellula nervosa; a emoção inibindo o mesmo sympathico, determina a quêda da pressão arterial, apouca a circulação cerebral e desse passo paralyta a actividade cerebral.

Na evolução da syndrome emocional, considero tres phases successivas:

a) — uma phase peripherica de penetração, ou phase centripeta da emoção, correspondente á excitação dos órgãos dos sentidos;

b) — uma phase central, ou de irradiação, que é a phase reflexa da emoção, correspondente á inibição do sympathetic esplanchnico;

c) — uma phase peripherica ou phase centrifuga da emoção, correspondendo á reacção psycho-physics ou visceral (micção, evacuação, sudacção, etc.)

Pode-se dizer que normalmente as excitações physiologicas são tonic para o systema sympathetic esplanchnico, nem só porque não se comprehendia actividade cerebral sem ser acompanhada de hyperemia dos centro correspondentes, e, pois, desfalque do sangue da cisterna esplanchnica — o que só se obtem com o fechamento dos capillares da rede correspondente por hypertonia do sympathetic; — como porque, de observação, é sabido que a actividade cerebral constante — acarreta disturbios nas funcções visceraes, todos decorrentes da insufficiente circulação do sangue nellas mesmas (prisão de ventre, insufficiencia hepatica, gotta, arthritismo, diabetes, amenorrhéa, impotencia sexual, etc.)

Toda vez, porém, que a excitação sobrepassa de muito a dose physiologica, o effeito é contrario: — ha inibição do sympathetic com suas consequencias visceraes e psychicas, e isso é a emoção. Tambem, certas substancias, como o quinino, o proprio alcool, em pequenas doses são estimulantes do sympathetic thoraco-lombar, enquanto que em dose altamente fortes têm effeito justamente contrario.

Recapitulando, teriamos o seguinte trajecto para a circulação da energia exterior, causa da emoção:

Excitação sensual.	Inibição do sympathetic.	Syncope cerebral.
(Phase peripherica afferente ou centripeta da corrente).	(Phase central de reflexão. Irrradiação da corrente).	(Phase peripherica ou de reacção).

O que ha, porém, de interessante é o effeito opposto que a emoção tem para o metabolismo, sobretudo o dos hydratos de carbono. Certos autores, como Cannon, Sherrington têm provado experimentalmente essa relação entre as emoções e o metabolismo organico, particularmente o do assucar hepatico. Cannon cita a prova havida em um gato, que, excitado pelo latido de um cão, apresentou hyperglycemia e glycosuria em seguida.

Hurst mostra que o medo pode excitar energeticamente o sympathetic. Derrien e Piéron viram que no homem a reacção glycemica emocional, com hyperglycorrachia correlativa, é dependente da intensidade da emoção e da inibição das reacções motoras naturaes, como si a emoção fosse uma descarga nervosa brusca. E' preciso, por isso, considerar que ha grãos diversos de emoção; as ha de grão médio ou minimo, em que o individuo não perde a tensão cerebral e muito ao contrario esta augmenta e a acti-

vidade psychica se intensifica. E' o caso da bôa nova, imprevista, que nos torna communicativos, joviaes, loquazes e prasenteiros, é o da pudicia, que se denuncia pelo rubor das faces, pela tachycardia paroxystica, etc.; como é a reacção da vergonha ou da colera, em que o individuo reage com abundancia de palavras ou de gestos, a face congesta e suarenta, o olhar vivo e brilhante, etc.

Em todos esses casos de excitação mais ou menos lenta e mais ou menos fraca, sobrem a reacção efficiente do sympathico, que se torna hypertonico. Este caso é o do gato de Cannon. Quando, porém, a excitação ultrapassa certo limite e sobretudo é intensa e brusca, desencadea-se a crise emocional em toda sua plenitude.

Neste caso, as pesquisas devem pôr em evidencia no sangue peripherico a diminuição do numero de leucocyts (hypoleucocytose, por conta sobretudo dos polymorpho-neutrophilos), inversão da curva leucocytaria, diminuição das plaquetas, hypocoaguabilidade sanguinea, baixa do indice refractometrico do sangue, hypotensão arterial, etc. Do ponto de vista do assucar, haverá hypoglycemia, com augmento das reservas hepaticas de glicogeno e maior aptidão para fixar doses grandes de glycose alimentar.

Em resumo, a acção do alcool e a da emoção sobre o equilibrio psych-physico do homem são diametralmente oppostas. A emoção desfaz a acção do alcool e este evita as emoções.

De qualquer modo, termina o Prof. PIMENTA BUENO, a campanha contra o alcool deve ser tenaz e continua, no tempo e no espaço.

## BIBLIOGRAPHIA BRASILEIRA DO ALCOOLISMO (\*)

PELO  
DR. ERNANI LOPES

- ALBUQUERQUE (MEDEIROS E) — A favor do alcoolismo!, "A Folha", Rio, 30 de Junho de 1920.
- ALMEIDA (WALDEMAR) — A campanha anti-alcoolica, 7 pgs., Rio de Janeiro, 1920.
- BARBOSA (PLACIDO) — Alcoolismo, artigo do "O Imparcial", do Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1921.
- BERFORD (ALVARO) — These de doutoramento em direito sobre alcoolismo.
- BOTELHO (ROCHA) — O alcoolismo e as suas consequencias. Conferencia na Associação Christã de Moços de S. Paulo, "Rev. da Educação", 10 pags., S. Paulo, 1923.

(\*) Esta bibliographia brasileira do alcoolismo deve ser a menos incompleta que existe. Nella não se incluem os artigos não assignados de jornaes e revistas. Pedimos aos autores de trabalhos sobre o assumpto o favor de os enviar á bibliotheca da Liga de Hygiene Mental.

BRANT (MARIO) — O alcoolismo; suas causas e consequencias; legislação anti-alcoolica, 32 pags., Bello Horizonte, 1923.

O unico meio efficaz, senão de extinguir, ao menos de reduzir o flagello a proporções minimas, é a prohibição, pela União, do fabrico, venda, transporte, importação de bebidas alcoolicas.

CARVALHO (G.) — (Da Comissão Rondon). A preguiça parapoludica, These inaugural, Rio, 1915.

O alcool, de que tão largamente abusam os seringueiros no Amazonas, é uma das causas que concorrem para o enfraquecimento organico dos individuos, produzindo cirrhose hepatica e intoxicação geral, facilitando assim a inoculação do impaludismo e, por conseguinte, a affecção preguiçosa (pag. 39).

CELSO (AFFONSO) — Armas contra o alcoolismo. O exemplo mineiro. Nesta Capital. "Jornal do Brasil", 24 de Março de 1923.

O essencial está em que a propaganda não cesse de trabalhar, sem deixar apagar-se um instante que seja, a scintilla accendida.

CLARK (OSCAR) — O alcool em pathologia, "A Folha Medica", 16 de Outubro de 1924.

CORRÊA (JOÃO AURELIANO) — O alcoolismo, seus effeitos e asylos para os alcoolicos, 2º Congresso de Mutualidade e Previdencia Social, Rio de Janeiro, 1923.

COSTA (RIBEIRO DA) — Estudo sobre o alcoolismo. These inaugural, Rio, 1908.

COUTO (MIGUEL) — Lição sobre alcoolismo infantil nas Lições de Clinica Medica, 2º volume, 1923.

CRUZ (CUNHA) — Problema do Alcoolismo no Brazil, Rio, 1906.

*Ibid.*, — Alcoolismo e seu tratamento, serie de artigos em "A Tribuna Medica" de 1906 e 1907.

*Ibid.* — Ensino anti-alcoolico. Appello aos Exmos. Srs. Representantes do Districto Federal. Rio, 1908.

*Ibid.* — Asylos de bebedores. "Jornal do Commercio", 1908.

CUNHA (CYRO VIEIRA) — Contra o alcoolismo, S. Paulo, 1920.

*Ibid.* — De como se deve combater o alcoolismo no Brasil, These inaugural, Rio, 1922.

*Ibid.* — Como podemos lutar contra o alcoolismo no Brasil, "A Folha Medica", ns. 21, 22 e 23, de 1924.

...o primeiro passo para o combate do alcoolismo no Brasil deve ser dado pelos governos, com a instituição do ensino anti-alcoolico nas escolas primarias, secundarias, normaes e superiores, e pela iniciativa particular com a fundação de sociedades de temperança.

DIAS (MARIO DA SILVA) — Do alcoolismo, Rio, 1897.

ESTRADA (ROBERTO DUQUE) — Etio-pathogenia do delirio alcoolico. These inaugural, Rio de Janeiro, 191 pags., 1910.



ESPOSEL, (F.) E ERNANI LOPES — Alcoolismo chronico; idéas delirantes de ciúme; estado degenerativo (uma pericia medico-legal). Rio, 1914.

FIGUEIREDO (Capitão-Tenente Dr. BONIFACIO DA CUNHA) — (Ex-delegado de Saúde da Flotilha de Matto Grosso) — Beriberi e Ankylostomiasse na Marinha Nacional, Rio de Janeiro, 1916.

“Bebe-se tanto no Ladario (Estado de Matto Grosso) que a sua atmosphera cheira a vinho”.

FREITAS (OCTAVIO) — Alcool, 5 pags., capitulo do livro “Dietas e Remedios”, Recife, 1915.

Muito embora seja este producto genuinamente nosso, constituindo por si só uma das nossas principaes fontes de riqueza e prosperidade industrial, é preciso combater o alcoolismo por todos os meios e por todos os modos.

...Não são somente estes inveterados bebedores que, saturados do embriagante elemento, andam estonteando pelas ruas em cambalhotas grotescas, os que mais soffrem os effeitos da intoxicação alcoolica...

São os consumidores commedidos, estes que ao almoço e ao jantar fazem uso de um meio copo de vinho tinto de procedencia qualquer.

São os que bebem um calice de vermouth, ou de whisky, porque sentem frio, ou porque sentem calor, porque estão com os pés molhados pela chuva ou com a roupa encharcada pelo suor. São igualmente, os que usam com melanculosidade irritante, antes das refeições, um aperitivo, para estimular-lhes a fome.

GEORGE (EUGENIO) — O cinematographo, Rio de Janeiro, 47 pags., 1913.

*Ibid.* — A degradação moral pelos agentes alcoolicos e narcoticos, Rio de Janeiro, 1915, 112 pags.

GUISARD FILHO (FELIX) — A prostituição e o alcoolismo. V. cap. da These inaug. sobre “Prostituição”, 13 pags., Rio de Janeiro, 1914.

JAGUARIBE (DOMINGOS) — O veneno moderno. S. Paulo, 318 pags. 1913.

*Ibid.* — O alcoolismo e o seu tratamento pelo hypnotismo e a suggestão. Comunicação ao Congresso Latino-Americano em Buenos Aires, 1900.

KEHL (RENATO) — Problema de medicina social. “O Estado de S. Paulo”, de 18 de Dezembro de 1918 (ed. da noite).

*Ibid.* — A hereditariedade alcoolica (hygiene popular). “Gazeta de Noticias de 1924.

LIMA (BENJAMIN) — Do alcoolismo e a decadencia da raça. 2º Congresso Internacional de Mutualidade e Previdencia Social, Rio de Janeiro, 1923.

LIMA (HERMETO) — O alcoolismo no Rio de Janeiro, 1914, 112 pags.

Deve-se ensinar nas escolas o perigo do alcool, como se ensina a grammatica e a arithmetica, para que o alumno fique co-

nhecendo esse monstro que concorre para o crime e para a loucura.

LIMA (SOUZA) — "Jornal do Commercio", Rio, 6 de Outubro de 1900.

LOBO (ARTHUR) (Major medico) — Os tres grandes perigos sociaes — alcoolismo, tuberculose e syphilis — no meio militar brasileiro. "Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar", ns. 11 e 12 de 1918.

LOPES (ERNANI) — O alcoolismo infantil. Entrevista concedida á "A Noite" em 16 de Março de 1919.

*Ibid.* — Prophylaxia social do alcoolismo no Brasil. Comunicação ao 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, Belo Horizonte, 1924.

LOUREIRO (ALVES) — Do alcoolismo chronico e suas consequencias. These do Rio de Janeiro, 1884.

MAGALHÃES (FERNANDO) — Conferencia sobre alcoolismo, na Escola Dramatica, em 1922.

MATTOS (MELLO) — Entrevista concedida á "A Noite", do Rio de Janeiro, em 7 de Setembro de 1919.

MEDEIROS (MAURICIO DE) — Notas de um anti-alcoolista, "Arch. Bras. de Psychiatria", Rio de Janeiro, 1908.

*Ibid.* — O alcoolismo dos ruraes, "Diário de Medicina", 17 de Dezembro de 1924.

*Ibid.* — Contra o alcoolismo, "Diário de Medicina", 18 de Fevereiro, 1925.

MEIRA (RUBIÃO) — Como podemos lutar contra o alcoolismo, "Gazeta Clinica de S. Paulo", Novembro de 1912.

MORAES (EVARISTO DE) — Ensaio de pathologia social.

MOREIRA (JULIANO) — Commentarios de quasi todos os seus relatorios annuaes da Directoria Geral da Assistencia a Alienados.

MOSS (BENJAMIN) — O alcool, Belo Horizonte, 116 pags.

NERY (MARCIO) — Geographia Medica do Estado do Amazonas, 1909.

No grupo das intoxicações reclamemos a attenção para o alcoolismo e para o saturnismo. O primeiro é uma praga da população amazonense: o gentio... o seringueiro, o pescador, o roceiro, o operario, o industrial, o commerciante, os profissionais, todos procuram, segundo suas posses, nas bebidas fermentadas um lenitivo de que muitos não só usam mas abusam.

*Ibid.* — Psychoses alcoolicas. Relatório ao Congresso Medico Latino-Americano, 10 pags., Rio de Janeiro, 1909.

OTTICICA (J.) — Alcoolismo, "Correio da Manhã", Rio, 16 de Julho de 1921.

O papa é o papo, a maleita é a maleita, o ankylostoma é o ankylostoma, ao passo que o alcoolismo não é o alcool, é o *alcoolistador*.

OLIVEIRA (CANDIDO) E PORTOCARRERO — Os venenos sociaes, Rio, 1923.

OLIVEIRA (NICOLAU JOÃO) — A psychotherapia no ethylismo chronico. These inaugural, 158 pags. 1925, Rio.

OLINTO (PLINIO) — O livro e o alcool. Capitulo do livro "Notas de pedagogia", Rio, 1918.

PAIVA (ATAULPHO) — O alcoolismo, 5 pags., capit. do livro "Justiça e Assistência. Os novos horizontes". Rio de Janeiro, 1916.

Tão pouco fértil tem sido no Brasil a minúscula obra contra esses dois males individuais e sociais (o alcoolismo e a avariose) que tudo se pôde dizer em rápidas e breves impressões.

... No Brasil esse é mais um dos problemas sociais que ainda se arrastam sem solução de espécie alguma. Certo, entre nós, a devastação que o alcoolismo produz não tem, como em outros países de proletariado numeroso, um carácter intensivo e alarmante. Mas quem quizer ter uma perfeita idéa dos males resultantes do vício não tem mais do que recorrer ás observações da Liga Brasileira contra a Tuberculose e do Hospício Nacional de Alienados.

PEIXOTO (AFRANIO) — Defesa social contra o alcoolismo no Brasil. "Brazil Medico", Agosto de 1904.

PENAFIEL (CARLOS) — O problema do alcoolismo estudado na Liga Brasileira de Higiene Mental. "Jornal do Commercio", 16 de Dezembro de 1923.

PENNA (BELISARIO) — O alcoolismo, artigo do "O Jornal", do Rio de Janeiro, de 27 de Junho de 1921.

*Ibid.* — Luta contra o alcoolismo. 1º Congresso Nacional dos Práticos. Rio de Janeiro, 1922.

ROCHA (FRANCO DA) — Alcoolismo e loucura. Conferencia na Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, em 16 de Agosto de 1918.

ROXO (HENRIQUE) — Lições do curso de molestias mentaes e nervosas. Rio de Janeiro, 1905.

...dever-se-hia nas escolas primarias prégar uma cruzada contra o alcoolismo. Tal como se vai fazendo hoje em relação á tuberculose, dever-se-hia incutir na mente da criança a demonstração dos malefícios do alcool.

Dever-se-hia mostrar a ella o mal que ao seu organismo vai acarretar o alcool. Seria mesmo justo que se incutisse temor pelos effeitos do ethylismo.

Assim, a cerebração da criança, em seu periodo de evolução, nessa época de maxima receptividade, apprehenderia o conhecimento do mal que de tal vicio adviria.

Não teria, portanto, mais tarde, a inclinação notavel que tão precocemente hoje se nota para o alcool.

Evital-o-hia. Realizar-se-hia a quota de alcoolistas. Basta que se pondere no que succede em relação ao organismo, para que se veja que uma demonstração ponderada e oportuna dos effeitos de um vicio pôde dominal-o. As crianças recebem geitosamente dos progenitores a descripção dos perigos que o vicio

de Onam lhes pôde acarretar. E o que se observa, é que logo que ha uma certa ponderação intellectual, a criança abomina o vicio, e não n'õ pratica. (Pag. 192).

*Ibid.* — Psychose alcoolica, 19 pags., lição do "Manual de Psychiatria", Rio de Janeiro, 1921.

SAMPAIO (EURICO) — Psychose alcoolica, 22 pags., capitulo da these inaugural sobre "A influencia do typo social na alienação mental". Rio de Janeiro, 1922.

O Rio de Janeiro paga rudemente o seu tributo á triade horrivel — alcoolismo, tuberculose e syphilis — de um modo que só a evidencia da estatistica poderá fazer crêr a quem governa a necessidade inadiavel da repressão ethylica. (O autor publica uma estatistica pessoal de 280 casos de loucura alcoolica, observados na Assistencia a Alienados do Rio de Janeiro).

Poderá haver discussão ante a expressão fria e dura do numero? Poderá haver Governo que hesite em dar solução a tão magno problema, taxando, de um modo centuplo, as casas de bebidas e prohibindo a existencia de pequenas casas, onde o operario, o lavrador, o pequeno empregado — os mais infelicitados pelo grande mal — se intoxicam e preparam um futuro horrivel á sua descendencia? Se não é possível extinguir-se praticamente o numero de alcoolistas, pelo menos, philanthropicamente, modifique-se o estado da geração futura, procure-se diminuir a tuberculose e a loucura dos vindouros, com as medidas prohibitivas e a educação systematica dos actuaes.

SANTARÉM (JOAQUIM DE) — A influencia nefasta do alcoolismo — 2º Congresso Intern. de Mutualidade e Previdencia Social, Rio de Janeiro, 1923.

SANTOS (LINDOLPHO PINHEIRO DOS) — Alcoolismo, These inaugural, Rio de Janeiro, 1913.

SANTOS (JOAQUIM GOMES) — O alcoolismo, 2º Congresso de Mutualidade e Previdencia Social, Rio de Janeiro, 1923.

SODRÉ (FABIO) — Alcoolismo, 10 pags., capit. do Formulario Practico do "Brasil Medico" sobre Molestias Mentaes. Rio de Janeiro, 1915.

TOURINHO (DEMETRIO) — O alcoolismo e seus efeitos, Bahia, 100 pags., 1912.

VIANNA (SAMPAIO) E AUTRAN (HENRIQUE) — Do alcoolismo e seus efeitos, artigo do jornal "A Saude Publica", de Abril de 1922.

VILHENA (M. ALCANTARA DE) — Alcoolismo, 5 pags., capit. da These inaugural "Da continencia e seu factor eugenico", Rio de Janeiro, 1919.



## RESENHAS E ANALYSES

- 1) TOULOUSE, G. GENIL-PERRIN e R. TARGOWLA: *Prophylaxia mental* (Capitulo XI do vol. XXXIII — Medicina Social — do Tratado de Pathol. Med. e Therap. Applicada de Em. Sergent, L. Ribadeau-Dumas e L. Babonneix). Paris, 1925. (\*)

A monographia dos tres eminentes psychiatras francezes (67 paginas) divide-se em tres partes: 1) OS PRINCIPIOS; 2) OS MEIOS DE ACÇÃO; 3) AS REALIZAÇÕES.

Na 1ª parte os autores comecam por um rapido apanhado historico do movimento da hygiene mental em varios paizes, salientando o papel relevante dos Estados Unidos, onde, graças á iniciativa de Clifford W. Beers, "a hygiene mental e seus fins prophylacticos foram pela primeira vez objecto de uma organização completa". Referem-se depois, de modo pormenorizado, á brilhante organização da campanha pela hygiene mental em França, obra sobretudo do seu proprio esforço d'elles, com o auxilio de varios neuro-pathologistas e biologistas. Por fim, não esquecem os autores a contribuição do Brasil, "où le Dr. Riedel créa un beau service de prophylaxie mentale", consoante as expressões que usam, desvanecedoras para o nosso patriotismo.

Em seguida, frisando ser a hygiene mental um "problema novo" da psychiatria, Toulouse e seus distinctos collaboradores assignalam as deficiencias da lei franceza de 1838 no tocante á protecção da sociedade contra a invasão e a acção dos disturbios mentaes, e declaram que a prophylaxia mental pode e portanto urge ser scientifica e methodicamente organizada.

De facto, até que enfim se comprehendeu a necessidade inadiavel de, por multiplos motivos, dar combate ao perigo mental, que, para assim dizer, cresce *pro rata* da civilização. Sem falar no peso morto que representa para o Estado a manutenção dos manicomios, e em boa parte tambem das

---

(\*) O desejo de ser util a todos os que, sem serem especialistas, se interessam em o nosso paiz pelos problemas de hygiene mental, nos levou a elaborar uma exhaustiva resenha d'este importante trabalho, na qual procurámos condensar tudo o que nelle se contém de aproveitavel, para orientação das realizações nacionaes.

prisões, pois os criminosos, sobretudo os recidivistas, são anormaes psychicos cujas reacções anti-sociaes se explicam por suas taras mentaes, sem falar nas consideraveis dotações orçamentarias reclamadas pelo referido aparelhamento de assistencia a todos os mentaes internaveis ou sequestraveis, resta ainda a percentagem muito alta dos psychopaths *lucidos e inofensivos*, isto é, dos chamados pequenos psychopaths, não susceptiveis de internação em serviços fechados.

E' com estes ultimos sobretudo que se tem de haver a hygiene mental. Individuos muitas vezes de apparencia normal, não raro tendo deixado entrever, quando jovens, as melhores esperanças sobre o seu futuro, eis que se lhes frustra um bello dia a "carreira" fecunda e productiva em que iam feitos, e d'ahi por diante hão de contentar-se com uma actividade reduzida e precaria, "como vegetaes feridos em sua vitalidade por algum parasita occulto".

Como, porém, na organização social deve haver perfeito synchronismo no esforço de todos os seus componentes, a deficiencia de uns repercute sobre o conjuncto, resultando d'ahi um minoramento na produção de energias uteis. Por isso a psychopathia é uma grande causa de *deficit* economico nas nacionalidades.

Além d'isso, a psychopathia conduz a diversos actos anti-sociaes, que sem serem propriamente actos de loucura, ou delictos puniveis com a prisão, nem por isso deixam de ser prejudiciaes á tranquillidade ou á moralidade publica (certos delictos sexuaes, abuso de toxicos, etc.).

A loucura, no actual momento, mais do que outro qualquer mal, ameaça o mundo inteiro. Ninguém poderá estar seguro de poder resistir á estafa ou a emoções reiteradas. E as mesmas condições da vida moderna, desfavoraveis á diffusão das grandes endemias ou das epidemias, proporcionam, entretanto, possibilidades multiplas de disturbios psychopathicos.

Nas aglomerações urbanas contemporaneas estamos, em cotejo com as de outr'ora, infinitamente melhor aparelhados para nos pormos a salvo. p. ex., da febre typhoide, da tuberculose, da syphilis, da peste, da immensa maioria das infecções, enfim.

Em compensação, nesta cidade moderna, tudo conspira contra a saude mental de seus habitantes: trabalha-se á pressa, na trepidação, no ruido. O operario toma conta de machinas que exigem um esforço de attenção que nunca foi medido. O homem de negocios, e empregado de escriptorio, são interrompidos a cada momento pela campainha do telephonio. A especulação, com o seu aguilhão emotivo tem mil maneiras de attrahir. A conquista do exito nas carreiras scientificas exige um accumulo de conhecimentos que não pôdem ser adquiridos senão á custa de exgottante super-actividade. O flagello da guerra, depois das recentes invenções, revelou-se outro sim, mais do que antigamente, factor de disturbios mentaes até entre os não combatentes, pela possibilidade de ataques aereos ou de artilheria de grande alcance ás cidades abertas, o que entretém forte tensão emotiva durante semanas e mezes. Findo o conflicto armado, chega a vez das multiplas dif-

ficuldades novas de vida inherentes á phase de após-guerra, resultando ainda d'ahi desadaptações e psychoses entre os frageis de mentalidade.

Passam depois os autores a estabelecer um demonstrativo paralelo entre a organização da cruzada sanitaria anti-tuberculosa e a da prophylaxia mental, concluindo que nesta como naquella os progressos serão assegurados pela acção dos dispensarios e de suas enfermeiras visitadoras.

Fazer prophylaxia mental, dizem os autores a esta altura, é, pois, antes de tudo, lutar contra as causas das psychoses. Mas, como, por assim dizer, tudo (hereditariedade, infecções, intoxicações, accidentes, estafa, etc.) póde tornar-se causa de loucura, é evidente que a hygiene geral, procurando preservar o homem dos males que lhe ameacem a saúde, realiza implicitamente uma grande parte da obra prophylactica mental. Segue-se por isso que a prophylaxia mental ficará desprovida de autonomia? Não, porque na etiologia da loucura domina a noção de predisposição hereditaria. E é de crér que a eugenetica muito tempo ainda gastará para supprimir por completo a degenerescencia.

Ora, enquanto nascerem predispostos, degenerados, estará o psychismo fragil de taes entes á mercê das menores causas occasionaes. Far-se-á, pois, obra util procurando subtrahil-os á acção d'essas causas.

A hygiene mental trabalhará, assim, em ligação com a hygiene geral, mas, é claro, dedicando-se mais particularmente á salvaguarda da saúde psychica dos individuos.

Recordam, então, os autores quaes as *causas predisponentes, determinantes e occasionaes* mais communs dos disturbios mentaes. As primeiras encontram-se em todas as doenças ou intoxicações que, accomtendo os genitores, possam ser causa de degeneração nos filhos: os rebentos de alcoolistas, de syphiliticos, de pellagrosos, de anormais, nascem em condições de menor resistencia, que d'elles fazem candidatos á psychopathia. As segundas correspondem ás infecções ou ás intoxicações (ou ás lesões traumaticas) que, lesando directamente a cellula cerebral, provocam o disturbio mental. Quanto ás *causas occasionaes*, emfim, são as que, insufficientes por si mesmas para determinar a doença nos individuos resistentes, pódem desencadeal-a nos predispostos: v. g., a estafa, os accidentes, as grandes emoções.

Depois de algumas considerações sobre eugenetica em geral, nas quaes mostram a pouca praticabilidade da esterilização dos degenerados em França, e o valor que teria, ao contrario, a educação geral do publico, para obstaculizar o casamento dos suspeitos, dos meiopragicos, passam os autores a estudar alguns dos remedios sociaes applicaveis ás causas de loucura. De inicio fazem vêr que considerações didacticas os impedem de entrar em minucias no tocante ás organizações de varias campanhas prophylacticas communs a outros ramos da hygiene social e por isso já explanadas alhures no Tratado.

Comtudo, insistem em que a lucta anti-alcoolica, por exemplo, deve ser considerada "como uma das partes mais importantes da prophylaxia



mental". Em relação á lucta contra a syphilis, que tambem pertence á prophylaxia geral, é, todavia, bom observar, dizem com razão, que a verificação d'essa doença em quem quer que seja, e com maioria de razão em quem seja suspeito de predisposição psychopathica, deve fixar muito particularmente nossa attenção sobre o futuro mental do paciente. Além d'isso, "ha intoxicacões cuja prevenção incumbe mais especialmente ao dominio da hygiene mental: são as intoxicacões de luxo", as toxicomanias, que de ordinario comparecem em individuos já desequilibrados.

O principal remedio lembrado pelos autores contra os bebedores e toxicomanos basêa-se numa repressão energica, "dotada de grande poder de intimidacão". Seria necessario poder conservar no manicomio esses viciados, ainda depois de curados de suas passageiras crises, não só para effeito de intimidacão, como para "retirar da circulação durante certo tempo individuos dispostos a exercer um proselytismo assaz conhecido". Socialmente, acrescentam, sua sequestração equivaleria ao isolamento de um contagioso.

Lêem-se em seguida algumas justas considerações geraes sobre o *modus vivendi* mais indicado aos predispostos, considerações, aliás, que, poderia dizer-se, são simples conselhos de senso commum — e passa-se á 2ª parte do artigo: MEIOS DE ACÇÃO.

Assentado como se achá que o exito do tratamento das perturbações mentaes depende antes de tudo do diagnostico precoce, procuraram-se os meios mais praticos de atingir esse objectivo e crearam-se então os dispensarios em connexão com "serviços sociaes", e os serviços para hospitalização livre, tambem chamados hospitaes "abertos" para psychopathas.

E' graças á acção do serviço social, representado sobretudo pelas assistentes sociaes visitadoras, que o dispensario de prophylaxia mental pôde demonstrar a sua efficiencia. São, de facto, numerosos os casos de psychopathas que não sabem que o são, ou que o são, mas o não confessam, ou que simplesmente não têm energia para ir á consulta de um medico. São esses casos que o serviço social de informações tem o dever de descobrir nas familias, nas escolas, nas fabricas, etc., afim de os encaminhar, por uma "doce violencia", á presença do psychiatra, no dispensario. Prescripto o tratamento, si este pôde ser realizado no proprio meio familiar do doente, ainda aqui cumpre ao serviço social, por intermedio de suas visitadoras, observar si as prescripções de therapeutica e de regime vão sendo observadas a rigor, ou não. Os americanos do norte reclamam com razão até para as enfermeiras visitadoras não especializadas em prophylaxia mental uma certa instrucção psychiatrica. Em verdade, a pratica mostra que a cada passo os outros serviços sociaes de saúde publica collocam as respectivas visitadoras em face de problemas de ordem psychiatrica: menino retardado ou pae alcoolista encontrados durante um inquerito para tuberculose, mãe neuropathica, irmão epileptico, etc.

Quanto aos serviços para hospitalização livre de psychopathas, os autores começam mostrando a grande lacuna que os mesmos vêm preencher



na assistência psiquiátrica, sobretudo em relação aos indigentes ou pessoas apenas remediadas, incapazes de arcar com ospreços proibitivos dos sanatórios confortáveis.

Sempre que se verifique impossível realizar com êxito a assistência idônea de um mental em seu próprio meio familiar (o que não raro é o caso, ou por penúria eventual, ou por necessidade de evitar o contágio psychico no ambiente domestico, ou por insanável incompatibilidade de gênio" entre o doente e outra pessoa da familia, etc.) deve recorrer-se á referida fórmula de hospitalização.

As vantagens do systema derivam sobretudo da facilidade com que o doente é admittido, dispensados como são os requisitos complicados e vexatorios de ordem policial e jurídica inherentes ás internações do regimen commum.

Relativamente a saber quaes doentes devem ser acceptos em taes serviços, é claro não haver duvidas sobre a admissão dos pacientes sem disturbios de consciencia (psychasthenicos, phobicos, obsedados, hypochondriacos, melancolicos não delirantes, etc.). No que toca a alienados propriamente ditos, as opiniões dividem-se, tendo predominado, entretanto, em França o ponto de vista de Gilbert Ballet, para quem nos asyls fechados é que devem ficar os doentes susceptiveis de apresentar reacções perigosas ou rebeldes ao tratamento, isto é, alienados, na verdadeira accepção do termo.

Para obviar á critica de que nos serviços abertos os bens dos doentes não seriam bastante protegidos e á de que até as sequestrações arbitrarías não são tão facilmente conhecidas, os autores propõem se estabeleça uma commissão inspectora, composta de peritos alienistas, representantes da autoridade, com attribuições para reprimir severamente os abusos, indo até ao fechamento dos estabelecimentos prevaricadores.

No paragrapho seguinte encaram os autores a *hygiene mental na vida collectiva*, estudando o papel da educação prophylactica, da intervenção da hygiene mental na pedagogia, na organização do trabalho, na vida militar, no ambiente colonial, no dominio criminologico, na producção litteraria e artistica (espectaculos inclusive).

a) educação prophylactica: a acção da prophylaxia mental sobre o meio familiar, anteriormente exposta, embora muito util e correspondendo a uma necessidade definida, não deixa de ter, entretanto, um caracter parcial e esporadico que não permite a grande expansáo necessaria ao pleno êxito da campanha preventiva. Taes recursos, dizem os autores, permitem, é certo, que se penetre bem em profundidade, não possibilitando, contudo, a acção sobre superficies extensas. Para corrigir esse inconveniente, é preciso actuar sobre as collectividades. A catechese de um a um é sempre insufficiente, precaria e não compensadora do esforço dispendido. É preciso, pois fazer a propaganda prophylactica em larga escala, o que, na pratica, deve, de preferencia, ser levado a effeito, obtendo que cada organismo social (fabrica, escola, unidade militar, associação de

classe, etc.) cuide da saúde mental dos seus componentes. Tal qual já se fez em hygiene publica, cujos regulamentos impõem a toda a entrosagem social a observancia de medidas e normas destinadas a melhorar as condições de saúde geral, assim deverá a hygiene mental codificar os seus methodos prophylacticos e defensivos, para que sejam amanhã cumpridos e respeitadoss, como já hoje o vão sendo os da hygiene publica.

Aliás, escrevem os autores, em materia de hygiene e prophylaxia mental, a humanidade ainda se encontra num empirismo primitivo, no mesmo estádio em que se achava a hygiene publica antes das descobertas scientificas modernas, *sc.*, antes da era pasteuriana. (O commentador observa aos leitores não especialistas que a comparação deve ser entendida *cum grano salis*, não devendo ninguem suppôr que, em relação á etiologia das doenças psychicas, laboremos hoje numa ignorancia comparavel á da era pre-bacteriologica em relação á etiologia e transmissibilidade das infeções. Mostra, aliás, o bom senso que, si não dispuzessemos de solidas noções sobre os aspectos clinicos da medicina mental, seria ocioso pensar em realizar com exito a prophylaxia das psychoses). E vêm a ser os proprios autores quem, finalizando o paragrapho, escrevem: "é, entretanto, possivel fazer intervir na vida mesma da collectividade os principios dirigentes da prophylaxia mental". Como? E' o que se vai mostrar com minucias.

*Hygiene mental e pedagogia:* A obra prophylactica começa na escola por uma selecção não só dos retardados como dos bem dotados, de modo que, constituídos em grupos homogeneos, possam ser-lhes applicados os methodos adequados de ensino. Lembrando que a selecção dos retardados já se acha feita em numerosas escolas, insistem sobre as dos meninos de intelligencia precoce e acima da média, dos quaes não se tem cuidado em França como fóra desejavel. "Sendo em geral a precocidade uma anomalia de crescimento, é necessario vigiar com extrema attenção essas crianças durante a idade escolar e ainda mais tarde, até ao periodo do seu desenvolvimento completo."

A triagem dos anormaes psychicos deve, aliás, ser effectuada antes da propria escola, quer dizer no periodo pre-escolar, em as escolas maternas, onde, como André Collin desde 1922 vem insistindo em França, estes exames são mais factiveis e mais fructuosos (collaboração paterna não só mais facil de obter, como mais completa, graças ás recordações recentes dos paes sobre a historia progressa; probabilidade de obter bons resultados pela therapeutica assim psychica como chimica, eventualmente indicada, devido á sensibilidade especial do systema nervoso nessa idade em que ainda não se operou sua segmentação completa).

Ao professor ou á professora, devidamente enfronhados da questão, cabe apontar ao medico-inspector escolar as crianças que, pela sua falta de progresso no estudo ou pela sua indisciplina, se afigurem deficientes mentaes. Confirmado o "deficit", determinadas, mercê de "tests" proprios, sua natureza e grau, bem como, mediante inquerito social minucioso, sua etiologia (alcooismo, lues, tuberculose, etc.) será proposto o tratamento

idoneo e designar-se-ão para cada criança as medidas especiaes cabiveis (aulas de repetição para os retardados por insufficiencia escolar, escolas ao ar livre para os atrazados por fraqueza physica; escolas de aperfeiçoamento para os debeis intellectuaes; escolas de reforma para os perversos).

Aliás, como se vê, é necessario, continuam os autores, que haja mediceos inspectores escolares especializados em neuro-psychiatria infantil. O numero d'esses mediceos deve pautar-se pela proporção de normaes por examinar, isto é, cerca de 10 % da população escolar. As assistentes sociaes, ou as enfermeiras escolares prestarão séu auxilio indispensavel ao serviço.

Os autores transcrevem em seguida uma communicação do Dr. Rubinovitch á Liga de Hygiene Mental Franceza, sobre o funcionamento da secção de aperfeiçoamento organizada em 1915 no Instituto de Surdos-Mudos de Asnières para anormaes psychicos. Actualmente, (1921) diz o autor citado, o curso conta 80 alumnos, 60 meninos e 20 meninas, em sua pluralidade eliminados das escolas publicas, mas susceptiveis de aprender um officio na idade post-escolar. Esse aprendizado é feito na mesma escola. A preocupação dominante é a de formar o espirito, e não apenas a de fazer armazenar conhecimentos. "Os resultados obtidos excederam todas as esperanças."

*Hygiene mental e organização do trabalho* — A hygiene mental deve desempenhar papel preponderante na organização do trabalho, por isso que as profissões actuaes exigem cada vez mais o concurso das funções psycho-motoras, da memoria, da attenção e do juizo. Nas officinas, sobretudo, importa ao industrial conseguir que reine um *optimum* de hygiene mental entre os operarios, porquanto d'ahi resulta melhor productividade e, pois, maiores lucros. Os meios de conseguir tal objectivo são a orientação profissional e a selecção psychiatria e psycho-physiologica dos trabalhadores, selecção cujos effeitos são: 1º, eliminar da officina os psychopaths que constituem, em geral, factores de indisciplina; 2º, dar a cada um a justa tarefa para a qual o indicam suas aptidões mentaes particulares, condição de melhoria indubitavel no cumprimento d'essa tarefa. Em relação ao trabalho dos caixeiros dos grandes armarinhos, importa tambem cuidar da conservação de sua saúde mental, susceptivel com tal ou qual facilidade de ser alterada por influencia da actividade febril não raro desenvolvida, de onde processos de auto-intoxicação ligados á fadiga physica e intellectual.

*Hygiene mental no meio militar e nas colonias* — Os mediceos militares comprehenderam desde logo o interesse de applicar os methodos preventivos e defensivos da hygiene psychica, em ordem a seleccionar do melhor modo o material humano constitutivo das collectividades armadas. Num meio onde a disciplina é a condição mesma da efficiencia, o psychopatha, de facto, sómente póde dar origem a infracções, a mal-entendidos, a equívocos, eventualmente funestos.

Os autores, referindo-se á aviação militar, durante a guerra, lembram que, para a escolha dos pilotos, se empregaram os methodos psycho-phy-



siologicos mais precisos. Mediram-se-lhes cuidadosamente os tempos de reacção, a acuidade dos sentidos, etc. Não se prestou, entretanto, atenção ás anomalias psychicas de certos candidatos, instaveis, desequilibrados, por vezes perversos, e impellidos á aviação pela sua instabilidade mesma, por esse desejo de variedade tão frequente em certos desequilibrados mal adaptados ao meio. Nessas condições, por excellentes que fossem as suas qualidades de aviadores, neutralizava-as a sua falta de equilibrio mental, resultando d'ahi, pelas condições de vida peculiares á 4ª arma de guerra, os mais imprevisos contra-tempos. Em conjuncto, constituíram elles um peso morto, uma fonte de aborrecimentos para o commando. E, alguns, que dariam sem duvida discretos soldados de infantaria ou artilharia, acabaram respondendo a conselho de guerra.

Quanto ao problema da prophylaxia mental nas Colonias de França, os autores consignam as vantagens de inicialmente ser estudada a mentalidade das gentes indigenas d'essas regiões, em seguida assignalam que as colonias exercem em geral uma attracção notavel sobre os individuos instaveis, desequilibrados, perversos, da metropole, e por fim ainda se referem á questão da etiologia colonial das doenças mentaes, influencia do clima, do regime, das endemias, etc.

*Hygiene mental e criminologia* — Um individuo inteiramente normal não irá jamais deliberadamente pôr-se em conflicto com as leis penaes. É geralmente por perversão, por fraqueza, por arrastamento, por impulsão, ou por qualquer outro phenomeno psychopathico que o crime ou o delicto são determinados. A repressão, para ser effizaz, não deve exercer-se automaticamente, calculada tão só segundo a natureza e a gravidade da infracção. Deverá, ao contrario, ser individualizada, adaptada á mentalidade do criminoso, e deve visar a emenda do criminoso, se tal fór possível, o seu simples afastamento da vida social, si não houver outro remedio.

Os autores tangem apenas a questão, porque, dizem, si a quizessem exgotar, seria preciso fazer entrar no capitulo toda a criminologia, no sentido mais amplo da palavra.

*Hygiene mental na producção litteraria e artistica* — Si a hygiene mental deve intervir na organização do trabalho — esta lei bio-social á qual ninguem se póde subtrahir — com maioria de razão se explica sua intervenção nas actividades de recreio e prazer. Seria de facto o maior absurdo que as distrações de ordem intellectual, destinadas, por sua variedade, e por seu encanto, a repousar nosso espirito do trabalho quotidiano, viessem a produzir justamente o contrario, deformando, desagregando e pervertendo a mentalidade.

A obra de arte, encarada a expressão no seu sentido mais amplo, actúa por intermedio dos sentidos sobre a nossa intelligencia ou sobre a nossa affectividade, e traz em si uma força que se incorpora ao nosso psychismo, tornando-se-lhe um dos componentes. Cumpre, pois, conseguir que essa força actúe de modo salutar e não pernicioso.



Toda a gente sabe que o espectáculo do crime, no theatro como na vida social, pôde engendrar o crime. Goethe tem sobre a consciencia varios suicidios provocados pelo exemplo de Werther. Baudelaire e outros genieas apostolos dos paraísos artificiaes, que devastações não produziram na turba mimetista dos esthetas de segunda ordem?

Em relação ao cinema, cujo poder de suggestão é muito vivo e em cujo publico se encontram elementos dos mais receptivos, sobreleva especialmente a utilidade da fiscalização psychiatrica, com fins de prophylaxia mental. Essas considerações já atrahiram, na Suecia, a attenção dos poderes publicos: a lei de 1911 sobre a censura dos "films" prevê a criação de um lugar de perito psychiatrico nesse serviço de censura.

Finda abj o que diz respeito aos MEIOS DE ACÇÃO, e passamos os autores então a estudar a 3ª e ultima parte, consagrada ás REALIZAÇÕES, da qual nos limitaremos a destacar os topicos mais interessantes e ainda não tratados nos paragraphos anteriores.

E' descripto em primeiro lugar o "*Serviço de prophylaxia mental do Asylo de Sant'Anna*", em Paris, e em segundo é feita synthetica exposição dos "*organismos de propaganda*".

O *Serviço do Asylo de Sant'Anna*, aberto em 16 de Junho de 1922, e dirigido pelo Dr. E. Toulouse, dispõe de uma installação material de character familiar e agradável, onde tudo se dispóz para crear um ambiente de repouso e conforto. As enfermarias, dentro de sua sobriedade, offerecem condições de bem estar bastantes para que os doentes ahi queiram permanecer todo o tempo necessario. O refeitorio moderno, com suas mesinhas floridas, o salão de recreio, onde ha um piano, um gramophone, telegraphia sem fios, jogos variados; o jardim anexo, onde os doentes podem descançar á sombra, em cadeiras preguiçosas; a cozinha independente e a pharmacia merecem particularmente mencionadas. (Do ponto de vista architectonico, as construcções actuaes representam, aliás, adaptações intelligentes de antigo edificio).

No referente ás distracções, deve acrescentar-se que os homens dispõem de uma bibliotheca, as mulheres de machina de costura, artefactos de bordado, etc., e finalmente a um e a outro sexo a direcção proporciona com frequencia vespereas artisticas, ou recreativas, organizadas graças ao concurso de artistas generosos.

O funcionamento integral do serviço effectiva-se com a collaboração mutua do dispensario, do serviço de hospitalização livre, do serviço social e ainda dos laboratorios.

No tocante ás consultas que funcionam no dispensario, o ponto mais digno de nota está em que, além das de psychiatria geral e das de exames subsidiarios de outras especialidades, são dadas ainda consultas especiaes neuro-psychiatricas, relativas ás seguintes questões: *crianças retardadas e aonmaes* (Dr. Rubinovitch); *epilepticos* (Dr. Marchand); *psychotherapia* (Dr. Mignard); *neurologia* (Dr. Tinel).

Os autores accentuam os serviços consideráveis que o dispensario presta especialmente aos pequenos psychopathas, aos "nervosos", conforme a designação commum. Estes doentes soffrem pelo seu estado e sobretudo vêm que devido a elle sua actividade e valor social diminuem. São muitos os que á consulta se apresentam só "porque não podem mais trabalhar". E é frequente tratar-se justamente nesses casos de individuos de valor, intellectuaes, funcionarios e operarios habeis, cuja baixa de producção é assim mais sensível ainda.

O "Serviço de Hospitalização Livre" funciona não só como serviço para *observação*, como para *tratamento*, em enfermarias diferentes. O total de leitos é de 110 (46 homens e 64 mulheres). (\*)

Admittido um doente redige-se-lhe immediatamente uma ficha, com os dados de maior importancia: o diagnostico, a enfermaria para onde o paciente irá, as reacções a que se entregou ou que d'elle são de temer (tendencias ao suicidio, a violencias, recusa de alimentos, etc.) a necessidade, se o caso o exige, de vigilancia especial, de algum tratamento de urgencia, de alguma pesquisa de laboratorio immediata, etc.

O serviço de observação recebe doentes pelo prazo de alguns dias apenas, seja para completar os dados do *status praesens*, não sufficientes pelo exame feito no dispensario, seja para realizar, em condições de rigor, quaesquer pesquisas biologicas, etc. Os autores frisam como são frequentes os casos, cujo estado inicial, aparentemente grave, e parecendo exigir a internação immediata, mudam, entretanto, de aspecto, melhorando a tal ponto que a hospitalização livre pôde ser matada sem receio (acessos confusioaes post-émotivos, nos quaes a lucidez retorna em poucas horas; crises de alcoolismo sub-agudo, com agitação muito intensa, mas, como é sabido, muito passageira tambem; paralysisa geral "de hospital", isto é, sem o perigoso "delirio dos actos", dos p. g. de manicomio; impulsivos diversos que, todavia luctam contra as suas impulsões, de modo que estas não parecem susceptiveis de se realizarem, etc.) Noutros casos, claro está, a internação de urgencia não pôde deixar de ser requisitada, por motivo de reacções perigosas, quèda em demencia, etc...

Quanto á therapeutica, larga e activa, que no respectivo serviço se pratica habitualmente, consta ella, não só de medicamentos pharmaceuticos, como de hydrotherapia, de electrotherapia, de opo, — vaccino, — serotherapie, conforme as indicações. Trata-se a lues nervosa, a encephalite epidemica pelos processos mais variados e energicos. Tentam-se os enxertos organicos, mórmente em psychoses da puberdade.

Funciona regularmente uma consulta de psychotherapia. Os cuidados de assistencia são prestados por enfermeiras, ainda no pavilhão de homens. Ha 15 leitos para doentes pensionistas.

(\*) Em Paris o Professor Claude, tem na Clinica Psychiatrica da Faculdade direito a ter tambem alguns leitos para hospitalização livre. O mesmo deveria dar-se entre nós ao Professor de Clinica especial na Faculdade.

Quando se trata de um toxicomano, cujo isolamento rigoroso é indispensavel ao tratamento, o doente assigna a seguinte solicitação-compromisso: *"Desejando ser accedido no Serviço de Prophylaxia Mental, para ahí ser desintoxicado, comprometto-me a submeter-me inteiramente á disciplina imposta para o tratamento durante os quarenta dias que deve elle durar, e em particular a não receber nem visitas, nem correspondencia, nem embrulhos, sem a autorização do medico. Solicito, além d'isso, como garantia contra qualquer possivel fraqueza de minha parte, que façam o favor de conservar-me em tratamento no serviço até minha cura completa. Escripito no Serviço de Prophylaxia Mental, em... de boa fé e em plena consciencia de minha vontade.* (Escripito e assignado do proprio punho do doente).

Fôra d'este caso especial dos toxicomanos, as formalidades de entrada são ainda mais simples, consistindo apenas em apresentação de um documento de identidade e de um certificado de domicilio. (Em casos de urgencia, os doentes podem, aliás, entrar sem esses papeis, encarregando-se o Serviço Social de os conseguir depois).

Não é exercida nenhuma fiscalização judiciaria ou administrativa das autoridades que inspecionam os manicômios. Contudo, graças ao exame completo que é feito no dispensario, e aos informes obtidos pelo Serviço Social, são tomadas todas as precauções para que não seja conservado nenhum doente anti-social. (O glypho é do compilador, porque se trata de um ponto essencialissimo da organização do serviço. A admisión de doentes de psychose perversa, v. g., num serviço aberto pôde acarretar os peores contratempos á direcção medico-administrativa do hospital).

Segue-se a parte das realizações concernentes ao "Serviço Social". Além dos topicos que já conhecemos, relatam os autores novas incumbencias confiadas ás assistentes sociaes, para mais effizaz funcionamento do serviço. Assim, procura-se chamar á ordem as familias que, podendo tomar a seu cargo parentes tratados no serviço, mas já em condições de alta, mostram tendencias a desinteressar-se dos mesmos. E' com frequencia o que occorre em relação a pre-senis, bem como a adolescentes anormaes ou retardados. Por outro lado, faz-se o possivel para conseguir empregar os convalescentes validos, de accôrdo com suas aptidões em casas particulares, granjas, fabricas, etc. No caso em que o doente é incapaz de trabalhar, mas tambem não pôde ser conservado nem no serviço, nem na familia, o *Patronato dos egressos* buscará collocar-o num asylo, casa de repouso, colonia familiar, ou instituição analoga. Para isso o "Serviço Social" deve estar em estreita connexão com todos os organismos de assistencia.

Em seguida os autores publicam a seguinte estatistica que permite avaliar bem qual foi a completa actividade do "Serviço Social", de St. Anna, num periodo de 18 mezes; 250 visitas domiciliaries e syndicancias; 140 visitas hospitalares; 184 incumbencias em diversas obras beneficentes; 48 incumbencias na Prefeitura de policia e na Prefeitura municipal; 39 em diversas administrações e no Fôro; 13 nos Hospitais da Assistencia Publica; 422 consultas de assistencia social dadas no Dispensario.



Seria aliás, desejavel, continuam, que o Serviço de Prophylaxia Mental se tornasse tambem uma escola de applicação, onde houvesse cursos para medicos de outros estabelecimentos, e de onde fossem enviadas assistentes sociaes psychiatricas para funcionarem em ambulatorios anti-tuberculosos, anti-syphiliticos, hospitaes geraes, etc. Só assim poderá tornar-se eficiente a triagem dos psychopathas, indo descobri-los noutros serviços socorrendo-se das informações dos medicos praticos, das familias, etc. Dever-se-hia exercer particularmente intensa vigilancia medica em torno dos psychopathas de reacções anti-sociaes, egressos ou não dos manicomios. A defesa social de qualquer grande cidade está ligada ao seu serviço de Prophylaxia Mental.

A organização da prophylaxia mental não poderá prescindir do apoio scientifico dos "Laboratorios". A secção de *chimica biologica* (cujo director no serviço de Sant'Anna é Blanchetière), prestará o seu concurso, sobretudo fornecendo dados relativos á natureza dos concomitantes organicos (insuficiencia hepatica ou renal, dysendocrinias, etc.), das psychoses em estadio inicial, de onde ás vezes resultarão esclarecimentos sobre a causa somatica do mal psychico. A secção de *serologia* (director: Dutermilch) será, está claro, a condição *sine qua* do diagnostico precoce de numerosas syphilopathias cerebraes, que, sem serem ainda casos de manicomio, necessitam, entretanto, de tratamento immediato, acompanhado dos cuidados de assistencia psychiatrica (melancholicos anciosos, psychasthenicos, obsedados de causa syphilitica). A secção de *psychologia* (director: Laugier), permittirá principalmente o estudo aprofundado das funções da motricidade e da circulação.

Mas é ao *Laboratório de Psychologia experimental e de orientação profissional* (director: J. M. Lahy), que cabem por certo tarefas mais variadas. No ponto de vista psycho-pathologico o estudo objectivo dos phenomenos mentaes fornecerá elementos de precisão nos casos limitados de demencia. No concernente ao rastreio dos predispostos e ao diagnostico das psychopathias, o estudo da motricidade por meio do tapping test, a pesquisa dos tempos de reacção, a dynamographia, a dynamometria, a ergographia dão indicações sobre a fatigabilidade e a constancia do esforço dynamico. O estudo dos tempos de reacção não se faz apenas por meio da média arithmetica, ou do desvio medio; mais preciosos informes são dados pelas curvas de reacção no tempo (selecção da rapidez em função do tempo) e das curvas de reacção em função da ordem de grandeza (ogiva de Galton); as indicações fornecidas sobre as fluctuações da actividade psychomotora de um dado individuo são assim mais precisas. Além d'isso: exame das diversas formas de sensibilidade; exame das funções da memoria, do qual se pôdem colher já resultados bastante constantes e caracteristicos, permittindo assim classificar e acompanhar o paciente; exame da atenção, nas suas duas formas, quer dizer, na concentrada (methodo de Bourdon) e na diffusa (simultaneas actividades intellectual e motriz, sem ligação reciproca); estudo da suggestibilidade motriz.



Todos os dados obtidos vão constituir um perfil psychologico, registado numa ficha especial.

Essa ficha estabelecida desde cedo, desde a escola, vai ser utilizada para o serviço de *orientação profissional* dos futuros trabalhadores, visando impedir os distúrbios resultantes do possível desaccôrdo entre a aptidão natural de cada um e a tarefa que se lhe queira dar. Igualmente se terá em conta o resultado do exame psychologico para a selecção das profissões não só do ponto de vista da escolha do modo de vida, como até das regras do trabalho "optimo", em determinadas actividades. Sabe-se dos bellos resultados já conseguidos no particular em relação á technica dactylographica. Verifica-se, além d'isso a necessidade de sujeitar todos os conductores de vehiculos a um exame de entrada e a uma fiscalização periodica, do ponto de vista neuro-psychologico.

Ao espirito de critica sempre alerta dos autores não escapou a necessidade de que todos os laboratorios funcionem subordinados a uma organização scientifica logica, o que ainda não é o caso na maior parte dos serviços actualmente existentes. E indicam então as exigencias que devem satisfazer esses "organismos de pesquisas":

1.º *Especialização de verdade, ou divisão estricta do trabalho.* — As pesquisas physiologicas serão confiadas a um physiologista, as chemicas a um chimico, as psychologicas a um tecnico de psychologia. Das organizações de hygiene mental deve partir o exemplo da selecção profissional...

2.º *Varias series de pesquisas parallelas* devem funcionar em cada uma das secções especializadas, a saber: a) determinações biologicas em serie, ligadas ao exame ou ao tratamento dos doentes; b) pesquisas biologicas novas, cuja natureza é determinada por um entendimento entre os diversos medicos e biologistas, conforme um programma de conjunto; c) pesquisas inteiramente independentes, entregues á iniciativa do pesquisador, afim de utilizar a imaginação creadora dos que não se accomodam ao regimen de trabalho colectivo (é admiravel, esta prescencia dos autores).

3.º *Necessidade de uma fiscalização periodica das pesquisas*, no proposito de: a) examinar regularmente os resultados das mesmas, afim de fixar os factos adquiridos e orientar as pesquisas ultiores; b) certificar-se si cada laboratorio produz (senão como resultado pratico, ao menos como trabalho) proporcionalmente ao material empregado e ao pessoal remunerado.

4.º *Necessidade de ser estabelecida uma ordem de urgencia das pesquisas* — A actual falta de organização, dizem os autores, torna as pesquisas incoherentes e desordenadas. Ha modas scientificas que duram longos periodos, depois desaparecem. Por outra parte estando illimitado o campo das pesquisas, o criterio para escolha d'estas é dado em geral aos pesquisadores por circumstancias aleatorias, como a ultima leitura de revista, ou o acaso de uma palestra, etc. Ora, importa, ao contrario, que a ordem de urgencia das pesquisas seja estabelecida pela collaboração de especialistas

qualificados, procurando-se em primeiro lugar atacar as questões cuja solução pareça mais urgente ou mais fácil.

5.° *Necessidade de utilizar os pesquisadores, segundo sua competencia e nos elementos mais nobres de sua competencia.* — Muito se tem que progredir neste dominio. Até ao presente não é raro verem-se cientistas de valor obrigados a empregar parte do seu precioso tempo em trabalhos materiaes elementares, que poderiam ser perfeitamente entregues a pessoal subalterno treinado. Os autores lembram como na Allemanha se acha organizado esse pessoal de *artifices da pesquisa*, laborantins e laborantines, dotados de instrução scientifica restricta, mas excellentes auxiliares no trabalho manual. Entre os collaboradores do homem de laboratorio, grande interesse haverá tambem em que sejam aproveitados estudantes de medicina, até porque frãõ elles ser os cientistas e pesquisadores de amanhã.

6.° *Necessidade de utilizar em certos casos laboratorios extranhos.* — Serã algumas vezes necessario subvencionar pesquisadores para fazer estudos em laboratorios extranhos especializados, uma vez que na pratica os serviços de prophylaxia mental não poderão cõnter todos os serviços de pesquisas uteis.

Os autores declaram ter insistido em todas as citadas regras de acção no intuito de suscitar alhures installações semelhantes, mais aperfeicoadas ainda.

Termina ahi o que se refere ao Serviço de Prophylaxia Mental, e expõem então os autores, em synthese, em que elles chamam os "organismos de propaganda", parte integrante da technica prophylactica, á qual tão intenso relevo têm dado as organizações norte-americanas.

Em França, é a *Liga de Hygiene Mental* que realiza a propaganda nos seguintes meios: a) junto aos alienistas, medicos em geral e poderes publicos, que ella procura persuadir da necessidade de não abandonar á sua sorte os pequenos psychopathas e á ampliar a todo o paiz as primeiras reformas obtidas na capital; b) nos meios philanthropicos, esforçando-se por assegurar a ligação entre os dispensarios de hygiene mental e os outros dispensarios; c) junto do grande publico, no proposito de lhe fazer comprehender que as doenças mentaes são com frequencia curaveis e evitaveis, si fôr observada boa hygiene do espirito, e si o tratamento fôr instituido desde as primeiras manifestações do mal.

Essa propaganda é realizada pelos seguintes processos: a) reuniões, amplamente publicas, do Conselho da Liga e do Conselho de patronato do Serviço de prophylaxia mental do asylo-clinico Sant'Anna; b) conferencias feitas nos meios philanthropicos, pedagogicos, industriaes, medicos; c) publicação de um boletim mensal; d) correspondencia activa com todas as pessoas que demonstrem interesse pela questão.

A Liga Franceza, na convicção justa em que se encontra de que a lucta contra a loucura, como a campanha contra as epidemias, exige para sua eficiencia, um entendimento entre os povos, envia esforços para a organização internacional da hygiene mental, e, de concerto com o *Comité nacional*

para a hygiene mental, de Nova York, prepara para 1925 um grande Congresso de Hygiene Mental, que se reunirá nos Estados Unidos (transferido para 1926).

As comissões em que se divide o trabalho da Liga Franceza são as seguintes: 1ª, Doenças geraes e intoxicações; 2ª, alcoolismo; 3ª, escola; 4ª, trabalho profissional; 5ª, anti-sociaes; 6ª, dispensarios de hygiene mental e serviços abertos; 7ª, assistencia publica e legislação; 8ª, ensino psychiatrico; 9ª, organização e propaganda; 10ª, pesquisas scientificas; 11ª, produções litterarias e artisticas.

ERNANI LOPES

2) CH. RENARD — *A Influencia moral do cirurgião*. Revue de Psychologie appliqué, pag. 52, Abril de 1924.

Já antes de sua primeira visita, o cirurgião deve começar a influir moralmente. A partir do momento em que se começa a encarar a idéa de operação, a ansiedade e a receio dominam os espiritos de todos, e é, portanto, necessario haver illimitada confiança no profissional de cuja decisão depende o appello aos meios heroicos, capazes de conjurar o perigo. Nessas condições é bem comprehensivel exija o publico do cirurgião não só a competencia technica, como a elevação moral. Sua vida mesma deve ser bella, de accordo com "a alta condição social de que elle tem o direito de se orgulhar, e que elle deve á sua arte", diz o autor, citando um conceito de Forgue. Certamente a bondade, a doçura, o cuidado extremoso de seus doentes farão parte das caracteristicas do cirurgião bem-quisto. E' sobre essas qualidades, desde o primeiro contacto, que o futuro operado baseará sua confiança, e será preciso cultivá-la, fortalecê-la, durante todo o tempo em que esteja o doente entregue á assistencia cirurgica. Evitem-se as palavras ou as expressões physionomicas reveladoras de pessimismo. Por outro lado, procurando erguer o moral do doente, não se lhe ridicularizem nunca as apprehensões e temores, nem se ponham em duvida as dôres que elle accuse, por irreaes que pareçam. Quando o paciente é um doente de hospital, um desherdado da fortuna, porém não sempre da intelligencia ou da sensibilidade, o pensamento de todos, cirurgiões e estudantes, com frequencia deixa de ser dirigido pelo sentimento; e, sem querer criticar o ensino á cabeceira do doente, o unico em que justamente pôde formar-se a belleza da alma do medico, ao mesmo tempo que o seu valor tecnico, como seria mais bello, diz o autor, si os numerosos assistentes, alumnos sobretudo, fizessem no seu fóro intimo o fraco esforço de pensar que, parallelamente á lesão curiosa, ha tambem uma mãe e um pai não menos interessantes. E, si a mocidade irreflectida não sabe vêr sempre a attitude de compaixão e de doçura attenta com que, por vezes, o mestre se curva para o seu doente, elle, o "chefe", sabe bem



que, fazendo-o, não só actúa pelo exemplo sobre os seus alumnos, como conquista a gratidão dos que soffrem.

ERNANI LOPES

- 3) BOVER, P. — *Enfants vagabonds et conflits mentaux*. Journal de Psychologie normale et pathologique, "numero excepcional" dedicado á psychologia da criança e á pedagogia, 15 de Janeiro-15 de Março de 1924.

O estado de vagabundagem, na jurisprudencia franceza, implica a reunião de tres condições nitidamente definidas: ausencia de domicilio, ausencia de recursos e ausencia de profissão. Tratando-se, porém, de crianças, o termo vagabundo parece dever definir-se mais simplesmente, pois é normal que a creança *ainda* não tenha um officio nem tão pouco economias realizadas. O que caracteriza o menor vagabundo é sobretudo a ausencia de domicilio, o abandono do lar paterno ou amigo. Por que razão costuma a criança assim proceder? O autor nos responde que ella o faz, seja levada por motivos conscientes, embora illegitimos e discutiveis, seja impellida por motivos obscuros, inconscientes. E' ao estudo destes ultimos que o autor dedica a sua interessante nota. Em certos interrogatorios de meninos fujões, se encontram respostas reveladoras de tão forte impulso á fuga, que até parece estarmos em face de um *instincto*, o instincto migratorio humano, para o qual tanto appellava a escola lombrosiana, apontando-o em criminosos, etc. O autor lembra, entretanto, que semelhante interpretação tem sido hoje em dia muito contestada, innegavel como é o caracter social, e portanto normal, do "instincto" emigratorio.

Outra interpretação procura ligar sempre a fuga infantil á existencia de "conflitos mentaes". Seja que esta expressão designe o contracolpe affectivo dos attritos que se produzem entre um individuo e o seu ambiente, seja que se refira ao choque interior de tendencias contradictorias, de qualquer modo o facto mesmo da existencia do conflicto mental desarrazoado e sub-consciente importa mais ainda que a sua origem. Todo conflicto exterior póde interiorizar-se a ponto de entreter na sub-consciencia disturbios cujo ponto de partida cessou de existir fóra. Parallelamente todo conflicto interior tende a exteriorizar-se: procurando uma justificativa para o nosso mal estar intimo, nós projectamos a origem d'elle em alguém do nosso ambiente.


Para escapar ao conflicto mental, dous meios se apresentam: o *sonho*, que salta por sobre os factos, mas não discute os valores affectivos que accionaram o pensamento; e a *acção adaptada*, que mantém, ao contrario, os factos em seu lugar, mas se decide a revisar os sentimentos.

Em crianças, o conflicto exterior por excellencia é o conflicto familiar. E' sob essa forma que tenderão a exteriorizar-se todos os conflitos



interiores dessa idade. Para os resolver, o sonho propõe as suas soluções. Quatro são as principais: 2 pela morte (sonho de parricídio ou de suicídio) e 2 pelo afastamento (a criança sonha, ou que os pais deixaram de ir, ou que ella propria se foi embora). Si, por exasperação do conflicto, a criança é levada a "viver" o sonho, as quatro linhas de acção a sua escolha são diversísimas uma das outras. As soluções pela morte encontram pela frente dois formidáveis tabús nascidos de instinctos primordiales, que as impossibilitam. O banimento dos pais pelos filhos é praticamente irrealizavel. Resta, pois, á criança uma solução unica factivel: é fazer cessar o conflicto, deixando, ella, a casa paterna.

Estuda depois o autor as origens do conflicto familiar, analysando especialmente as sentimentos que o pai, pelas suas relações com a genitora, inspira ao filho. Esses sentimentos, que para Freud são sobretudo a "vingança justiceira" e o "ciume", podem ser, entretanto, tambem, a decepção, o temor, o despeito, como mostra o autor. De qualquer modo, em seu conjuncto constituem sempre uma tendencia á rebelião que vai condicionar o acto da fuga. Praticamente, o que de tudo se conclue, aliás, é a necessidade de evitar quanto possivel as más iniciações sexuaes.


 ERNANI LOPES

- 4) MEDEIROS E ALBUQUERQUE — *Tests* (introdução ao estudo dos meios scientificos de julgar a intelligencia e a applicação dos alumnos). Rio de Janeiro, 2ª ed., 1924.

O brilhante exito de livraria que obteve o trabalho de Medeiros e Albuquerque, attingindo no mais curto prazo a uma 2ª edição, demonstra bem, antes de tudo, o senso de oportunidade do seu illustre autor. Não havia em lingua portugueza nenhuma obra de conjuncto sobre o thema tratado, e no mesmo francez se fazia sentir lacuna identica. Revela o autor perfeito conhecimento da abundante litteratura norte-americana sobre "tests" e procura, ás mais das vezes com felicidade, realizar adaptações para uso nosso. Além d'isso, com frequencia intercala commentarios e suggestões pessoases, do maior interesse e cabimento. Um exemplo. Referindo-se aos "tests" de Downey, para medir o caracter, escreve: "Entre parenthesis, póde aqui dizer-se que talvez, de futuro, se reconheça que a informação mais seria para qualquer noivo seja conhecer o caracter do outro. Porque é evidente que, si ambos são eminentemente contrariantes, é uma vida desgraçada que vão preparar com o casamento. O estudo do caracter por "tests" apropriados é infinitamente mais facil do que os complicados requisitos da Eugenia — ou, como talvez fosse melhor dizer, da *Eugenologia*". Como se vê, hygiene mental, e da melhor. Possa o nosso meio contar, dentro de algum tempo com pessoal criterioso e treinado em psycho-technica, afim de que os "tests" mentaes, bem

manejados, prestem, não sómente nas escolas, onde com razão propoz o autor se iniciassem estes trabalhos, aqui, mas ainda em outras organizações collectivas, todos os serviços que d'elles é licito esperar.

ERNANI LOPES

- 5) LE GENDRE, PAUL — *Hygiene intellectual e moral. Capitulo X* (49 pags.) do livro *La Santé au Foyer*, de Marcel Labbé, Paris, 1924

Não era sempre facil, até ha pouco, encontrar em livros francezes de vulgarização bons capitulos sobre Hygiene Mental. E' innegavel, entretanto, que essa lacuna vem agora sendo sanada, como plenamente o demonstra a bella synthese escripta por Le Gendre para a obra "A Saúde no Lar", dirigida pelo Prof. Marcel Labbé.

Versando inicialmente a questão da HYGIENE INTELLECTUAL, faz o autor antes de tudo algumas ponderações relativas ao modo de trabalhar dos homens de genio, convindo em que varios tem existido que parecem não dar o maximum de sua produção intellectual senão por excessos de esforço e com maneiras de trabalhar tão especiaes que se diria colli-direm com os principios physiologicos orientadores das nossas normas de hygiene. Mas as excepções confirmam as regras. A hygiene visa o homem médio, e a criança, não se applica a seres excepçionaes. Aliás, exemplos ha de talentos notabilissimos, como V. Hugo, como Littré, cujos methodos de trabalho eram irreprensiveis. E quanto a esses creadores intermitentes e irregulares que excitavam a productividade com os venenos da intelligencia, alcool, opio, cocaina, haschich, sabem todos que carreiras truncadas e dolorosas, foram as suas.

Passa em seguida o autor a estudar as condições physicas favoraveis ao trabalho intellectual: ar puro, vestes desapertadas, horas matinaes e em todos os casos sempre pre-prandiaes, etc.

No paragrapho seguinte commenta o autor as duas leis psycho-physiologicas para elle mais importantes do trabalho intellectual: a) a *multiplicidade exagerada dos trabalhos emprehendidos simultaneamente é nociva*; b) a *applicação continua, sem descanso, ao mesmo trabalho, é exgotante*.

A hygiene intellectua] da primeira infancia é tratada logo após, apontando o autor quaes as precauções que o meio familiar deve observar, em ordem a que desde muito cedo se vá fazendo a educação do intellecto infantil, ao lado da hygiene sensorial.

Vem agora o item da hygiene intellectual escolar. Le Gendre discute, entre outras, as questões da estafa escolar, do ensino de crianças anormaes e refere-se particularmente, às regras de pedagogia physiologica, estabelecidas, segundo a experiencia da Liga Franceza para a Hygiene Escolar, por elle fundada em 1902, com A. Mathieu. Pelo seu valor pra-

tico, essas normas devem ser dadas, em resumo, como o faz o autor. A duração do trabalho intellectual não pôde exceder, sem inconveniente, dos doze aos quinze annos, o lapso de seis a oito horas por dia, das quaes quatro sómente para aulas, devendo ser as restantes dedicadas ao estudo das lições e desempenho das tarefas escolares dadas a cada alumno. Não ha vantagem em subdividir muito as aulas; é duvidoso que as de quarenta e cinco minutos sejam preferiveis ás de uma hora. Alguns minutos de "á vontade" physico e de ar livre entre aulas successivas são uteis, mas é, talvez, menos conveniente fazer succederem-se de hora em hora professores e disciplinas de todo em todo diversas. O agrupamento de assumptos analogos, historia e geographia, litteratura e linguas vivas, sciencias varias na mesma manhã, dissociaria o menos possivel a attenção. A manhã será consagrada á attenção e ao esforço. A tarde, nas horas immediatamente post-meridias, deverá ser consagrada aos exercicios physicos e aos trabalhos manuaes. Consoante um voto da Academia de Medicina franceza, em 1922, as aulas não devem ter mais de trinta alumnos: os methodos de instrução devem sobretudo basear-se na observação e no discernimento, sem que com isso se prejudique a cultura da memoria; as aulas devem ser tanto quanto possivel homogeneas em relação ao nível intellectual dos alumnos, etc.

Termina o autor a hygiene intellectual occupando-se da hygiene do repouso; uso das recreações e das ferias. Durante o recreio, as crianças devem brincar. Os desportos, além das suas vantagens physicas, desenvolvem as qualidades individuaes de resistencia, de attenção, de decisão, as preciosas qualidades de disciplina, de auxilio mutuo, de collaboração para um fim commum. A unica critica que pôde ser feita contra certos excessos é que elles podem desenvolver a vaidade e a cabotinagem, quando se dá demasiada publicidade ás esquadras (*équipes*) que concorrem aos campeonatos. Referindo-se aos antigos passeios soturnos e monotonos dos collegiaes pelas ruas, sob a guarda de bedéis rabujentos — que eram outr'ora o grande premio dos dias de sahida, nos internatos — (e que ainda hoje infelizmente se vêem em alguns recolhimentos e seminarios), diz o autor que "a esse martyrologio escolar do passado succederam os dias esportivos". Os passeios podem ser, entretanto, conservados no proposito de instruir, divertindo (excursões ao campo, para colheita de plantas, insectos, mineraes) visitas a lugares historicos, museus, etc). Faz o autor aqui o elogio do escotismo e em seguida tem ensejo de desaconselhar as grandes passeatas em automovel como distracção habitual das crianças. Si as horas passadas em auto podem calmar certos neuropathas, estimular a nutrição de certas crianças anemicas, torpidas, não é isso o que ocorre, entretanto, com a generalidade dos pequenos: a rapidez das sensações visuaes, a quasi immobilidade prolongada com os abalos e vibrações do vehiculo, mergulham-nos numa especie de torpor não favoravel nem á sua intelligencia, nem á sua motricidade.



Especialmente nocivas são as viagens de dias e dias em auto, tão comuns nas famílias européas ricas.

Com relação aos "cursos de férias" para a infância, o autor os contra-indica formalmente, lembrando, porém, com razão, ser de vantagem, na última quinzena das férias, a pratica de ir habituando as crianças, maximé as que se acham atrasadas nos estudos, ao esforço intellectual sedentario e methodico (duas horas por dia de recordação da materia esquecida).

Começando a tratar, na 2ª parte do capitulo, da *HYGIENE MORAL*, o autor frisa que, hoje em dia, já ninguem admite um fosso infranqueavel entre o physico e o moral. Por espiritalista que seja, qual medico sustentará poder a alma manifestar seus sentimentos sem o intermedio do cerebro, ou que a psychologia é independente da physiologia, ou que o desenvolvimento do caracter não é influenciado pelo temperamento physico, pelo funcionamento de todos os orgãos? O medico pôde, pois, sem presumpção, valer-se dos seus conhecimentos de psycho-physiologia, para formular preceitos de hygiene moral, não só utilizaveis pela pedagogia como proveitosos para os mesmos adultos.

Para procrear um filho predisposto á moralidade, dever-se-á (preceito n. 1) escolher a pessoa com quem se deseja procrear entre as que offereçam garantias moraes bem averiguadas. Para isso é de primordial importancia apurar tanto quanto possivel qual o valor moral dos ascendentes. As possibilidades são favoraveis em grão maximo quando assim se consegue estabelecer uma "predisposição bi-lateral á moralidade". Si não fôr possivel conjugar genitores de convicções semelhantes, é necessario que, pelo menos na apparencia, reine a harmonia no casal. Quando ha divergencia manifesta, atritos, *contradicções* entre os educadores, a hygiene moral na educação da criança torna-se irrealizavel. Insistindo particularmente sobre a acção materna, que se faz sentir com mais continuidade que a paterna, no meio domestico, refere-se o autor aos conhecidos exemplos historicos de grandes homens, de altos dotes moraes, que proclamavam dever tudo á educação recebida de suas genitoras. Aliás, diz o autor, embora a affirmação possa provocar alguns sorrisos ironicos, tem para si, como discipulo do Professor Pinard, que deve haver uma puericultura de ordem moral, desde a phase pre-natal, procurando-se poupar á mulher grávida quaesquer leituras e espectaculos impressionantes, quaesquer preocupações, emfim, pois nada d'isso será indifferente á orientação moral do futuro individuo.

A hygiene moral no lar domestico repousa antes de tudo sobre o *exemplo dos pais*. E' nisso que reside a differença entre a hygiene moral e a intellectual. Pais ignorantes pôdem exhortar os filhos a instruirem-se, e conseguil-o, ao passo que um pai bebado, ou debochado, ou glotão, de balde exaltaria a temperança, a continencia, ou a sobriedade (admittido que o fizesse...)



Os *exemplos dos creados* não são menos importantes, sabido como em muitas famílias as crianças ficam mais tempo em contacto com os empregados que com os pais.

Não é menor a influencia do meio *fóra de casa* (más companhias, livros immoraes, nos mostruarios abertos de certas livrarias, espectaculos inconvenientes, etc.) Para evitar os más camaradas de collegio, diz o autor, todos os pais devem ter o direito de syndicar da moralidade dos collegas de seus filhos. Para evitar a venda de livros corruptores, intervirá a acção policial. Com relação á natureza das *distracções*, deverá haver o maior cuidado. Não se levem p.ex., a circoes de cavallinhos os menores predispostos aos esgares, ás macaquices, a troçar do proximo, pois a sua tendencia imitativa irá encontrar alimento nas palhaçadas e pantomimas. Sem duvida ahi se acha a causa de não poucos tiques observados em crianças nervosas. A influencia do cinema, pelos seus films de aventuras extravagantes, já está geralmente conhecida.

A preocupação de manter a criança num meio saudavel, deve seguir-se a da *formação activa* do seu caracter por preceitos e sobretudo pela *creação de habitos moraes*, si assim pôde dizer-se. Na primeira plana dos habitos moraes que devem ser inculcados, encontramos — *a lei do trabalho*. A criança deve estar sempre entretida com uma occupação (brinquedos uteis). A inacção nunca lhe deverá ser apresentada como recompensa. O ideal será fazer consideral-a, antes, como um castigo. Necessidade physiologica, o repouso, fóra das horas de somno, não deveria ser senão uma mudança de occupações, succedendo-se aos actos musculares as *distracções intellectuales*, por sua vez variadas, etc.

Em segundo lugar deve-se procurar infundir no espirito infantil a idéa de *solidariedade* e explicar-lhe a *lei moral da justiça*. Para o primeiro caso procurar-se-á demonstrar á criança, com os factos e incidentes de todos os dias, que, estando á mercê das pessoas mais velhas que a rodêam, deve ella mostrar-se comportada e obediente, afim de conservar a benevolencia dos cuidadores. Numa palavra, compenetrando-se primeiro a criança de sua dependencia, conseqente á sua fraqueza, comprehendirá num segundo tempo o valor da interdependencia, isto é, da solidariedade: seus pais e amas vêlam pelas suas necessidades, mas ficam contentes, de a vêr por seu turno contente. Quanto á implantação da idéa de justiça, a technica empregada variará consoante o caracter da criança, appellando-se nuns casos, p. ex., para o sentimento de orgulho legitimo que se experimenta indo em auxilio dos fracos, noutros para a bondade pura e simples, que a si propria se basta. O autor não acredita no perigo de embrandecer em demasia o caracter, pela cultura do altruismo; a violencia do egoismo humano e o seu renascimento perpetuo são conhecidos de sobra.

A *lei de responsabilidade* liga-se estreitamente á de solidariedade. Cumpre que a criança desde muito cedo aprenda que alguns dos seus actos são seguidos de uma sensação dolorosa. Mas é preciso que, além

das sanções physicas, tome ella sobretudo, conhecimento das sanções moraes, representadas p. ex., pela subita expressão de indifferença ou de hostilidade do cuidador, por occasião de um dado acto reprehensivel, como desobediencia, aggressão, etc. Nos casos de applicação de sanções ou castigos é indispensavel explicar o mais cedo possivel, em que consiste a falta punida, afim de não despertar a idéa de injustiça do educador. Por isso, é pessima pedagogia castigar immediatamente uma criança em idade de raciocinio, e sobretudo fazel-o com as apparencias da colera. Deve-se annunciar-lhe que num dado prazo será ella punida: a punição será a privação de algum prazer, uma humilhação publica familiar, etc. Os castigos physicos serão excepçoes.

Nas relações com a criança *deve cumprir-se toda e qualquer promessa feita.*

Não se deverá deixar á margem a cultura da polidez e dos bons modos: attentões com os mais velhos e com os extranhos; escolha de assumptos de conversa; não usar de termos de calão, etc.

O horror á mentira deve ser uma religião. Mórmente a simulação mythomaniaca das meninas deve ser combatida energicamente desde que se revele. O meio mais importante é aqui a humilhação publica, á qual as crianças são sempre sensiveis. E' preciso que toda a gente das relações da menina mentirosa se mostre durante muito tempo systematicamente incredula de tudo o que ella diga. Os mythomaniacos são um perigo social.

Segue-se um paragrapho sobre *punições e recompensas escolares*, em que o autor faz a critica dos velhos systemas das punições puramente repressivas (p. ex., o tempo perdido em copiar infundavelmente, reflexamente, a mesma phrase) e das recompensas taes como o banco de honra e quejandas, que só serviam para que o estudo se intensificasse apenas no grupo limitado dos "primeiros" desinteressando-se a maioria d'essa competição. Além d'isso, verificou-se que, não raro, procurando desenvolver a emulação, o que se estava cultivando era a vaidade.

Encara, após d'isso, o autor a questão das relações de familia, frisando de inicio deveria haver entre pais e filhos uma confiança reciproca, o que infelizmente nem sempre ocorre, seja pela excessiva severidade, seja pela indifferença dos pais, seja ainda por não terem estes quasi tempo algum para estarem em contacto com os filhos. A proposito, diz o autor que, si se pudesse esperar um resultado social util da "lei das oito horas" seria o de conceder aos pais algumas horas por dia para viver um pouco mais em intimidade com seus filhos pequenos. Por desgraça não são poucos os operarios que consagram os lazeres que a lei lhes impõe á frequentação do botequim e do cinema.

No trato com as crianças é necessario terem os pais em conta o caracter pessoal e as tendencias innatas de cada um: este reage ás contrariedades por manifestações de colera e furor intensos, aquelle pelas lamentações e crises de pranto. No primeiro caso é opportuno oppôr ao

encolerizado não somente a frieza de maneiras, como ainda alguma revulsão physica, por ex., uma loção ou aspensão de agua fria. No 2º caso, verificado que as lagrimas não se justificam, deve-se apontar á criança o exemplo de outras pessoas, maximé de outras crianças que, em situação identica, não se lamentam, nem choram. Em casos de choro por soffrimento real, procurar-se-á naturalmente consolar a criança, não, entretanto, de modo demasiado demonstrativo, para não dar origem á intolerancia á dôr.

A confiança reciproca entre pais e filhos não deve degenerar nunca em familiaridade excessiva. Deverão conservar-se sempre as formas exteriores do respeito. O autor deplora a generalização do tratamento por tu usado em França pelos filhos.

Um grande erro das mães será permittir que os filhos, e filhas, sobretudo, adquiram desde cedo *habitos de luxo e facerice*. Muitas mães parece continuarem a brincar de boneca com as filhas, rivalizando com suas amigas em exhibir a mais elegantemente vestida (elegancia é evidentemente aqui synonymo de luxo). Essa tendencia é augmentada pelas exposições e catalogos das grandes lojas de modas, que apresentam modelos e figurinos infantis dos mais ricos, insinuando as meninas a acompanharem prematuramente as mães nos varios ritos da vida mundana (incitamentos á vaidade).

Referindo-se succintamente ás *relações entre mestre e alumnos*, o autor accentua entre todas a vantagem de dar o mestre o exemplo da calma, da suavidade associada á energia, enfim, de um perfeito auto-dominio.

A *hygiene e moral sexual*, são o objecto das paginas seguintes. O autor lembra as divergencias existentes entre os educadores sobre a idade em que deve começar a educação sexual, sobre a maneira de a realizar, bem como sobre quem deve tomar a si esse encargo difficil. E' innegavel que na approximação da puberdade devem as funcções sexuaes deixar de constituir um assumpto secreto, seja para um, seja para outro sexo. Até aos quinze annos, termo médio, devem ir sendo reveladas progressivamente as leis da reproducção, no estudo da botanica, no da evolução dos animaes oviparos, etc. Nessa idade (antes ainda, em nosso meio) podem os pais referir os perigos do contagio venereo, o mesmo podendo fazer, no meio collegial, os medicos escolares, não por um ensino *ex-cathedra*, mas reunindo em pequenos grupos os meninos e expondo-lhes familiarmente os graves damnos das doenças venereas, e a necessidade de evitar as ciladas da prostituição, publica ou clandestina.

Com relação ás meninas incumbe sobretudo, ás mães, ou ás directoras do collegio, com autorização das mães, realizar o ensino sexual e prophylactico, tambem para grupos de meninas mais ou menos da mesma idade e maturidade.

Deve prégar-se o respeito á mulher. Deve salientar-se o beneficio da mesma castidade masculina até ao casamento. Deve combater-se a tenden-



cia a associar idéas baixas ou burlescas em torno de todo thema "sexualizavel", como acontece com as palavras "mulher, amor, mãe, pudor, pureza" e tantas outras mais longinquoas ainda.

Em summa, pela educação do caracter, deve procurar-se o caminho da felicidade moral, esforçando-se por "dominar a personalidade hereditaria" no que ella tenha de máo, "impondo-lhe uma serie de habitos ou de idéas destinadas a constituir uma personalidade superior á primeira".

E Le Gendre termina o seu magnifico capitulo sobre hygiene do espirito com uma serie de considerações eloquentemente optimistas sobre as possibilidades da *reforma moral pessoal*, sempre exequivel para quem conserve a *bóa vontade de melhorar*.

ERNANI LOPES

- 6) HADFIELD — *Hygiene mental*, in *The Nursing Times*, de 3 de Janeiro de 1925.

O Dr. Hadfield, docente de psychologia na Universidade de Londres, pronunciou em Setembro do anno findo numa reunião de visitadoras de saude publica e outras senhoras do corpo sanitario da capital britannica, uma conferencia altamente interessante e pratica sobre hygiene mental.

Começa por accentuar que a prevenção das doenças mentaes tem sido muito descurada no seu paiz, e logo depois passa a estudar as maneiras de manter a saude mental em dadas collectividades. No particular dos meios escolares, frisa o autor que devemos distinguir a saude mental da capacidade mental. Assim, um rapaz ou moça de brilhante intelligencia, é muitas vezes no ponto de vista da Hygiene mental, estalonado como "doente". Póde succeder, por exemplo, que elle experimente um sentimento de inferioridade por algum defeito physico (estrabismo, debilidade) e disso resulta que se esforça anormalmente para obter os primeiros lugares no estudo, já que não excelle nas demonstrações de agilidade ou de força. Enquanto mantiver o seu posto entre os primeiros, tudo vai bem, mas, si na Universidade apparece outro que o supera tambem no aspecto intellectual, é commum assistirmos a uma crise de neurasthenia, attribuida, de habito, sem razão á estafa intellectual.

No gremio dos homens de negocios, não vemos de vez em quando casos de "exgotamento nervoso", por volta dos cincoenta annos, em senhores activos, efficientes, galgadores de posições? A explicação está no facto de que se tratava de pessoas infractoras da bóa hygiene mental, e expostas, portanto, á psychopathia, diante de qualquer causa occasional. Os homens demasiado escravizados á sua profissão e que não dedicam attenção alguma aos lados menos utilitarios da vida pertencem ao ról desses individuos incompletos. Por outro lado, entretanto, as psycho-neuroses são raras entre as classes trabalhadoras. Duas são as razões disso. Em primeiro lugar, o operario tem a sua tarefa e durante



ella se esquece de si mesmo. Em segundo lugar, são pessoas que, quando creanças, foram creadas em um ambiente unico, isto é, não tiveram o luxo nocivo de viverem entre os preceitos rigidos de uma nurse disciplinada e a bondade passa-culpas de uma mamã demasiado indulgente. Nada peor para o futuro mental do que essa atmosphera duplice em que são educadas não poucas creanças.

O autor indica com muita agudeza de observação quaes as tendencias peculiares ás varias phases evolutivas do psychismo infantil, mostrando as consequencias vindouras possiveis de quaesquer anomalias dessa ontogenese mental. A idade dos tres annos, em que a creança começa a ter noção da propria personalidade, é das mais importantes. Muitas psychoneuroses têm as suas raizes nessa idade. Uma senhora, por exemplo, enlouquece por ter enviuvado. Não é isto a regra. Busca-se, pois, a causa predisponente, e logra-se descobri-la no facto remoto de que a senhora quando naquella idade da formação da auto-consciencia — era excessivamente amimada. Moça mais tarde e esposa, continuou a ser sempre a mesma creatura fraca e sem iniciativa, toda entregue ao carinho e á protecção do conjuge. Desapparecido este, tem ella por força de experimentar um forte desequilibrio, que se traduz por uma crise psycho-neurotica.

ERNANI LOPES.



## NOTICIARIO

### A CONTRIBUIÇÃO DE HYGIENE MENTAL NO 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE

Os problemas da hygiene mental foram largamente debatidos no 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, que se reuniu, com grande exito, em Bello Horizonte, em Dezembro de 1924:

A inclusão da hygiene mental como um dos temas officiaes do 2º Congresso de Hygiene foi proposta pelo Sr. Prof. F. Esposel, na ultima sessão ordinaria do Congresso transacto, em 1923, logo após a accettazione de uma moção sobre o assumpto, que foi justificada em plenario pelo Dr. Ernani Lopes. Embora os neuro-pathologistas presentes á referida sessão estivessem em grande minoria relativamente aos technicos de saude publica em geral, foi a suggestão do professor substituto de clinica neuro-psychiatrica adoptada por unanimidade, e agora, em Bello Horizonte, houve a confirmação de que o interesse pela hygiene mental no Brasil já não se limita ao circulo dos especialistas em neurologia e em alienistica.

O Sr. Dr. Placido Barbosa, que foi o Relator dos trabalhos concernentes ao thema em questão, proclamou a necessidade de cuidarmos do aspecto mental dos problemas sanitarios. (\*)

Por outro lado, o Sr. Dr. J. P. Fontenelle apresentou interessante contribuição, cujo transumpto é o seguinte:

A hygiene mental é uma parte importante da actividade mental, que já exige ser tomada em consideração em nosso meio, dado o enorme peso que exercem as deficiencias e degenerações psychicas sobre a collectividade, quer como encargos financeiros rapidamente crescentes, quer representando avultada somma de infelicidade e de soffrimento humanos. O problema deve preoccupar os profissionaes sanitarios, para que sejam devidamente encaradas as suas possibilidades de realização, dentro do programma de saude publica, estudando o seu encadeiamento com os elemen-

(\*) As conclusões do Sr. Dr. Placido Barbosa são publicadas integralmente neste mesmo numero, em o Relatorio annual do Sr. Dr. Gustavo Riedel, Presidente da Liga de Hygiene Mental.

tos de acção já existentes e propondo o desenvolvimento de uns e a criação de outros.

Precisamos não ficar na simples assistência medica e social ou no mero trabalho de custodia, que exige cada dia a criação de mais asylos, hospícios, casas de caridade, prisões, e colonias correccionaes, para os nossos psychopathas, deficientes, criminosos, delinquentes, incapazes, indigentes e desempregados chronicos, mas ao contrario, devemos ir além, descendo ao amago do problema, para organizar o trabalho de defesa preventiva das mentalidades individuaes e instituir a obra constructora de cuidar da educação da infancia e da puericia, preparando a adaptação desses futuros adultos.

No trabalho de defesa, de prevenção e de prophylaxia, urge cuidar de medidas de eugenia, que visem diminuir os malefícios da hereditariedade pathologica, agitando a necessidade de regulamentar o casamento, talvez a de segregar ou de esterilizar os grandes deficientes, mas certamtnte a de pôr cobro á livre entrada de imigrantes de mentalidade anormal e de deportar os que conseguirem penetrar no paiz, provado que já não desembarcaram no estado de saude mental. Convem continuar a desenvolver os serviços de dispensario psychiátrico, no genero dos que presta o Ambulatorio Rivadavia Corrêa, no Engenho de Dentro, para o trabalho de descobrir os frontiericos da anormalidade psychica e os casos de psychoses incipientes, utilizando enfermeiras visitadoras que completem a obra do medico no meio familiar e social e assegurem o tratamento precoce.

Caberia ao Departamento Nacional de Saude Publica e ás repartições sanitarias estaduais e municipais crear e desenvolver os serviços de hygiene materna, prenatal e obstetrica, fazendo assim a prophylaxia das infecções, intoxicações e traumatismos que actuam inconvenientemente sobre o encephalo dos nascituros e dos recém-nascidos e ampliar não somente o trabalho de prophylaxia das doenças transmissiveis, em particular da syphilis, já orientada em muito bom caminho, como tambem o esforço de evitar as intoxicações profissionais e de impedir os excessos e perigos do trabalho industrial. Já é tempo de serem conseguidas algumas medidas legislativas que iniciem restricções ao uso do alcool como bebida e assim tambem ampliem sufficientemente a luta contra os outros vícios intoxicantes, disposições essas que devem se precedidas e acompanhadas de bem organizado e intenso trabalho de propaganda, preparando a indispensavel comprehensão das medidas restrictivas.

Reconhecendo a grande importancia do aspecto constructivo da hygiene mental, é necessario organizar um plano de propaganda das leis da saude psychica e corrigir a deficiencia do ensino das coisas referentes á mentalidade humana. Nesse sentido, é preciso exigir o estudo da psychologia normal como assumpto premedico ou do proprio curso de medicina a instituir ahi a obrigatoriedade do estudo de psychiatria, ao menos na sua parte fundamental, como tambem multiplicar os cursos de psychologia, nas escolas profissionais e superiores e muito particularmente nas escolas normaes. A's repartições sanitarias, pelas suas secções de propaganda,

cumpre disseminar o mais possível e pelo melhor modo as regras fundamentais da saúde mental.

Para facilitar e preparar a adaptação individual, é necessário instituir o trabalho educativo das mães, amas e professoras, no sentido de crear bons hábitos de vida mental, desde o nascimento, já evitando-se as violências emocionaes, os excessos de autoritarismo ou de tolerancia e os exaggeros da imaginação já procurando formar nos individuos uma personalidade confiante, capaz, resistente e devotada á actividade da vida real, que reconheça, desde cedo as restricções sociaes e os direitos das outras pessoas. Nas escolas primarias, e, tambem, principalmente, nas escolas maternas e jardins de infancia, que é preciso multiplicar, é indispensavel fazer esse trabalho educativo, do mesmo passo que, por exames systematicos individuaes, serão pesquisados os predispostos, os psychopathas em inicio e os deficientes mentaes. Para isso é preciso conseguir a cooperação das repartições de instrução publica, para que iniciem ou aperfeioem a educação hygienica das crianças, na base da formação de bons hábitos de vida physica e psychica, e organizem dispensarios escolares para descobrimento das anormalidades que, aqui ou em outros estabelecimentos, sejam melhoradas e corrigidas. A taes repartições de instrução publica é preciso recommendar que estudem e iniciem a realização de um plano de educação das crianças anormaes.

A' Liga Brasileira de Hygiene Mental deve caber a centralização e coordenação de todos os esforços, ficando encarregado de agitar permanentemente o problema, por todo o paiz, e propagando os meios tendentes a resolvê-o.

O Departamento Nacional de Saúde Publica e as repartições sanitarias estaduais e municipais não precisam, nem devem, por ora, organizar secções especiaes de hygiene mental, mas apoiar a acção da Liga e cooperar nas medidas que directamente estão dentro do programma que já executam ou que lhes incumbe inilludivelmente executar.

Foi lido em seguida um trabalho do Sr. Prof. Juliano Moreira, versando, de modo synthetico, toda a materia do thema XIII, do Congresso: "o que já se tem feito e o que se póde fazer em hygiene mental no Brasil".

Em relação ao que já se tem feito, no ponto de vista prophylactico, começa o Sr. Prof. Moreira por se referir ao serviço de ambulatorio ha alguns annos estabelecido no Hospital Nacional para doentes nervosos e pequenos mentaes, com o fim inicial de se evitar um grande numero de internações.

Pouco a pouco, entretanto, foi sendo tal serviço estendido aos parentes dos doentes, aos quaes, além do exame do sangue e outros liquidos organicos, se davam remedios e conselhos tendentes a prevenir doenças nervosas e mentaes.

Attendendo á grande frequencia dos casos de syphilis nas consultas desse ambulatorio, foi depois creado o lugar de dermatosyphiligrapho do Hospital e mais tarde, installado o Dispensario "Afranio Peixoto", annexo ao Hospital, e especialm:ente dedicado ao tratamento da neuro-syphilis.



Por fim, tendo a Fundação Gaffrée-Guinle construído no perímetro manicomial um dos seus excellentes ambulatórios, ficou o serviço dermatopsylligraphico do Hospital Nacional ampliado como convinha.

Ao mesmo tempo que o Hospital Nacional, a Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina, sob a orientação do Sr. Prof Henrique Roxo, começou a fazer assistencia externa a quantos doentes alli se apresentavam, fossem ou não casos da especialidade. E' sobretudo notavel a affluencia de crianças á consulta externa da clinica, facto que permittie o reconhecimento de muitos casos precoces da predisposição psychopathica, aos quaes se prescreve a assistencia prophylactica conveniente.

Uteriormente, a Clinica Neurologica da Faculdade, por iniciativa do respectivo cathedratico, obteve da Santa Casa de Misericordia fosse installado tambem ahi um consultorio externo neuro-psychiatrico, com o auxilio de assistente especial, Dr. H. Carrilho, ter: prestado serviços, no encontro precoce dos psychopaths.

O Dr. Gustavo Riedel, alienista do Hospital Nacional, sendo, ha 6 annos, nomeado Director da Colonia de Alienadas, no Engenho de Dentro, lembrou-se de obter de abastados capitalistas seus amigos e de outros philanthropos, a quantia necessaria para erguer em terrenos da mesma Colonia um ambulatório modelo, que recebeu o nome de Rivadavia Corrêa, em homenagem ao Ministro que fundara a Colonia de Mulheres, em 1911.

O Ambulatório Rivadavia Corrêa passou em breve a ser o núcleo do Dr. Gustavo Riedel deliberou chamar Instituto de Prophylaxia Mental e de cujo funcionamento se irá occupar em seu relatório, o Dr. Plínio Olinto.

A Fundação Gaffrée-Guinle fez, a pedido do Dr. Gustavo Riedel, ao lado do Ambulatório Rivadavia Corrêa, ottimo dispensario que tem lá os mesmos intuitos do que já havia construído nos terrenos do Hospital Nacional.

Por ultimo, com o fim especial de centralizar esforços, ficou fundada em fins de 1922 a Liga Brasileira de Hygiene Mental.

Em outros paizes, continúa o Sr. Professor Juliano Moreira, não se tem feito muito mais. O que falta fazer é positivamente muito mais ainda. Entre nós o problema, se complica sobremodo, pela somma de analfabetos, que ainda possuímos. Ensinemos a ler á nossa gente. Comeemos na escola de envolta com o ensino do alfabeto, a convencer a criança que é preciso dar combate aos factores deseugenisantes da especie, sobretudo o alcool e outros toxicos, a lues, a tuberculose a malária, a trypanosomyase americana, a ancylostomose e outras verminoses, para não citar senão as peores. Continuemos nas officinas, nas escolas secundarias, na caserna, nas escolas superiores e em todas as collectividades, o trabalho de inculir no espirito de nossa gente os preceitos de hygiene mental, que tornará effectiva a melhor prophylaxia contra os factores de degradação dessa mesma gente, e tudo isto sempre ser: ridiculos precon-

ceitos de cores e castas, até porque só assim os que foram senhores e se compenetraram de sua superioridade, merecerão ser absolvidos do feio peccado de terem vivido por muito tempo fartamente e não raro preguiçosamente, mercê do trabalho desmoralizado dos outros que elles ou seus ascendentes degradaram e escravisaram.

Ao lado disso temos de fiscalizar a saude physica e mental da gente que nos chega dos outros povos. Não devemos deixar entrar no territorio nacional emigrante doente ou que não saiba ler e escrever. A selecção individual do emigrante tem muito mais valor que as preferencias por este ou aquelle grupo ethnico.

O problema da loucura é um problema de saude publica de tal importancia que muito bem andou o Congresso de Hygiene pondo entre as questões que pretende discutir o thema de hygiene mental.

Os especialistas em doenças nervosas e mentaes promettemos continuar a dar nosso concurso para a realização dos ideaes da hygiene moderna, entre os quaes não pôde deixar de estar a saude mental mais perfeita.

Terminada a leitura da communicação do Sr. Prof. Juliano Moreira, que infelizmente não pôde comparecer ao Congresso, teve a palavra o Sr. Dr. Plinio Olinto, para ler o seu trabalho "Ensaio de prophylaxia mental no Rio de Janeiro".

O Sr. Dr. Plinio Olinto, com a autoridade que lhe confere a circumstancia de ter sempre chefiado, como alienista, os varios serviços medicos do Ambulatorio Rivadavia Corrêa, desde a criação, pelo Dr. Gustavo Riedel, desse Estabelecimento que nos seus moldes, foi o primeiro serviço de prophylaxia mental oficialmente instituido na America do Sul, demonstra no seu trabalho satisfazer o Instituto do Engenho de Dentro á triplice finalidade de realizar a prevenção das doenças mentaes, pelos methodos mais modernos, pôr em pratica parallelamente os mais uteis objectivos eugeneticos, e, como pretexto, prestar optima assistencia medica a grande parte da população pobre dos suburbios.

O referido Instituto dispõe de consultorios para todas as especialidades medico-cirurgicas. Essa organização poly-clinica, atrahindo indistinctamente os consulentes permite a triagem de não poucos nervosos e psychopathas inconfessos, de entre os frequentadores dos varios serviços.

Eis o que se tem feito no Rio de Janeiro, em prol da prophylaxia das doenças nervosas e mentaes.

Logo que é reconhecida a perturbação do systema nervoso, é o doente encaminhado para o especialista no Consultorio Central de Doenças Nervosas e Mentaes.

No decurso deste anno o serviço de prophylaxia mental adquirio maior desenvolvimento ainda, pois pôde dispôr de mais um bello Pavilhão, o Pavilhão "Presidente Epitacio", para hospitalização immediata (não internamento) dos psychopathas que não possam continuar sem tratamento em domicilio.

Além disso, está funcionando com apreciáveis resultados o serviço externo de visitas domiciliares das Monitoras de Higiene Mental.

Essas obreiras sociaes, que são enfermeiras diplomadas com approvações distintas pela Escola de Enfermeiras "Alfredo Pinto", anexa á Colonia de Alienadas, têm os seguintes encargos principaes: 1) observar e assistir, sob a orientação do alienista e do assistente, os doentes que estão em tratamento ambulatorio; 2) observar o meio domestico e social em que ocorreu cada caso, apresentando aos medicos relatório verbal ou escripto a respeito; 3) diffundir as noções mais praticas da hygiene mental e da eugenetica entre as pessoas das familias dos doentes; 4) continuar no Pavilhão de Prophylaxia Mental a assistencia dos doentes que haja sido necessario hospitalizar.

O Sr. Dr. Heitor Carrilho apresentou um trabalho subordinado ao titulo: "Das constituições psychopathicas em prophylaxia mental. Sua importancia nos dispensarios psychiatricos.

Partindo do postulado do que o reconhecimento nos dispensarios psychiatricos, dos individuos mentalmente frageis é da maior importancia para a eficiencia pratica da prophylaxia mental, faz o Dr. Carrilho ressaltar o quanto a noção das constituições psychopathicas poderá ser de utilidade em taes casos.

Como se sabe, a constituição psychopathica representa o "coefficiente reaccional do individuo", isto é, o terreno onde, em germen, se encontram as possiveis psychoses futuras de cada predisposto.

Ora, uma vez que haja o clinico conseguido fixar, para cada individuo meopratico, o seu typo de constituição psychopathica, — hyperemotivo, paranoide, mythomaniaco, cyclothymico, amoral, etc., logica resultará a orientação prophylactica indicavel a cada um desses candidatos ás varias fórmias definidas de loucura.

O Sr. Dr. Ignacio da Cunha Lopes, que pertence a uma das secções de estudo da Liga Brasileira de Higiene Mental, apresentou interessante trabalho sobre "Prophylaxia contra os toxicos" (alcoolismo exclusive) no qual, baseado em suas observações pessoasas de toxicomanias, aponta o incremento desses males em nosso meio, e mostra que a campanha prophylactica aqui feita, até ha pouco, quasi unicamente pela imprensa medica, não é de modo nenhum sufficiente.

Torna-se necessario, para colher alguns resultados, exercer a catechese, iterativa e bem dirigida, dos meios sociaes mais contaminaveis pelos chamados vicios elegantes, intensificar a repressão do commercio dos toxicos e exercer intensa vigilancia em torno dos toxicomanos egressos dos hospitaes publicos ou particulares.

O Sr. Dr. Ernani Lopes, Secretario Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental e um dos seus delegados no 2º Congresso Brasileiro de Higiene, leu o seu trabalho sobre "Prophylaxia social do alcoolismo no Brasil", que despertou grande interesse entre os congressistas.



Lévando ao Congresso uma documentação pacientemente colleccionada ha varios annos, e nas melhores fontes, sobre a extensão do flagello alchoolico em quasi todos os Estados do Brasil, tinha desse modo, diz-nos o Sr. Dr. Ernani Lopes, já assegurado em parte o exito de sua contribuição.

Assim, no referente ao Districto Federal, valeu-se entre outras, das observações de Hermeto Lima, Roberto Duque Estrada, Evaristo de Moraes, Eurico Sampaio, Fernandes Figueira, Miguel Couto, Mauricio Medeiros e das suas proprias; no que toca a S. Paulo, soccorreu-se das publicações de Franco da Rocha, Leopoldino Passos, Cyro Vieira da Cunha, Domingos Jaguaribe, Campos Seabra, Rocha Botelho e Guilherme Alvaro; no concernente a Minas Gerais, pôde valer-se dos trabalhos de Mario Brant, Belisario Penna, Benjamin Moss; na parte relativa á Bahia, citou o testemunho de Afranio Peixoto, de Demetrio Tourinho e dos Professores de Clinicas Neurologica e Psychiatrica da Faculdade daquelle Estado; no respectivo a Pernambuco, o grande producer de alchool distillado potavel, apontou opiniões de Octavio de Freitas e Amaury Medeiros, pondo em destaque as condições actuaes da fiscalização do consumo, facilitadas por dispositivos do minucioso "inquerito sanitario" estadual, ora em vigor; na parte relativa ao Rio Grande do Sul, mostrou o bello movimento das Ligas anti-choolicas que já foram fundadas ha alguns annos e que insistem sem desfallecimentos na sua benemerita campanha; accentuou a diffusão do abuso ethylico no Estado do Amazonas, escudando-se nos importantes depoimentos dos Drs. Prof. Araujo Lima, Director da Faculdade de Medicina de Manaus, Marcio Nery, autor de uma geographia medica amazonense, Gabinio de Carvalho, que fez parte da Commissão Rondon, etc. Referindo-se ainda a observações feitas nos Estados de Matto-Grosso, Paraná e outros.

O autor do trabalho assim demonstrou que o alchoolismo no Brasil, embora não devaste a maneira intensiva por que o tem feito noutros povos, como nos escandinavos onde quasi realizou, em meados do seculo XIX, o aniquilamento das nacionalidades — já attingio, esm embargo, um gráo de generalização inquietante, de que não pôde desinteressar-se nenhum hygienista brasileiro.

Terminada esta primeira parte, deteve-se algum tempo o Sr. Dr. Ernani Lopes em apresentar e commentar as impressionantes estatísticas dos mestres da psychiatria nacional, Professores Juliano Moreira, Henrique Roxo, Afranio Peixoto e Franco da Rocha, segundo as quaes se apura a alta percentagem das psychoses alchoolicas em nosso meio. Se a esses casos de loucura propriamente dita, acrescentarmos os innumerous outros em que o abuso do alchool, sem produzir a alienação franca, provoca, entretanto, perturbações psychicas leves, que inferiorizam socialmente o individuo; se a uns e outros ainda sommarmos as cifras dos retardados mentaes de todos os grãos, criminosos juvenis inclusive, por effeito de heredo-choolismo; e se, por fim, attentarmos em que a syphilis, outra grande abastecedora de manicômios, se adquire muitas vezes em contactos



de que as libações foram o prefacio imprescindível — reconheceremos todos no vicio ethylico o inimigo mais pernicioso da mentalidade physiologica, e concluiremos ter o psychiatra direito a ser escutado antes de qualquer outro especialista, quando se trata de inventariar os maleficios do alcoolismo.

E, se o alienista é quem tem maiores oportunidades de observar esses maleficios, natural resulta que elle seja visto na primeira fila dos que se consagram á campanha prophylactica contra o alcool.

Por isso, a Liga Brasileira de Hygiene Mental, fundada por iniciativa de alienistas, não tem olvidado essa directriz tão relevante de sua actualção social contra as causas de disturbios mentaes.

Passou então a historiar parte do que a secção de serviços sociaes e legislação da Liga já tem feito no sentido indicado, mostrando ao Congresso variada documentação que tem ido colligindo, no proposito de a aproveitar para a causa anti-alcoolica.

Accentuou o Sr. Dr. Ernani Lopes, nessa occasião a sua convicção pessoal de que tambem em o nosso paiz se deveriam dedicar grandes atenções ao problema de conseguir mudassem de officio os *alcoholizadores*, isto é, todos os que exercem actividades commerciaes ou industriaes ligadas á venda do alcool potavel.

Por outro lado, a propaganda educativa deve ser feita incessantemente pelos processos mais variados e opportunos, importando sobretudo educar nos principios abstenios, as novas gerações, o que equivale a dizer, deve-se-ha instituir o ensino anti-alcoolico desde as escolas primarias em todos os Estados da Federação.

Esse aspecto educativo, a seu ver primordialissimo na cruzada contra os toxicos foi, aliás, o que sobretudo preocupou o autor da these de prophylaxia social contra o alcoolismo.

De facto, na materia, tudo o que não seja o trabalho preparatorio indispensavel de persuasão, será entre nós prematuro, ocioso, platonico. Por isso, quando, no 2º Congresso de Hygiene foi proposto que se devia *reclamar e promover* a prohibição do fabrico e da importação do alcool distillado potavel, apressou-se em applaudir a suggestão, embora accentuando não julgar possivel a sua effectividade a curto prazo.

*Reclanemos*, entretanto, e *promovamos* a praticabilidade dessa, ou de qualquer outra das boas medidas anti-alcoolicas, que assim justamente estaremos realizando o trabalho magno da propaganda educativa, formadora da opinião, sem o que as melhores leis, regulamentos e posturas carecerão sempre de sua plena efficacia.

Em additamento á sua contribuição, informa o Sr. Dr. Ernani Lopes ter tido ensejo de acolher em Bello Horizonte não poucas demonstrações de solidariedade aos ideaes da Liga Brasileira de Hygiene Mental, por parte de clinicos, de hygienistas e de outras personalidades. Para sómente citar os nomes dos collegas com quem trocou idéas sobre o assumpto, recorda de momento os dos Drs. Alexandre Drummond, prof. Pi-

menta Bueno. Leontino Cunha, Moss Velloso, Blair Ferreira, Iago Pimentel e R. Miraglia. No particular da luta anti-alcoolica procurou entrar em contacto com os moços cultos das Escolas Superiores, tendo deixado esboçada a criação de uma sociedade de temperança, na qual prometteram desde já collaborar os academicos de medicina que fazem parte do Centro dos Internos dos Hospitales de Bello Horizonte.

Aliás, o Sr. Dr. Samuel Libanio, Director de Hygiene do Estado e que, desde a fundação da Liga Brasileira de Hygiene Mental, se dignou aceitar o encargo de seu delegado regional em Minas, não tem descurado a campanha anti-alcoolica em varios postos de saneamento rural.

Como prova disso, os Congressistas, de volta ao Rio, tiveram occasião de apreciar, no posto medelo de Queluz, a maneira intelligente como o respectivo chefe, o Sr. Dr. Ernani Agricola, realiza, no elemento popular, a propaganda contra o toxico.

Tomou parte nas sessões do Congresso o Sr. Prof. W. Radecki, psychologista polaco contratado pela Fundação Gaffrée-Guinle para orientar a parte psychologica dos estudos sobre neuro-syphilis e pela Liga Brasileira de Hygiene Mental para dirigente da parte technica de psychologia experimental, nos varios dominios em que esta se faça necessaria.

O Prof. Radecki, por occasião de ser discutida uma moção do Sr. Dr. Felicio Torres em favor da criação de cathedras de psychologia nas nossas Universidades, foi convidado a fallar, e teve então oportunidade de accentuar quão proveitosa seria a formação, no Brasil, de psychologos profissionaes, cujos servicios iriam ter immediata applicação nas actividades pedagogica, industrial, militar, forense, etc.

Mais tarde, no ultimo dia do Congresso, por occasião do chá no Instituto Neuro-Psiquiatrico com que o Sr. Dr. Mello Vianna, Presidente eleito do Estado, quiz obsequiar os congressistas, realizou o Prof. Radecki a sua annunciada conferencia sobre associação de idéas.

Essa palestra, acompanhada de demonstrações praticas sobre phenomenos psycho-electricos e de experiências associativas em algumas pessoas da assistencia, por meio de palavras inductoras, foi recebida com o maior agrado, sendo o illustrado psychologista intensamente applaudido pelo seu selecto auditorio.

Os congressistas deixaram Bello Horizonte, gratos á gentileza do Governo e do povo mineiro, salientando a belleza de sua prospera capital e o surto do progresso bello-horizontino, no tocante aos multiplos aspectos da assistencia medico-social.

Em relação particularmente á assistencia aos doentes mentaes os ultimos Governos de Minas não têm poupadó esforços para obtenção de installações verdadeiramente proficuas, das quaes é o melhor exemplo o magnifico "Instituto Neuro-Psiquiatrico Raul Soares", ha pouco inaugurado, e onde funcionará a Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina.

## UMA CARTA DE CLIFFORD BEERS AO DR. GUSTAVO RIEDEL

O grande philanthropo norte-americano Clifford Wittingham Beers, que é, como todos sabem, o verdadeiro creador do movimento contemporaneo em pról da hygiene mental, acaba de endereçar ao Dr. Gustavo Riedel a seguinte carta:

Janeiro, 9, 1925

Caso Dr. Riedel:

Separadamente vos envio 25 exemplares do ultimo numero do nosso "Mental Hygiene Bulletin", no qual encontrareis uma narraçao da 15ª reunião do nosso Comité Nacional, conjuntamente com um completo e interessante artigo sobre as "Child Guidance Clinics" que foram estabelecidas em duas cidades, neste paiz, como resultado das demonstraçoēs naquellas cidades, feitas pelo nosso Comité Nacional no ultimo anno.

Occorrendo-me que os exemplares deste Boletim, seriam de interesse para alguns dos Membros da Liga Brasileira de Hygiene Mental, ficaria satisfeito si os distribuísseis onde elles pudessem ser mais uteis para a propagação e conhecimento deste trabalho.

Nós neste paiz, cremos que "Child Guidance Clinic" está destinada a desempenhar um papel importante no movimento organizado para a prevenção das perturbações nervosas e mentaes. (\*)

Com o maior apreço, crede-me sinceramente vosso

(a) CLIFFORD W. BEERS.

---

SOCIEDADE FRANCEZA DE PSYCHOLOGIA

Conforme communicação firmada pelos Srs. Drs. Marcel Mauss, Presidente, e O. Meyerson, secretario, sabemos que foram eleitos membros associados estrangeiros da "Sociedade Francaza de Psychologia" os Srs. Prof. F. Esposel, e Drs. Plinio Olinto e Ernani Lopes, do Conselho de Administração da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

---

LIGA ITALIANA DE HYGIENE MENTAL

Aos 19 de Outubro ultimo reuniu-se em Bolonha a maioria dos componentes do Comité provisorio da secção italiana da Liga Internacional pela Hygiene Mental. Foi nessa occasião escolhida a seguinte Directoria:

Presidentes de honra: L. Bianchi; E. Morselli e E. Tanzi.

Conselho de Presidencia: G. C. Ferrari; E. Levi e E. Medea.

---

(\*) Os exemplares do "Mental Hygiene Bulletin", a que se refere Clifford Beers foram distribuidos nas sessões de Conselho Executivo e de Assembléa Geral Ordinaria de Fevereiro ultimo da Liga Brasileira de Hygiene Mental.



Secretario Geral: G. Pellacani.

Do Comité Central farão parte os presidentes das diversas secções já constituídas ou em via de organização, a saber: E. Medea, L. Cappeletti, G. C. Ferrari, P. Amaldi, G. Modena, G. Vidoni, E. Lugaro, De Sanctis, G. D'Abundo, F. Del Greco, De Lisi, Onofrio e di Bari.

Entre os votos approvados nas sessões iniciais da Liga Italiana, destacaremos o do Prof. G. C. Ferrari, de saudação e applauso ao philanthropo americano Clifford Beers, propulsor e animador do movimento pela hygiene mental, e do Prof. Levi, solicitando de Morselli que dê á publicidade no mais breve prazo a sua obra sobre hygiene neuro-psychica da infancia.

### PADRÕES PARA O EXAME MENTAL NA PRE-ESCOLARIDADE

Os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental* conseguiram da gentileza do Sr. Dr. Fernandes Figueira permissão para publicar na integra, em primeira mão, no presente numero, os seguintes padrões para o exame mental de crianças em idade pre-escolar, que estão sendo usados na Inspectoria de Hygiene Infantil, por S. S. chefiada no Departamento Nacional de Saúde Publica.

Condições essenciaes para um bom exame:

1º — Praticar o numa sala vazia e o mais isolada possivel, para evitar ruidos perturbadores.

2º — Deixar entrar a criança acompanhada para que o receio de ficar só não prejudique o exame.

3º — Incumbir uma pessoa de escrever as respostas, sendo assim a criança o unico objectivo da atenção do observador.

4º — Animar a criança, mas nunca corrigir. Mostrar-se satisfeito com qualquer resposta, embora absurda, tendo em consideração que não se trata de ensinar, mas sim de julgar.

5º — Fazer perguntas ao alcance da criança, de forma que não seja preciso dar explicações complementares. A criança não leva a

serio quando se lhe faz uma pergunta muito simples e desanima quando ella é difficil.

6º — Não aceitar informações de terceiros. Só a criança tem de ser examinada.

7º — Fazer uma folha de cada criança, com o nome, a idade, filiação, data do exame, etc.

8º — Proceder a um exame macroscopico completo, notando o aspecto externo da criança (macrocephalia, microcephalia, etc.), irregularidades de traços physionomicos, implantação dos dentes, etc.

Quando a criança satisfizer cinco provas de uma idade superior á sua, póde ser considerada precoce ( de um anno, sendo de dous si as provas forem dez).



COMO EXAMINAR UMA CRIANÇA DE  
DOUS ANNOS

(A criança de dous annos, já falla e já anda).

1º) — Mostrar objectos familiares á criança ou animaes domesticos, pedindo que os aponte. — Ex: — Onde está o fon-fon? O examinador deve se adaptar tanto quanto possivel ao vocabulario infantil e se satisfazer por emquanto com as denominações que a criança empresta ás cousas. — Ex: — Fon-fon, por automovel; áu-áu, por cachorro, etc. A prova consiste sómente em verificar si a criança tem idéa nitida do objecto que vê e traduz na sua linguagem.

2º) — Enfiar contas de madeira num cordão de sapato (coudernação de movimentos).

3º) — Reconhecer frutas pelo cheiro e abrir pacotes que as contém.

4º) — Imitar um movimento simples — Ex: — O operador leva a mão á cabeça e pede á criança que faça o mesmo.

5º) — Ver si a criança já obedece espontaneamente a uma ordem.  
Ex — ande, etc.

DE TRES ANNOS

1º) — Usar as mesmas gravuras facteis do texto anterior. Mas, aqui, em vez de dar o nome do objecto pede-se á criança que o aponte. O examinador deve pedir o nome para verificar a riqueza de vocabulario. Ex: — O que é isto? apontando, ou, — o que é que você está vendo?

Pode-se usar um livro de gravuras, mas só exigir da criança a enumeração isolada de objectos porque

ella não poderia ainda concretizar uma scena.

2º) — Perguntar:  
— Como é que você se chama?

Si a resposta consistir simplesmente no nome, insistir:

João de que? — Só João?

A prova consiste em dar o nome todo.

3º) — Fazer perguntas semelhantes a esta:

— Mostre o seu nariz. — E a sua bocca? — Ponha o dedinho sobre a bocca. — Mostre seu pezinho.

4º) — Repetir dous numero: — Ex: — 5, 7.

(Verificação de memoria auditiva e de attenção — Basta acertar uma vez em tres provas).

5º) — Repetir uma phrase de cinco ou seis syllabas. Ex: — Eu quero bem á mamã.

Si houver difficuldade, verificar si se trata de influencia do meio, começando por uma palavra simples, de duas syllabas e proseguir até a associação de idéas.

Exemplo: — Papai, Sapato — Sapato, Chapéo.

— Agora, fazer repetir a phrase formada.

DE QUATRO ANNOS

1º) — Perguntar á criança a que sexo pertence, mas sempre fazer uma pergunta simples e esperar a resposta.

Ex: — Você é um menino?

— Você é uma menina?

2º) — Mostrar á criança um livro de gravuras de figuras que lhe sejam familiares ou os proprios objectos, e perguntar o que são. Assim uma chave, uma faca, etc. (Com-

pete ao critério do examinador graduar a diferença para crianças de tres e quatro annos).

A pergunta deve ser simplesmente:

— O que é isto?

Aos quatro annos, nem sempre a criança pronuncia correctamente, mas não convêm perturbal-a, emendando.

3º) — Exigir da criança que repita tres numeros, mas nunca que se succedam na escala numerica. — Ex: — 5, 3, 2 — 7, 2, 5, etc.

4º) — Traçar num papel duas linhas rectas, uma de 5 e outra de 6 centimetros.

As linhas devem ser parallelas e ter entre si uma distancia de 3 centimetros.

Perguntar á criança: — Você está vendo estas duas linhas?

#### DE CINCO ANNOS

1º) — É uma comparação, como no caso anterior. Mas, em relação ás linhas é a vista sómente que julga. Agora, vamos vêr a noção do peso.

Começar por 2 caixas exteriormente iguaes, pesando uma cinco grammas e outra doze. Colocal-as sobre a meza, separadas por uma distancia de cinco centimetros e perguntar:

— Você está vendo estas caixinhas?

— Qual é a mais pesada?

— Repetir o mesmo, com as caixas de oito e vinte grammas. — Recomeçar com as primeiras, para vêr si a indicação não foi casual.

Aquí, a criança tem de comprehender a pergunta, o que é mais

difficil, e, depois, verificar o peso. — Si a criança responder ao acaso, aconselha-a a pegar as caixinhas primeiro.

2º) — Copiar um quadrado.

Desenhar com tinta um quadro de tres a quatro centimetros de lado e pedir á criança que faça um quadradinho igual áquelle. A prova pôde ser considerada positiva desde que a criança tenha a noção de uma figura fechada por quatro linhas rectas, embora as proporções e as posições das mesmas não sejam perfeitas.

3º) — Repetir uma phrase de dez syllabas.

Ex: — Hoje eu vou passear com mamãe.

— O meu gatinho chama-se Settim.

4º) — Collocar quatro moedinhas de tostão empilhadas sobre a mesa e pedir á criança que as conte. Assim:

— Você está vendo estes tostões? Eu quero que você me diga quantos são.

Conte-os.

Prestar atenção para vêr que a criança conte de verdade e não responda ao acaso.

5º) — Cortar um cartão rectangular diagonalmente, de modo a obter dous triangulos. Colocar sobre a mesa um cartão igual inteiro e os dous triangulos formados, de modo que as hypotenusas não estejam parallelas. Dizer á criança: — Com esses dous pedaços você vai me fazer um cartão igual ao que está vendo sobre a mesa.

Nunca intervir, embora a criança peça conselho. Esperar sempre e dar o prazo de tres minutos.

## DE SEIS ANNOS

1º) — A criança deve responder correctamente á pergunta:

— Agora é dia ou noite? Manhã ou tarde?

2º) — Definições de objectos de uso commum. Exemplo: — O que é um garfo? O que é uma mesa? — Uma cadeira? — Que é mamãe? — O que é o calor?

Vamos passando asism insensivelmente do concreto para o abstracto.

A resposta nominal, em repetição, não deve ser aceita. Nesse caso, insistir perguntando para que serve. Considerar prova negativa quando a criança se mantiver em silencio ou der resposta nominal identica. (E' um garfo, no primeiro caso. Também, si recorrer a um objecto proximo para mostrar, satisfazendo-se com o gesto. (BINET).

3º) — Comparar figuras.

BINET emprega seis retratos, de mulher, umas bonitas outras feias e disformes. Comparar duas a duas, perguntando sempre qual é a mais bonita. Variar a bonita de lado para evitar que a criança pense que é questão de posição.

4º) — Repetir uma phrase de 16 syllabas. Ex: — A minha boneca tem um vestido azul de seda.

5º) — Dizer á criança: — Qual é a sua mão direita?

— E a sua orelha esquerda?

A tendencia da criança é mostrar a orelha correspondente á mão indicada.

Si o gesto fór indeciso, insistir.

— Levante o seu braço direito.

*Verificar:*

a) Si a criança não tem noção de direita e esquerda e mostra indifferentemente qualquer mão. — b) Si ella hesita. — c) si tem certeza.

Só nos dous ultimos casos a prova será positiva.

6º) — Dizer que idade tem.

— Quantos annos tem você?

A resposta verbal, só, deverá satisfazer. A indicação por meio dos dedinhos indicará atrazo.

7º) — Dar correctamente tres recados simples ou obedecer a tres incumbencias. Exemplo: Você está vendo esta chave? Ponha-a sobre a mesa.

Em seguida feche a porta, e, depois, traga-me a caixinha que está também sobre a mesa. A prova só será positiva, quando a criança satisfizer espontaneamente ás tres, sem que haja necessidade de lembrar qualquer cousa.

## DE SETE ANNOS

1º) — Copiar um losango de tres centimetros de lado (como prova do quadrado).

2º) — Contar em voz alta 15 tostones.

3º) — Descrever uma gravura (scena).

4º) — Conhecer pelo nome quatro cores.

Tomar quatro pedaços de papel de cores communs (vermelho, azul, verde e amarello, por exemplo), e perguntar á criança: Que côr é esta? Todas as perguntas devem ser exactas para a prova ser considerada positiva.

5º) — Collocar empilhados sobre a mesa: tres nickeis de 400 réis, um de 200 e dous de 100 réis e per-

guntar á criança que quantia está alli.

6º) — Complemento do anterior. Exigir que a criança dê o valor de cada nickel.

7º) — Perguntar á criança quantos dedos tem, quantos em cada mão, e mandar que os conte.

8º) — Perceber imperfeições de figuras. — Exemplo: — A falta de um botão numa botina, de uma asa a um tacho ou de um olho a um pato.

Verificada a capacidade mental da criança pôde se proceder a um exame dos sentidos, para julgar da capacidade dos seus apparatus receptores e a exames de attenção e de memoria.

Assim:

1º) — *Sensibilidade cutanea.*

a) — sensibilidade thermica (quente e frio); b) — sensibilidade tactil (reconhecer objectos com os olhos vendados, formas geometricas e tecidos). c) — sensibilidade ao peso.

2º) — *Sensibilidade visual.*

a) — Ver ao longe (myopia); b) — ver de perto; c) — daltonismo; d) — exercicio de memoria visual, recolhendo em ordem quatro objectos para cuja disposição oihou 30 segundos; e) — reconhecendo cinco objectos dentre vinte; f) — reproduzindo um desenho que viu durante dous minutos (7 annos).

3º) — *Sensibilidade auditiva.*

a) — Surdez (ouvir o relógio a um metro).

b) — Exercicio de memoria auditiva.

1) — Reproduzindo um certo numero de pancadas.

II — Reconhecendo um objecto que cae, só pelo som (ou um som como o de campainha).

4º) — *Sensibilidade olfactiva e gustativa.*

a) — café, chá, vinagre, etc.;

b) — sal, assucar, pimenta, limão.

*Memoria:*

"Ha idiotas que têm memorias precisas digo, parciaes, notaveis para a musica ou mesmo para o calculo". (CRUCHET).

a) — Repetir tres numeros. Ir augmentando até verificar a memoria da criança em relação a numeros e ver si está de accôrdo com as outras modalidades de memoria; b)

— Repetir palavras e phrases; e)

— Reconhecer um trecho de musica; d) — Reproduzir desenhos; e)

— Reconhecer objectos dentre muitos; f) — Reconhecer si uma palavra está correctamente escripta (para a criança que saiba lêr, mas usando uma linguagem estrangeira e que ella desconheça); h) — Completar palavras e phrases.

#### ATTENÇÃO

A observação do examinador já classificou a criança que se distre com um pequeno baralho ou com a vista de um objecto, além das provas que os outros TESTS podem fornecer .

#### CLASSIFICAÇÃO

Normal.

*Typos:*

Apathico.

Agitado ou nervoso.

(Dentre os exames de attenção e de memoria o examinador escolherá os que julgar accessiveis á idade da criança).



# ACTAS E TRABALHOS

DA

## LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL

ACTA DA SESSÃO DO CONSELHO EXECUTIVO REALIZADA  
EM 14 DE FEVEREIRO DE 1925

No dia 14 do corrente, ás 17 horas, reuniram-se no ex-Pavilhão Argentino, séde da Liga Brasileira de Hygiene Mental, os membros do respectivo Conselho Executivo, para, de accôrdo com as letras *a, b, c, d e f* do art. 21 dos Estatutos, darem parecer sobre o relatório do Presidente, approvarem o orçamento para o proximo exercício e examinarem as contas do anno passado.

Presentes dous presidentes de honra, sete membros effectivos do Conselho e dous da Directoria, foi pelo Sr. Vice-Presidente declarada aberta a sessão e convidado para a presidir o Sr. Prof. Juliano Moreira.

Tomando a palavra o Sr. Secretario Geral, Dr. Ernani Lopes, desculpou o não comparecimento do Presidente effectivo, Dr. Gustavo Riedel, que se acha doente ainda, guardando o leito, e iniciou a leitura do seu relatório, referente aos trabalhos do anno de 1924, que é o seguinte:

### *Prezados consocios:*

E' esta a primeira vez que, em virtude das disposições *g e i* do artigo 17 dos nossos Estatutos, cumpro com justo desvanecimento a obrigação de trazer ao vosso conhecimento um resumo das occurrencias do anno findo, hem como submeter á vossa apreciação a proposta de orçamento para o exercício de 1925.

Foi em Novembro de 1922, em Havana, como delegado brasileiro ao Congresso Latino-Americano que, por iniciativa minha se organizou o Comité Latino-Americano de Hygiene Mental, o qual a "Sessão de Governo" daquelle Congresso determinou se reunisse conjuntamente com os referidos Congressos.

De volta á America do Norte, por indicação entusiastica de Clifford Beers, o apostolo do movimento em prol da Hygiene Mental no mundo, como o cognominou Toulouse, descrevendo no "Le Quotidien" a memora-

vel sessão da Sorbonne do anno transacto, fui incumbido de fundar na America do Sul a primeira Associação de Medicina Social, o que se levou a effeito nos ultimos dias de 1922, com a denominação de Liga Brasileira de Hygiene Mental, á qual o Governo em 1923 hoive por bem, pelo Decreto n. 4.778, de Dezembro, reconhecer de Utilidade Publica e conceder-lhe para o exercicio de 1924, uma subvenção de trinta contos de réis (30:000\$000), convido registrar o interesse com que se empenhou neste favor o consocio benemerito Deputado Oscar Soares.

Da acção desenvolvida em conjuncto pela nossa Liga e em particular pelos seus associados, no exercicio que findou, basta referir a elaboração definitiva dos seus Estatutos, a constituição das Sessões de Estudos e algumas reuniões de notavel interesse pratico em que foram debatidas as questões mais palpitantes dos Estados, com merecido destaque a do Estado do Rio como se lê no *Jornal do Commercio* pag. 3, de 16 de Janeiro ultimo, pelo relatorio do Dr. Waldemar de Almeida, ainda a conquista realizada junto a Departamentos Officiaes que crearam dispensarios e clinicas abertas para psychopaths, para syphilis nervosa especialmente, etc., etc., o contracto do Prof. Radecki, Director da Faculdade de Psychologia da Universidade de Varsovia, ex-assistente de Claparède para iniciar entre nós a selecção dos escolares, dos operarios nas fabricas pela orientação profissional de cada um, etc., etc., num programma de tal efficiencia, que a consagração do nosso Instituto, de objectivos sociaes tão patrioticos, se fez no Exterior e em o nosso proprio Paiz.

Lá por intermedio de Toulouse, Genil-Perrin e Targowla, os quaes no volume de Medicina Social do Tratado de Sergent, Ribadeau-Dumas e Babboneix do corrente anno de 1925 destacam o Brasil com magnificos serviços de defesa social, cumprindo acrescentar que representado o nosso Paiz pelo Presidente da Liga Brasileira de Hygiene Mental figura elle ao lado de representações das nações amigas: America do Norte, França, Inglaterra, Canadá e Belgica na constituição do Comité Internacional de Hygiene Mental, com séde em New-York.

Em nosso meio é sufficiente consignar o successo obtido no Congresso de Hygiene de Bello-Horizonte, onde a actuação dos delegados officiaes da nossa Liga, Drs. Plínio Olinto e Ernani Lopes, do nosso Presidente de Honra Prof. Juliano Moreira, dos nossos consocios Drs. Heitor Carrilho e Cunha Lopes e do nosso psychologista Prof. Radecki, firmaram insophismavelmente o alcance social do nosso programma em saude publica.

Os trabalhos do Dr. J. P. Fontenelle publicados na "Folha Medica" accentuando o papel relevante que deve ser dado á Hygiene neuro-psychica nas organizações da saude publica e insistindo em particular sobre as vantagens, já de ha varios annos lembradas pelos hygienistas norte-americanos, de ser iniciada a obra preventiva pelo exame mental das crianças em idade pré-escolar, isto é, até os sete ou oito annos nos lares, nas chamadas casas maternas, jardins de infancia, etc... e terminando a sua fundamentada contribuição, opina que á Liga Brasileira de Hygiene

Mental deverá caber o papel de orientadora das varias questões relativas à conservação da saúde mental individual e collectiva, o que comprova cabalmente o que affirmei. E para completar o exito da nossa representação naquelle certamen scientifico, ao qual compareceram mais de duzentos representantes de Institutos e de todos os Estados da Confederação, se verificam as conclusões propostas pelo Relator Official do Congresso, Dr. Placido Barbosa, approvadas em sessão plena do Congresso e publicadas no *Minas Geraes* de Bello Horizonte, e no *Jornal do Brasil* desta Capital as quaes devo especialmente transcrever aqui como uma homenagem ao seu autor que é uma das figuras mais representativas do Departamento Nacional de Saude Publica.

### CONCLUSÕES

1. A hygiene mental deve fazer parte das actividades a que são obrigadas as organizações de saúde publica.

2. O ensino da hygiene mental deve fazer parte dos cursos de estudos das Universidades, Faculdades de Medicina e de Direito e das Escolas Normaes.

3. A propaganda e a educação hygienica devem ser aperfeiçoadas e diffundidas ao maximo, estando nellas comprehendida a propaganda da hygiene mental.

4. Todos os dispensarios, ambulatórios e consultorios publicos, especializados ou não, devem ser aparelhados e ter pessoal devidamente instruido para descobrir os individuos sobre os quaes devam agir os serviços de prophylaxia mental e indicá-los a estes serviços.

5. As repartições de instrução publica devem ter seus serviços organizados tambem no sentido de descobrir na população escolar os psychopaths e os anormaes, para fazel-os tratar e educal-os convenientemente.

6. A regulamentação contra o alcool e os toxicos nocivos a que o homem se habitua, deve ser feita, e feita de forma pratica, de modo a produzir o maximo de effeitos uteis, sem difficultar a sua execução.

7. E' da maior importancia que seja instituida uma rigorosa fiscalização da immigração, com exame physico e mental de cada immigrante de modo a só admittir os individuos saos.

Visto que o alphabetismo é essencial á comprehensão do valor da saúde e ao aproveitamento da educação hygienica, nenhum immigrante que não saiba ler e escrever correntemente deve ter entrada no Paiz.

8. O attestado de saúde deve ser elemento preliminar para a celebração dos casamentos com muito mais razão do que as exclusões de consanguinidade. Para a concessão deste attestado de saúde deverá haver apenas o rigor compativel com a nossa organização social actual e o estado actual dos nossos conhecimentos scientificos.

Por exemplo, os syphiliticos e os tuberculosos poderão casar-se depois de curados clinicamente, etc.



9. Convem continuar a desenvolver os serviços de dispensarios psychiatricos, no genero dos do Ambulatorio Rivadavia Corrêa.

10. No combate ao alcoolismo, convem que seja desde já reclamada e promovida perante os poderes competentes: a prohibição da venda de alcool distillado, potavel, e a prohibição da venda de bebidas alcoolicas aos domingos, a prohibição da importação de alcooes distillados potaveis.

Quanto á minha acção pessoal de Presidente desta aggremação, para corresponder ao merito pessoal de todos aquelles que se dignaram constituir as diversas sessões de estudo da Liga, bem como aos seus presidentes de honra e á confiança do Conselho Executivo, logrei obter em primeiro logar uma séde para a sua condigna installação.

A boa vontade e o desejo de satisfazer as aspirações da nossa Liga que visa tão somente o aperfeçoamento da nossa raça, prevenindo os factores de degeneração pela luta contra a syphilis, a tuberculose, etc., e realizando a medicina social contra os toxicos, conduziram: os benemeritos Srs. Presidente da Republica Dr. Arthur Bernardes e Ministro da Justiça Dr. João Luiz Alves, a ceder para aquelle fim o Pavilhão Argentino da Exposição do Centenario, doado ao nosso Paiz pela Republica visinha num gesto da mais nobre e elevada cortezia de Nação amiga.

Mereceram a mesma distincção, a Associação Medica do Brasil e os Institutos de Engenharia Militar e Docentes Militares, os quaes, pelos seus respectivos Presidentes, lavraram commigo o accôrdo de posse do referido Pavilhão, accôrdo este que foi approvedo pelo Sr. Ministro da Justiça em 25 de Abril, data em que o Ministerio da Justiça fez a entrega das chaves daquelle edificio.

Archivei cópia do referido accôrdo em a nossa secretaria, tendo sido o mesmo dado a conhecimento do nosso Conselho Executivo na sessão de 19 de Junho, e como no citado documento a Liga, pelo facto de ficar com a maior área do Pavilhão se obrigava a installar um elevador para o andar superior, onde se adaptaram todas as demais aggremações, é com justo jubilo que vos communico que me desobriguei daquelle compromisso sem onus algum para os nossos cofres. Obtive que o muito digno Membro Honorario da nossa Liga, Dr. João Luiz Alves autorizasse a collocação de um elevador "Otis" por conta do escriptorio de obras do Ministerio da Justiça.

Restava porém realizar a adaptação do Pavilhão...

Para isso se fazia mister antes de qualquer iniciativa um orçamento exacto das obras julgadas indispensaveis. Recorri a diversas firmas as quaes me forneceram orçamentos parcellados conforme a especialidade de cada uma, sendo que J. Polley foi a unica que me indicou um orçamento total das obras com a planta do projecto a executar, projecto que o Conselho Executivo da Liga approvou na citada reunião de 19 de Junho na importancia de 149:020\$000. Não dispondo a Liga senão da subvenção federal para o custo dos seus serviços, fui forçado a dispender energia para a realização daquellas obras.



Devo registrar aqui agradecimentos calorosos aos Drs. Pereira Junior, Membro Honorario da Liga e Armando de Carvalho, DD. Engenheiro-Chefe do Ministerio da Justiça os quaes tudo obtiveram: de maneira a satisfazer por completo as ambições da nossa Liga, que vae ver assim realizado o projecto integral da adaptação do Pavilhão Argentino, indispensavel á installação que merece.

Dois problemas a apontar permaneceram de pé — o custeio dos serviços da Liga e a installação dos gabinetes e laboratorios.

O primeiro venci com exito mantendo para o exercicio de 1925 a mesma subvenção Federal obtida o anno findo, graças ao apoio patriotico que sempre empresta ás causas merecidas o Sr. Deputado Affonso Penna Junior; havendo a accrescentar na receita da nossa Liga para o mesmo exercicio uma nova subvenção concedida pelo Conselho Municipal, no valor de 12:000\$000 (doze contos de réis) annuaes devida á intervenção opportuna e generosa do Conselheiro Municipal Dr. Mario Piragibe, nosso consocio honorario, o que irá perfazer uma receita total de 42:000\$000 (quarenta e dous contos de réis).

Em relação á execução da segunda parte, solicitei de varios amigos, donativos, tendo por emquanto respondido ao meu appello sómente o Sr. Affonso Vizeu com 1:000\$ (um conto de réis) quantia deficiente para o objectivo collimado, porquanto o gabinete de psychologia está orçado em 30:000\$000 (trinta contos de réis) pelo Prof. Radecki e os gabinetes de biologia e laboratorios em outro tanto pela firma Moreno, Borlido & C.

Aguardo confiante que o saldo das diversas consignações propostas no orçamento e alguma doação generosa me facilite no corrente anno a conclusão das nossas installações.

Annexo encontrareis a proposta de orçamento para o exercicio de 1925 e deveis verificar na escripturação do livro Caixa a exactidão dos lançamentos feitos pelo nosso thesourceiro-procurador Sr. Antonio Prestes.

Devo ainda accentuar que os "Archivos Brasileiros de Hygiene Mental", órgão official da nossa Liga, estão sendo organizados com a maxima dedicação pelo Sr. Secretario Geral, Dr. Ernani Lopes, e já se acham no prelo, nas officinas do *Jornal do Commercio*.

Penso desta forma ter correspondido ás provas de confiança e solidiedade sempre recebidas pelos dignos companheiros de Directoria e Conselho Executivo bem como dos meus presados consocios, realizando uma acção digna dos interesses do nosso Paiz, necessitado ainda de mais instituições que se preocupem com a sua defesa social, para a formação definitiva do typo nacional.

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1925.

O Presidente,

(a) DR. GUSTAVO RIEDEL.

Depois de lido o relatório, que a todos causou a melhor impressão, foram pelo Sr. Presidente designados para darem parecer sobre o mesmo os Srs. Prof. Henrique Roxo e Drs. Heitor Carrilho e Zopyro Goulart.

Como anexo ao relatório, foi lido também o orçamento para o exercício de 1925.

Examinados o livro "Caixa" e os documentos comprobatorios das despesas effectuadas, o Sr. Presidente passou á segunda parte da ordem do dia, que constou de uma proposta feita pelo Sr. Presidente, Dr. G. Riedel, do nome do Sr. Dr. Benigno Sicupira Filho para membro effectivo da XI Secção de Estudos (Cirurgia geral e especializada em relações com o systema nervoso), e de outra, feita pelo Sr. Secretario Geral, Dr. E. Lopes, do nome do Sr. Dr. F. C. Pontes de Miranda, para membro effectivo da IV Secção de Estudos (Prophylaxia da delinquencia).

Archas essas propostas foram unanimemente approvadas.

Pediú em seguida a palavra o Sr. Dr. Fernandes Figueira, que propóz 1) se officiasse ao Sr. Prefeito do Districto Federal, lembrando a creação de Escolas Auxiliares, e 2) que se effectuassem nas fabricas trabalhos experimentaes de psychologia sobre a fadiga no trabalho dos menores.

Achando-se presente na occasião, na séde da Liga, o respectivo psychologo, Sr. Prof. W. Radecki, ficou combinado que S. S. daria inicio a esses trabalhos, adquirindo-se desde logo os apperellos imprescindiveis, enquanto se esperam de donativos particulares os fundos necessarios para a installação de um Laboratorio completo de Psychologia Experimental, que constituirá uma das bases de accção mais importantes da Liga.

Teve a palavra depois disso o Dr. Ernani Lopes, secretario geral, que tratou de varios assumptos concernentes á realizacção e a projectos da hygiene mental em nosso meio.

Refere-se em primeiro lugar ao relevo que a contribuição dessa especialidade logrou obter no brilhante 2º Congresso Brasileiro de Hyygiene, recentemente reunido em Belo Horizonte.

Passa depois a relatar a maneira por que está organizando os Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, designado que foi pelo Presidente effectivo para dirigir esta e outras publicacções da Liga concernentes á propaganda.

Exhibe em seguida parte da sua correspondencia com os delegados regionaes da Liga, em S. Paulo e no Estado do Rio. Drs. A. Pacheco e Silva e Waldemar de Almeida, bem como com outros collegas, relativamente á campanha anti-alcoolica, insistindo em que della não se póde desinteressar nenhum alienista.

Após isso passa a referir-se á relevante questào dos patronatos para os egressos dos manicomios, lendo a respeito o que já dizia, em 1917, na sua "Nota sobre a prophylaxia social das perturbacções psychicas". Lembra como poderá ser feito um bom trabalho de prevençào dos crimes e de outros actos anti-sociaes, no dia em que se faça sentir na sociedade a accção vigilante e dedicada dos patronatos em favor dos egressos dos manicomios, prisões e outros serviços de anormalos psychicos.

Para isso será necessario dispôr de um serviço social de informações tanto quanto possível completo, será preciso que se obtenham leis permitindo a internação sempre precoce dos toxicomanos e outros possíveis pre-delinquentes e por outro lado será de desejar que a Liga entre em accôrdo com varias instituições, onde seja possível collocar psychopathas inoffensivos, convalescentes ou curados.

Sobre o assumpto se externam os Professores Juliano Moreira e Fernandes Figueira.

O Prof. Juliano relata que, como Director Geral da Assistencia, tem tido não poucas occasiões de intervir em beneficio de egressos dos manicômios. Em relação aos alienados que de varios Estados proximos vêm tratar-se no Hospicio Nacional e dahi sahem curados, é commum obter para elles passes de regresso, além de os fazer, ás vezes, acompanhar até á casa por enfermeiros de confiança. Não raro donativos têm permitido beneficiarem-se os ex-internados, podendo citar que ainda mui recentemente um seu ex-cliente abastado de S. Paulo lhe enviou a quantia de 200\$000, com a especificação de que desejava fosse applicada ao fim alludido.

O Prof. Fernandes Figueira, a proposito das condições de alta em que se possam encontrar pacientes de menor idade, debeis mentaes, sobretudo, refere um caso curioso de falso testemunho que observou num rapazinho de 11 annos. Esse menino, que aprendera a ler e a escrever no Pavilhão Bourneville, então dirigido por S. S. no Hospicio Nacional, foi surpreendido quando deixava subrepticamente cahir perto de uma enfermeira uma carta de namoro, por elle escripta, como sendo de um empregado, no evidente proposito de comprometter a ambos.

Pede então a palavra o Dr. Ernani Lopes, que diz ter ouvido com o maior interesse a observação relatada pelo Prof. F. Figueira, por isso que ella vem documentar mais ainda um seu trabalho em elaboração, sobre "Contra-indicação do ensino intellectual a certos amoraes". Declara-se um verdadeiro fanatico da campanha contra o analfabetismo, tanto que até no seu serviço hetero-familiar da Colônia do Engenho de Dentro, todas as alienadas são alphabetizadas pelas familias dos nutricos — isso por iniciativa sua.

Dir-se-hia, entretanto, que, para mais uma vez ficar provado não haver regra sem excepção, defronta-se o psychiatra com o caso unico em que a instrucção sómente pôde ser prejudicial: é o dos perversos irreformaveis. Nomeadamente aquelles amoraes que têm incoercivel tendencia a delinquir contra a propriedade, sómente haveria interesse em que ficassem incultos. Como disse o maior dos educadores norte-americanos, Horacio Mann, "é um erro armar o vicio com os recursos do saber".

Tudo isso vem mostrar o interesse enorme que se deve dar ás questões de psychiatria infantil. Do Prof. Fernandes Figueira a Liga de Hygiene Mental muito espera para o funcionamento de consultorios de "psycho-pediatria", consoante a denominação recentemente justificada por André Colin, de Paris.



A proposito faz referencia ao questionario-circular dirigido aos professores, que já redigiu para quando a Liga tenha consultorios de psychopediatria, e que teve occasião de ler no Congresso de Hygiene de Bello Horizonte.

Varios socios externam então seus modos de vêr sobre algumas das causas mais communs, entre nós dos atrazos nos escolares, tendo, particularmente o Sr. Dr. Zopyro Goulart, inspector medico-escolar, relatado observações dignas de registro. Assim, de uma feita pôde apurar S. S. que um menino de aspecto permanentemente fatigado e sempre collocado entre os ultimos de sua classe, devia os seus fracassos ao facto de ser obrigado a levantar-se diariamente antes das 5 horas, para lavar e varrer o botequim do pae. De outras vezes viu claramente a razão do atrazo mental passageiro na insufficiencia ou na impropriedade do regimen alimentar dos pequenos collegiaes.

Logo depois, nada mais devendo ser tratado, em vista do adiantado da hora, foi encerrada a sessão.

O Secretario Geral,  
ERNANI LOPES.

#### ACTA DA SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA REALIZADA EM 28 DE FEVEREIRO DE 1925

Aos vinte e oito dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e vinte e cinco, ás cinco e meia horas da tarde, no ex-Pavilhão Argentino, á Avenida das Nações, onde tem sua sede, realizou a Liga Brasileira de Hygiene Mental, a sessão de assembleia geral ordinaria a que se refere o art. 23º dos seus Estatutos, tendo comparecido os associados Drs. Ernani Lopes, Gastão Cruis, Heitor Carrilho, Wenceslau Radecki, Oscar Silva Araujo, Zopyro Goulart, Juliano Moreira, Rodrigues Caldas, Mario Pinheiro, Alvaro Cardoso, Benigno Sicupira, Olinto de Oliveira, Renato Kehl, Helion Povoá, Manoel Bomfim e Britto e Cunha, aqui enumerados conforme a ordem de chegada á sede da Liga.

Achando-se ausentes, por motivo de doença, os Srs. Presidente e Vice-Presidente, foi a sessão aberta pelo Secretario Geral Ernani Lopes, que pediu aos seus consocios acclamassem um dentre elles para presidir a sessão, conforme preceitúa o art. 26º dos Estatutos da Liga.

Foi então acclamado o Snr. Prof. Juliano Moreira para presidente, tendo S. S. convidado os Drs. Ernani Lopes e Mario Pinheiro para secretarios.

Dado pelo Sr. Presidente inicio aos trabalhos, procedeu o Sr. Secretario Geral á leitura do Relatorio do Dr. Gustavo Riedel (publicado na acta da sessão do Conselho Executivo de 14 de Fevereiro), bem como a do parecer do Conselho Executivo, opinando pela approvação do mesmo relatorio, e da annexa pronosta orcamentaria apresentada pelo Dr. Gustavo Riedel para 1925, que tambem é lida no momento, especificadamente,



Posto em discussão o parecer, pede a palavra o Sr. Dr. Alvaro Cardoso, que, tendo em vista o facto de não ser membro do Conselho Executivo um dos signatarios do mesmo, o Sr. Prof. Henrique Roxo, a quem aliás rende o tributo do seu mais alto apreço, diz julgar não poder ser aprovado o parecer em questão.

Responde o Secretario Geral, Dr. Ernani Lopes, que o facto de ter o Prof. Henrique Roxo honrado com sua assignatura o parecer da maioria do Conselho Executivo da Liga, não poderá inquirar de nullidade aquelle documento, por isso que os Presidentes de Honra, como é o Professor Henrique Roxo, de accôrdo com o art. 32º, paragrapho unico, dos Estatutos, têm direito a votar "em todas as reuniões da Liga".

No mesmo sentido se externam outros Srs. associados, submettendo em seguida o Sr. Presidente á votação da Assembléa o Relatório e annexa proposta orçamentaria para 1925, que são englobadamente approvados por unanimidade de votos.

São igualmente examinados na occasião os documentos a que se refere o Dr. Riedel em seu Relatório, e verificadas em ordem as contas referentes ao exercicio de 1924.

A outra parte da ordem do dia constou da apresentação de propostas para membros honorarios (estrangeiros) e para um membro benemerito.

A primeira dessas propostas, assignada pelo Sr. Presidente, Dr. Gustavo Riedel, continha os nomes de *E. Toulouse*, Chefe do Serviço de prophylaxia mental em Paris, e medico-chefe do Asylo Sant'Anna; *G. Genil-Perrin*, de Paris, medico-chefe do Asylo de Vancluse; *Clifford W. Beers*, de Nova York, Secretario Geral do Comité Internacional de Hygiene Mental; *William L. Russel*, de Nova York, Director do Blomingdale Hospital; *August Ley*, de Bruxellas, Professor de Psychologia na Universidade de Bruxellas, e *Sir Courtauld Thomson*, de Londres, British N. Council for Mental Hygiene.

A segunda proposta fê-la na occasião o Sr. Dr. Ernani Lopes, Secretario Geral, apresentando aos suffragios dos seus consocios o nome do Sr. Professor *Henri Piéron*, Director do Laboratorio de Psychologia da Sorbonne, de Paris. O Prof. Piéron, além de sua reputação mundial no terreno da psychologia pura e da psychologia applicada, faz jus especial ao nosso reconhecimento pelas gentilezas que tem dispensado a scientistas patricios e pela estima com que tem querido honrar a cultura brasileira.

Foi lida em seguida a proposta assignada pelo Dr. Gustavo Riedel, do nome do Sr. Dr. Armando de Carvalho, engenheiro-chefe do Ministerio da Justiça, para membro benemerito, em attenção aos valiosos serviços prestados por S. S. á Liga de Hygiene Mental.

Tanto esta como as duas primeiras propostas foram approvadas por aclamação.

Pede, depois disso, a palavra o Secretario Geral, Dr. Ernani Lopes, para dizer de varios assumptos. Em primeiro lugar, em nome do Presidente da Liga, faz um appello aos membros effectivos das varias seccções

de estudo, afim de que se reunam, na séde da Liga, enviando á Directoria suggestões para iniciativas praticas no dominio relativo a cada secção. Por sua vez appella para os Srs. socios, solicitando-lhes donativos de livros sobre hygiene mental e sciencias affins, incluidos nestas particularmente estudos nacionaes de sociologia, no proposito de ir formando a Bibliotheca da Liga.

Passa depois o Secretario Geral a resumir os trabalhos da ultima sessão do Conselho Executivo, na parte referente ás idéas assentadas e ás iniciativas tomadas na occasião. Dous pontos despertam sobretudo a attenção da assembléa, o da luta contra o alcoolismo e o das instituições dos patronatos.

Quanto á luta anti-alcoolica, mostra o Secretario Geral o que a Liga já tem feito nesse terreno, e a proposito lê um artigo do Sr. Prof. Mauricio de Medeiros no "Diario de Medicina", relativo a uma série de conferencias de propaganda cujo plano traçara e que o Prof. Mauricio teve a generosidade de elogiar, insistindo pela sua realização no momento actual. Accentuando, de passagem, que a não realização de taes conferencias, nos primordios da existencia da Liga, não se deve a desanimio de sua parte, como sabe, aliás, o illustre collega a quem acaba de se referir, pede o Secretario Geral o concurso dos seus collegas na campanha contra o ethylismo em nosso meio.

O Sr. Dr. Rodrigues Caldas, intervindo no assumpto, expõe o seu modo de vêr, segundo o qual a acção de propaganda da Liga deve de preferencia desenvolver-se nas fabricas, entre os operarios.

O Dr. Ernani Lopes declara que será feita por sua parte essa propaganda nas fabricas, aonde acompanhará o Prof. W. Radecki nas verificações psycho-physiologicas que esse scientista vai effectuar, por suggestão da Inspectoria de Hygiene Infantil.

Segue-se com a palavra o Sr. Prof. Olinto de Oliveira, que diz não dever ser esquecido, sempre que se falar de luta contra o alcool no Brasil, o bello esforço realizado pelo Dr. Ervino Wolfenbüttel, no Rio Grande do Sul.

Propõe que se formule um voto de louvor áquelle medico patricio, o que é por todos approvado, sendo, além disso, no mesmo momento, igualmente approvada uma indicação do Prof. Juliano Moreira, para que se convide o Dr. Wolfenbüttel para socio correspondente da Liga.

Pede então de novo a palavra o Dr. Ernani Lopes, unicamente para dozer que vem acompanhando desde o inicio com o maior entusiasmo a efficiente propaganda anti-alcoolica do Dr. Wolfenbüttel, no Rio Grande do Sul, e pôde até adiantar que esse collega, hoje domiciliado em S. Paulo, onde serve, no quartel de Cambucy, como medico militar, transportou para esse outro grande Estado sulino a sua actuação apostolar contra o flagello alcoolico, como o comprova um telegramma da Capital paulista inserto no "Jornal do Commercio" de hontem, que trouxe justamente na sua pasta e pede permissão para ler.

Ninguém mais desejando occupar-se da questão do alcoolismo, é encerrada a discussão sobre esse topico. Antes, porém, de se passar a outro assumpto, o Secretario Geral distribue entre os presentes exemplares de um folheto contendo o brilhante parecer do Sr. Dr. Mario Brant, antigo Deputado e actual Secretario das Finanças do Estado de Minas Geraes, sobre "o alcoolismo, suas causas e consequencias, legislação anti-alcoolica". Esse trabalho foi offerecido pelo seu autor aos delegados da Liga, no recente Congresso de Hygiene de Bello Horizonte, após haver um delles feito uma communicação sobre prophylaxia do alcoolismo no Brasil.

Pediú então a palavra o Sr. Dr. Rodrigues Caldas, que primeiramente se occupou da questão do patronato dos egressos, fazendo votos para que a Liga logre organizal-o, e em seguida propôz uma calorosa moção de louvor ao Sr. Dr. Gustavo Riedel, o esforçado Presidente da Liga, que, doente embora, acaba de obter tão condignas installações para varios dos servicos desse Instituto de Hygiene.

A moção foi approvada por todos os presentes, e ninguem mais desejando a palavra, encerrou-se a sessão.

O Secretario Geral,  
ERNANI LOPES.

#### TRABALHOS RECENTES DA LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL

Os Srs. Drs. Evaristo de Moraes e Professor Mauricio de Medeiros, membros da XII secção de estudos (medicina legal, indigencia e vadiagem) acabam de publicar este mez, respectivamente, no "Jornal do Brasil" e no "Diario de Medicina", excellentes artigos de propaganda dos objectivos da Liga.

O Dr. Evaristo de Moraes insiste com muito acerto sobre tres pontos capitaes, apontando-os á consideração dos nossos legisladores: 1) limitação do uso do alcool potavel, como preparatoria de sua prohibição total; 2) assistencia aos inaptos para trabalhar por insufficiencia psychica, do que advirá diminuição do numero dos vagabundos e mendigos; 3) educação especial dos retardados intellectuaes.

O Prof. Mauricio de Medeiros põe em fôco, entre outros, o problema realmente importante, sobretudo no nosso meio — da educação dos supra-normaes. "Feitas as estatísticas, diz S. S., o que se tem verificado é que estas ficam soterradas pelos methodos pedagogicos da mediocridade, que é a maioria".

A Liga, por suggestão do Sr. Prof. F. Figueira, e em accôrdo com a Inspectoria de Hygiene Infantil, iniciou nas Fabricas do Districto Federal, exames psycho-physiologicos da efficiencia dos menores trabalha-



dores. Os referidos exames foram iniciados segunda-feira, 16 de Março, às 7 1/2 horas da manhã, pelo psychologista da Liga, Sr. Prof. W. Radecki e Mme. Radecki, sua assistente, — na Fabrica de Ferreira, Souto & C.. á rua Fonseca Telles, em S. Christovão.

Foram realizadas então rigorosas verificações: 1) de esthesiometria, para sensibilidade tactil e para sensibilidade á dor; 2) da acuidade visual (quadros optometricos de Snell); 3) de dynamometria (dynamometros de pressão e de tracção, para diversos grupos musculares; 4) de ergographia (ergographo de Mosso modificado, dispondo de totalizador que de algum modo dispensa os traçados; 5) provas psychometricas, nomeadamente para averiguar o gráo de concentração da attenção ("test" de Bourdon-Radecki, para anolphabetos).

O Secretario Geral, Dr. Ernani Lopes acompanhou os trabalhos, colhendo dados para o "Serviço Social", da Liga, e distribuindo folhetos de divulgação dos objectivos da campanha prophylatica contra doenças nervosas e psychicas.

O Secretario Geral da Liga, Dr. Ernani Lopes, tendo tido occasião, por dever de officio, de assignar, (juntamente com o Sr. Dr. Sebastião Côrtes, medico legista), o laudo de uma pericia phychiatrica, num caso de crime de morte perpetrado por um alcoolista chronico, delirante, aproveitou o ensejo para no meio forense fazer mais conhecida a Liga de Hygiene Mental, cujo programma abrange tambem a prophylaxia da delinquencia, como neste mesmo numero dos "Archivos" o lembra um dos nossos mais distinctos collaboradores. A pericia de que se trata será opportunamente publicada.

O Secretario Geral dirigio, em 31 de Janeiro deste anno, aos Drs. Navantino Fagundes e José Gabriel do O', redactores da Revista "A Escola Medica", que circula principalmente entre os academicos de medicina, uma carta lembrando áquelles collegas, a conveniencia de ser inaugurada no referido mensario, uma secção de medicina social, que incluia em particular a prophylaxia mental e a campanha anti-alcoolica.

Em data de 17 de Março ultimo, entendeu-se o Secretario Geral, com a redacção do "Brasil Medico", solicitando a publicação de um resumo extenso do artigo de Toulouse e R. Dupouy "O papel do medico pratico em prophylaxia mental", inserto no "Paris Médical", de 15 de Novembro de 1924.

Deu inicio o Secretario Geral á colheita de novos dados para o archivo do "Serviço Social" da Liga, organizando pessoalmente a "ficha



familiar", de 50 doentes internadas na Assistencia a Alienados do Districto.

---

O Sr. Prof. Juliano Moreira, a convite da Radio-Sociedade, elaborou uma conferencia sobre "causas das doenças mentaes e sua prophylaxia", que brevemente deverá ser irradiada.

---

Pelo Sr. Presidente, Dr. Gustavo Riedel, acabam de ser designados, respectivamente, psychiatra e neurologista da Liga Brasileira de Hygiene Mental os Srs. Drs. Gustavo de Rezende e Ignacio da Cunha Lopes, ambos da Assistencia a Alienados do Districto Federal.

---

Escreveu o Dr. E. Lopes para os submitter ao parecer da Secção de Serviços Sociaes e Legislação da Liga, preceitos praticos da propaganda de hygiene mental na vida collectiva, dos quaes um dos modelos é o seguinte:

PONTUALIDADE

A observancia de rigorosa pontualidade em todos os compromissos é uma das mais bellas demonstrações da organização social de um povo.

Saibamos, portanto, ser pontuaes:

na hora do comparecimento a uma entrevista prefixada;

na da abertura de sessões de sociedades;

nas horas de attender ao publico, nas repartições;

no horario dos trens, vapores e outros meios de transporte,

no dia da sahida das publicações periodicas;

no prazo prometido para a devolução de objectos emprestados;

na resposta prompta a cartas, participações e outra especie de correspondencia que nos seja dirigida.

# ESTATUTOS DA LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL

Reconhecida de utilidade publica por decreto n. 4.778, de 27  
de Dezembro de 1923

## CAPITULO I

### DENOMINAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, SÉDE E FINS DA LIGA

Art. 1º — Sob a denominação de Liga Brasileira de Hygiene Mental, é constituída uma associação, com séde na cidade do Rio de Janeiro tendo por fins:

- a) prevenção das doenças nervosas e mentaes pela observancia dos principios da hygiene geral e especial do systema nervoso;
- b) protecção e amparo no meio social aos egressos dos manicomios e aos deficientes mentaes passiveis de internação;
- c) melhoria progressiva nos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentaes em asyls publicos, particulares ou fóra delles;
- d) realização de um programma de Hygiene Mental e de Eugenetica no dominio das actividades individual, escolar, profissional e social.

Art. 2º — Para consecução de seus objectivos incumbelhe:

- a) actuar junto aos poderes publicos federaes, estadoaes e municipaes, suggerindo medidas e obtendo realizações;
- b) propagar as modernas idéas sobre prophylaxia mental;
- c) estudar todos os problemas relativos á hygiene do systema nervoso;
- d) publicar periodicamente os seus trabalhos em revista por ella mantida;
- e) promover a realização de Congressos de Hygiene Mental e de Eugenética.
- f) manter relações com associações congeneres nacionaes e estrangeiras;

g) instalar em sua séde social, uma bibliotheca relativa á hygiene mental e sciencias affins, franqueando-a a todos os interessados.

## CAPITULO II

### DOS ASSOCIADOS, SUAS CATEGORIAS, SEUS DIREITOS E OBRIGAÇÕES

Art. 3º — Os socios são honorarios, benemeritos, fundadores, correspondentes e effectivos.

a) honorarios, os que tenham contribuido grandemente para os fins da Liga e obtiverem o voto de uma assembléa geral mediante proposta da Directoria;

b) benemeritos, todos aquelles que, por donativos ou serviços valiosos, obtiverem o voto de uma assembléa geral, nos termos da alinea anterior;

c) fundadores, os que constituirem as diversas secções de estudo, ao tempo da organização da Liga;

d) correspondentes, os que residirem fóra da cidade do Rio de Janeiro;

e) effectivos, todos os demais.

Art. 4º — Qualquer pessoa de maior idade, de instrucção elevada, no gozo de seus direitos civis, pôde pertencer á Liga, enviando á Directoria a sua adhesão.

Paragrapho unico — Podem tambem inscrever-se como socios estabelecimentos ou instituições de qualquer natureza, que desejarem colaborar em prol dos objectivos da Liga.

Art. 5º — Dentre os socios correspondentes, residentes nos Estados da Federação, serão escolhidos os delegados regionaes nos termos da alinea a do art. 6º, aos quaes incumbe representar a Liga nos Estados, installando, quando possivel, os respectivos departamentos.

Art. 6º — Compete aos associados:

a) empregar todos os esforços no sentido de actuar por obras ou palavras a favor da prophylaxia das doenças nervosas e mentaes, exercendo, quando indicados pela Directoria, as funcções de delegado da Liga;

b) auxiliar moral ou materialmente a execução dos Congressos de Hygiene Mental e de Eugenetica.

Art. 7º — Todos os socios terão direito a um diploma correspondente á categoria a que pertencerem.

Art. 8º — Serão eliminados da Liga os socios:

a) responsaveis por extravios de valores sociaes;

b) que promoverem directa ou indirectamente o descredito da Liga;



c) que manifestamente se afastarem em seu procedimento, das normas da moral publica, ou que forem condemnados por crime considerado infamante.

Parapho unico — A eliminação nos casos deste artigo será decretada pela Directoria, devendo ella obrigatoriamente recorrer para a assembléa geral reunida em sessão secreta.

Art. 9° — A eliminação de um socio poderá tambem ser proposta á Directoria por um grupo de 20 ou mais socios, sendo a Directoria obrigada a submitter á assembléa geral a referida proposta.

Art. 10° — Toda vez que, por acto proprio da Directoria, ou no caso do artigo anterior, tiver de ser apresentada á assembléa geral a proposta de eliminação de qualquer socio, será este notificado para apresentar sua defesa, em prazo que lhe será assignado, consoante as circumstancias dos factos que lhe forem imputados.

Art. 11° — Os socios não respondem subsidiariamente pelas obrigações que os representantes da Liga contrahirem expressa ou intencionalmente em seu nome.



### CAPITULO III

#### DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 12° — A Liga é administrada e dirigida por uma Directoria composta de tres membros — Presidente, Vice-Presidente e Secretario Geral — e por um Conselho Executivo composto de 12 membros, eleitos pela assembléa geral, de quatro em quatro annos, sendo que os membros do Conselho Executivo serão tirados das Secções de Estudos de que trata o art. 31° e nos termos do art. 14°.

Parapho unico — O mandato da primeira Directoria e do primeiro Conselho Executivo terminará na data em que se realizar a assembléa geral ordinaria de 1928.

Art. 13° — Será permittida a reeleição.

Art. 14° — O Conselho Executivo, onde cada Secção terá seu representante, reúne-se conjunctamente com a Directoria, quando por esta convocado, para exame de contas, approvação dos orçamentos, organização das comissões para serviços de propaganda, representação em congressos, etc.

Art. 15° — Os membros das diversas Secções de Estudos terão direito a uma remuneração, a juízo da Directoria, pelos trabalhos que produzirem, quando assim o permittam os fundos da Liga.

Art. 16° — Os associados em comissão, a serviço da Liga, receberão uma ajuda de custa arbitrada na occasião, em que tiverem recebido a sua incumbencia.



Art. 17º — São attribuições do Presidente:

a) presidir as secções da Directoria e Conselho Executivo e abrir as assembléas geraes, tendo direito a voto;

b) convocar as assembléas geraes e Conselho Executivo nos termos destes estatutos;

c) representar a Liga em todas as suas relações com quaesquer pessoas de direito publico ou privado, directamente ou por meio de procuradores;

d) superintender e fiscalizar todos os serviços da Liga;

e) firmar cheques para movimento de contas correntes e recibos de quaesquer sommas que á Liga sejam pagas em juizo, particularmente ou perante repartições publicas;

f) autorizar o pagamento de todas as despesas da Liga;

g) organizar annualmente o relatório dos trabalhos administrativos, submettendo-o á approvação da assembléa geral mediante parecer do Conselho Executivo;

h) convidar e nomear para constituirem as diversas secções de Estudos pessoas de elevada cultura e destaque social, sujeitando a nomeação á approvação do Conselho Executivo;

i) propôr annualmente ao Conselho Executivo um orçamento de despesa, de accôrdo com os recursos da Liga;

j) expedir os respectivos diplomas aos associados.

Art. 18º — São attribuições do Vice-Presidente:

a) substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos;

b) informar com o Secretario Geral todo o expediente dirigido ao presidente, estudando os papeis e opinando segundo as conveniencias da Liga.

Art. 19º — São attribuições do Secretario Geral:

a) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;

b) redigir toda a correspondencia e as actas das sessões da Directoria e Conselho Executivo.

c) fiscalizar o serviço dos empregados da Liga, obrigando-os a respeitar as disposições do regulamento interno approved pela Directoria e Conselho Executivo.

Art. 20º — O Secretario Geral será substituido em suas faltas e impedimentos por um dos membros do Conselho Executivo, cabendo a substituição deste a um dos membros da Secção de Estudos a que o mesmo pertencer.

Paragrapho unico — Para o cumprimento do disposto no presente artigo, compete ao Presidente fazer as necessarias designações.

Art. 21º — São attribuições do Conselho Executivo:

a) reunir-se, sempre que convocado pelo Presidente, afim de tomar conhecimento da marcha dos negocios sociaes, cabendo-lhe tambem funcções consultivas, sempre que a Directoria julgar conveniente.

b) tomar conhecimento do orçamento de despeza que pelo Presidente será annualmente submettido á sua approvação nos termos da lettra *i* do art. 17°;

c) dar parecer sobre o relatório e actos do Presidente a que se refere a letra *g* do referido art. 17°;

d) o Conselho Executivo deverá apresentar o seu parecer na assemblea geral ordinaria de Fevereiro de cada anno, tendo para desempenhar esta incumbencia quinze dias no maximo;

e) solicitar da Directoria as informações, esclarecimentos e documentos necessarios para o bom desempenho das suas funcções.

f) examinar sempre que julgar conveniente os livros e documentos sociaes.

#### CAPITULO IV

##### DAS ASSEMBLÉAS GERAES

Art. 22° — As assembleas geraes serão formadas por todos os socios presentes, não sendo aceito o voto por procuração.

Art. 23° — As assembleas geraes ordinarias terão lugar na segunda quinzena de Fevereiro de cada anno e serão convocadas por annuncios publicados pela imprensa com oito dias de antecedencia.

§ 1° — As assembleas geraes de que trata o presente artigo terão por fim as eleições da Directoria e Conselho Executivo, leitura do relatório e prestação de contas.

§ 2° — As assembleas geraes ordinarias funcionarão com o numero de socios que a ellas comparecer.

Art. 24° — As assembleas geraes extraordinarias serão convocadas pela Directoria ou requeridas por mais de um terço dos socios de que trata o art. 22° e funcionarão com o dobro dos socios que tiverem requerido a sua convocação.

Paragrapho unico — A convocação desta assemblea será feita com a antecedencia de 15 dias, em jornal de notoria circulação, e com a declaração do motivo ou objectivo da convocação.

Art. 25° — As assembleas geraes extraordinarias occupar-se-hão unica e exclusivamente dos assumptos que constituam motivo e objecto de sua convocação.

Art. 26° — As assembleas geraes serão presididas por um associado extranho á Directoria, escolhido por aclamação, que convidará dous outros para secretarios.

Art. 27° — Na ausencia do Presidente, as assembleas geraes poderão ser abertas por qualquer dos outros directores.

Na ausencia da Directoria, a assemblea poderá ser aberta pelo socio aclamado para a presidir.

Art. 28° — A assemblea geral, sob proposta da Directoria poderá eleger presidentes de honra, dentre pessoas de notorio saber e que hajam

prestado á collectividade serviços que se harmonizem com os fins da Liga.

## CAPITULO V

### DOS FUNDOS SOCIAES

Art. 29° — Os fundos sociaes serão constituídos:

- a) pelas subvenções, auxilios e donativos obtidos dos poderes públicos, de particulares ou associações;
- b) pelas doações e legados;
- c) pelas rendas dos capitaes;
- d) pelos lucros das conferencias e festas realizadas em favor dos cofres sociaes.

Art. 30° — Os fundos sociaes são destinados:

- a) ás despesas com a manutenção da séde social, empregados e expediente;
- b) serviços de propaganda;
- c) custeio de estudos e representações.

## CAPITULO VI

### DAS SECÇÕES DE ESTUDOS

Art. 31° — Afim de dar cumprimento ao disposto nas letras *c*, *d*, e *e*. do art. 2°, serão constituídas doze Secções de Estudos, tendo cada uma no máximo dez membros.

§ 1° — Os membros das Secções a que se refere o presente artigo, serão convidados e nomeados pelo Presidente, nos termos da letra *h* do art. 17°, mediante aprovação do Conselho Executivo.

§ 2° — Cada secção escolherá o seu Presidente e realizará as reuniões que entender, enviando á Directoria, sempre que julgar conveniente, o resultado de seus trabalhos.

§ 3° — A Directoria é licito solicitar o auxilio das Secções, sempre que julgar conveniente, para o desempenho do disposto nas letras *a* e *b*, do art. 2°, ou para efficiencia de qualquer dos objectos da hygiene mental, ou da Eugenetica em geral.

Art. 32° — Sempre que se reunirem em sessão conjuncta, as diversas Secções de Estudos, os seus trabalhos deverão ser dirigidos por um dos presidentes de honra.

Paragrapho unico — Os presidentes de honra terão funcções consultivas, quando sejam solicitados pelas secções de Estudos e terão voto em todas as reuniões da Liga.



## CAPITULO VII

## DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 33° — No caso da dissolução da Liga, seus bens, cousas e direitos reverterão em favor da Assistencia a Alienados no Districto Federal.

Art. 34 — A séde das relações juridicas da Liga será para todos os efeitos, a Capital Federal.

Art. 35° — A Liga fica sujeita ás leis em vigor, na parte que lhe for applicavel, em todos os casos omissos nestes estatutos.

Art. 36° — A Liga terá um consultor juridico da escolha e nomeação do Presidente.

## MEMBROS HONORARIOS

Presidente da Republica.....	Dr. Arthur Bernardes.
Ministro das Relações Exteriores.....	Dr. Felix Pacheco.
Ministro do Interior e Justiça.....	Dr. João Luiz Alves.
Ministro do Supremo Tribunal Federal.....	Dr. Pires e Albuquerque.
Senador .....	Conde de Frontin.
Senador .....	Dr. José Euzébio.
Deputado .....	Dr. Carlos Maximiliano.
Deputado .....	Dr. Clementino Fraga.
Prefeito do Districto Federal.....	Dr. Ajaor Prata.
Conselho Municipal.....	Dr. Cesario de Mello.
Conselho Municipal.....	Dr. Mario Piragibe.
Representante do Funcionalismo Publico .....	Dr. Pereira Junior.
Representante da Industria e Comercio .....	Dr. Guilherme Guinie.
Representante da Industria e Comercio .....	Afonso Vizeu.
Representante da Industria e Comercio .....	Antonio Gomes Pereira.

## MEMBROS BENEMERITOS

Dr. Oscar Soares .....	Deputado Federal.
Dr. Armando de Carvalho.....	Engenheiro-Chefe do Ministério do Interior.

## PRESIDENTES DE HONRA

Prof. Juliano Moreira.....	Director Geral da Assistencia a Alienados.
Prof. Aloysio de Castro.....	Director da Faculdade de Medicina de Rio de Janeiro.
Prof. Miguel Couto.....	Presidente da Academia Nacional de Medicina e Prof. de Clínica Medica da Faculdade de Medicina.



Prof. A. Austregesilo.....	Prof. de Cl. Neurologica da Faculdade de Medicina.
Prof. Henrique Rôxo.....	Prof. de Cl. Psychiatrica da Faculdade de Medicina.
Prof. Fernando Magalhães.....	Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia e Prof. da Faculdade de Medicina.
Conde de Affonso Celso.....	Director da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

## I — SECÇÃO DE DISPENSARIOS E EGRESSOS DOS MANICOMIOS

Dr. Carlos Chagas.....	Director do Departamento Nacional de Hygiene e Saúde Publica.
Prof. Rocha Vaz.....	Director do Departamento Municipal de Assistencia Publica e Prof. da Faculdade de Medicina.
Dr. Gustavo Riedel.....	Director do "Hospital Colonia de Alienadas".
Dr. Rodrigues Caldas.....	Director do "Hospital Colonia de Alienados".
Dr. Garfield de Almeida.....	Director do Hospital S. Francisco de Assis.
Dr. Gilberto Moura Costa.....	Director da Fundação Gaffrée-Guinle.
Dr. Octavio Ayres.....	Docente da Faculdade de Medicina.
Dr. Bueno de Andrada.....	Assistente da Faculdade de Medicina e Inspector Medico-Escolar.
Dr. Cunha Lopes.....	Assistente da Assistencia a Alienados.
Dr. Julio Novaes.....	Titular da Academia Nacional de Medicina.

## II — SECÇÃO DE DEFICIENCIA MENTAL

Dr. Plinio Olinto.....	Alienista Chefe do Serviço de Prophylaxia Mental e do Hospital Colonia de Alienadas.
Dr. Mario Pinheiro.....	Director do Instituto Anatomico-Pathologico do H. N. de Alienados.
Dr. Olavo Rocha.....	Alienista chefe de serviço na Colonia de Alienados.
Dr. Gustavo de Rezende.....	Assistente do Serviço de Prophylaxia Mental na Colonia de Alienadas.
Dr. Manoel Bomfim.....	Professor Cathedratico de Psychologia na Escola Normal.
Dr. Waldemar Schiller.....	Director da Casa de Saúde Dr. Eiras.
Dr. Xavier de Oliveira.....	Assistente da Assistencia a Alienados.
Dr. Pedro Pernambuco Filho.....	Director do Sanatorio Botafogo e Assistente na Fac. de Medicina.
Dr. Floriano de Azevedo.....	Assistente da Assistencia a Alienados.

## III — SECÇÃO DE SERVIÇOS SOCIAES E LEGISLAÇÃO

Dr. Ernani Lopes.....	Alienista-chefe do Hospital Colonia de Alienadas.
Dr. Alvaro Cardoso.....	Advogado.

Dr. Carlos Penafiel.....	Alienista e ex-Deputado Federal.
Dr. Juvenal Lamartine.....	Deputado Federal.
Dr. Andrade Bezerra.....	Deputado Federal.
Dr. Hermeto Lima.....	Historiador e jornalista.
Dr. Dias de Barros.....	Professor Cathedatico da Faculdade de Medicina.
Dr. Adauto Botelho.....	Assistente do Hospital Nacional de Alienados e Director do Sanatorio Botafogo.
Dr. Waldemiro Pires.....	Assistente de Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina.
Dr. Chrysolito Gusmão.....	Juiz Criminal.

## IV — SECÇÃO DE DELINQUENCIA

Prof. Afranio Peixoto.....	Professor Cathedatico de Hygiene na Faculdade de Medicina.
Dr. Ataúlpho N. de Paiva.....	Desembargador da Côte de Appelloção.
Dr. Heitor Carrilho.....	Director do Manicomio Judiciario.
Dr. Waldemar Loureiro.....	Director da Casa de Correção.
Dr. F. C. Pontes de Miranda.....	Juiz da 1ª Vara de Orphãos e Ausentes
Dr. Lemos Brito.....	Advogado e jornalista.
Dr. Carlos A. Galvão.....	Advogado.
Des. Elviro Carrilho.....	Desembargador da Côte de Appellação.
Dr. Pinto da Rocha.....	Prof. da Faculdade de Direito.

## V — SECÇÃO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO PROFISSIONAL

Prof. Alvaro Osorio de Almeida.....	Professor de Physiologia na Faculdade de Medicina.
Prof. Miguel Osorio de Almeida.....	Professor de Physiologia na Escola Superior de Agricultura.
Prof. Roquette Pinto.....	Professor de Anthropologia do Museu Nacional.
Dr. José Augusto.....	Deputado Federal.
Dr. Mello Mattos.....	Juiz de Menores.
Dr. Joaquim Nicolau.....	Inspector Medico-Escolar.
Dr. A. Leão Velloso.....	Inspector Medico-Escolar.
Dr. Carneiro Leão.....	Director da Instrucção Publica Municipal.
Des. Nabuco de Abreu.....	Desembargador da Côte de Appellação.
Gen. C. M. Rondon.....	Do Exercito Nacional.

## VI — SECÇÃO DO ENSINO DE NEURO-PSYCHIATRIA

Prof. Faustino Esposel.....	Professor Substituto de Neurol. Clinica na Faculdade de Medicina.
Doc. Dr. Ulysses Vianna.....	Doc. de Clinica Psych. na Faculdade de Medicina e Alienista do Hospital Nacional de Alienados.
Doc. Dr. O. Galloti.....	Assistente no Hospital Nacional de Alienados e Docente na Faculdade de Medicina.

## VII — SECÇÃO DE MEDICINA MILITAR

Dr. Esmeraldino Bandeira.....	Professor Cathedratco da Faculdade de Direito.
Dr. Garcia Dias Avila Pires.....	Do Exercito Nacional.
Dr. Murillo de Campos.....	Do Exercito Nacional.
Dr. Thales Martins.....	Do Exercito Nacional.
Dr. Mario Bittencourt.....	Do Exercito Nacional.
Dr. Porto Carrero.....	Da Marinha Nacional.
Dr. Octavio de Souza.....	Prof. da Escola Militar e Titular da Ac. N. de Medicina.
Dr. Mario Kroeff.....	Da Marinha Nacional.

## VIII — SECÇÃO DE PROPAGANDA E PUBLICAÇÕES

Dr. Humberto Gotuzzo.....	Alienista Chefe do Hospital Nacional de Alienados.
Dr. Amadeu Fialho.....	Chefe de serviço no Departamento Nacional de Saúde Publica.
Dr. Elmano Cardim.....	Advogado e Jornalista.
Dr. Veiga Lima.....	Medico e Jornalista.
Dr. Goulart de Andrade.....	Membro da Academia de Letras e Jornalista.
Dr. Renato Toledo Lopes.....	Advogado e jornalista.
Dr. Horacio Cartier.....	Jornalista.
Dr. Ranulpho B. Cunha.....	Deputado Federal.
Dr. Wladimir Bernardes.....	Advogado e jornalista.

## IX — SECÇÃO DE PUERICULTURA E HIGIENE INFANTIL

Dr. Fernandes Figueira.....	Director do Serviço de Hygiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Publica.
Prof. Nascimento Gurgel.....	Professor de Clinica Pediatrica na Faculdade de Medicina.
Prof. Olinto de Oliveira.....	Professor de Clinica Pediatrica na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.
Dr. Pedro da Cunha.....	Docente na Faculdade de Medicina.
Dr. Mello Leitão.....	Director da Policlínica de Creanças.
Dr. Jorge Sant'Anna.....	Cirurgião dos Hospitales.
Dr. J. P. Fontenelle.....	Inspector do Dep. Nacional de Saúde Publica.
Dr. Moncorvo Filho.....	Director do "Departamento Nacional da Creança" e do "Instituto de Protecção à Infancia".
Dr. Alcino Rongel.....	Pediatra da Policlínica de Creanças.
Dr. Queiroz Barros.....	Fundador da Maternidade do Rio de Janeiro.

## X — SECÇÃO DE MEDICINA GERAL E ESPECIALISADA EM SUAS RELAÇÕES COM O SYSTEMA NERVOSO

Prof. Oscar de Souza.....	Professor de Physiologia da Faculdade de Medicina.
Prof. Eduardo Rabello.....	Professor de Clinica Dermatologica e Syphiligraphica da Faculdade de Medicina e Inspector Geral de Propy-

	taxia das Doenças Venereas do Departamento Nacional de Saúde Pública.
Prof. Oswaldo de Oliveira.....	Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina.
Dr. Zopyro Goulart.....	Chefe do Serviço de Prophylaxia das Doenças Venereas do Instituto de Prophylaxia Mental e do Dispensario n. 2 da "Fundação Gaffrée-Guinle".
Dr. Henrique Lubeque.....	Doc. de Clínica Médica na Faculdade de Medicina.
Dr. Moreira da Fonseca.....	Doc. na Faculdade de Medicina.
Dr. Renato Kell.....	Fundador da Sociad. de Eugenia e Inspect. Sanit. do Dep. N. S. Publica.
Dr. Gastão Cruz.....	Do Dep. N. S. Publica e Fundação Gaffrée-Guinle.
Dr. Oscar Silva Araújo.....	Assistente do Serviço de Prophylaxia das Doenças Venereas do D. N. S. Publica.
Dr. Silva Mello.....	Doc. na Faculdade de Medicina.

#### XI — SECÇÃO DE CIRURGIA GERAL E ESPECIALISADA EM SUAS RELAÇÕES COM O SYSTEMA NERVOSO

Prof. Abreu Flauto.....	Professor de Ophthalmologia na Faculdade de Medicina.
Prof. J. Marinho.....	Professor de Oto-rhino-laringologia na Faculdade de Medicina.
Dr. Britto e Cunha.....	Ophthalmologista-chefe do Hospital Nacional de Alienados.
Dr. David de Sanson.....	Titular da Academia N. de Medicina.
Dr. Benigno Sicupira Filho.....	Radiologista do Ambulatorio Rivadavia e do Departamento Municipal de Assistência.
Dr. Gastão Guimarães.....	Oto-rhino-laryngologista do Amb. Riv. da C. de Alienadas.
Dr. Alberto Faraco.....	Cirurgião do Ambulatorio Rivadavia da Colonia de Alienadas.
Dr. Oscar Ramos.....	Cirurgião do Hospital Nacional de Alienados.
Dr. Edilberto de Campos.....	Ophthalmologista do Ambulatorio Rivadavia da C. de Alienadas.

#### XII — SECÇÃO DE MEDICINA LEGAL, INDIGENCIA E VADLAGEM

Prof. Nascimento Silva.....	Prof. de Medicina Legal na Faculdade de Medicina.
Dr. Moretton Barbosa.....	Director do Instituto Medico-Legal.
Prof. Mauricio de Medeiros.....	Professor de Pathol. Geral da Fac. de Medicina e Docente de Psychologia da Escola Normal.
Dr. Miguel Salles.....	Legista do Instituto Medico-Legal.
Dr. Raul Camargo.....	Curador de Orphãos.
Dr. Evaristo de Moraes.....	Advogado.



Dr. Franco Vaz.....	Director da Escola Premunitoria 15 de Novembro.
Dr. Zeferino de Faria.....	Jurista, Presidente do Conselho de Assistência e Protecção aos Menores e da Sociedade Amante da Instrucção.

## COMISSÃO EXECUTIVA CENTRAL

Presidente: Dr. Gustavo Riedel.....	Titular da Academia de Medicina, Director do Hospital "Colonia de Alienadas".
Vice-Presidente: Dr. Plinio Olinto.....	Alenista-chefe do Serviço de Prophylaxia Mental e do Hospital Colonia de Alienadas.
Secretario Geral: Dr. Ernani Lopes.....	Alenista-chefe do Hospital Colonia de Alienadas.

## CONSELHO EXECUTIVO

Dr. Heitor Carrilho.....	Dr. Fernandes Figueira.
Dr. Carlos Penafiel.....	Dr. Zopyro Goulart.
Prof. Miguel Osorio.....	Dr. Alberto Farant.
Prof. Faustino Esposel.....	Prof. Mauricio de Medeiros.
Dr. Julio Novaes.....	Dr. Humberto Gotuzzo.
Dr. Murillo de Campos.....	Dr. Olavo Rocha.

## DELEGADOS REGIONAES

São Paulo .....	Dr. Pacheco e Silva.
Bahia .....	Dr. Alfredo Britto.
Minas Geraes.....	Dr. Samuel Libanio.
Rio Grande do Sul.....	Dr. Raymundo Gonçalves Vianna.
Estado do Rio.....	Dr. Waldemar de Almeida.
Pará .....	Dr. Porto de Oliveira.
Pernambuco .....	Dr. Ulysses Pernambucano.
Parahyba do Norte.....	Dr. Sá e Benevides.



DR. GUSTAVO RIEDEL

FUNDADOR E PRESIDENTE DE HONRA DA LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL.